

SERÉ PRINCE HALVERSON

# O maior amor do mundo

*E se você descobrisse que outra mulher  
também se considera mãe dos seus filhos?*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

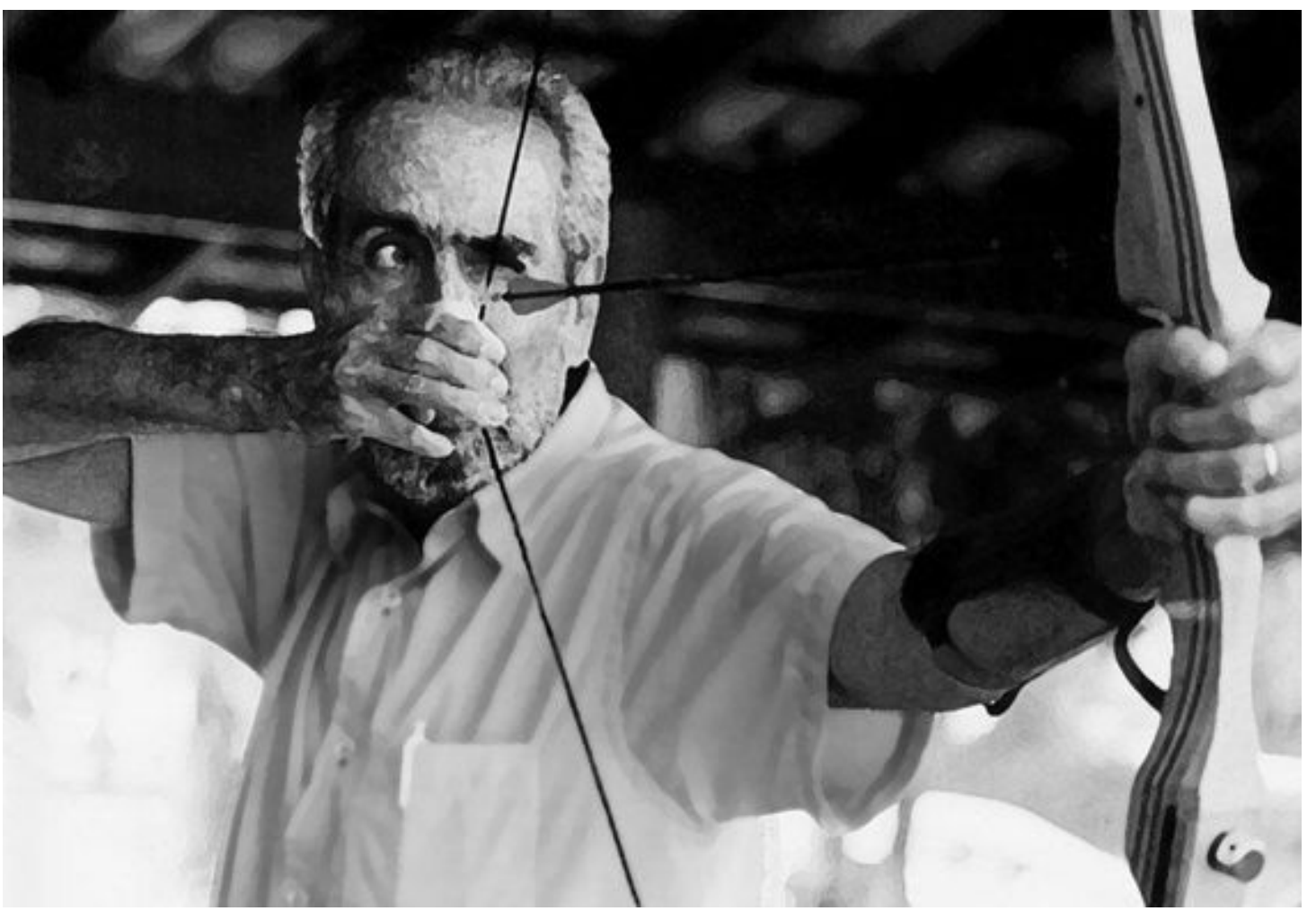
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





# O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SERÉ PRINCE HALVERSON

# O maio amor do mundo

*E se você descobrisse que outra mulher  
também se considera mãe dos seus filhos?*



ARQUEIRO

Título original: *The Underside of Joy*  
Copyright © 2012 por Seré Prince Halverson  
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode  
ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes  
sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Marcelo Mendes  
*preparo de originais:* Sheila Til  
*revisão:* Ana Grillo, Clarissa Peixoto e José Grillo  
*projeto gráfico e diagramação:* Marcia Raed  
*capa:* Silvana Mattievich  
*imagem de capa:* Tim Hall / Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

H181m

Halverson, Seré Prince

O maior amor do mundo [recurso eletrônico] / Seré Prince Halverson [tradução de Marcelo Mendes]; São Paulo: Arqueiro, 2013.  
recurso digital.

Tradução de: The underside of joy

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-157-7-1512 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mendes, Marcelo. II. Título.

13-1625

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54  
Vila Olímpia – 04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Stan*

# Capítulo 1

Recentemente li um estudo que afirma não ser possível encontrar a felicidade. Isso porque as pessoas felizes já nascem assim. De acordo com o texto, a felicidade é produto apenas da genética: um gene gaiato que vai passando alegremente de geração a geração. Conheço o bastante da vida para entender ditos populares que dizem que dinheiro não traz felicidade, mas acho difícil engolir essa ideia de que a felicidade só vai até onde nossa herança genética permite.

Por três anos mergulhei de cabeça no mais profundo mar de felicidade.

Uma felicidade palpável, muitas vezes feita de barulho e outras tantas de suavidade: o cheirinho de leite que vinha de Zach quando apoiava a cabecinha em meu ombro, os cabelos de Annie se enroscando em meus dedos enquanto eu fazia tranças nela, Joe cantarolando um rock antigo no chuveiro enquanto eu escovava os dentes. O vapor no espelho embaçava minha própria imagem refletida nele, subtraindo as rugas como num efeito de Photoshop, mas nem as ditas rugas eram motivo de preocupação. Só quem não ri não tem pés de galinha – e eu ria muito.

Hoje, passados alguns anos, também sei disto: a mais verdadeira felicidade não pode ser assim, tão pura, tão profunda ou tão cega.



naquele primeiro amanhecer do verão de 1999, Joe puxou as cobertas e beijou minha testa. Abri apenas um dos olhos. Ele estava usando seu moletom cinza e tinha a bolsa de equipamento fotográfico no ombro. Com um hálito de café e pasta de dente, sussurrou algo sobre ir fotografar em Bodega antes de abrir o mercado, depois foi correndo os dedos pelas sardas em meu braço, lá onde elas escreviam seu nome, como ele costumava dizer. Joe falava que eram tantas as sardas que dava para formar as letras não apenas de *Joe*, mas de *Joseph Anthony Capozzi Jr.* – tudo isso num único braço. E naquela manhã ele acrescentou:

– Uau, até o *Júnior* está por extenso. – Então me cobriu de volta, dizendo: – Você é um espanto.

– E você é um engraçadinho – falei, já voltando a dormir. Mas estava sorrindo. Tínhamos tido uma ótima noite.

Joe sussurrou ainda que havia deixado um bilhete. Ouvi-o passar pela soleira e descer os degraus da varanda, a porta da picape se abrir preguiçosamente, o motor cantar cada vez mais alto para depois sumir aos poucos.

Mais tarde naquela mesma manhã as crianças vieram se empoleirar na minha cama, elétricas. Zach foi logo puxando um lençol para cima da cabeça, fabricando a vela da nossa fragata imaginária. Annie, como sempre, nomeou a si própria capitã. Mesmo de barriga vazia, fomos singrando sem destino por mares



nunca dantes navegados, a mansidão das ondas escondendo o lado complicado e traiçoeiro das coisas.

Abraçados ali, os três, seguimos navegando no nosso bom e velho colchão de molas, mas ainda não havíamos recebido a notícia que mudaria tudo. Estávamos brincando de marinheiros.

Segundo as notícias de bordo, tínhamos pela frente uma manhã turbulenta, então eu precisava de café. Urgentemente. Sentando-me na cama, espiei sob o lençol e falei para meus descabelados marujos:

– Vou remar até a ilha Cozinha. Precisamos de suprimentos.

– Não com todo esse perigo à espreita – disse Annie.

À *espreita?*, pensei. Na idade dela, eu sequer conhecia essa expressão. Annie rapidamente se desvencilhou do lençol, ficou de pé na cama e, com as mãos plantadas na cintura, disse:

– Talvez você nem volte.

Então me levantei, aliviada por ter vestido minha calcinha e a camiseta de Joe antes de adormecer na véspera.

– Mas, meu amor, como é que a gente vai conseguir enfrentar os piratas sem um cookie na barriga?

Eles se entreolharam, perguntando-se sem dizer nada, apenas com os olhinhos: Cookie? Antes do café da manhã? Ela ficou *doida?*

Ora, por que não? Eu me sentia disposta a comemorar. Aquela manhã era a primeira de céu claro em muitas semanas. A nuvem negra que vinha pairando sobre minha cabeça havia se dissipado e a casa inteira reluzia com a volta do sol pródigo. Recolhi meu copo d'água e o bilhete que Joe havia deixado sob ele: “Ella Bella, saí para fotografar um pouquinho na praia antes do trabalho. Adorei a noite de ontem. Beijos em A&Z. Venha me ver mais tarde se...” As últimas palavras haviam sido irremediavelmente borradas pela água que escorrera do copo suado.

Eu também havia adorado a noite anterior. Depois de colocarmos as crianças na cama, ficamos papeando até tarde na cozinha, recostados na bancada, ele com as mãos enterradas nos bolsos da calça, como sempre fazia. Nada de assuntos espinhosos, apenas bobagens: Annie e Zach, o piquenique que tínhamos planejado para o domingo, as fofocas malucas que as pessoas haviam contado no mercado... Qualquer coisa, menos a situação do mercado em si. A certa altura ele jogou a cabeça para trás de tanto rir. Alguma besteira que eu tinha dito. O que mesmo? Sei lá.

Tínhamos brigado no dia anterior. Depois de 59 anos de funcionamento, o Mercado Capozzi estava passando por dificuldades. Eu queria que Joe se abrisse com o pai. Ele preferia continuar fingindo que tudo estava bem. Não conseguia encarar a verdade, que dirá contá-la ao pai. Mas às vezes tinha lampejos de lucidez e chegava a me falar sobre alguma conta em atraso ou sobre a venda cada vez menor de mercadorias. Eu entrava em pânico e ele imediatamente mudava de assunto – um mau hábito nosso que já vinha de alguns meses. Joe se afastou da bancada, veio na minha direção e, com as mãos em meus ombros, disse:

– Precisamos encontrar um jeito de falar sobre as coisas difíceis.

Assenti. Ambos concordamos que até pouco tempo antes não havia coisas tão difíceis assim para serem conversadas. Falei de como tínhamos sorte:

– Temos os nossos filhos, a nossa relação...

Em vez de aproveitar a deixa e abordar as coisas difíceis já de uma vez, beijei meu marido e o puxei para o quarto.

fui remando ao longo do corredor estreito – atropelando o brontossauro de Zach e um castelo de Lego ainda em construção – até que ficasse fora de vista para as crianças. Quando cheguei à cozinha, improvisei uma trança na tentativa de arrumar meus cabelos. Nossa casa era um pouco como minha cabeleira ruiva: uma bagunça colorida. Tínhamos derrubado a parede que separava a cozinha da sala, portanto, de onde eu estava, podia ver as prateleiras que iam do chão ao teto, atulhadas de livros, plantas e trabalhos escolares, entre eles um barquinho de palito de picolé pintado de amarelo e roxo e um vaso de argila meio torto com “Feliz Dia das Mães” escrito em letras formadas com macarrão e apenas uma marca em relevo onde um dia estivera o M. Grandes colagens com as fotos em preto e branco de Joe pendiam dos poucos espaços que não abrigavam nichos ou janelas. No lugar de uma das paredes, uma ampla vidraça dava acesso à varanda e à propriedade para além dela, oferecendo pouca ou nenhuma proteção contra o sol. Apesar disso não tínhamos a menor intenção de abrir mão dela. Gostávamos do efeito ondulatório que o vidro causava. Ver através dele era como olhar através da água para a paisagem à nossa frente, para as hortênsias que se debruçavam sobre a varanda, as alfazemas que esperavam ser colhidas, o galinheiro e as amoreiras, o velho celeiro (erguido muito antes de o vovô Sergio comprar as terras na década de 1930) que começava a tombar para um dos lados e, coroando tudo isso, nosso maior orgulho: a horta que cultivávamos mais adiante, quase rente ao bosque de sequoias e carvalhos. Éramos donos de mais ou menos um acre, quase todo em uma área ensolarada, alto o bastante para escapar das inundações e com um fiapo de vista para o rio, desde que se olhasse do lugar certo.

Joe e eu gostávamos de cuidar da terra, o que logo ficava evidente. Mas nenhum de nós, incluindo as crianças, levava jeito para arrumação da casa – o que para mim não era problema. Minha casa anterior (assim como minha vida anterior) havia sido extremamente organizada, porém austera e monótona, e depois disso passei a ver a bagunça como um mal necessário para quem quisesse ter uma vida plena.

Tirei o leite da geladeira e preguei o bilhete de Joe na porta com um ímã. Não sei ao certo por que não o joguei fora. Talvez para guardar uma lembrança de como havia sido doce fazer as pazes na noite anterior, talvez por causa do “Ella Bella”...

Meu nome é Ella Beene e, ao longo da vida, tive não sei quantos apelidos. De todos, o que Joe me deu é sem dúvida o de que mais gosto. Não sou exatamente uma mulher bonita: não sou feia, mas também nem sequer chego perto da beldade que gostaria de ser. Sim, os cabelos ruivos causam certo impacto. Mas afora isso não vou muito além do básico. Tenho a pele muito clara, sardas por toda parte, sou alta e magrela demais para alguns, com traços apresentáveis (olhos castanhos, lábios bem-desenhados) que ficam mais apresentáveis ainda quando me lembro de usar maquiagem. Mas o que realmente importava era o seguinte: eu sabia que Joe gostava do pacote inteiro. Do lado de dentro, do lado de fora, dos meus pés ao alto do meu 1,78 metro. E como ao longo da vida todos os meus apelidos tiveram sua razão de existir, eu ficava mais do que feliz em poder ser uma *bella*.

Pois bem, lá estava eu naquela manhã de sábado, 35 anos e *bella*, preparando um café forte para mim e um aperitivo de leite com biscoitos para as crianças.

– Cookies. A gente quer cookies!

Os marujos haviam abandonado o leme e agora arregalavam os olhos ao pegarem na bancada os copos

de leite e alguns biscoitos de aveia. Callie, nossa cadela amarela meio labrador e meio husky, acompanhava tudo com aquele seu olhar de sofredora fabricado apenas nas horas certas e só parou de bater o rabo no chão quando lhe dei um biscoito e abri a porta para que ela saísse. Bebi do meu café e fiquei ali, vendo Annie e Zach entupirem a boca de biscoitos, grunhindo e cuspidando farelos por toda parte: a única lição que não deviam ter aprendido com *Vila Sésamo*.

O sol nos convidava para o lado de fora, então eu disse a eles que se trocassem depressa, depois vesti um short e finalmente consegui pôr uma leva de roupas escuras para bater na máquina de lavar. Já ia jogando a última calça jeans quando Zach surgiu peladinho a meu lado, trazendo na mão o pijama que acabara de tirar.

– Eu jogo! Eu jogo! – pediu.

Admirada que ele não tivesse abandonado o pijama no chão do quarto como de costume, peguei-o no colo e deixei que ele fizesse sua pequena parte nas tarefas do dia. O bumbum dele estava frio. Juntos, ficamos observando o tecido azul com pequenos caminhões de bombeiro rodopiar na água até sumir na espuma, depois devolvi Zach ao chão e ele saiu correndo para o quarto, os pezinhos descalços batendo ruidosamente contra a madeira do piso. A não ser pelos sapatos, que ainda não sabiam amarrar sozinhos (Zach de fato era novo demais para isso), tanto ele quanto a irmã já haviam alcançado um impressionante grau de independência. Annie já estava mais do que pronta para o primeiro ano do colégio e Zach, para o jardim – ainda que meu coração doesse ao imaginá-los longe de mim.

Aquele seria um ano importante em nossas vidas. Joe salvaria da falência o mercado que estava nas mãos de sua família havia três gerações. Eu voltaria a trabalhar no outono, seria guia turística numa agência que promovia passeios ecológicos. Quanto às crianças, elas passariam a sair toda manhã para a escola, cruzando a porta com suas pernas cada vez mais compridas para percorrer o caminho cada vez mais curto de suas infâncias.



quando os conheci, Annie tinha 3 anos e Zach, apenas 6 meses. Eu havia deixado San Diego para começar uma vida nova, embora não soubesse onde nem como. A certa altura eu havia parado na simpática cidadezinha de Elbow, à beira do rio Redwoods, no norte da Califórnia. Logo fiquei sabendo que o nome Elbow (“cotovelo”, em inglês) se devia ao fato de que ali o rio fazia uma curva acentuada. Mais tarde descobri também que as pessoas da cidade brincavam, dizendo que na verdade o nome era uma referência ao macarrão caracol, ou *elbow macaroni*, tão apreciado pelos italianos residentes ali. Meu plano era tomar alguma coisa e comer um sanduíche, talvez depois esticar as pernas e pegar uma trilha sobre a qual eu havia lido e que levava ao banco de areia do rio, mas um homem moreno já fechava o mercado. Equilibrando um bebê em um dos braços e segurando uma menina no outro, ele tentava encaixar a chave no cadeado quando a garotinha escapou de sua mão e veio correndo na minha direção. Abraçou minhas pernas, roçando os cabelos dourados nos meus joelhos, e depois, rindo, estendeu os braços e disse:

– Colo!

– Annie! – chamou o homem preocupado, um tanto magro e malvestido, mas ainda assim atraente.

– Posso? – perguntei.

Ele riu aliviado e disse:

– Se você não se importar... Essa aí nem sabe o que significa timidez.

*Me importar?* Imediatamente tomei a menina nos braços e ela começou a brincar com minha trança, as perninhas gorduchas encaixadas na minha cintura. Ela exalava um cheirinho delicioso, uma mistura de xampu de bebê, grama recém-cortada, fumaça de lenha e uma notinha de lama. No hálito, algo parecido com suco de uva. Ela apertou minha trança com seus dedinhos, mas sem puxá-la.



callie latiu e, da cozinha, vi Frank Civiletti se aproximar em seu carro de patrulha. O que era estranho. Frank sabia que Joe não estaria em casa. Amigos de longa data, desde os tempos de colégio, eles sempre tomavam café juntos no mercado. Eu não tinha ouvido o carro se aproximar, mas lá vinha ele, descendo lentamente o caminho de cascalho. O que também era estranho. Frank nunca dirigia devagar. Além disso, sempre ligava a sirene do carro ao sair do asfalto e pegar a nossa entrada, um pequeno ritual que ele tinha com as crianças. Conferi as horas no relógio do micro-ondas: 8h53. Já? Peguei o telefone, depois o devolvi para o gancho. Joe não havia ligado ainda. Ele *sempre* telefonava ao chegar ao mercado.

– Para o galinheiro – falei para as crianças, entregando a elas os cestos de vime. – Deem bom-dia às nossas amigas e voltem com ovos para o café.

Abri a porta da cozinha e fiquei ali, vendo a duplinha correr rumo ao galinheiro, acenando e gritando:

– Tio Frank! Liga a sirene! Liga a sirene!

Mas Frank não ligou. Apenas estacionou o carro. Permaneci onde estava, olhando para o balde de adubo orgânico sobre a bancada: a borra do café que Joe havia moído naquela manhã, as cascas da banana que ele havia comido. As bordas distantes da minha felicidade já começavam a encardir e enrugar.

Ouvi Frank abrir e fechar a porta do carro, os passos dele sobre o cascalho, depois na varanda. Ele bateu à vidraça da porta. Annie e Zach estavam no galinheiro. Zach deu uma gargalhada e minha vontade foi pescar aquele som e embalar nossa vida nele, de modo que tudo permanecesse exatamente como estava. A custo de certo esforço, saí da cozinha, novamente atropelando os brinquedos deixados no corredor e deparei com Frank do outro lado da vidraça aquosa da sala, os olhos cravados num botão do uniforme. *Levanta esses olhos e me dê um daqueles seus sorrisos de Jim Carrey. Entre, seu filho da puta, e ataque a geladeira antes de dar bom-dia, como você sempre faz.* Agora estávamos com a porta entre nós. Enfim ele ergueu os olhos. Tinham arcos vermelhos ao seu redor. Dei meia-volta, segui para o corredor e ouvi Frank abrir a porta por conta própria.

– Ella – ele disse às minhas costas. – Vamos conversar.

– Não – falei, ouvindo os passos dele na minha esteira. Sem virar, acenei para que ele fosse embora. – Não.

– Ella. Uma onda surgiu do nada. Uma onda grande, em Bodega Head – prosseguiu.

Depois contou que Joe estava fotografando os penhascos de First Rock. Testemunhas disseram ter tentado alertá-lo, mas que ele não as ouviu, por causa do barulho do vento e do mar. Joe foi tragado pela onda antes que alguém pudesse fazer qualquer coisa.

– Onde ele está? – perguntei. Na ausência de uma resposta, virei para ele e o agarrei pelo colarinho. – *Onde ele está?*

Frank novamente baixou os olhos, depois se obrigou a erguê-los para dizer:

– Não sabemos. Ele ainda não apareceu.

Senti uma ponta de esperança despertar na alma.

– Ele ainda está vivo. Joe está vivo! Preciso ir para lá. Vou ligar para Marcella. Cadê o telefone? Cadê meus sapatos?

– Lizzie já está a caminho para buscar as crianças.

Corri para o quarto, tropecei no brontossauro, caí de joelhos no chão e me levantei antes que Frank pudesse me ajudar.

– Escute, El. Eu não teria vindo aqui se achasse que ainda havia alguma chance de Joe estar vivo. Alguém disse que chegou a ver sangue na água. É bem provável que ele tenha batido a cabeça nas pedras e não tenha conseguido voltar à superfície para respirar.

Frank ainda disse alguma coisa sobre esse tipo de acidente acontecer com frequência, como se eu fosse uma forasteira qualquer. Como se Joe também fosse.

– Isso não aconteceu com Joe.

Joe poderia nadar quilômetros se fosse preciso. Tinha dois filhos para criar. Tinha a mim. Revirei o closet à procura de minhas botas de caminhada. Meu marido estava vivo e eu precisava encontrá-lo.

– Sangue na água? Ele deve ter arranhado o braço.

Encontrei as botas, arranquei o edredom da cama. Joe iria estar com frio. Busquei o binóculo na chapeleira do hall. Abri a porta de telinha e saí à varanda, tropeçando nas pontas do edredom e virando para berrar:

– Você vem comigo ou vou ter de ir sozinha?

Lizzie, a mulher de Frank, acomodou Zach num carrinho de puxar junto com a filhinha deles, Molly, e Annie logo se encarregou de puxá-lo. Annie colocou as mãozinhas em concha e berrou para mim:

– A gente vai levar o bote para a costa! Cuidado com os piratas!

Acenei para ela e, tentando manter a alegria na voz, falei:

– Pode deixar. Lizzie, obrigada.

Lizzie Civiletti meneou a cabeça num gesto solene. Não era minha amiga – dissera isso com todas as letras pouco depois de minha mudança para a cidade. Mas também não era hostil. Faria o possível para que as crianças não percebessem o que estava acontecendo. Por mais que eu quisesse correr até elas e abraçá-las bem forte, apenas sorri e novamente acenei um adeus, jogando beijinhos.

## Capítulo 2

Frank foi serpenteando estrada afora com a luz de alerta girando no teto do carro. Fechei os olhos. Não queria ver as montanhas que decerto bruxuleavam sob o sol da manhã, pintalgadas pelas “Vaquinhas Extremamente Felizes da Califórnia”, tal como Joe costumava dizer. *Ele está bem. Ele está bem! Está desorientado, só isso. Bateu a cabeça. Não sabe onde está. Uma concussão, talvez. Está vagando pela praia de Salmon Creek. Isso! Foi tragado pela onda e cuspidado de volta mais adiante na costa. Mas ele está lá. De papo com alguns surfistas. Caraca, meu irmão, tu surfou aquela onda sinistra? Eles acenderam uma fogueira na praia, apesar da proibição. Deram cerveja a ele, ofereceram um cachorro-quente. Xiii, não tem pão, mas a mostarda tá aí. Ele está morrendo de fome. Tem um estalo e de repente se lembra de tudo.*

Nós dois. Fazendo as pazes. Tinha sido há apenas algumas horas. O papo na cozinha. Os rodeios, a vontade incontida de nos reconciliarmos, a cama depois, o alívio. Não tínhamos a menor vocação para brigar, mas ninguém fazia as pazes melhor do que nós. Merecíamos uma medalha por isso. Depois de beijar minha barriga, ele havia descido com os beijos até me fazer gemer, beijado as coxas até me deixar de pernas bambas, até nós dois nos entregarmos por completo. Mais tarde, quando eu já sentia meu corpo flutuar na cama, prestes a cair no sono, ele apoiou os cotovelos na cama e, olhando para mim, falou baixinho:

– Preciso lhe dizer uma coisa.

Brigando com o sono, resmunguei:

– Você quer *conversar? Agora?*

Por mais louvável que fosse o esforço dele para se abrir, aquele não era exatamente o momento ideal. Conversar depois do sexo? Não era disso que os homens tanto reclamavam das mulheres? Portanto dei uma de macho e emendei:

– Você não pode me deixar nesse estado de puro êxtase e depois puxar assunto, né?

Decerto seria mais alguma má notícia com relação ao mercado.

– Tudo bem – disse ele. – Amanhã, então. Podemos jantar fora se você quiser. De repente a mamãe fica com as crianças.

– Uau. Um jantar...

Bem, podia ser que o mercado não tivesse nada a ver com a história. Caramba, pensei, talvez sejam boas notícias.

Ele sorriu e tocou meu nariz. Eu não disse: “Não, é melhor a gente conversar agora.” Não forcei a barra. Pelo contrário, caí no sono imediatamente.

Pois bem. Joe não podia estar morto. Estava por aí, comendo cachorro-quente, tomando cerveja e

falando de surfe. Ainda tinha algo a me dizer. Abri os olhos.

Estávamos em Bodega Bay, Frank pisando fundo no acelerador enquanto passávamos pelos diversos restaurantes de frutos do mar, das lojas de suvenires, das placas de beira de estrada anunciando o prato do dia, da loja de doces onde as crianças sempre insistiam para que parássemos. O ar tinha cheiro de salmão defumado e flores silvestres quando dobramos uma curva e chegamos ao promontório conhecido como Bodega Head, o lugar predileto de Joe em todo o planeta.

Lá estava a trilha que tantas vezes havíamos percorrido juntos, à beira do penhasco. De um lado o mar, do outro uma pradaria que se estendia até as dunas, repleta de flores silvestres (os milefólios, ou *Achillea borealis*, as verbenas, ou *Abronia umbellata*). Joe sempre ficava embasbacado não só com minha habilidade para identificar pássaros e flores, mas também com meu conhecimento dos nomes científicos de cada um, dom herdado de meu pai.

O estacionamento estava cheio: carros de polícia, um caminhão do corpo de bombeiros, socorristas e, no fim da trilha, a velha caminhonete de Joe, que ele havia batizado de Besouro Verde. Peguei o binóculo, desci do carro de Frank e bati a porta. Um helicóptero seguia paralelamente à costa rumo ao norte, as hélices trovejando no alto, uma batida de coração acelerada demais que se afastava.

Eu não havia levado um casaco. O vento castigava meus braços nus, queimava meus olhos. Frank me embrulhou com o edredom e eu disse:

– Por favor, não me obrigue a falar com ninguém.

– Tudo bem.

– Preciso fazer isso sozinha.

Ele me puxou para seu lado e depois me soltou. Fui até a caminhonete de Joe. Destrancada, claro. Esquecido no banco, o casaco azul forrado de penas de ganso, manchado e puído, exatamente como ele gostava. Vesti-o. Estava quente do sol. Deixei o edredom ali para que mais tarde Joe pudesse se esquentar também. A garrafa térmica jazia no chão. Sacudi-a: estava vazia. Levantei o tapete e, como eu esperava, lá estavam as chaves de Joe. Guardei-as no bolso.

Através das lentes do binóculo, o mar cintilava milhares de flashes, como se estivesse fotografando a cena de seu próprio crime.

Nos meses de março e abril, tínhamos feito vários piqueniques naquele lugar, nós e as crianças, usando aquele mesmo binóculo para localizar as baleias, maravilhados todas as vezes que elas saltavam de costas ou surgiam na vertical. Contamos aos meninos a história de Jonas, que tinha caído no mar e sido engolido por uma baleia e depois viajado dentro dela. Annie havia revirado os olhinhos, dizendo: “Sei!” Eu tinha rido e confessado a eles que eu mesma também não havia engolido muito a tal história quando criança.

Mas agora estava disposta a acreditar no que quer que fosse, a rezar para todos os anjos e santos, a prometer mundos e fundos.

– Por favor, Deus, por favor, *por favor...*

Fui seguindo por uma das trilhas da encosta, imaginando Joe a cada passo, forte e vivo. A subida não era tão íngreme assim até o ponto conhecido como First Rock. Lá embaixo as águas iam e vinham tranquilamente, espumando sem oferecer nenhum perigo. *Mas, Joe, você quebrou nossa regra de ouro, não é? A regra que você mesmo sempre repetia para nós: jamais dar as costas para o mar. A lancha da*

Guarda Costeira avançava ao longe. Ergui o rosto e admirei o rochedo à minha frente. Parecia o punho de Deus, os cravos vermelhos dando a impressão de que as articulações divinas sangravam. *Senhor, eu imploro: me diga onde ele está!*

Desci do rochedo. O reflexo do sol na água ofuscou minha vista por um instante. Mais abaixo vi que não era a água, mas algo metálico, preso entre duas pedras. Continuei descendo para ver o que era. Seria possível que...? Aproximei-me ainda mais. E lá, esperando para que eu o encontrasse, estava o tripé de Joe. Faltava a câmera.

*Espera. É isso. É isso que ele está fazendo. Está procurando a câmera. Joe tem paixão por aquela câmera. Está nas dunas em algum lugar, perdido. Com todas aquelas trilhas dos veados, tão confusas, as dunas parecem todas iguais, é difícil lembrar por onde você andou, e o vento está forte, você está exausto e precisa descansar. Então se deita um pouco. Que frio... Uma corça observa tímida, mas percebe seu desespero e se aproxima, deita a seu lado pra aquecê-lo, lambe o sal do seu nariz.*

*Você está bem! Só está tentando encontrar o caminho de volta. “Não fique brava comigo”, você vai falar, secando minhas lágrimas com o polegar, erguendo minha cabeça com as mãos nos meus cabelos. “Desculpe”, você vai dizer. E balançando a cabeça eu vou dizer que está tudo desculpado, vou agradecer por você ter encontrado forças pra vencer a maldita onda e voltar pra nós. Depois vou enterrar o rosto no seu pescoço e o sal vai arranhar minha pele. Você vai estar com cheiro de sangue seco, peixe, alga, corça, fumaça de fogueira, vida.*

Continuei palmilhando as dunas até bem depois do anoitecer, até bem depois de a polícia ter dado por encerrada a busca do dia. A meia-lua não dizia nada. Frank, muito menos. Geralmente ele falava sem parar.

O Besouro Verde de Joe permanecia ali, vazio, o único veículo no estacionamento além do carro de patrulha de Frank. Eu queria deixar a caminhonete para Joe, então a destranquei e coloquei as chaves de volta debaixo do tapete. Despi o casaco azul, deixei-o ali também, junto com o edredom.

Sem dizer palavra, entrei no carro de Frank. O rádio da polícia passava a ele o endereço de uma briga de casal. Eu estava louca para ver as crianças, mas não queria assustá-las com meu estado, dilacerar aquela felicidade do não saber. Frank se ofereceu para manter os pais e parentes de Joe afastados pelo menos até o amanhecer. Achei melhor assim. Não estava disposta a ouvir os pais dele ou o irmão chorando, não queria ter a meu lado nada que anunciasse uma derrota. Precisávamos de foco e energia para continuar na busca.

Chegando em casa, telefonei para as crianças.

– E aí, estão se divertindo? – perguntei a Annie.

– Estamos. Lizzie deixou a gente pegar todas as almofadas para construir uma cabaninha. E falou que a gente pode *dormir* nela esta noite.

– Bacana. Então vocês vão querer dormir aí?

– Acho que sim. Molly falou que só dorme se eu dormir também. Você sabe como ela é.

– Então é melhor você ficar com ela.

– Boa noite, mãe. E o papai, posso falar com ele?

Curvei o tronco para desatar os cadarços da bota, engoli em seco e, tentando soar tranquila, falei:

– Papai não chegou ainda, Banannie.



– Tudo bem. Então entrega isto para ele depois.

Eu sabia que ela estava abraçando o telefone.

– E este aqui é pra você... Tchau.

Zach veio à linha apenas para dizer:

– Eu te amo um montão.

Desliguei e permaneci sentada no sofá. Deitada a meus pés, Callie exalou um longo suspiro. A luz que vinha do hall iluminava alguns objetos na sala. Eu havia armado o tripé de Joe junto à porta para lhe dar as boas-vindas. Agora aquelas três pernas sem nenhuma câmera pressagiavam algo terrível. O relógio da família Capozzi tiquetaqueava na mesinha lateral. Sim. Não. Sim. Não. Abri o vidro da caixa. O pêndulo ia de lá para cá, de cá para lá. Coloquei o dedo em seu caminho para imobilizá-lo. Silêncio. Com o mesmo dedo, voltei o ponteiro das horas para aquela manhã. Dessa vez, quando percebesse Joe espreguiçando-se na cama, eu beijaria a penugem quentinha do peito dele e depois diria: “Não vá. Fique aqui com a gente hoje.”

~

no dia seguinte um turista suíço encontrou o corpo de Joe, inchado e embrulhado em algas, como se o mar o tivesse mumificado a título de um patético pedido de desculpas. Dessa vez abri a porta para Frank e o abracei antes que ele pudesse dizer o que quer que fosse. Quando se afastou, ele não fez mais que balançar a cabeça. Abri a boca para dizer “Não!”, mas a palavra simplesmente não veio.

~

insisti em vê-lo. Sozinha. Frank me levou até a funerária e ainda estava a meu lado quando uma mulher de cabelos grisalhos e pele alaranjada disse que Joe não estava pronto para ser visto.

– Como assim, *pronto*?

Uma risada estranha e estridente atropelou o nó que fechava minha garganta.

Frank inclinou a cabeça, dizendo:

– Ella...

– Ninguém nunca está *pronto*, Frank – insisti.

– Sinto muito, mas... – começou a dizer a mulher. Então subitamente balançou a cabeça, tomou minhas mãos nas suas e falou: – Venha comigo, meu amor.

Ela me conduziu por um corredor acarpetado, de paredes com lambris de mogno e papel de magnólias, mas a partir de certo ponto a decoração acolhedora deu lugar a paredes nuas e um piso de linóleo verde, lascado aqui e ali, bem menos resistente do que era de esperar. Estávamos indo para os fundos do lugar, onde ficavam as salas mortuárias.

Mal acreditei no que vi. Joe jazia sobre uma mesa no centro de uma sala refrigerada que mais lembrava uma ampla cozinha de aço inoxidável. Alguém havia partido seus cabelos do lado errado – talvez para esconder o ferimento na cabeça – e coberto o corpo até a altura do pescoço com um lençol. E só. Então retirei o casaco que estava vestindo e o coloquei sobre o tronco dele, repetindo seu nome um milhão de vezes.

Os olhos haviam sido fechados, mas vendo a pálpebra afundada no lado direito, logo me dei conta de

que o globo ocular não estava ali.

Eu costumava dizer a Joe que os olhos dele eram fotos da Terra tiradas de um satélite: tinham o mesmo azul do mar, com pequenas manchas verde-claras. Dizia também que ele tinha visão global e que eu via o mundo nos olhos dele. Olhos que podiam passar da tristeza à malícia em três segundos. Que me tiravam das tarefas domésticas para a cama em apenas dois. E que me faziam perder as estribeiras em menos de um quando reviravam para o alto numa acintosa expressão de sarcasmo.

Aquele olho direito, o olho do fotógrafo que via as coisas sempre de um jeito inusitado... onde estaria ele agora? Voando nas alturas no papo de uma gaivota? Andando de lado na barriga de um caranguejo míope?

Os cabelos estavam duros por causa do sal, o oposto daquelas mechas tão macias que eu adorava enroscar nos dedos. Reparti-os do jeito certo:

– Pronto, meu amor. Assim está bem melhor.

Limpei meu nariz na manga da blusa.

A barba estava por fazer, gelada. Joe tinha pouquíssima barba, barbeava-se apenas a cada três ou quatro dias, quando o rosto se cobria com um leve tom cinza por causa dos pelos. Costumava duvidar de suas origens italianas, afirmando que havia sido adotado. Coçava o queixo, dizendo: “Que chato. Tenho de me barbear toda *semana*.”

Era bonito e sexy com todas as suas imperfeições. Fui correndo o indicador sobre o nariz meio torto, sobre as bordas das orelhas ligeiramente grandes. Quando o conheci, supus corretamente que ele havia sido um adolescente desengonçado que demorara a crescer. Joe tinha aquela modéstia difícil de encontrar nos homens que despedaçavam o coração das meninas já nos primeiros anos de colégio. Sempre ficava surpreso quando alguma mulher o achava atraente.

Passei a mão sob o lençol e toquei seu braço, também gelado. Fiquei esperando que a qualquer instante ele retesasse aqueles músculos e começasse a rir, dizendo com o sotaque da mãe: “Enganei você, Bella?” Mas, em vez disso, quase pude ouvi-lo dizer: “Cuide da Annie e do Zach.” Quase.

Mesmo assim assenti com a cabeça e disse:

– Fique tranquilo, meu amor. Não precisa se preocupar com nada, está bem?

Então beijei aquele rosto gélido e pousei a cabeça no peito fundo, onde os pulmões alagados haviam transformado o coração numa ilha. Fiquei assim por um bom tempo. A certa altura a porta se abriu, mas não fechou. Alguém esperava por mim, conferindo se eu não havia desabado por inteiro. Eu não podia me dar ao luxo de desabar. Annie e Zach precisavam de mim.

– Adeus, meu bom homem – sussurrei. – Adeus.



eu não me arriscaria a tentar dizer o que acontece depois que morremos, porque as possibilidades são infinitas. Sou formada em biologia e me sinto à vontade em meio à natureza, mas fico admirada diante da natureza *humana*, daquilo que não pode ser observado, nomeado, catalogado – sou uma mulher da ciência que se aventura no caminho do mistério e se debruça aos pés da sabedoria popular. Então frequentemente imagino se Joe nos viu aquela manhã, enquanto brincávamos de marinheiro, naqueles momentos entre o antes e o depois. Teria nos visto daquelas enormes sequoias que tanto adorava, depois

de uma nuvem? De uma estrela? Seu lado fotógrafo teria se deliciado com tantas perspectivas diferentes, essa chance única na pós-vida, tão ampla e profunda que não caberia numa moldura? Ou será que era ele aquele beija-flor de pescoço vermelho, *Calypte Anna*, que ficou rondando por aqui dias e dias? Ele ficava a centímetros do meu nariz quando eu me sentava na varanda, tão perto que eu podia sentir o ar que suas asas empurravam contra minhas bochechas.

– Joe?

Ele arremeteu de repente, mergulhando de súbito como numa caligrafia celeste. Sei que esses mergulhos são parte de seu ritual de acasalamento. Mas ainda assim não consigo deixar de pensar que poderia ser Joe, assustado, tentando escrever uma mensagem, desesperado por me revelar seus muitos segredos, me contar tudo o que não fora dito.

## Capítulo 3

Frank me deixou em casa, depois foi buscar as crianças. Sentei-me à mesa da cozinha e fiquei olhando para o moedor de pimenta. Presente de casamento de alguém.. uma ex-colega da faculdade, eu acho. Joe fizera uma festa ao abrir o embrulho, dizendo que aquele era o moedor perfeito, e eu havia brincado: “Quem diria que em algum lugar do planeta havia um moedor de pimenta perfeito e que agora nós somos os felizes proprietários dele?”

Dali a pouco Zach e Annie trotavam pela varanda, passando pela porta.

– *Mãããe!* – cantarolaram, invadindo aquele meu novo mundo, lacrimoso e mudo, com uma luz dilacerante.

Com uma súbita lucidez, busquei as forças que me restavam e me coloquei de pé.

– Annie, Zach – chamei.

Joe certa vez tinha dito que os filhos eram seu “A a Z”, seu alfa e seu ômega.

– Venham aqui, queridos.

Frank veio com eles. Eu sabia o que dizer. Não tentaria dourar a pílula como haviam feito comigo aos 8 anos quando também perdi meu pai. Não diria que Joe havia adormecido ou que tinha ido viver com Jesus ou que agora era um anjo de asas brancas. Seria mais fácil se eu tivesse algum tipo de crença, mas a minha crença era um amontoado de coisas diferentes que mudavam a toda hora, tão múltipla quanto uma trouxa de roupa suja.

– Que foi que aconteceu com o seu joelho? – perguntou Annie. E com o rostinho crispado de preocupação, emendou: – Melhor você colocar um Band-Aid aí.

Eu nem sequer me lembrava do tombo que havia levado no corredor um dia antes. Levei a mão à perna, mas não senti nada. Então me ajoelhei apoiada na outra perna e puxei os dois para um abraço, dizendo:

– O papai sofreu um acidente.

Eles permaneceram imóveis e mudos, talvez esperando que eu dissesse qualquer coisa para tranquilizá-los, algo como “Ele está bem e logo, logo vai voltar para casa”. Decerto queriam saber quando poderiam beijar o pai novamente e paparicá-lo como sempre faziam. Mas o que eu tinha a dizer não era bem isso. *Coragem, Ella, eles precisam ouvir da sua boca.*

– Papai sofreu um acidente e... ele... morreu.

Ah, o rostinho deles. Tive a impressão de que minhas palavras perfuravam aquela pele tão alva e macia. Annie começou a chorar. Zach olhou para a irmã e, de um jeito quase divertido, falou:

– Morreu nada!

Fiz um carinho nas costas dele, dizendo:

– Morreu, sim, meu amor. Papai estava no mar. Ele se afogou.

– *Mentira* – riu ele. – Papai sabe nadar rapidão!

Olhei para Frank, que se ajoelhou ao nosso lado.

– Tem razão, papai é um excelente nadador... – continuei. – *Era*. Mas preste atenção, Zach. Uma onda enorme apareceu de repente e derrubou papai da pedra. É possível que ele tenha batido a cabeça, a gente não sabe.

Annie cerrou os pequenos punhos e berrou:

– Eu quero meu pai! Eu quero *meu pai*!

– Eu sei, Banannie. Eu sei, meu amor – sussurrei no ouvido dela.

Zach virou para Frank:

– É mentira, não é? Ele vai voltar, não vai, tio Frank?

Frank correu a mão sobre os cabelos raspados, cobriu os olhos por um instante, depois apoiou Zach no colo. Abraçando-o, disse:

– Não, amigão. Ele não vai voltar.

Zach grunhiu alguma coisa contra o peito dele, jogou as costas para trás e por pouco não foi ao chão. Então deixou escapar um urro que dava a medida exata da dor incomensurável que estava sentindo.



não me lembro bem do que aconteceu depois, ou, melhor dizendo, não me lembro da sequência das coisas. De uma hora para outra nosso quintal se encheu de carros; a casa, de pessoas; a geladeira, de frango à *cacciatore*, berinjela à *parmegiana* e lasanha. A família de Joe ocupava quase toda a casa. Minha família se resumia à minha mãe – e ela ainda não havia chegado de Seattle. De um modo estranho e triste, aquela reunião lembrava a festa do meu casamento dois anos antes, a última vez que aquelas pessoas tinham todas aparecido ali trazendo comida e bebida.

A família de Joe era barulhenta, tanto nas festas quanto no luto, mesmo naquelas primeiras horas em que a ficha ainda não tinha caído. Sua tia-avó, já vestida de preto da cabeça aos pés, era a única da família que ainda falava apenas em italiano. Volta e meia ela batia nos peitos murchos, dizendo: “*Caro Dio, non Giuseppe.*”

Mas também havia aqueles momentos em que ninguém dizia nada, cada um cravando os olhos neste ou naquele objeto, um abajur, um sapato, um copo, como se neles pudessem encontrar uma resposta para a pergunta: “Por que o Joe?”

Tio Rick ia oferecendo bebidas fortes e o pai de Joe, depois de ter aceitado muitas delas, começou a se voltar contra Deus. A mãe, Marcella, cobriu os ouvidos de Annie e Zach, sentados em seu amplo colo, depois disse:

– Tenha modos, Joseph! Seus netos estão na sala e o padre Mike já deve estar chegando por aí!

Sentei-me na poltrona favorita de Joe, a de couro, herdada do vovô Sergio. Annie e Zach vieram se sentar comigo, enroscando-se sob meus braços, os contrapesos perfeitos para que eu não desabasse. David, o irmão de Joe, não parava de ligar do celular, aos prantos, enquanto ele e seu namorado Gil enfrentavam o congestionamento da 101.

As crianças já tiravam uma soneca no quarto quando David me encontrou no banheiro e bateu à porta, dizendo:

– Querida, você está fazendo xixi, chorando ou tudo ao mesmo tempo?

Nem uma coisa nem outra. Eu havia escapulado da confusão por um instante e estava me olhando no espelho, imaginando como era possível que tudo em meu rosto ainda estivesse no lugar. Lá estavam os olhos, exatamente onde deveriam, sobre o nariz, e a boca abaixo dele. Enfim abri a porta. David entrou e a fechou atrás de si. Seus braços estavam paralelos ao tronco, as palmas das mãos viradas na minha direção. Estava arrasado, a barba por fazer, mas lindo como sempre, os traços romanos e o corpo tão perfeitamente esculpido que os amigos o chamavam de “O Davi”. Nós nos abraçamos e ele sussurrou:

– Como é que a gente vai fazer sem ele?

Simplesmente balancei a cabeça, o nariz escorrendo nos ombros dele.

~

naquela noite, ladeada pelas crianças que dormiam em meus braços, as lágrimas deslizando para as orelhas, fiquei pensando no futuro, em como poderíamos superar aquilo. Então lembrei a mim mesma que eu já havia sobrevivido a outra tristeza que por muito pouco não fora meu fim.

~

eu costumava pensar nos sete anos em que fiquei casada com Henry como a “Era da Tentativa”. Tentar empurrar os espermatozoides preguiçosos de Henry até meu útero. Tentar convencer meus óvulos teimosos a atravessar o labirinto das trompas. Os telefonemas urgentes para que Henry viesse me encontrar na hora do almoço. O sexo meramente utilitário. E o pior vinha depois: eu lá, com as pernas para o alto, berrando para óvulos e esperma: *Vamos lá, pessoal! Ânimo!* (Naquela altura eu já estava convencida de que meus óvulos tinham carapaças, eram ossos duros de roer.) O desejo de ter filhos era tamanho que depois de um tempo virei refém dele, os pés e as mãos amarrados por ele, e a vida se tornou tão sombria e áspera quanto eu imaginava ser meu próprio útero: uma choupana sinistra e inóspita.

Até que um dia engravidei.

E perdi o bebê.

Deitei-me no sofá com toalhas velhas sob o corpo e fiquei ouvindo os telefonemas de Henry na cozinha, sentindo-me tão inadequada quanto qualquer termo que indicasse aquela situação. Eu havia *perdido* o bebê (do mesmo modo que alguém perde as chaves de casa ou um brinco de pérola), tivera um *aborto espontâneo* (como se de repente houvéssemos desistido do bebê, como se fosse uma escolha casual e desimportante).

Mais tentativas. Tentativas de gravidez, tentativas de segurar a gravidez. Injeções, hormônios artificiais, comprimidos, esperança, exultação, repouso, mais repouso. E, no fim, desespero.

De novo. E de novo, de novo e de novo. Cinco vezes o mesmo martírio.

Até que numa manhã de Páscoa (enquanto na vizinhança a criançada corria por toda parte com seus cestinhos de ovos na mão, energizadas pela overdose de açúcar, as roupas novas já imundas de chocolate) Henry e eu, sozinhos à nossa enorme mesa de jantar, resolvemos jogar a toalha. Desistimos de um filho, desistimos do casamento. Foi Henry quem teve coragem suficiente para verbalizar a situação: afora aquela obsessão por engravidar, não havia mais nada em nossa relação – o que talvez explicasse tanta perseverança.

Na época pensei que aquela tristeza não teria mais fim. Eu nem sequer imaginava a volta que minha vida daria dali a seis meses quando, dirigindo a esmo pelo condado de Somona, decidi tomar a autoestrada sinuosa que num momento de grande inspiração alguém havia chamado de Bohemian. “Adeus, bulevar Bio-Tech”, eu havia gritado para as sequoias que margeavam o asfalto como se dessem as boas-vindas. Na ponte, esperei que um grupo de rapazes de dreadlocks e violões a tiracolo atravessasse e descesse até a praia do rio e eles acenaram como se estivessem à minha espera. Então, chegando a Elbow, parei no Mercado Capozzi. Adeus, Tristeza de San Diego.

Joe e eu tínhamos a mesma altura, víamos o mundo olho no olho. Entramos um na vida do outro tão facilmente quanto naquela tarde a mãozinha de Annie havia se encaixado na minha. Não fomos para a cama após um primeiro jantar romântico; não conseguimos esperar. Do estacionamento do mercado, seguimos em carros separados até a casa dele, eu o ajudei a trocar a fralda de Zach e lhe dar mamadeira, contei uma história para Annie dormir e dei um beijinho de boa-noite nos dois, como se aquilo fosse uma rotina já de alguns anos. Embora não fôssemos patéticos o bastante para dizer que não tínhamos o costume de ir para a cama com um estranho logo na primeira noite, mais tarde admitimos mutuamente que de fato não tínhamos. Mas feridas profundas são campo fértil para a impulsividade. Joe me ajudou a tirar as malas do carro, depois buscou um vaso para o buquê de acianos (ou *Centaurea cyanus*), o amuleto que me acompanhara no piso em frente ao banco do carona. Ficamos conversando até meia-noite e foi então que ele me contou que a dona do roupão colorido pendurado na porta do banheiro se chamava Paige, que ela o havia abandonado quatro meses antes e ligara apenas uma vez para saber de Annie e Zach. Nos três anos que se passaram desde aquele momento, ela nunca ligara. Nem uma única vez. Fizemos amor na cama de Paige e Joe. Amor do tipo “tirar o atraso”, devo admitir, mas da melhor qualidade.

~

minha vontade agora era uma só: recuar no tempo.

– Volte para nós – sussurrei.

Tirei meus braços de sob as cabecinhas de Annie e Zach e, pé ante pé, fui para o banheiro. Lá estava a loção pós-barba de Joe: Folhas de Cedro. Abri o frasco, senti o cheiro, coloquei um pouquinho do líquido nos pulsos, atrás das orelhas, na garganta embargada. A escova de dente. O aparelho de barbear. Corri o indicador sobre as lâminas, vi brotar na pele o risco de sangue misturado aos fiapos de barba.

Abri as torneiras da pia para que as crianças não me ouvissem.

– Joe, você precisa voltar. Por favor, me ouça. *Não vou aguentar!*

A onda havia surgido do nada e ali, naquele banheiro, eu podia senti-la enquanto tentava inutilmente respirar, lutando contra a força violenta que arrebatara Joe... o pai de Annie e Zach. Eles já haviam sido abandonados pela mãe biológica. Como suportariam mais aquele golpe? Pelo bem deles, eu precisava me recompor. Mas ao mesmo tempo eu sabia que a simples existência daquelas duas crianças era tudo de que precisava para me reerguer.

Sequei as lágrimas, respirei fundo e voltei ao quarto. Callie se aproximou, encaixando o focinho gelado em minhas mãos, depois se virou para me açoitá-la com o rabo e lambeu meu rosto quando me agachei para acariciá-la. Eu queria estar ao lado das crianças quando elas acordassem, então voltei para a cama e

fiquei ali, esperando o sol nascer, esperando que Annie e Zach abrissem os olhinhos.



sentada num banquinho, Annie quebrava ovos com o cabo do batedor. A mãe de Joe limpava minha geladeira, o cesto de lixo já quase transbordando de comida velha. Fui até Annie e a abracei por trás. As gemas flutuavam na tigela, quatro sóis perfeitos e brilhantes que ela começou a bater com vigor.

A certa altura, Annie se virou para mim e disse:

– Mãe, você não vai morrer, vai?

A pergunta pela qual eu já vinha esperando. Encostei minha testa na dela.

– Meu amor, um dia eu vou morrer, sim. Porque todo mundo morre um dia. Mas ainda pretendo ficar aqui por muito, muito tempo.

Ela assentiu com a cabeça, nossas testas subindo e descendo juntas, depois voltou aos ovos e disse:

– Mas você... você não está pensando em ir embora, está?

Eu sabia exatamente em que ela estava pensando. Ou em *quem* estava pensando. Virei-a para mim e disse:

– Não, Banannie. Não estou pensando em ir embora. Não vou deixar você nunca. Prometo, OK?

– Promete mesmo? Com mindinho e tudo?

Annie ergueu o dedo mindinho e eu coleí o meu no dela, dizendo:

– Mais que isso. Prometo com o mindinho e com o corpo inteiro!

Ela secou as lágrimas, novamente meneou a cabeça e voltou a bater os ovos.

Pessoas surgiam e consertavam coisas: a porta capenga do galinheiro, o mourão da cerca que havia caído meses antes durante uma tempestade. Alguém estava trocando o óleo da caminhonete. Quem a havia trazido de volta? Quem tinha pendurado o casaco de Joe no gancho da porta? Quem recolocara o edredom em nossa cama, e quando? A furadeira começou a roncar novamente. A casa tinha cheiro de restaurante italiano. Como alguém poderia pensar em comida? David, o escritor da família e cozinheiro de mão cheia, preparava o elogio fúnebre no banco do jardim que ele próprio nos dera de presente de casamento. Algumas de suas obras-primas culinárias já se achavam sobre a mesa. Todos pareciam se ocupar de alguma coisa útil, menos eu. Volta e meia dizia a mim mesma que precisava ser forte pelas crianças, mas não me sentia nem um pouco forte.

Mamãe, que não havia largado de Zach desde que chegara de Seattle, agora brincava na terra com ele e seu comboio de caminhõezinhos e bonecos de ação. Annie e a mãe de Joe agora limpavam a cozinha, parando aqui e ali para secar as lágrimas uma da outra, usando a mesma flanela para esfregar a primeira superfície que viam pela frente. Quanto a mim, ora eu ia para o lado de Annie, ora para o de Zach, puxando-os em um abraço, suspirando até que eles se desvencilhavam de mim e voltavam ao que estivessem fazendo antes.

Marcella cantava enquanto limpava. Vivia cantando. Tinha orgulho da própria voz – e com razão. Mas nunca cantava Sinatra ou outros artistas de sua geração: cantava coisas da geração dos filhos. Adorava Madonna, Prince, Michael Jackson, Cindy Lauper... Bastava citar algum sucesso dos anos 1980 para que ela começasse a cantarolar. Joe e David haviam me contado que, quando eles eram adolescentes, costumavam ouvir música na altura máxima em seus quartos e Marcella, da cozinha, berrava para os



filhos: “Aumentem o som!”

Enquanto retirava o limo dos azulejos da cozinha com uma escova de dentes, ela começou a cantar numa lamentosa voz de soprano: “*Like a virgin... for the very first time.*” Não pude conter o riso. Um riso súbito e bizarro. Assustada, ela olhou para mim e perguntou:

– Que foi, querida? Não está se sentindo bem?

Marcella estava tão consumida pela própria tristeza e de tal modo preocupada em não me ofender com a faxina que nem sequer percebeu o que estava cantando. Mas eu sabia que Joe também teria achado graça naquilo. Se estivesse ali e fossem outras as circunstâncias, nós dois teríamos feito uma piada com a pobre mulher – que reagiria sacudindo o quadril avantajado e dizendo: “Estão rindo, é? Então tomem isto: ‘*Billie Jean is not my lover...*’” Mas ela simplesmente continuou esquadrinhando meu rosto à procura de algum sinal de insanidade que explicasse a risada bizarra. Simplesmente balancei a cabeça e abanei a mão como se dissesse “Deixe pra lá”. Então ela se aproximou, tomou meu rosto entre as mãos e disse:

– Ainda bem que meus netos têm você como mãe. Todos os dias agradeço a Deus por ter colocado você na vida deles, Ella Beene.

Ouvindo isso, apertei meus braços em torno daquele tórax imenso.

– Por que não senta um pouco? – falei, tomando das mãos dela o spray de desinfetante. – Descanse. Vou passar um café para você.

Ela tomou o spray de volta.

– Não. É isso que eu sei fazer. É só isso que eu posso fazer. Descansar só vai piorar as coisas para mim.

Fiz que sim com a cabeça e novamente a abracei.

– Tudo bem.

Marcella sempre acreditou nos poderes milagrosos de um bom limpador multiuso.



na manhã seguinte, tirei meu vestido preto da embalagem plástica da lavanderia, ergui os braços e senti no rosto o frescor do tecido ao passá-lo pela cabeça. Cheguei a pensar em vestir o plástico no lugar do vestido, deixá-lo invadir as narinas e a boca e me levar para o mesmo abismo negro em que o destino havia metido Joe. Foi pensar nas crianças que me ajudou a ter forças para calçar as sandálias pretas que Lucy, minha melhor amiga, havia comprado para mim (“Não dá pra usar essas suas sandálias num funeral, meu amor, nem mesmo no norte da Califórnia.”) e encontrar o par de brincos de prata e água-marinha que Joe me dera de presente em nosso primeiro Natal juntos.

Na igreja, 36 pessoas falaram. Choramos muito, mas rimos também. A maioria das histórias remontava a um passado em que eu ainda não fazia parte da vida de Joe. Era estranho pensar que quase todos naquela igreja o conheciam há mais tempo que eu, a recém-chegada da turma, mas por outro lado era reconfortante saber que eu o conhecia de um modo que ninguém mais conhecia.

Terminada a cerimônia, lembro-me de ter conversado com muitas pessoas sem ouvir direito o que elas diziam, de ter recebido muitos abraços sem senti-los de verdade, como se no fim das contas eu tivesse mesmo vestido aquela embalagem plástica. A única coisa que eu realmente podia sentir eram as

mãozinhas de Annie e Zach procurando a minha, a solidez daquelas palmas, a pressão dos dedinhos miúdos enquanto saíamos da igreja, enquanto fazíamos nossas últimas despedidas diante do túmulo, no trajeto de volta ao carro. Mas em dado momento Annie se desvencilhou de mim. Ela foi correndo na direção de uma mulher bonita, alta e loura, que eu não conhecia e que nos observava a certa distância. “Talvez seja uma das colegas de faculdade de Joe”, pensei. A mulher se abaixou e Annie ergueu um bracinho, pousando-o nos ombros dela.

– Annie – chamei, e sorri para a mulher. – Essa aí nem sabe o que significa timidez.

A mulher tomou a mão livre de Annie nas suas, sussurrou algo no ouvido dela, depois olhou para mim, dizendo:

– E eu não sei? Mas Annie já me conhece, não conhece, pequetita?

Sem puxar as mãos de volta ou erguer os olhos, Annie fez que sim com a cabeça e falou baixinho:

– Mamãe?

## Capítulo 4

Annie a havia chamado de “mamãe”. Ela e Zach sempre me chamavam de “mãe”. Nunca de “mamãe”. Até então eu jamais dera importância a isso, talvez sequer tivesse notado, mas agora a diferença entre uma coisa e outra parecia ecoar por toda parte naquele cemitério. “Mamãe” é a primeira palavra que geralmente sai dos lábios de uma criança. Murmurada por um bebê recém-amamentado e feliz.

Por fim reconheci Paige. Já a tinha visto, gloriosamente grávida, numa foto encontrada entre as páginas de um livro sobre fotografia, a única foto que Joe havia esquecido, ou talvez quisera guardar, depois de expurgar a casa de todas as lembranças da ex-mulher. Na ocasião eu havia ficado bastante impressionada com a beleza dela e havia comentado sobre isso com Joe, que apenas dera de ombros, dizendo: “É uma boa foto.”

Agora eu me dava conta de que Joe gostava de mulheres altas. Paige devia ter 1,80 metro – não era comum eu ser mais baixa que outra mulher. Eu tinha aquilo que muitas pessoas consideram cabelos bonitos, mas só para quem gosta de fios ruivos muito cheios e incontroláveis. Os cabelos de Paige, no entanto, eram daqueles universalmente tidos como belos. Compridos, lisos, louros, sedosos, desses que geralmente vemos nos comerciais de xampu. Digitalmente embelezados. Muitas vezes as mulheres se reconfortam ao olhar para uma revista e dizer: “Essa foto foi toda retocada. Ninguém tem um cabelo tão bonito assim, ou uma pele, ou um corpo.” Paige *tinha*. E, além disso, estava usando óculos escuros ao estilo Jackie O., o acessório culturalmente associado a elegância, mistério e à dor profunda de uma viúva e mãe. Ou, no caso de Paige, mamãe.

Annie a havia chamado de “mamãe”.

Foram estes os pensamentos que dardejaram minha cabeça durante os oito segundos que se passaram até que a mulher graciosamente se levantou com Annie no colo e veio me cumprimentar.

– Olá. Sou Paige Capozzi. Mãe de Annie e Zach.

*Mãe? Defina “mãe”. E ela ainda usava o nome Capozzi. Capozzi? Joe Capozzi. Annie Capozzi. Zach Capozzi. Paige Capozzi. E Ella Beene. Uma dessas coisas não é igual às outras; um desses elementos não pertence ao grupo.*

Zach se escondia às minhas costas, ainda segurando minha mão.

– Oi, Zach. Puxa, como você cresceu...

Ouvi Marcella sussurrar a meu lado.

– É, minha filha, em três anos as crianças crescem muito.

– Que diabos essa mulher veio... – resmungou o pai de Joe. – Tenha santa paciência! – Depois passou o braço ao redor dos ombros da esposa e se afastou com ela.

Cogitei me apresentar a Paige, dizendo: “Olá. Sou Ella Beene. Mãe de Annie e Zach.” Como se

fôssemos participantes de um desses programas de TV em que o objetivo é identificar o farsante. Mas permaneci calada. As pessoas foram se juntando à nossa volta. Um a um, os parentes de Joe, exceto os pais, cumprimentaram Paige, reservadamente, civilizadamente, como se ali estivesse uma família de britânicos, não de italianos. David se pôs a meu lado, depois disse:

– Há quanto tempo, Paige. Você está muito bem... – e sussurrou no meu ouvido: – para um *funeral*.

Tia Kat, sempre mais eficiente que um comitê de recepção inteiro, encontrou forças para dizer:

– Estamos indo para casa. Por que você não vem conosco?

Todos se viraram para mim e David disse:

– Muito gentil da sua parte, tia Kat. Fazer as honras da casa no lugar de Ella.

Senti meus lábios se curvarem num sorriso e ouvi a mim mesma dizer:

– Claro, venha com a gente.

A essa altura ela já havia voltado com Annie para o chão e Annie olhava ora para mim, ora para ela, como o árbitro de uma partida de tênis. Os saltos das minhas sandálias afundaram na grama.

– Isso seria ótimo – disse Paige. – Meu voo é só amanhã. Obrigada.

Eu não queria saber nada a respeito da mulher. Nem de onde tinha vindo, nem para onde estava voltando, nem se tinha mais filhos ou, se tivesse, se dessa vez ela os criaria. Mas tudo bem. Ela estava de passagem marcada. Faria uma visitinha de uma ou duas horas (em respeito à memória do homem pelo qual não tivera nenhum respeito em vida), depois iria embora e no dia seguinte voaria de volta para o distante Reino das Mulheres que Abandonam a Família.

Annie, Zach e eu voltamos para casa no carro de David e Gil. A certa altura, David virou para trás para dizer algo, mas desistiu e voltou a olhar para a frente tão logo viu as crianças recostadas em mim. Fiquei encarando a cicatriz oval que Gil tinha na cabeça calva. Fiquei me perguntando como teria aparecido ali e quantos anos permanecera escondida sob os cabelos até eles serem inteiramente raspados. Um tombo na infância? Um acidente de bicicleta na adolescência? Ou seria algo mais recente, uma briga com algum namorado maluco do passado?

– Ela é bonita! – Annie disse num suspiro.

Annie tinha 3 anos quando a mãe foi embora. Do que exatamente poderia se lembrar?

– Você se lembra dela, Banannie? – perguntei.

– Lembro. Ela ainda é muito cheirosa também.

Annie se lembrava do cheiro da mãe. Claro. Eu própria havia cheirado todas as camisetas recém-usadas de Joe, agora agradecida pelo mau hábito de deixar a roupa suja acumular. Afundava o rosto no roupão dele sempre que o via pendurado à porta do banheiro, passava nos pulsos uma gotinha da loção pós-barba. Claro que Annie se lembrava.

Chegando em casa procurei ficar longe de Paige. Era fácil dizer para onde ela ia, pois o chão parecia se inclinar na direção dela como se ambas estivéssemos num bote, eu feita de penas, ela de ouro. Annie se aproximou de mim e eu ajeitei os cabelos dela, correndo os dedos pelo rabo de cavalo. Depois ela se afastou, tomou Paige pela mão e a levou para seu quarto. Lucy, minha principal aliada, sussurrou em meu ouvido:

– É muita cara de pau...

Mas, além dela, ninguém mais tocou no assunto. Imagino que as pessoas costumem deixar de lado os

ressentimentos quando estão em um funeral.

De minha parte, eu não tinha a menor vontade de papear com a ex-mulher de Joe no dia do enterro dele nem em qualquer outro momento. Que diabos ela estaria querendo? O que tinha vindo fazer ali? Annie ainda procurava dividir sua atenção entre nós duas – parecia estar cumprindo algum tipo de obrigação, quando, aos 6 anos de idade, deveria estar pensando apenas em si mesma e no pai. Zach se alternava entre mim, Marcella e minha mãe.

A certa altura, inadvertidamente me deparei com Paige abraçada a Lizzie, a mulher de Frank, ambas chorando. Com o rosto em brasa, rapidamente voltei para a pequena multidão que se acumulava na cozinha. Embora Frank fosse o melhor amigo de Joe desde os tempos de colégio, eu havia estado na casa dele apenas uma meia dúzia de vezes. Lizzie tinha sido muito próxima de Paige. Portanto, logo em nosso primeiro encontro, ela dissera com todas as letras que não seríamos amigas. Quando estendi a mão para cumprimentá-la, ela falou: “Você me parece uma boa pessoa, mas Paige é quase uma irmã para mim. Espero que você entenda.” Depois me dera as costas para ir conversar com outras pessoas. Desde então, nós nos cumprimentávamos, fazíamos algumas tentativas de falar sobre as crianças, mas nunca conversamos de fato. Joe e eu nem sequer saíamos para jantar fora com os dois: Frank sempre ia sozinho. Todas as outras pessoas em Elbow haviam me recebido de braços abertos, mas a rejeição de Lizzie por vezes me incomodava, era uma pedrinha naquele sapato que, se não fosse por isso, seria superconfortável.

Levei pratos de comida para Annie e Zach e dali a pouco ambos já começavam a dar sinais de exaustão: com as perninhas ao redor da minha cintura, Zach chupava o polegar enquanto abraçava Bubby, o coelhinho turquesa que ele tanto adorava e que há muito havia perdido o estofado; Annie, elétrica, corria em círculos pela sala, o que frequentemente fazia antes de apagar por completo.

– Vocês dois, venham comigo. Vamos dar boa-noite a todo mundo, depois vamos para a cama.

– Não! – chiou Annie. – Não estou cansada.

– Meu amor, você está exausta.

– Peraí. Por acaso você é eu ou *eu sou eu*? – respondeu ela, com uma das mãos na cintura e a outra apontando para si mesma.

Paige observava a cena de longe.

Respirei fundo. Às vezes Annie se comportava como uma adolescente de 6 anos. Na verdade, estávamos todos exaustos.

– Você é você. E eu sou eu. Acontece que este “eu” aqui é a mãe desse “você” aí. E quando a “eu-mãe” diz que é hora de dormir, a “você-filha” obedece.

Annie riu e eu respirei aliviada.

– Essa foi boa! – disse ela. – Agora você me pegou.

Olhando de relance, vi que Paige se afastava.

As crianças foram dar boa-noite aos adultos. Paige se abaixou para abraçá-las e conversar com elas. Como era estranho ver aquela mulher na nossa casa, conversando com nossos amigos, abraçando nossas crianças.

Fui com Annie e Zach para o quarto, sentei-me na cadeira de balanço com eles no colo, li uma história e esperei que ambos dormissem, o que não levou mais que cinco minutos. Notei que a caixa de livros

velhos que eu havia guardado no fundo do closet agora se achava ao lado da cadeira de balanço. Talvez as crianças a tivessem tirado de lá para pegar um dos livros. Já haviam cansado da maioria, estavam maduros demais para outros tantos, mas talvez já os vissem com novos olhos. Ou talvez Annie quisesa mostrá-los a Paige.

Saí de mansinho para o corredor e fechei a porta do quarto. David imediatamente me entregou uma dose de uísque.

– Ela já foi embora – disse baixinho.

Eu não tinha o hábito de beber uísque, mas ergui o copo e dei um belo trago, depois peguei o casaco forrado de Joe e fui para fora. A neblina havia baixado, trazendo consigo o frio e despachando para casa quem não fosse da família ou amigo mais próximo. Estes ainda se espremiavam na sala, vendo álbuns de fotografia e embebedando-se. Através das vidraças eu via neles o retrato de uma família de guerreiros, a luz suave dos abajures os envolvendo como um halo de amor.

Embrulhada no casaco de Joe, fui para a horta. Queria a companhia dos tomates, das cebolinhas, das couves. Minha vontade era deitar entre os canteiros e enterrar o rosto na terra úmida e perfumada. Talvez mais tarde eu fosse até o bosque de sequoias para me deitar no círculo que elas formavam, no centro daquela catedral botânica também conhecida como Nossa Senhora da *Sequoia sempervirens*. Joe me contara que os índios pomos acreditavam haver um dia de outubro em que as árvores das florestas adquiriam o dom da fala e respondiam aos anseios das pessoas. Mas outubro ainda estava longe.

Lucy veio correndo a meu encontro.

– Se acha que vou deixar você sozinha hoje, está muito enganada.

– Posso saber por quê?

– Você precisa de uma amiga. E de uma boa garrafa de vinho. Melhor que isso, só uma amiga proprietária de uma vinícola.

Ela ergueu uma garrafa sem rótulo; os designers ainda estavam trabalhando nele.

– Tudo bem, mas vou filar um cigarro.

Lucy balançou a cabeça:

– Estou sem.

– Mentira. Você está de TPM.

Quinze anos antes eu havia abandonado esse vício horrível ao ser apresentada aos pulmões de um tabagista numa aula de biologia avançada na Universidade de Boston. Desde então eu me transformara numa típica ex-fumante: uma beata fundamentalista que tentava converter quem quer que cruzasse seu caminho com um pito na boca. Mas naquela noite um cigarro parecia ser a salvação. E Lucy era uma daquelas criaturas raras que conseguiam fumar apenas alguns cigarros por mês e só nos períodos de estresse, geralmente antes de menstruar. Eu conhecia o ciclo dela porque coincidia com o meu. Irmãs lunares. Eu a havia conhecido somente ao me mudar para Elbow, mas de cara havíamos sentido uma afinidade que ia muito além dos nossos ciclos menstruais. Lucy dizia que, com aquele nome, ela também deveria ter nascido ruiva, como Lucille Ball. Lucy e David haviam se tornado meus melhores amigos. Além de Joe.

Acabamos nos sentando num banco próximo à horta, fumando sem dizer palavra. A fumaça irritava minha garganta, estava me deixando tonta. Lucy me entregou a garrafa.

– Sem taças? É assim que os vinicultores andam provando vinho em Somona ultimamente?

– É, mas a gente costuma botar a garrafa num saquinho de papel também.

– Chiquérrimo – falei e, bebendo do gargalo, sorvi um gole de *pinot noir*.

Alguém se aproximou por trás e disse:

– Eu só queria me despedir.

Era Paige, que estendia a mão na minha direção. Eu não podia estender nenhuma das minhas, pois uma segurava o vinho e a outra, o cigarro. A elegância em pessoa.

– Ah, desculpe... – eu disse, apagando o cigarro no chão e passando a garrafa para Lucy. – Achei que você já tivesse ido.

– Já estava de saída, mas depois me dei conta de que ainda não tinha falado com você. Queria muito agradecer por você ter me deixado vir. Sei que deve estar passando por um mau bocado.

Olhando para ela, ficavam claras as origens dos olhos e do queixo atrevido de Annie, da frente nobre de Zach.

– Obrigada...

– Você fez um belo trabalho com as crianças – disse ela, a voz ligeiramente embargada, uma rachadura quase invisível na deusa de mármore. – Agora preciso ir.

Fiquei de pé. Ela ergueu o queixo. Eu não esperava um abraço dela e o mais provável era que ela também não esperasse um meu. Mas vínhamos abraçando as pessoas o dia todo, por força das circunstâncias, então acabamos trocando um semiabraço duro e formal. De fato ela exalava um cheirinho delicioso, muito melhor que o meu. Melhor que o cheiro de cigarro e álcool.



quando por fim me retirei para o quarto, Annie e Zach já haviam saído do deles e se deitado na nossa cama. Ou melhor, na minha. Ambos estavam dormindo e a companhia deles era mais do que bem-vinda. Lá pelas duas da madrugada, Annie sentou-se de repente e berrou:

– Oi, pai!

Acordei assustada, esperando encontrar Joe à nossa frente, dizendo que já era hora de levantar e ir para um piquenique.

Annie sorria em meio ao luar esfumaçado que vazava da janela, os olhos ainda fechados. Minha vontade era entrar naquele sonho e ficar por lá com ela. Callie soltou um suspiro e apoiou a cabeça em meus pés. A meu lado, Zach sugava o polegar ruidosamente e eu tentei me concentrar nesse som para voltar a dormir. A exaustão havia subjugado meus músculos, ossos e órgãos vitais, menos o cérebro, que ziguezagueava entre as lembranças de minha vida com Joe. Fiz um esforço para lembrar algumas das conversas que havíamos tido sobre Paige e recuperar as informações que eu havia jogado na pilha “Deixa pra lá”. Na época eu não queria viver no passado, nem no dele nem no meu. Não fazia as perguntas porque não queria saber das respostas.

Mas precisava ter certeza de que o rompimento entre eles havia sido definitivo, de que não havia nenhuma brecha para uma possível reaproximação. A última coisa que eu queria era me ver no papel de destruidora de lares.

Naquela nossa primeira noite juntos, o único vestígio de Paige que eu havia encontrado na casa havia

sido o roupão no banheiro e, quando voltei na noite seguinte, depois de procurar emprego o dia todo, nem o roupão estava mais lá. Decerto Joe havia feito uma limpeza geral, pois nunca voltei a encontrar qualquer coisa que pudesse lembrar a existência de Paige, exceto a foto em que ela aparecia grávida.

“Quatro meses atrás”, ele tinha dito, como se oferecesse uma explicação, logo depois de nos conhecermos, “enquanto as crianças e eu almoçávamos na casa da minha mãe num domingo, ela fez as malas e foi embora.” Estávamos na cama, as velas ainda desenhando sombras nas paredes, nossas próprias sombras desde muito aquietadas. “Levou todas as roupas, menos o roupão no qual ela vinha praticamente morando.”

Segundo Joe, ela andava muito deprimida. A ponto de não trocar de roupa ou tomar banho. Fora morar com uma tia num estacionamento de trailers nas imediações de Las Vegas, o que deixara Joe um pouco mais tranquilo. Pelo menos havia alguém para cuidar dela. Para mim era difícil conceber que uma pessoa escolhesse viver num trailer no deserto de Nevada, deixando para trás toda a beleza natural de Elbow, uma casa superaconchegante e, sobretudo, uma família tão linda. Mas Paige se recusava a receber Joe, nem sequer falava com ele. Simplesmente havia deixado uma carta.

“Disse que sentia muito, mas que não era talhada para ser mãe, que os meninos ficariam melhor sem ela. Garantiu que os amava, mas que não fazia bem pra eles. Falou que eu daria conta do recado sozinho, que ao contrário dela eu tinha uma vocação natural pra cuidar de filhos, que minha família poderia ajudar, blá-blá-blá.”

“Que irônico”, eu tinha dito. Tinha decidido manter minhas próprias mazelas na gaveta, mas àquela altura também já havia quebrado tantas das regras de um primeiro encontro que não faria sentido me calar. “Eu sempre quis ter filhos, mas não consegui. Também fiquei deprimida, letárgica... Meu ex-marido poderia contar a você histórias bem parecidas com a de Paige. Devo ter ficado uns três dias com a mesma roupa, sem tomar banho.”

Contei a ele sobre os cinco bebês que não haviam vingado. Então nos abraçamos mais forte, como se cada um de nós pudesse ser a proteção de gesso que ajudaria a curar tudo o que havia se partido no outro.



mamãe, que tinha dormido no sofá, já havia acendido a lareira e agora preparava café, mingau de aveia, torradas e ovos. Embrulhada num roupão com sapatos baixos nos pés, parecia uma versão mais velha de mim mesma: alta, magra, um tanto riponga. As tranças, no entanto, eram grisalhas. Tão logo me viu na cozinha, ela estendeu os braços, fazendo chocalhar as pulseiras de prata, e eu me joguei neles. Pois o marido dela, meu pai, havia morrido quando eu tinha 8 anos. Ela já havia passado por aquilo, sabia como era, mas certas coisas não foram feitas para serem ditas.

Eu amava minha mãe, mas nunca tivera com ela o mesmo tipo de relação que minhas amigas tinham com as suas. Jamais havia gritado que a odiava, nem havíamos precisado demarcar o espaço de nossas individualidades, porque a sombra da morte de papai estava sempre lá, pairando, conferindo à nossa relação não só a civilidade necessária, mas também algum distanciamento. Mesmo assim eu a amava. Tinha admiração por ela. De certa maneira, desejava ser emocional o bastante para despejar sobre ela todas as minhas angústias e chilikues de adolescente. Em vez disso, dava um beijinho em seu rosto, fechava a porta do quarto e terminava meus deveres de biologia.



Servi-me de uma xícara de café e completei a dela. Do lado de fora, a neblina era a mesma da noite anterior, a capa fria e cinzenta envolvendo as árvores como se quisesse protegê-las do frio que ela mesma lhes impingia. A casa, no entanto, literalmente brilhava. Minha falta de aptidão para as tarefas domésticas era herança de minha mãe, que pouco ou nada havia contribuído na limpeza da véspera. Coubera à mãe de Joe fazer todo o trabalho. Ignorando a artrite dos joelhos, ela havia esfregado todo o chão da casa antes de ir embora. Também havia lavado a louça, esvaziado os baldes de adubo orgânico e separado o lixo reciclável. Os únicos vestígios do que havia se passado ali no dia anterior eram a geladeira repleta de comida, os cartões de condolências deixados pelos amigos e os diversos vasos de lírios, gencianas, íris e orquídeas que se acumulavam nas bancadas e no baú antigo que fazia as vezes de mesa de centro.

Enquanto bebíamos nosso café junto ao fogo, perguntei o mais casualmente que pude:

– E aí, o que você achou da Paige?

Ela encolheu os ombros e, meio que pisando em ovos, falou:

– Sei lá... Um tanto... *Barbie*. Ou talvez seja uma questão de insegurança. Ela é muito dura. E os tornozelos são mais para grossos, você não achou? De qualquer modo, nem chega aos *seus* pés. – Como só uma mãe poderia dizer.

– Insegurança? Ela é tão... composta.

Mamãe abanou a mão como se dissesse “que nada” e emendou:

– Deve ter sido difícil para ela dar as caras por aqui... Mas as pessoas fazem certas coisas para ficar em paz consigo mesmas. Então, até entendo que tenha vindo. Você nem imagina o tipo de gente que apareceu no enterro do seu pai.

Ela raramente mencionava papai.

– É mesmo? Tipo quem?

– Ah, sei lá. Nem me lembro mais. Já faz muito tempo, Querubim.

Porta fechada. Eu a conhecia bem o suficiente para saber que não valeria a pena insistir.

– Mas o que será que essa Paige quer? – falei. – Fico preocupada com as crianças.

– Faz três anos que você é a mãe delas. Todo mundo sabe disso. Inclusive Paige. E agora que Joe se foi, você é a figura principal na vida delas.

– É possível que ela volte.

Mamãe bebeu do café e depôs a xícara, na qual se lia: *fotógrafos adoram um quarto escuro*. Um presente que Annie ingenuamente insistira em comprar para Joe.

– Duvido que Paige resolva sair das sombras agora. Depois de três anos de ausência... Mas e se ela voltar? Como eu disse, todo mundo sabe que você é a mãe verdadeira de Annie e Zach. – Ela tomou minha mão nas suas, apertou-a durante um tempo, depois disse: – Filha, a gente precisa conversar sobre algumas providências práticas. Sei que é a última coisa que você quer fazer agora, mas...

– Não quero fazer nada.

– Eu sei. Mas posso ajudar com a papelada e só tenho mais alguns dias para ficar aqui. – Ela disse que precisávamos verificar a apólice de seguro, ligar para a Previdência, providenciar a certidão de óbito. Endireitou-se no banco e ajeitou o roupão sobre as pernas. – Posso fazer os primeiros contatos, filha, mas cedo ou tarde você terá que cuidar disso, OK?

Não. Nada OK. Mesmo assim assenti com a cabeça.

Com alguns tapinhas carinhos na minha perna, ela se levantou e disse:

– Vai ajudar você a tirar essa tal de Paige da cabeça.

## Capítulo 5

Marcella ficou com as crianças para que mamãe e eu pudéssemos ir a Santa Rosa cuidar do lado burocrático da morte. No caminho de volta para Elbow, mamãe ao volante, fiquei observando pela janela do carro enquanto as pessoas iam cuidando da própria vida, atravessando a rua, saindo dos prédios e dos carros estacionados, colocando moedas nos parquímetros, *rindo*. Eu não havia contado a mamãe sobre a apólice de seguro, que Joe e eu estávamos prestes a aumentar. Ou melhor, *pensando* em aumentar. Joe havia conversado com o cara da seguradora, um amigo do pai de Frank, mas desde então não havíamos tido nenhuma notícia sobre o assunto. Eu imaginava que o valor atual girasse em torno dos 50 mil dólares, o que daria para segurar as pontas durante um tempo, mas não muito, e isso deixaria mamãe preocupada.

Quando morava em San Diego, eu havia trabalhado num laboratório de biotecnologia, uma empresa de “tecnologia de pinto”, como costumávamos dizer. Não fora muito longe no emprego, na verdade pedira demissão. Logo nos primeiros dias eu percebera que odiava tudo aquilo. Na infância eu havia lido *Harriet, a espiã*, e tinha certeza absoluta de que queria ser espiã quando crescesse – ou, no mínimo, detetive. Vivia com o binóculo de papai pendurado ao pescoço (o mesmo que ele usava para observar passarinhos) e um bloquinho amarelo, desses de espiral, enterrado no bolso da calça. Espiava o leiteiro. Espiava os vizinhos. Espiava as visitas. Depois anotava a descrição de cada um do mesmo modo que papai fazia com os pássaros. Mas quando ele morreu acabei perdendo toda a curiosidade pelos seres humanos, achando-os criaturas de comportamento muito imprevisível, complexas demais para serem descritas em anotações rápidas. Foi quando passei a me interessar por plantas e bichos, sobre os quais papai começara a me ensinar pouco antes de morrer. Mais tarde me formei em biologia, mas em algum momento me perdi no caminho e acabei me vendo aprisionada num laboratório de biotecnologia, examinando células num microscópio, em vez de saindo a campo para estudar florestas e lagos.

Agora eu havia conseguido uma vaga como guia turística, mas se tratava de um emprego de meio expediente e era difícil imaginar que meu salário pudesse sustentar três pessoas e manter aberto o mercado dos Capozzi. O mercado que passara do vovô Sergio para o pai de Joe, dele para o próprio Joe, e agora nos era deixado de herança.

Sergio abrira aquele mercado para que os imigrantes italianos pudessem encontrar ali os produtos de sua terra natal, manter as tradições e matar as saudades de seu passado europeu. Mas durante a Segunda Guerra Mundial, após os acontecimentos de Pearl Harbor, alguns dos italianos, Sergio entre eles, haviam sido enviados para campos de prisioneiros de guerra.

Ao ouvir essa história de Joe, eu, burra, havia perguntado: “Mas Sergio era japonês?” Joe dera uma gargalhada em resposta. “Eu não sabia que havia campos de prisioneiros com italianos”, falei. Joe

explicou então que, além dos japoneses, alguns italianos e alemães também haviam sido enviados para os campos, ainda que em número bem menor. E os italianos que moravam nas cidades costeiras tinham sido obrigados a se mudar. Muitos foram de Bodega para Elbow. Mas havia um bom motivo para a minha ignorância: ninguém mencionava o assunto, nem os ítalo-americanos nem o governo.

“Mas isso aconteceu mesmo”, garantiu Joe. “Vovô não gostava de falar sobre esses campos. Nem papai. Mas é por isso que meus avós insistiam que a gente os chamasse de vovô e vovó em vez de *nonno* e *nonna*. Havia uma grande pressão durante a guerra para que ninguém falasse italiano. Outra consequência foi que o mercado deixou de ser tipicamente italiano para oferecer produtos nacionais também. Acho que a loja, assim como vovô Sergio, acabou perdendo sua... razão de ser.” Ele havia encolhido os ombros e, depois de um longo silêncio, completado: “Tudo virou uma tentativa de ser o que os outros esperavam que se fosse. Uma vida sem riscos...” Aí ele se calou e, vendo a expressão em seus olhos, fiquei me perguntando se ele estava falando do avô ou de si mesmo. Mas nunca perguntei. Parte de mim não queria saber a resposta.

Mamãe entrou no estacionamento em que Joe e eu havíamos nos conhecido. No mercado, assim que a porta de telinha bateu às nossas costas, as tábuas do piso nos cumprimentaram com seu rangido. Joe estava por toda parte. Todos os detalhes, por mais simples que fossem, agora tinham um novo significado. E por mais que as mercadorias fossem um híbrido de americanas e italianas, notava-se um cuidado de composição na disposição delas, o mesmo que Joe tomava ao tirar suas fotos. Ainda não sei ao certo como ele fazia isso, mas do modo que organizava tudo (desde os limões e laranjas, os alhos-porós e cebolas, os repolhos, couves-de-bruxelas e alcachofras até as caixas e prateleiras de enlatados, ou até mesmo as carnes e peixes), cada item parecia complementar ao outro. Ao abrir aquela velha porta de telinha e receber no rosto o sopro dos ventiladores de teto, ao sentir o cheirinho de madeira velha, café quente e folhas frescas, ao ler no quadro-negro as ofertas do dia escritas a giz, tinha-se a impressão de haver entrado na fotografia de um tempo que já não existia mais, de um tempo em que tudo era bom e belo.

Mas a loja que era Joe já começava a desbotar. Sua prima Gina se esforçara, mas a letra arredondada sobre o quadro-negro lembrava uma sala de aula, não uma delicatessen. As hortaliças pareciam cansadas. O cheiro era de detergente, não de sopa. Num dos corredores, notei algo que não poderia ter surgido ali apenas nos últimos dias: uma camada de poeira nas latas de sopa e nas caixas de massa.

Abracei Gina, que parecia tão murcha quanto as alfaces, e subi para o escritório de Joe. Minhas mãos demoraram um tempo sobre a mesa antes de abrirem a gaveta da direita, de onde tirei a pasta etiquetada “Seguro de Vida”. Como eu havia imaginado: 50 mil dólares. Marcella e Joe Pai haviam comprado a apólice para o filho quando ele se casara com Paige, anos antes do nascimento das crianças. Já havíamos alterado o contrato para me colocar no lugar de Paige como beneficiária, mas o aumento do valor do prêmio ainda estava por ser feito. Encontrei os formulários da seguradora, que Joe começara a preencher, mas aquela onda havia surgido do nada e os papéis ainda estavam ali, esperando para ser assinados, esperando para ser enviados, esperando que os negócios melhorassem de modo que pudéssemos arcar com contas maiores.

Ali estava, somente na primeira página, a caligrafia quase infantil que deveria estar naquele quadro-negro. Corri os dedos sobre as letras. Dias antes ele havia estado naquele mesmo lugar, debruçado sobre

os mesmos formulários, só para o caso de... um dia... Teria ele pensado na própria morte ao preencher aqueles papéis? Teria imaginado como ou quando iria morrer? Teria cogitado o que faríamos, as crianças e eu, ao acordar sem ele no dia seguinte e em todos os demais?

Pesquei do bolso um lenço de papel e sequei a lágrima que havia caído sobre os formulários. Não ia começar tudo de novo. Então levei o lenço aos olhos e o mantive ali, como se com isso pudesse fazer as lágrimas recuarem pelo mesmo canal de onde haviam saído. De certa maneira era mais difícil estar na loja do que em casa. Será que alguma vez eu havia colocado os pés naquele escritório sem que Joe estivesse comigo? Ele havia sido a última pessoa a sentar naquela cadeira, a apoiar os cotovelos ásperos naquela mesa, a digitar nosso número naquele telefone e dizer: “Oi, já estou indo para casa. Estou levando o leite e a pasta de amendoim. Mais alguma coisa?”

Mamãe esperava por mim. Levei comigo a papelada do seguro e mais alguns envelopes fechados que haviam sido postos na pasta de coisas a fazer.

Eu nunca havia precisado lidar com as contas. Joe já tinha seu próprio sistema em vigor quando cheguei. Além disso, eu era um desastre nestes assuntos. Mamãe diria que aquela poderia ser uma ótima oportunidade de crescimento pessoal. Pois bem. Hora de *atacar* a papelada. Parar de reclamar da vida e voltar para Annie e Zach.

Voltei para baixo, agradeci a Gina e me despedi dela com um aceno. Seus olhos ainda estavam um tanto inchados atrás das lentes dos óculos. Gina havia voltado para Elbow recentemente, depois de abandonar o convento. Aos 32 anos, chegara à conclusão de que não queria ser freira e ainda estava se adaptando às novas circunstâncias. Quando estávamos só Joe e eu, costumávamos nos referir a ela como “a prima ex-irmã”.

Ao abrir a porta para minha mãe, dei-me conta de que nenhum freguês havia entrado na loja durante nossa visita, e era meio-dia. Sabia que os negócios iam mal, mas não tanto.

– E então, encontrou a apólice? – perguntou mamãe enquanto dava ré no jipe.

Fiz que sim com a cabeça e dali a pouco já estávamos de volta em casa. Callie veio correndo para nos receber. Havia um Ford Fiesta estacionado na minha vaga na garagem. Mamãe e eu nos entreolhamos erguendo as sobrancelhas. Não estávamos dispostas a receber visitas, mas também não podíamos fazer desfeita.

Os sapatos das crianças estavam meticulosamente dispostos na soleira da porta. “Quanta educação”, pensei, e examinei as solas dos tênis de cano alto de Annie: nem enlameadas estavam. Decerto eles haviam aprendido aquilo com Lizzie no dia que haviam passado na casa dela. Talvez Lizzie fosse daquelas que têm uma placa dizendo “obrigado por tirar os sapatos” junto à porta de entrada. Eu havia estado na casa dela tão poucas vezes e tanto tempo atrás que nem sequer lembrava qual era o hábito dela em relação aos sapatos. Além do mais, não seria eu quem iria reclamar de um pouco menos de sujeira dentro de casa. Mas do outro lado do vaso de guarda-chuvas havia um par de sapatos de salto alto Kenneth Cole. Eu não me lembrava de ter visto Marcella usar saltos maiores do que dois centímetros. Abri a porta de telinha e, com o máximo de entusiasmo que consegui reunir, berrei:

– Banannie, Zach-ossauro, *chequeee-ei!*

Ninguém veio me receber. Ninguém gritou “Mãããe”.

Deixei as pastas sobre a mesa e olhei pela janela. Talvez não os tivesse visto brincando no quintal. Foi

então que ouvi os risinhos de Annie no quarto das crianças. Atravessei o corredor e abri a porta. Lá, na nossa cadeira de balanço, estavam Annie e Zach sentados no colo de Paige, Zach roçando o rostinho contra os cabelos sedosos dela. Paige os circundava com os braços como uma cerca cujo portão era o livro que ela abria à sua frente. Um livro de P. D. Eastman, retirado da caixa esquecida no closet. O título berrava para mim: *Você é minha mãe?*

## Capítulo 6

**P**erdi o avião – disse ela, depondo o livro com a capa virada para baixo. – Marcella já deve estar voltando. Foi fazer uma visitinha à tia Sophia.

Sacudi a cabeça, uma, duas, três vezes. Meu corpo tremia tanto que um dos joelhos vacilou. Um corvo grasnou na manhã ainda úmida, *cuó-cuó-cuó*, tomando posse de um mourão de cerca ou galho favorito.

Annie apenas sorriu para mim, mas Zach já havia escorregado do colo de Paige para abraçar minha perna. Tomei-o nos braços, inalei o cheirinho de argila no rosto dele, agora misturado ao perfume de Paige, cada vez mais familiar: jasmim, eu tinha quase certeza. Com uma nota cítrica. Mas o cheiro lembrava mais o de uma loja de departamentos que o de um jardim ou pomar de laranjeiras.

Mamãe, que entrara atrás de mim, pousou a mão com firmeza sobre as minhas costas.

– Olá – disse a Paige. – Você vai precisar de um táxi para o aeroporto?

– Estou com um carro alugado – disse Paige, e conferiu as horas no relógio. – E, na verdade, já está na hora de ir.

*Já vai tarde, pensei. E disse:*

– Dependendo do trânsito, você vai levar umas duas horas pra chegar lá. Para onde está indo? – *Sibéria? Antártida? Lua?*

– Las Vegas. Deixei meu cartão na mesinha...

*E para que é que eu precisaria de um cartão seu?*

–... para que as crianças possam ligar sempre que quiserem.

*Por que elas ligariam? Mal conhecem você. Conhecem o encanador mais do que conhecem você e não telefonam para ele.*

Ela abraçou Annie por um minuto que me pareceu uma eternidade. Mamãe novamente ergueu as sobrancelhas. O corvo grasnou outra vez. O *Corvus brachyrhynchos*. Os corvos têm má fama, mas são pássaros muito inteligentes e se adaptam a qualquer habitat. Eu sempre os defendo quando reclamam deles. Cada grasnada tem um significado. E aquela que eu agora ouvia decerto era uma advertência qualquer. Paige enfim largou Annie, levantou da cadeira e veio na direção de Zach, que eu apertava em meus braços talvez com uma força excessiva. Ele sorriu timidamente, mas foi para os braços dela.

– Tchau, Zach – disse Paige, novamente com a voz embargada, os olhos azuis marejados, aqueles olhos que tanto lembravam os de Annie e que agora pareciam ainda maiores.

Mas Paige represou as lágrimas, certamente para evitar um drama ainda maior. Ponto para ela.

– Tchau, moça – disse Zach.

Ela me entregou o menino de volta. E finalmente foi para a porta, calçou os saltos e desceu os degraus da varanda.

Seu perfume ainda pairava no ambiente. Voltei com Annie para a sala e ela ficou ali, sentada no chão, vendo o carro de Paige se afastar.

– Banannie? Tudo bem com você? – perguntei, ajoelhando-me a seu lado.

– Eu... quero... o meu pai – balbuciou ela.

– Eu sei, meu amor, eu sei.

Abracei-a, mas ela virou o rosto de modo a continuar olhando para o caminho de cascalho e a nuvem de poeira que Paige havia deixado para trás. Eu não sabia o que dizer sobre Paige. Nem se iria voltar, nem o que planejava fazer, muito menos o que planejava *ser* para Annie e Zach.

Zach irrompeu na sala.

– Ei, mocinho! – disse ele, apontando para minhas botinas. – Sapatos lá fora. Vem, eu mostro.

Mais uma vez mamãe ergueu as sobrancelhas. Jamais poderia usar Botox: a testa era seu principal meio de comunicação.

– “Ei, mocinho”? Não sou nenhum mocinho, mocinho! – falei, e Zach riu. – Além disso, estas botinas foram feitas para serem usadas, não pra ficarem jogadas numa varanda velha.

Por um instante ele ficou me olhando com a cabecinha inclinada, refletindo sobre o que eu acabara de dizer.

– Ah, tenha santa paciência! – falou em seguida, repetindo uma expressão que o avô usava com frequência.

Ele saiu, calçou os tênis do Batman com luzinhas e voltou marchando para a sala, um brilho vermelho piscando a cada passo.



depois de requentarmos um *casserole* de atum trazido pela família Nardini (como informava a etiqueta na travessa de vidro), alimentamos a dupla e a levamos para o quarto. O livro *Você é minha mãe?* ainda jazia na cadeira de balanço. Joguei-o de volta na caixa, peguei *O pequeno urso* para ler no lugar dele e devolvi a caixa para o closet. Nem Annie nem Zach disseram nada a respeito do livro de P. D. Eastman, e ambos já haviam dormido antes que eu chegasse à página seis de *O pequeno urso*. Estavam tão exaustos quanto eu. Pé ante pé, voltei ao armário, pesquei o outro livro e o joguei na lata de lixo.

Só então fui ler o cartão de visitas deixado por Paige.

PAIGE CAPOZZI

PREPARAÇÃO DE IMÓVEIS PARA VENDA OU LOCAÇÃO

GARANTA O MELHOR PREÇO PARA SEU IMÓVEL. LIGUE PARA PAIGE: 555-7531

– Ela prepara imóveis para venda e aluguel – contei a mamãe, que lavava a louça.

– Sei. Esse pessoal metido a decorador que vem na casa da gente e manda jogar fora toda a tralha.

– Igualzinho à vovó Beene.

– Exatamente. Shirley contratou uma dessas quando botou a casa para vender. A mulher mandou que ela alugasse uns móveis e se livrasse daquela poltrona reclinável pêssego horrível. Colocou flores frescas



por toda parte e uma torta de maçã no forno. Mandou recolher todas as fotos de família.

– Por quê? Isso me parece meio frio.

– Para que os compradores em potencial pudessem imaginar a si mesmos ali, sem se distrair com os objetos pessoais. Para que ficassem achando que bastava se mudarem para se sentirem na própria casa, sem terem de apagar os vestígios dos ex-moradores. Ela também fez um tal de feng shui, mudou tudo de lugar pra criar uma energia positiva.

– E deu certo?

– A casa nunca esteve mais bonita. Foi vendida em dois dias. Por um preço acima do que havia sido pedido inicialmente. Você sabe como é o mercado imobiliário hoje em dia, né? Os preços não param de subir. Shirley precisou se conter para não comprar a casa de volta.

– Sempre imaginei que a Paige fosse uma dessas malucas que moram num trailer e passam o dia vendo novela sem pensar em nada.

Olhei a meu redor, tentando ver a casa pelos olhos dela. Imaginei-a limpando as prateleiras, enchendo sacos e caixas etiquetadas com doação. Os poucos sapatos poupados do lixo seriam militarmente enfileirados na varanda.

– Mãe, o que será que essa mulher quer?

Mamãe balançou a cabeça, dizendo:

– Sei lá. Provavelmente, nada. A não ser, talvez, encontrar um jeito de se redimir.



mamãe disse que queria se deitar um pouco também, então ofereci minha cama. Eu quase não havia dormido até então, mas estava agitada o bastante para saber que não conseguiria pregar os olhos. Além disso, precisava pelo menos dar uma olhada naquelas pastas.

Uma delas continha um maço de contas, todas atrasadas. *O quê?* Joe não era do tipo que atrasava contas. Fazia questão de pagar tudo em dia, quase obsessivamente. Se houvesse uma seita religiosa chamada Pague os Seus Pecados em Dia, Joe seria eleito papa dela, ou pelo menos um honorável guru.

Mas lá estavam aquelas contas, bem à minha frente. A prova do crime. Examinei as faturas. Joe não pagava Ben Aston havia três meses. Fazia anos que Ben era seu principal fornecedor de hortaliças. Também era um amigo. Na última fatura ele havia escrito à mão na margem do papel: “Poxa, Joe, será que você pode dar um jeito nisso?” O saldo devedor estava realçado em amarelo: 2.563,47 dólares. A panificadora também havia mandado uma notificação, a última antes que o fornecimento fosse interrompido. Dali a duas semanas a eletricidade seria cortada caso o pagamento de 1.269,00 dólares não fosse efetuado. Estávamos devendo ao fornecedor de carne, de laticínios, de cerveja e de vinho, à companhia telefônica... Comecei a suar. Precisava de ar fresco.

Fui para a horta e comecei a arrancar as ervas daninhas, mas não do modo que costumava fazer, cavando cuidadosamente em torno das raízes. Agarrava as ramas e as puxava feito uma ensandecida, arremessando-as para longe. *Como assim, Joe? Como assim? Um dia você simplesmente acorda e resolve morrer? Ir embora e me deixar aqui sozinha? Deixar a Annie? Deixar o Zach? Sem ao menos avisar sobre o atoleiro em que se meteu?*

– Em que nos meteu?

Andei até o monturo de ervas arrancadas e comecei a lançar para o alto os dentes-de-leão e azedinhas, para que o vento os espalhasse por toda a propriedade. Dane-se. Que aquela terra inteira fosse comida pelas ervas!

– Ah, e de repente chega essa Paige. Justamente agora. Depois de três anos sem dar nenhuma... sem mandar sequer um *signal de fumaça*! Aparece do nada e diz: “Olá, sou a mãe de Annie e Zach.” Que diabos foi *aquilo*?

Uma porta de carro bateu ao longe. Tomada por minha crise de nervos, eu não havia ouvido Marcella estacionar diante da casa. Respirei fundo para me acalmar. Callie me observava com um olhar intrigado, as orelhas recolhidas para trás, talvez cogitando se eu havia perdido o juízo de vez. Enquanto Marcella vinha lentamente rumo à horta, fiquei imaginando se ela teria testemunhado meu acesso de raiva.

Tudo em minha sogra era grande: as refeições que preparava, a obsessão por ordem e limpeza, o corpo, a voz, a fé, o coração, o amor pela família e, sobretudo – qualquer um podia notar –, o amor pelos filhos. Mas agora o que tomava a maior parte dela era a tristeza, uma dor que transparecia no amiar dos passos e, à medida que ela se aproximava, em seu rosto. Ela havia tentado passar um batom, mas o efeito obtido era o de um sorriso pintado à mão, artificial e berrante demais em contraste com a palidez do luto.

– Ella, meu anjo... me perdoe. Tentei ligar para avisar sobre a Paige. Você recebeu meu recado?

Fiz que não com a cabeça. Elbow era o Triângulo das Bermudas dos sinais telefônicos.

Marcella respirou fundo, depois disse:

– Tia Sophia teve mais uma daquelas crises. Eu não sabia o que fazer. Paige se ofereceu para ficar com as crianças e...

– Tudo bem – falei. – Não tem problema.

– Ela, a Paige... ela está tão diferente agora...

– Diferente como?

– Tão... competente. Antes era uma menina birrenta. Mimada. Me deixava louca com isso. Nem de longe era uma boa mãe para as crianças. Só fazia reclamar e chorar pelos cantos. Com certeza não era mulher para meu Joseph...

As lágrimas irromperam tão logo ela disse o nome do filho.

– Desculpe, meu anjo. Eu não pretendia... Você tem as suas próprias lágrimas para secar.

Imediatamente a abracei, dizendo:

– Mais do que ninguém, você tem todo o direito de chorar. A gente vai sair dessa. Venha. Vamos comer alguma coisa.

Ela deu um tapinha em minha mão e disse:

– Você fica tão italiana falando assim..

~

marcella havia trazido minestra e eu tinha feito uma salada com alface colhida na horta – algo que de alguma forma eu não havia destruído. O pai de Joe chegara também, trazendo pão quente que comprara em Freestone. Assim que veio à tona o assunto do mercado, tratei de parecer ocupada esfriando a sopa de Zach.

– Uma coisa há de ser dita sobre o nosso filho – disse Joe Pai. – Tínhamos muito orgulho do modo

como ele conduzia aquela loja. Nos dias de hoje não é fácil. Com esses atacadistas todos... Será que as pessoas precisam mesmo comprar 50 rolos de papel higiênico só porque é mais barato? Depois vão ter de construir uma casa maior só para guardar tanto papel. Esses ripongas que põem energia solar nessas putas mansões deles deviam saber disso.

– Joseph. Os seus netos.

– É uma insensatez. Mas o Mercado Capozzi continua firme – continuou ele, servindo-se de mais vinho.

– Não muitos anos depois de papai abrir, quase perdemos a loja.

Ele e Marcella trocaram um demorado olhar. Eu sabia exatamente no que estavam pensando: nos campos de prisioneiros de guerra sobre os quais nunca falavam.

– Mas estamos aí até hoje. De início fiquei preocupado com Joe, achando que ele não era talhado para a coisa. Quando garoto ele ficava lá, tirando fotos o tempo todo, a cabeça sempre na lua – continuou. Então bateu no próprio peito, dizendo: – Mas ele fez a coisa certa. Aquele garoto tinha adoração pelo avô. Honrou o nome dele. Joey é um grande orgulho para todos nós.

Marcella secou os olhos com o guardanapo e Joe Pai mudou de assunto, perguntando a Annie o que ela havia feito durante o dia.

Annie olhou para mim antes de dizer:

– Brinquei com a mamãe.

– Na horta?

– Não... Não com a minha mãe. Com a *mamãe*.

– Mãe, mamãe. Que diferença faz? *Mamma mia*, é o que eu sempre digo.

– Não, vô. Esta *aqui* é a minha mãe – explicou ela, pousando a mão em meu ombro. – Aquela *ooooutra* mulher é que é a mamãe. Você entendeu o que eu quis dizer, seu bobão.

Por mais que eu adorasse as sopas de Marcella, sobretudo a minestra, cada colherada caía feito pedra em meu estômago, ameaçando uma catástrofe. E o pão simplesmente não descia. O medo havia armado sua barraca bem no meio do meu sistema digestivo.

– Paige voltou aqui hoje – explicou Marcella.

– Para fazer o quê? Ah, tenha santa paciência! Aquela mulher, se é que você pode chamar de...

– Joseph Capozzi, pare com isso.

– Quer saber? É nisso que dá casar com uma não italiana.

– Ei! – falei. – Também não sou italiana.

– Minha querida, do jeito que você cozinha, cuida da horta e mima os nossos netos com tanto amor, você é uma italiana honorária. O que é quase a mesma coisa. Quase.

Ele tirou um naco do pão e, com os olhos cravados nos meus, carinhosamente pousou a mão áspera e calejada sobre a minha.

~

assim que joe pai e Marcella se foram, coloquei as crianças para dormir e disse a minha mãe que precisava resolver um assunto no mercado. O estacionamento ainda estava praticamente cheio com os carros da clientela dos dois restaurantes da cidade. Eu queria entrar no mercado sem falar com ninguém, então fui para a porta dos fundos e subi a escada antes de acender as luzes.

Abri e fechei as gavetas da mesa, depois corri os dedos ao longo das palavras talhadas sob o tampo do que um dia havia sido o espaço de trabalho de Joe Pai, quando Joe e David ainda eram crianças de 9 e 7 anos aborrecidas por terem de esperar que o pai terminasse a conversa com um cliente para fechar a loja. Joe havia me mostrado o entalhe com uma lanterna, rindo ao contar a história. Ele havia usado seu canivete (presente de Natal ganho dos pais naquele ano, para grande inveja do caçula David, preterido em razão da idade) para talhar na madeira as palavras *Mercado do Joey*. Dois dias depois, David havia roubado o canivete para riscar o nome do irmão e talhar o seu no lugar. E assim prosseguiu a história, um riscando o nome do outro e deixando o seu numa coluna cada vez maior, até o dia em que encontraram outro motivo para brigar. Se a tenacidade tivesse sido um parâmetro para a escolha do herdeiro do mercado, David, cujo nome arrematava a coluna, teria sido o escolhido.

De início, examinar os livros contábeis foi como ler algo em russo, mas por fim entendi que, qualquer que fosse o idioma, a mensagem era clara: a situação do mercado era bem pior do que eu pensava. Não se tratava apenas daquelas contas vencidas *recentemente* que eu havia encontrado nas pastas. Como é que eu não sabia daquilo? Joe havia refinanciado as dívidas e feito uma retirada de dinheiro pouco antes de nos casarmos. A loja estava em péssimos lençóis. Os últimos meses haviam sido os piores. Não era de admirar que ele ainda não tivesse enviado a papelada da nova apólice de seguro.

Eu sabia que as coisas não andavam bem. Joe já havia comentado isso. Mas não tinha contado a história por inteiro. O mercado vinha perdendo dinheiro diariamente, só Deus sabia desde quando. Os pais dele não tinham conhecimento de nada, disso eu tinha certeza. Mas talvez Joe houvesse contado a seu melhor amigo.

Disquei o número de Frank e Lizzy, rezando para que não fosse ela quem atendesse. Mas foi Lizzy, claro, quem atendeu e, antes que eu pudesse terminar minhas desculpas, ela passou o telefone ao marido. Frank resmungou um “alô”.

- Você sabia de tudo, não sabia?
- Ella? Por acaso você sabe que horas...
- Você sabia do mercado, não sabia?
- Você está onde?
- Na loja.
- Estou indo para aí. Chego em alguns minutos.

Fiz um café. O relógio da máquina marcava três da manhã – até então eu imaginava que ainda eram umas 10 ou 11 da noite. Tentei me lembrar das coisas, sobretudo do rosto de Frank ao ouvir que eu planejava continuar tocando o mercado. Ele havia mudado de assunto? Sim, havia. Agora eu lembrava. Na ocasião eu tinha achado que para ele era difícil demais imaginar aquele mercado sem Joe. Ele desviara o olhar, perguntara se Annie estava animada para começar a escola, comentara que Molly já havia escolhido uma lancheira da Pocahontas.

Destranquei a porta da frente e deixei Frank entrar. Ele havia se enfiado num casaco de moletom dos Giants, com calça jeans e chinelos. Servi-lhe uma xícara de café.

- Meus dentes trincavam, embora eu não estivesse com frio.
- Você sabia de tudo, não sabia?
- De tudo o quê? – retrucou ele.

– O que você *acha*? – falei com a voz trêmula, fazendo o possível para não gritar.

– Olhe, pegue leve, Ella. Sei que você tem todos os motivos do mundo para estar chateada. Mas do que exatamente você está falando?

Respirei fundo.

– Da loja, Frank. Da situação difícil da loja. Da situação *difícilima* da loja.

– Ele achava que as coisas iam melhorar, que era apenas uma fase ruim.

– *Que droga! Por que ele não me contou nada?*

– Olhe, fique calma.

– Não me diga para ficar calma – desabafei, me inclinando na direção dele.

– Do ponto de vista financeiro, você vai...

– O problema não é a grana! – falei, murchando na cadeira. – Joe estava enfrentando tudo isso sozinho.

Eu achava que as coisas tinham piorado só *recentemente*... Ele nunca falou nada sobre a situação real. Ou se falou, certamente eu estava tão preocupada com meu próprio umbigo que nem ouvi.

Levantei e comecei a andar de um lado para outro. Certa vez ele havia feito um escarcéu por causa da conta do veterinário de Callie. Achei estranho, mas não dei muita importância. Também era verdade que pouco tempo atrás ele tinha dividido comigo sua preocupação com o mercado, mas aquele buraco já vinha de anos.

– Como é que eu pude ser tão *cega*? Eu amava aquele homem, Frank. A gente conversava todo santo dia. O negócio dele estava indo pelo ralo, o sustento dele, e ele não me disse *nada*?

Frank pousou sua xícara e me puxou para um abraço. Eu sentia seu queixo roçar meu ombro enquanto ele falava, exatamente como no dia em que recebi dele a notícia de que o corpo de Joe havia sido encontrado.

– Você não entende? – disse ele. – Joe não queria levar esse problema para dentro de casa. Tinha esperança de que as coisas fossem melhorar. Achava que cedo ou tarde as pessoas iam desistir de fazer compras na concorrência, só porque é mais longe. Eu tentava explicar a ele, dizia que eles tinham uma enorme vantagem sobre ele, que eram uma rede grande e que as pessoas podiam ir lá uma vez só no mês e voltar para casa com um estoque que vai durar o mês inteiro, seis meses até. Ele achava que as vendas iam dar uma virada a qualquer momento. Não queria que isso interferisse na história de vocês. Queria que o casamento de vocês fosse diferente do... você sabe, do casamento dele com a Paige. Olha, não fique brava com Joe. Havia uma pressão muito grande para que ele mantivesse o mercado aberto.

Joe já contara que, antes de morrer, seu avô Sergio lhe passara o mercado. Ele queria que o neto assumisse o negócio e que, um dia, quando os pais de Joe morressem, tanto a loja quanto o terreno em que ela ficava fossem herança dele. Joe então abandonara a universidade – e o sonho de viajar pelo mundo como fotojornalista – para voltar a Elbow e ajudar o pai com o mercado. Anos mais tarde, comprara (a um preço de família) o chalé em que Sergio e Rosemary tinham morado, depois se casara com Paige.

– Estou brava comigo mesma – falei. – Por ter sido tão cega. Não vou mentir: quando ele realmente tentava falar comigo sobre dinheiro, eu ficava irritada e acabava desconversando. Não fazia ideia da gravidade da coisa.

Frank encolheu os ombros e disse:

– Sei lá, cada um é de um jeito. Lizzie teria ficado no meu pé se estivéssemos com um problema assim. Isso não ajudou em nada. Devo ter feito uma careta qualquer, pois logo em seguida ele disse:

– Mas Lizzie é Lizzie. Financeiramente você vai ficar bem. Hank, um amigão do meu pai, descolou uma apólice excelente pro Joe. Agora você devia voltar pra casa, tentar dormir um pouco.

Assenti, mas não cheguei a dizer que a apólice excelente descolada por Hank não passava de alguns formulários esquecidos na gaveta. Em vez disso falei:

– Obrigada, Frank. Desculpe por ter tirado você da cama a essa hora e enchido sua cabeça com tudo isso.

– Não foi nada. Agora venha, vou acompanhá-la até o carro.

– Pode ir. Ainda preciso guardar umas coisinhas lá em cima. Depois eu vou para casa.

– Promete?

– Prometo.

Mas, voltando ao mezanino, ainda reexaminei não sei quantas vezes cada uma daquelas pastas. Tudo estava perfeitamente organizado, o único problema era que as pastas de contas a pagar eram numerosas demais. O dia já amanhecia quando cheguei em casa, enfim acreditando que poderia dormir um pouco. As coisas acabariam se ajustando de um modo ou de outro.

Entrando na cozinha, deparei com Annie sentada na bancada, falando ao telefone, rindo e mexendo os pezinhos um no outro com suas meias felpudas cor-de-rosa. Callie logo se sentou à minha frente e começou a bater o rabo no chão, já imaginando algum presentinho nos sacos que eu havia trazido do mercado. Joe nunca chegava em casa sem lhe dar algum petisco, mas comigo só havia a papelada do mercado.

– OK – disse Annie ao telefone. – Também te amo. Tchau.

Assim que ela desligou, peguei-a da bancada para lhe dar um abraço. Os nós em seus cabelos desgrelhados fizeram cócegas em meu pescoço. O cheirinho era o da colônia de pêssigo que ela havia me convencido a comprar na Target. Meu anjinho embrulhado em um pijaminha de Bob Esponja...

– Bom dia, flor do dia!

– Bom dia, mãe.

– Você estava falando com a vovó?

– Não.

– Com a Lucy?

Ela fez que não com a cabeça.

– Por acaso isto é um joguinho de adivinhação?

Outra negativa.

– Então, que tal soltar essa língua? Já sei! Você estava falando com o tio David.

– Não, bobinha – riu ela, e esfregou a mãozinha no topo da minha cabeça como se fosse eu a criança. – Estava falando com a mamãe.

## Capítulo 7

Annie parou de mexer em meus cabelos e disse:

– Que foi, mãe?

Balancei a cabeça e forcei o sorriso que até então vinha se recusando a dar as caras e fazer seu serviço.

– Não foi nada.

– Você não gosta da mamãe, não é?

– Bem, é que... – Precisei escolher as palavras, porque não podia dizer *Claro que não. Não suporto a cara daquela mulher. Não quero que ela ligue para vocês, não quero que ela toque em vocês*, de forma que editei minha desgraça para: –... é que eu não a conheço direito. – *Conhecer como? Em três anos a mulher não veio ver os filhos uma única vez, nem deu um mísero telefonema! Uma mãe exemplar, a tal de Paige.* – Mas ela me parece uma pessoa... legal.

Minha tentativa não pareceu muito verdadeira, mas Annie, a fofa de sempre, tinha em mente uma conversa franca e conciliatória.

– Ela é muito legal e gosta de você. Acho que vocês podiam ser amigas, igual você e a Lucy.

Ela encolheu os ombros e espalmou as mãos como se dissesse: “Será que é tão difícil assim?”

– Você acha, né? *Você acha, né?* – ri, e comecei a fazer cócegas nela até vê-la se contorcer de tanto gargalhar, depois a voltei para a bancada e disse: – Que tal um café da manhã bem gostoso?

– *Zach-ossaaaauro!* – chamou Annie, a responsável irmã mais velha.

Ela saiu correndo para buscar o irmão, derrapando no piso ao se deparar com ele já chegando à cozinha em seu pijaminha de corpo inteiro, com os cabelos espetados e arrastando consigo um brontossauro e o coelhinho Bubby.

Tomei-o no colo e dei uma bela fungada em seu pescoço. Zach-ossauro. Ninguém o chamava assim a não ser Joe, Annie e eu. Fiquei me perguntando se Paige também passaria a fazer parte do clube.



enquanto as crianças buscavam ovos e mamãe dormia, fui para a varanda dos fundos e me sentei ali com mais uma xícara de café. Meus pensamentos saltavam das crianças para Paige, dali para Joe, dele para nossa conta bancária. Olhei para as árvores. Elas sempre me acalmavam. O bosque de sequoias despontava mais adiante como nosso exército particular, os troncos irrompendo retos e sólidos da terra, os galhos tão largos que já tínhamos visto perus do tamanho de labradores empoleirados neles. Naquela confusão de aves que mal conseguiam passar de um galho para outro, de vez em quando nos assustávamos com os sons agudos que elas de repente soltavam, como se ali estivesse uma rodinha de senhoras fofocando. Tínhamos ficado horas observando os pássaros naquela tarde de inverno, uma versão agigantada de um

bando de perdizes numa pereira.

Os carvalhos mais pareciam vovôs sábios e artríticos. Bastava puxar uma cadeira para junto deles e ficar ali, ouvindo, para que se aprendesse algo de útil. As árvores frutíferas eram como nossas tias queridas, com vestidos de muitos babados e exagerando no perfume na primavera; depois, no verão, mimando-nos com sua generosidade, deixando cair maçãs, peras e ameixas em quantidades maiores do que seríamos capazes de comer, como se dissessem: “*Mangia! Mangia!*”

Quando mamãe enfim acordou e veio tomar seu café comigo, eu já me sentia bem mais calma, efeito da terapia em grupo com as árvores. Pelo menos eu tinha certeza que de fome não iria morrer.

– Nossa – falou. – Dormi feito uma pedra. Nem ouvi você chegar ontem à noite.

Ela deu um gole no café, depois se inclinou na minha direção, afastou meus cabelos da testa e disse:

– Querubim.. – foi dizendo, enquanto se inclinava para mim e afastava uma mecha de cabelo de meu rosto. – Precisamos conversar. Vou embora amanhã e ainda não tivemos chance de falar a sério sobre o seguro de vida, sobre sua situação financeira como um todo. Posso ajudar com essas coisas, mas tenho compromissos em Seattle daqui a dois dias.

Não contei que, ao contrário dela, eu não havia dormido um minuto e que não estava com o menor ânimo de falar sobre o que havia descoberto, porque a situação toda ainda nem se sedimentara na minha mente. E por mais que ela fosse calma para lidar com certas coisas (como na vez em que Zach esvaziou todo o conteúdo de sua fralda sobre o berço, cobrindo cada ripa com seu cocô de bebê), certamente aquele problema financeiro a deixaria maluca. Mamãe trabalhava como contadora de uma organização sem fins lucrativos. Não ganhava muito, mas tinha uma vida simples, e com a ajuda do seguro deixado por papai, nunca tivera problemas financeiros. Então falei:

– Está tudo bem, mãe. Só preciso ir conversar com o contador nas próximas semanas.

Sem tirar os olhos de mim, como se me avaliasse, ela deu mais um gole no café e disse:

– Você parece exausta. Tem dormido direito?

Dei de ombros, fazendo um sinal de mais ou menos com a mão.

– Então por que não tira o dia de hoje para descansar um pouco? Posso levar as crianças para fazer alguma coisa. Sei lá, talvez um parque de diversões, para que *elas também* fiquem exaustas.

De fato eu estava cansada. Mas as crianças precisavam de mim e eu delas. A mãe biológica havia começado a rondá-las feito uma águia e eu não sabia se ela estava procurando algum lugar para pousar, caçando – prestes a surrupiar Annie e Zach com suas garras afiadas –, ou, na melhor das hipóteses, apenas observando de longe o ninho abandonado anos antes.

– Então vamos todos. Quero ficar com vocês.

– Meu amor, você vai ter todo o tempo do mundo para ficar com Annie e Zach. Além do mais, a gente não vai demorar. Você precisa cuidar de si mesma.

– Preciso ser mãe, isso sim. Em dois minutos já estou boa de novo. Mais algumas xícaras de café, uma boa ducha e pronto.



quando voltei, mamãe olhava um álbum de fotografias. Balançando a cabeça, ela disse:

– Puxa... Vocês realmente aperfeiçoaram a arte do piquenique...



Sentei-me no braço do sofá. Annie e Zach só iam a parques de diversões quando algum dos avós estavam envolvidos na história. Joe e eu preferíamos evitá-los. Mas fazíamos piqueniques sempre que possível. Um programa que todos nós adorávamos, mas por motivos diferentes. Joe gostava de fotografar e ao mesmo tempo ficar com a família. Eu ficava fascinada com as trilhas ladeadas de sequoias, com a riqueza de plantas e bichos. As crianças gostavam de caçar insetos para depois me testar, perguntando se eu sabia o nome de cada um. Annie possuía um caderninho em que mantinha suas listas de insetos, flores e pássaros e anotava com esmero cada nome que eu soletrava para ela.

E, claro, nós quatro gostávamos muito de comer. Nossos piqueniques iam muito além dos sanduíches de pasta de amendoim. Fazíamos saladas e patês com o que quer que encontrássemos na horta, e foi com isso que acabei descobrindo o prazer de cozinhar, um prazer até então latente. Tínhamos dois filhos que comiam de tudo – o que me permitia sempre experimentar receitas novas –, então a gente se espichava sob o sol e ficava ali, grunhindo de prazer com nossos petiscos.

– Quem sabe você não prefere um piquenique a ir ao parque? – sugeriu mamãe. – A geladeira está abarrotada de comida...

Fazer um piquenique sem Joe naquele momento seria o mesmo que pegar uma faca e abrir com ela uma cratera no meu coração. No das crianças também.

– Não. Vamos ao parque. Tem um aqui perto, a terra dos preços absurdos e das mães e avós corajosas!



daquele dia em diante, sempre que mamãe e eu mencionávamos o parque era fazendo referência a alguma coisa muito ruim. A sensação ficara entranhada em nós por vários motivos: minha noite não dormida, a viuvez recente, o calor de uns 40 graus e a agitação das crianças, turbinadas com um excesso de algodão-doce e sorvete. Também tinha a ver com minha menstruação e com o fato de meu corpo estar aproveitando a oportunidade para expurgar as emoções – entre as quais subitamente fora incluída a raiva.

O calor era escaldante, portanto a atração que mais nos seduziu foi uma montanha-russa que terminava com um banho numa piscina. Esperamos uma hora e meia na fila até sermos informados de que Zach era pequeno demais para o brinquedo. Annie e mamãe seguiram em frente e eu fiquei com Zach, que se desmanchou numa birra terrível, não por causa da montanha-russa em si, mas porque não pudera ir com mamãe (ao longo da semana, ele havia grudado ainda mais na avó).

Zach era um menino tão bonzinho que eu não sabia como lidar com uma birra daquelas: depois de muito berrar e espernear, ele se deitou no chão e ali ficou, recusando-se a levantar. As pessoas passavam por nós e balançavam a cabeça, observando a cena. E eu lá, sem a menor ideia do que fazer. Qual era mesmo o conselho dos especialistas? Tentei me lembrar de alguma coisa, *qualquer* coisa, do que havia lido nas revistas especializadas nos consultórios médicos da vida. Dar as costas e ir embora? Impossível, no meio daquela multidão. Não ceder. Não recompensar. Por fim, me ajoelhei a seu lado e berrei ainda mais alto que ele:

– Zach! Escute! Pare com esse escândalo que eu lhe dou mais um algodão-doce, OK?

Em vão.

– *Algodão-doce*, Zach! Você me ouviu?

Só então ele se calou. Limpou o nariz com o braço, depois disse:

– E uma raspadinha de gelo também?

– Uma raspadinha de gelo também.

Zach enfim se levantou e segurou minha mão. Ouvi uma mulher comentar: “Desse jeito, até eu.” E um homem: “Isso mesmo, meu chapa, é assim que se lida com os pais.”

Não me contive. Fiquei de pé e, com o nariz a uns três centímetros do rosto inchado e suarento do sujeito, rosnei:

– Ele não tem mais *pais*, no plural, meu chapa. Porque o *pai* dele acabou de *morrer*, meu chapa!

Ele se afastou e eu não olhei para trás. Comprei o algodão-doce e uma raspadinha de cereja, depois fiquei observando Zach devorá-los, a boquinha se avermelhando aos poucos e fazendo par com os aros em torno dos olhos.

Quando mamãe voltou, levou Zach até uma mesa, para que ele terminasse de comer, e eu segui com Annie para a roda-gigante. Até hoje não sei direito por que achei que seria divertido ficar fritando dentro de um cesto de metal, mas foi isso que fizemos, e quando a funcionária visivelmente mal-humorada abandonou seu posto no comando do brinquedo, ficamos presas lá no alto, rezando para que pusessem logo outra pessoa ou que ao menos Deus nos mandasse uma brisa – ou, melhor ainda, uma chuva. Onde estava a neblina californiana quando a gente precisava dela? Dez minutos haviam se passado quando enfim apareceu alguém com um megafone para informar que a substituta chegaria dali a pouco. Maravilha. Na época da faculdade eu havia trabalhado num consultório onde éramos instruídos a dizer que o médico chegaria “daqui a pouco”, nunca “daqui a um minuto”. “Daqui a pouco” era subjetivo, não implicava uma promessa concreta.

De início Annie gostou da situação, admirando a paisagem e apontando para os diversos brinquedos, mas depois começou a resmungar: “vai demorar muito?”, “preciso fazer xixi”, “estou com fome”, “estou com calor”, “quero ir pra casa”.

Fiquei me perguntando como era possível que alguém simplesmente fosse embora e nos deixasse ali, penduradas naquela altura. Teria de consultar Paige assim que possível. Como você fala para os seus filhos pequenos e seu marido: “Cansei, fui”, e depois se manda, sem ao menos olhar para trás? Deixando-os suspensos no ar, incapazes de tocar a vida adiante, até que uma operadora substituta chamada Ella dá o ar de sua graça e aperta os botões certos. A mãe substituta, a mulher substituta. Era assim que ela me via? Era isso que eu era? *Apenas* isso?

Mas ao fim daqueles intermináveis 10 minutos eu já *amava* a tal operadora substituta. Tão logo voltei ao chão, minha vontade foi a de lhe dar um abraço apertado.

– Muito obrigada! – disse a ela. – Sem você a gente não ia aguentar nem mais um minuto lá em cima.

Com uma expressão de tédio, ela simplesmente assentiu e nos mandou de volta à multidão. Annie disse:

– Mãe, você não acha que está sendo *dramática* demais?

Apesar do final feliz na roda-gigante, nosso dia continuou firme em sua trajetória ladeira abaixo. Eu me arrastava pelo parque, os olhos estreitados por causa do excesso de luzes, do excesso de cores primárias, do excesso de barulhos. Entre eles, talvez o maior, a birra que Zach fazia cada vez que mamãe ameaçava largar sua mão. Para que ela pudesse ir ao banheiro, precisei suborná-lo com um churro e mais uma raspadinha, dessa vez de uva.

No caminho de volta para casa, pegamos o trânsito infernal das cinco horas, que ultimamente, em

qualquer lugar da baía de São Francisco e seus subúrbios cada vez maiores, tem começado às três. As crianças brigavam por qualquer brinquedo feito cães selvagens disputando um pedaço de carne. Mamãe, que era sempre elogiada por sua jovialidade, parecia bem mais velha que seus 62 anos. O ar-condicionado não funcionava direito, dando a impressão de que uma pessoa com febre muito alta assoprava em nós. Olhei no retrovisor, no exato instante em que Annie arrancava Bubby das mãos de Zach, e foi aí que mamãe gritou:

– Ella, *cuidado!*

Pisei no freio a tempo de evitar que batêssemos de frente num Hummer amarelo, desses enormes. Não havia dúvida sobre quem levaria a melhor no caso de um acidente. Nosso jipe é que não era.

Calmamente, falei baixinho para minha mãe:

– Foi por muito pouco. Ia acontecer do nada, de repente. Joe morreu num acidente besta e poderíamos ter morrido todos agora da mesma forma. Assim, *num piscar de olhos*.

– Filha, você está bem?

Eu tremia da cabeça aos pés e as crianças ainda se digladiavam no banco de trás. Bati as mãos no volante e berrei:

– Que *merda!* Assim eu não consigo dirigir! Vocês dois aí, nem mais um pio!

Eles se calaram imediatamente. Ninguém disse uma palavra durante o resto da viagem, exceto a voz na minha cabeça, que repetia sem parar: “Você, minha querida, é a pior mãe do mundo.”



parei o jipe diante de casa e Callie veio saltando para nos receber, mas as crianças já iam longe no sono. As bochechas de Annie estavam rosadas apesar do filtro solar que eu havia passado nelas. O rosto de Zach colava na cadeirinha, saliva escorrendo para a camiseta já toda manchada de vermelho e roxo, combinando com os lábios e o queixo. As manchas da raspadinha de uva pareciam hematomas, certamente bem menos graves do que aqueles deixados por meu chilique. Eu quase podia enxergar asinhas em ambos, de tão angelicais que eles pareciam dormindo, incapazes de fazer um adulto berrar a plenos pulmões. Cuidadosamente ergui Zach no colo; os braços e as pernas caíram pesados para os lados, a cabeça derreou para trás antes de se aninhar em meu ombro. Ele soltou um longo suspiro balbuciado. Ali estavam meus dois anjinhos que haviam acabado de perder o pai. Cujas mães biológicas acharam por bem reaparecer de uma hora para a outra, talvez apenas para lembrá-los de que também os havia abandonado. E agora a madrasta malvada havia gritado com eles, que não haviam feito mais do que agir como as crianças que de fato eram.

Mamãe me ajudou a colocá-los na cama, depois fomos de mansinho para a cozinha.

– Desculpe – falei.

– Pelo quê?

– Você sabe. Por ter perdido a cabeça no carro.

– Bobagem. Mais do que natural. Eles estavam aprontando e você estava exausta. Não precisa ficar se culpando.

– Mas agora eles vão aprontar mais ainda.

– Isso não significa que você deva deixá-los gritar e brigar no carro. Foi uma situação tensa. Você não

podia simplesmente dizer: “Crianças, sejam boazinhas!”

– Mas fui *eu* quem não foi nada boazinha. Até onde lembro, você nunca gritou comigo dessa maneira.

– Não? – disse ela, e ergueu as sobrancelhas. – Jura? Bem, depois que seu pai morreu, você mal dava um pio. Antes era uma espoleta, sempre curiosa. Você sumia durante horas com aquele seu bloquinho debaixo do braço. Sabe quando as crianças fazem 3 anos e começam a perguntar o porquê de tudo? Por que isso? Por que aquilo? Pois é. Você já tinha 8 anos e ainda continuava perguntando por quê. – Ela balançou a cabeça antes de prosseguir: – Uma peça rara, isso é o que você era. Levada, esperta... Mas depois você murchou. Foi como se a vida tivesse sugado toda aquela alegria de você.

De repente ela se calou e começou a brincar com a própria pulseira, tirando-a do pulso para recolocá-la em seguida.

Éramos, ela e eu, duas skatistas tentando uma nova manobra, um novo salto, mas já era tempo para que uma de nós voltasse à sua rotina e assumisse que precisava da outra para evitar obstáculos e armadilhas.

– Você vai sair dessa – disse mamãe, e abriu um sorriso. – Já passei por isso que você está passando agora. E você já foi criança como Annie e Zach. Pois cá estamos nós, vivinhas da silva.

Agora ela falava como se tudo tivesse sido fácil. Do outro lado da janela, um esquilo subiu à balaustrada da varanda para examinar algum tipo de vagem, revirando-a entre as patinhas.

– Ainda penso no papai o tempo todo. Naqueles acampamentos que a gente fazia, no tanto que ele me ensinou em apenas 8 anos.

Ela tomou minha mão nas suas.

– Como é que você conseguiu sobreviver, mãe?

Ela foi até a geladeira e voltou com uma garrafa de *pinot blanc*.

– Foi *assim*, é? Enchendo a cara?

Ela riu e, servindo-nos do vinho, disse:

– Não exatamente. Mas a ideia até que não é má. Na verdade... no início realmente fiquei muito mal, como você deve lembrar... Mas depois fiquei pensando na minha avó, sua bisavó Just. O marido dela veio para os Estados Unidos e ela ficou esperando lá na Áustria até que ele encontrasse trabalho e mandasse dinheiro para que viesse também. Esperou um ano inteiro sem notícias dele. Então vendeu tudo o que tinha e embarcou num navio com as duas filhas. Não falava inglês. Não conhecia ninguém por aqui. Posso até vê-la: uma mulher magra e baixinha, com uma trança que ia além da cintura, morrendo de frio e ansiedade, uma filha de cada lado. Pode imaginar uma coisa dessas? Entrar num vapor e atravessar o Atlântico com duas crianças a tiracolo, rumo ao desconhecido?

Ela balançou a cabeça e olhou para mim.

– Então, sempre que eu ficava choramingando pelos cantos, reclamando da vida, eu pensava nela.

– O que aconteceu com ela no fim?

– Bem, acabou encontrando o marido, acredita? Ele havia torrado todo o dinheiro com bebida. Não tinha mais um tostão furado no bolso, dormia nas ruas e, pior de tudo, tinha se transformado num homem *violento*. Daí ela botou o homem para correr e, por mais irônico que pareça, começou a vender bebidas em pleno período da Lei Seca. E foi assim que ela criou as filhas, minha mãe e tia Lily, usando um alçapão escondido por um tapete embaixo da mesa da cozinha. É a mesma mesa que tenho até hoje.

Não falei nada. Fiquei tentando entender com que parte da história ela e eu podíamos nos identificar.

Com o alçapão é que não era. Nem com a bebida ilegal. Nem com a mãe magrinha e baixinha com duas crianças a bordo de um navio. Muito menos com o marido canalha e beberrão. Callie latiu e eu virei o rosto a tempo de ver o esquilo saltar para um dos carvalhos e sumir de vista.

– Ella – disse mamãe, segurando-me pelos ombros. – Nós pertencemos a uma linhagem de mulheres fortes. Vejo essa força em você também.

– Obrigada – falei, nossos rostos próximos um do outro, talvez próximos demais levando-se em conta o não dito acumulado entre nós durante tantos anos.

Eu poderia ter aproveitado a oportunidade para fazer todas as perguntas que havia calado até então, mas conhecia mamãe o bastante para saber que continuaria sem as respostas. Recuei para pegar minha taça de vinho e ela fez o mesmo.

– Quer dizer então que a mesa de pinho vai ficar para mim? Adoro aquela mesa.

Ela ergueu a taça e disse:

– Enquanto eu ainda estiver respirando, você não vai ficar com mesa nenhuma!

Batemos nossas taças num brinde. Um brinde mudo a mais um sucesso: novamente tínhamos falado sobre meu pai sem falar do meu pai.

## Capítulo 8

Na manhã seguinte levei mamãe até o ponto do ônibus para o aeroporto, mas não antes de ela se oferecer para ficar mais uns dias, dizendo que podia arrumar um substituto no trabalho.

Eu não queria que ela fosse embora. Mas sabia que adiar sua partida não nos ajudaria a dar um passo adiante, fosse lá para onde estivéssemos indo.

Então a levamos e ela tomou o ônibus para o aeroporto de São Francisco. Procurei distrair Zach com biscoitos e suco, de modo que ele não pulasse do carro e saísse correndo atrás da avó. Enquanto acenávamos para ela, fiquei mais animada ao constatar que as birras da véspera não ameaçavam se repetir. Coloquei o cinto de segurança nele e na irmã e tomei o caminho de volta para casa. A certa altura, parada diante de um semáforo, virei para trás e disse:

– Desculpem por ter berrado no carro ontem. Vocês estavam brigando, mas aquilo que fiz não é jeito de falar com ninguém. Então, podem me desculpar?

Zach balançou a cabeça três vezes, fazendo “sim” de um modo exagerado e dizendo:

– Ahã. Ahã. Ahã.

Eu nunca o tinha visto fazer aquilo.

– Claro que a gente desculpa, bobinha – disse Annie. – Mas se você estiver precisando de um tempo, talvez fosse legal a gente ir visitar a mamãe em Las Vegas.

O carro atrás de nós buzinou, e eu consegui atravessar o sinal pouco antes de ele ficar amarelo outra vez. *Se eu estiver precisando de um tempo?* Era estranho Annie dizer aquilo, mas eles já haviam mudado de assunto, agora cantarolavam uma musiquinha divertida e pareciam quase felizes. Não seria o caso de perturbar Annie com uma sabatina. Então falei:

– Annie, pode acreditar, não estou precisando de tempo nenhum. Ficar com você e Zach é o que eu mais amo neste mundo.

Mas a pulga continuava atrás da minha orelha. Ou Paige vinha convidando Annie para visitá-la ou Annie vinha pensando no assunto por conta própria. Fiquei me perguntando o que Paige poderia estar querendo, mas, sobretudo, o que *Annie* poderia estar querendo. Não era de todo estranho que ela desejasse passar uns dias com a mãe. Mas... e se Paige reconquistasse os filhos e depois fizesse seu número de desaparecimento outra vez?

Entramos em nossa propriedade e passamos pela caminhonete de Joe, estacionada no lugar de sempre. A casa vazia esperava por nós faminta, oca, pronta para nos engolir.

Callie veio pulando e abanando o rabo, mas a minha sensação era de que estávamos num set de cinema e tudo aquilo não passava de uma ilusão: assim que chegasse mais perto e cutucasse um pouco, teria de encarar a realidade. Talvez a casa tão linda e aconchegante fosse apenas uma fachada de papelão; a horta

multicolorida, nada mais que plástico e retalhos de seda empoeirados. Corria à boca pequena que o diretor havia abandonado o filme, e o estúdio, cancelado o projeto. Lá estávamos nós, diante da porta cenográfica, sem roteiro algum nas mãos. Mesmo assim a abri e nós entramos.

A porta de telinha bateu às nossas costas. Na sala, Annie e Zach ergueram os olhos para mim, à espera de alguma orientação.

– Bem... – falei. – Vocês estão com fome?

Eles fizeram que não com a cabeça. Ainda eram 9h30 da manhã e mamãe havia alimentado todos nós antes de ir embora. A casa ainda recendia a café e torrada.

– Querem ir brincar lá fora?

De novo eles disseram que não. Lá fora o sol brilhava forte, dando às coisas um aspecto irreal. Os pássaros cantavam felizes. Eles precisavam dar um tempo nisso.

– Bem... – repeti.

Então fui até o armário e voltei com três filmes: *A noviça rebelde*, *Toy Story* e *A bela e a fera*. Em seguida fomos os três para meu quarto. Fechei as cortinas, coloquei *A noviça rebelde* no aparelho de DVD, troquei a calça jeans por uma de moletom. As crianças me olhavam como se estivessem na casa de estranhos. Filmes eram para a noite; elas conheciam as regras. Fui até a cozinha, fiz pipoca e voltei ao quarto, jogando-me na cama com as tigelas.

– Venham, sentem aqui comigo – disse, batendo nos espaços vazios ao meu lado. – *E então começar do princípio...* – cantei.

Os dois pularam na cama, rindo e tapando os ouvidos. Outra piadinha familiar introduzida por Joe. Aparentemente eu não era a melhor das cantoras.

Zach segurava Bubby com uma das mãos e sua tigela de pipoca com a outra. Callie também veio se juntar a nós. Ela enterrou o focinho na tigela de Annie e foi mastigar sua pipoca ao pé da cama. Ninguém se levantou para atender o telefone. Ninguém se levantou para atender a porta. *Shhhh*, eu fiz quando alguém bateu, e as crianças abafaram os risos nos travesseiros. Até Callie colaborou e não latiu: apenas grunhiu e começou a chicotear o colchão com o rabo, inclinando a cabeça e olhando para nós como se dissesse: “E se for... *ele*.”

Com a foto de Joe nos observando sobre a mesinha de cabeceira, vimos filmes, dormimos, depois vimos mais filmes. Pedi uma pizza para o jantar e em seguida coloquei o DVD da *Pequena sereia*. Quase me levantei para trocá-lo assim que lembrei que Ariel salvava o príncipe Eric de um afogamento. Mas resolvi deixá-lo. Ainda que eles ficassem chateados, melhor que isso acontecesse quando estivessem comigo e não com outra pessoa qualquer, como um amiguinho. Ou Paige.

Enquanto a tempestade lançava o príncipe Eric no fundo do mar, passei meus braços em torno das crianças. Novamente fiquei pensando em como teria sido para Joe, se ele havia mesmo batido a cabeça antes de ser tragado pelas águas tal como supunha Frank. Nesse caso, nem sequer teria tido tempo para saber que jamais voltaria a nos ver. Menos mal. Melhor que a última imagem em sua mente tivesse sido a paisagem que ele vinha fotografando, os penhascos da costa contra o azul do céu, e não os filhos chorando em meus braços. Quando Ariel enfim resgatou o príncipe e lhe devolveu a vida com sua linda voz, tanto eu quanto as crianças já estávamos com o rosto encharcado de lágrimas. Deitando a cabeça em meu peito, Annie disse:

– Eu queria que as sereias fossem de verdade...

– Eu também, Banannie. Eu também.

– Se eu fosse o rei Tritão eu tinha mandado TODOS os peixes e TODAS as sereias irem LÁ no fundo e pegar o papai DE VOLTA! – afirmou Zach. – Eu tinha mesmo.

Ele então pousou a cabeça em meu colo. Comecei a fazer cafuné nele e dali a pouco ele irrompeu em choro:

– Eu quero meu PAI! Eu quero meu PAI!

Annie se juntou a ele, repetindo as mesmas palavras aos berros.

Segurei firme, pensando em minha bisavó Just, cruzando o oceano sozinha com as duas filhas pequenas rumo ao desconhecido. Por fim Annie e Zach se acalmaram e foram cedendo ao sono, os soluços se dissipando lentamente, as lágrimas desenhando seu caminho no sal em seus rostos.



## Capítulo 9

Ao fim de uma semana os habitantes de Elbow trocaram o preto do luto pelo vermelho, azul e branco da independência. Não era algo que desrespeitasse Joe – de certa forma, era até uma homenagem a ele. Na verdade, Marcella e Joe Pai haviam sido os primeiros a cumprir com o dever cívico e decorar a varanda com rosetas e faixas do Quatro de Julho, deixando os demais à vontade para fazer o mesmo. O Quatro de Julho está para Elbow assim como o réveillon está para Nova York. E se mantivermos o exagero da comparação, Joe era o showman local e o mercado dos Capozzi, nossa pequena Times Square.

O churrasco na praia era tradição fazia 43 anos, um ritual iniciado pelo vovô Sergio logo depois da guerra, e não era agora que ele seria interrompido. Isso mesmo: o homem que havia sido enviado para um campo de prisioneiros celebrava o Quatro de Julho com todo o entusiasmo. Joe certa vez dissera que aquilo era uma tradição tão arraigada em sua família e na cidade como um todo que nem sequer lhe ocorreria questioná-la.

Lucy nos encontrou na horta. Zach e seus super-heróis conquistavam algum planeta distante com sua espaçonave *Cesto de Tomate*, enquanto Annie fazia Callie de pônei.

Alinhei a coluna e recebi minha amiga com um abraço.

– Seu cabelo está quente – disse ela. – Achei que ia encontrar vocês já fantasiados.

– Sei lá – falei. – É estranho. Nem consigo imaginar essa festa sem ele.

– Eu sei. Mas vocês vão, não vão?

Fiz que sim com a cabeça. Annie disse:

– Acho que a gente devia ir fantasiado, mãe.

– Achei que você não quisesse, Banannie.

– Eu não queria. Mas agora eu quero. E aposto que o Zach também quer.

Zach assentiu com a cabeça, fez seu triplo “Ahã”, depois arremessou Batman para os pepinos. Uma vez que Joe era o mestre de cerimônias, encarregado de puxar as músicas e ler a Declaração de Independência, nós quatro tínhamos o hábito de ir à festa usando roupas de época. Annie e eu íamos de vestidos longos e toucas na cabeça. Zach e Joe colocavam calças com elástico na barra, colete e chapéu preto.

David assumiria o posto de mestre de cerimônias e já havia buscado as roupas de Joe.

– Tudo bem, então – falei.

– Tudo bem, então – repetiu Annie, apeando de Callie. – O show não pode parar! – E nos guiou para dentro de casa para que nos trocássemos.

no ano anterior eu havia ocupado a primeira fila com Annie ao meu lado e Zach a tiracolo, inflada de orgulho e soprando uma corneta de plástico enquanto, na varanda do mercado, meu marido regia a multidão, cantando músicas patrióticas tradicionais. Em dado momento, chegando a um refrão, Joe havia nos puxado até a varanda para que dançássemos com ele, rodopiando sob os vivas do povo e os acordes da banda improvisada. O dia inteiro havia sido uma ode amadora e supercafona ao passado e eu havia amado cada minuto dele. Imaginem só: eu lá, liderando a marcha rumo ao churrasco na praia como se fosse a baliza de uma banda universitária de primeiríssima linha, a felicidade rodopiando até as alturas e voltando obediente para as minhas mãos.

Nenhum de nós poderia ter imaginado que aquele homem tão jovem e simpático que havia cantado tão bem, segurando o chapéu contra o peito diante da loja de seu avô Sergio, logo faria parte do passado que recordávamos. Tampouco que ele havia dançado em frente a seus problemas e dívidas.

Eu agora me misturava às pessoas mais ao fundo, sem ânimo algum, suando sob o vestido pesado e apenas sorrindo para aqueles que vinham me abraçar ou apertar meu braço: não tínhamos mais nada a dizer uns aos outros. Consegui me controlar durante o minuto de silêncio feito em homenagem a Joe e também na música tradicional que havíamos dançado no ano anterior, mas quando David chegou ao verso “das florestas de sequoias até as águas do rio”, que Joe havia inserido em uma canção para condizer com a paisagem de Elbow, as lágrimas rolaram por meu rosto. Lucy me entregou um lenço. Mas aquelas lágrimas não eram apenas de tristeza. Joe havia partido. Mas a terra dele agora era a minha terra também; a cidade dele, minha cidade, e os filhos dele, meus filhos. Eu realmente havia encontrado um lar ao conhecer aquele homem, um lar que ainda era meu.



– estou com medo – disse a Lucy mais tarde.

Sentadas numa pedra, observávamos Annie e Zach construírem um castelo de areia que mais parecia um galpão militar. As pessoas já deixavam a praia para ver os fogos de artifício na beira do rio. Mais adiante, filhotes de águia-pescadora, famintos, guinchavam de seu ninho no topo de uma árvore morta, o mesmo ninho que Joe havia fotografado menos de um mês antes.

– De uma hora para outra comecei a pensar em tudo aquilo que a gente pode perder – continuei.

Ela passou o braço em meus ombros:

– A maioria das pessoas na sua situação não consegue ver muito além daquilo que elas já perderam.

– É verdade. Mas nem todo mundo tem isso – falei, apontando o queixo na direção das crianças. – Nunca me permiti pensar dessa forma antes. Tudo me parece tão ridiculamente frágil...

– Você era meio dondoca mesmo – admitiu Lucy. – Quer dizer, ninguém tem uma vida assim, tão descompromissada.

– Como assim?

Lucy corou, depois disse:

– Não era bem isso que eu queria... Ah, deixa para lá. Excesso de vinho na cabeça, muito sol na moleira... sempre acabo falando bobagem.

Essa doeu. Dondoca, eu? Mas não quis levar o assunto adiante. Talvez Frank tivesse comentado com ela sobre a situação do mercado. Frank às vezes falava mais do que devia, com ou sem vinho e sol. Enquanto

Annie e Zach buscavam água com seus baldinhos, Callie veio correndo na direção deles acompanhada de um border collie.

– Não! – berrei para a dupla canina.

Tarde demais. Eles haviam atropelado o castelo das crianças, arruinando-o por completo.



se elbow ainda era minha cidade, o mercado dos Capozzi ainda era minha loja e as contas agora também eram minhas. Julie Langer, mãe de colegas das crianças na escola, havia insistido em levar Annie e Zach para passar o dia com sua família, portanto naquele sábado eu estava livre para queimar os miolos com as finanças enquanto trabalhava na horta.

Ah, quem me dera aquela horta fosse um reflexo do que se passava nas profundezas da minha alma... Toda aquela riqueza, fertilidade e abundância organizadas em fileiras militarmente desenhadas! Nenhum espaço vazio, nenhum caule murcho. Sem falar naquele irresistível cheiro de vida que vinha da terra molhada.

Larguei o ancinho no chão, peguei o balde e fui para as caçambas de adubo. O adubo era o segredo da nossa horta. E o segredo do nosso adubo era a umidade, que mantínhamos sempre baixa, revirando-o e lhe dando nitrogênio na quantidade certa. Aquela “fornada” estava quase no ponto. Logo poderíamos espalhá-la sobre os canteiros. Remexi a borra de café, as cascas de ovo e os restos de comida, bem como o ingrediente “mágico”: esterco de galinha. Em seguida acrescentei as folhas secas recolhidas durante o outono. As folhas que Joe tinha varrido.

O mercado, o mercado. O que fazer com o mercado? Eu não poderia deixá-lo morrer também. Na festa do Quatro de Julho eu me dera conta de que, além de ser o legado da família, ele era também o coração de Elbow. Ainda que fosse um coração com as artérias seriamente entupidas. Nossa minúscula cidade não podia mais sustentar seu mercadinho local e o Mercado Capozzi não tinha o charme necessário para atrair os *connaisseurs* de vinho ou os *chefs* de fim de semana. Mas as vinícolas à nossa volta não paravam de crescer e os turistas eram cada vez mais numerosos. Joe costumava reclamar que todos em Sebastopol vinham pondo abaixo as macieiras para substituí-las por parreiras de uvas. Por minha vez, tendo morado no sul do estado, eu dizia: “Quer saber? É melhor termos vinícolas do que um shopping center.” Ainda assim ele não via a mudança com bons olhos. Chamava a vizinhança vinícola de “o vale de lágrimas”.

Revirando o adubo, agora preto feito café, perguntei a mim mesma: o que você sabe sobre administração de estabelecimentos comerciais? Absolutamente nada. Eu poderia levar adiante o plano de trabalhar como guia no outono. Só teria de pedir que me contratassem em tempo integral. Eu nem sabia se havia essa possibilidade. Também precisaria contratar uma babá para ficar com Annie e Zach durante a tarde, depois que eles voltassem da escola.

Mas que fim teria o Mercado Capozzi? Viraria uma loja mal-assombrada, infestada de teias de aranha, com sua placa retrô balançando ao vento, a porta de telinha caindo das dobradiças e crianças desafiando umas às outras para ver quem tinha coragem de entrar naquele antro de fantasmas? Se tivéssemos alguma forma de salvá-lo... com a ajuda da família... talvez Gina pudesse continuar ajudando... David e Marcella também poderiam contribuir com algumas horas de trabalho... aí então eu teria mais flexibilidade. Annie

e Zach poderiam ficar lá comigo algumas tardes por semana e fazer os deveres no escritório. Quando estivessem um pouco mais velhos, poderiam ajudar no trabalho, do mesmo modo que Joe e David haviam feito. Acrescentei mais folhas ao adubo. Mas... espere aí, Ella. O mercado estava à beira da falência. Tão murcho e seco quanto as folhas naquele adubo.

Os restos das refeições de Joe também estavam ali, decompondo-se, reencarnando. O último *bagel*, a última casca de banana. Os resquícios do nosso último piquenique juntos. Virei a pá, cheia de adubo. Meu Deus, como ele adorava aqueles piqueniques. Costumava dizer que queria trazer de volta a tradição deles, que aquela região havia surgido no mapa por conta dos piqueniques.

A história não era bem essa, mas tinha lá seu charme, além de certo grau de verdade: os colonizadores haviam aparecido por ali não para estender uma toalha branca à sombra das sequoias, mas para derrubá-las. Mesmo assim, há cerca de um século, os franciscanos começaram a construir casas e choupanas à margem do rio de modo que pudessem nadar e fazer piqueniques durante o verão.

Num dos hotéis da cidade havia uma foto antiga de um grupo de homens e mulheres – elas de saia comprida e blusa de gola alta, eles de chapéu e suspensórios – relaxando sobre uma toalha enorme (ou tentando parecer estarem tão relaxados quanto era possível naqueles cafundós) com cestos de comida à sua volta.

O mercado costumava oferecer produtos italianos... antes que a paranoia da guerra se instalasse. No entanto, passadas tantas décadas, não havia naquelas bandas quem não adorasse tudo o que vinha da Itália: a arte, a comida, o vinho, o estilo de vida. Refeições ao ar livre. Hortas domésticas. Ingredientes frescos. Comida caseira em vez de fast-food. Essas tradições tinham saltado da Itália, cruzado o Atlântico e atravessado um continente inteiro para aportar no condado de Somona. Eu sabia que cedo ou tarde o país inteiro entraria na mesma onda, mas quase todo mundo em Elbow, bem como nas comunidades vizinhas, já havia feito a opção pelos orgânicos e dava preferência aos produtores locais.

Foi então que vi. Vi a loja, a mesma loja, mas diferente: nos novos tempos. Quase podia ouvir o sininho sobre a porta barulhenta badalando sem parar à medida que a clientela entrava e saía com os braços apinhados de sacolas e cestos, o sininho cada vez mais insistente, como o carrilhão de uma igreja abençoada, anunciando uma ressurreição, uma nova vida.

– Será? – gritei.

Talvez ali estivesse a resposta. Baixei a tampa da caçamba, retirei as luvas e corri para a casa. A ideia era maluca. Mas... quem sabe? Eu precisava falar com David. Falar com Lucy. Provavelmente precisava falar com um psiquiatra também.

## Capítulo 10

— “A Vida É Um Piquenique”? Não é meio irônico, diante das circunstâncias?

Na bancada da cozinha, Lucy servia para mim e para David um *pinot noir* suave de sua vinícola em Sebastopol. O rótulo agora exibia um terrier escocês preto abocanhando um frisbee vermelho contra um fundo branco. Um charme. As vinícolas vinham ficando cada vez mais criativas, por que os mercados não podiam ficar também?

— A história de pegar o limão que a vida lhe deu e fazer uma limonada? — arriscou David.

— Exatamente — falei. — Só que, além da limonada, a gente vai ter sanduíches, saladas, patês... tudo feito com ingredientes orgânicos e, claro, cestos de piquenique maravilhosos, mapas, toalhas...

Meu entusiasmo era tanto que um desavisado poderia me confundir com uma locutora de rádio, mas eu precisava convencer ambos de que a ideia podia dar certo. E precisava de David para pô-la *em prática*.

Lucy e David eram meus melhores amigos. Muito antes de eu os conhecer, eles haviam tentado dormir juntos. Estavam no colegial e David ainda queria se convencer de que era hétero. Segundo ele mesmo me contou, naquela noite todas as suas dúvidas se dissiparam: se Lucy, com aqueles cílios negros enormes, aquela pele de pêssgo e aqueles peitinhos lindos, não era capaz de excitá-lo, nenhuma mulher seria. Lucy, por sua vez, dizia que pretendia continuar solteira até que George Clooney a pedisse em casamento.

Ela foi para o sofá e disse:

— Antes que eu me esqueça, vocês dois têm de ir lá, visitar a vinícola de novo. Fica linda nesta época do ano. Mas e aí, Ella, do que mesmo você estava falando? Limão?

David rodopiou o *pinot noir* em sua taça e o ergueu contra a luz, dizendo:

— Encorpado, vibrante... Amoras-pretas e ruibarbo num fim de boca elegante e demorado. A baunilha e as especiarias dão uma complexidade interessante. Muito bom, Lucy. Muito bom.

— Santo Deus! — falei. Às vezes meu cunhado podia ser um adorável esnobe.

— Prefiro que me chamem só de David mesmo — brincou ele, estendendo os dedos e examinando as unhas. — Até posso imaginar: piqueniques nos pomares, nos vinhedos, nos bosques de sequoias, junto do rio, na praia... Temos tudo por aqui. A gente se associa a outros negócios, traz turistas de fim de semana para se hospedarem no Elbow Inn, experimentarem um jantar em família no Pascal's ou no Scalini's, fazerem um piquenique incrível na paisagem que escolherem. Um programa bem mais completo do que uma simples degustação de vinhos. Mas... sei lá, El. O projeto é bom, só que não deve sair barato.

Eu os havia convocado e despejado neles minhas ideias sobre a transformação do Mercado Capozzi numa loja voltada sobretudo aos turistas, um lugar onde eles pudessem encontrar tudo de que precisassem para fazer um piquenique inesquecível, coisas que as grandes redes não vendem: produtos orgânicos e artesanais produzidos ali mesmo na região. Haveria uma forte pegada italiana, mas não só isso: eu

também pensava na cozinha californiana, nas influências tailandesas. Teríamos uma variedade de azeitonas, bem co-mo alguns dos sanduíches e saladas de Marcella, desde as mais sofisticadas, como a de minibeterrabas com raspas de laranja e folhas de dente-de-leão, até as mais simples, como a de batata, ambas perfeitas para um piquenique. O pão viria da padaria de Freestone, claro. Teríamos uma seleção de vinhos para ninguém botar defeito e, nos fins de semana, degustação, patrocinada por uma das vinícolas locais. A de Lucy seria a primeira. Minha esperança era que David se interessasse em assumir o posto de *chef* em tempo integral. Também teríamos mapas detalhados e lindamente ilustrados dos melhores locais para se fazer piquenique. Minha ideia era convencer Clem Silver, um artista local que era um pintor e ilustrador de renome em todo o país – e praticamente um ermitão –, a desenhar esses mapas. Não seria fácil, mas eu estava disposta a tentar.

Isso mesmo, a loja se chamaria “A Vida É Um Piquenique”, talvez uma forma irônica de mandar o destino às favas. Às favas com a viuvez. Às favas com as apólices de seguro. Às favas com as notas promissórias vencidas. Eu encontraria um jeito de sair daquele buraco. Além disso, seria perigoso me comprometer com um emprego fixo com a tal Paige nos rondando. Eu precisava poder trabalhar com as crianças por perto. Salvar aquele mercado havia se tornado uma necessidade para mim, e sob muitos aspectos eu não conseguia explicar a mim mesma o motivo, que dirá para Lucy e David.

David olhava para sua taça vazia. Eu já ia buscando a garrafa para servi-lo novamente quando ele disse:

– Entendi. Sofisticação artesanal. Essa região já é famosa por isso. Bons vinhos. Toalhas de piquenique de cânhamo. Caviar e brotos de alfafa. Mas... sei lá. Não sou muito chegado a pobreza. Será que esse seu projeto vai dar... grana? – perguntou. – Ui!

Olhando na mesma direção que ele, vi um rato correndo sobre a balaustrada da varanda. Em plena luz do dia.

– Você está precisando de um gatinho.

– David, não estou precisando de um gato. É só um rato.

– Meu amor, eles se multiplicam. – David agora me encarava, mas não falei nada. Após um suspiro, ele prosseguiu: – Este lamentável fato da natureza nada acrescenta ao nosso colóquio, mas não deixa de ser oportuno: precisamos falar de números.

Tanto David quanto Lucy eram ótimos com números. Lucy acabara de comprar um vinhedo e uma pequena vinícola. David havia trabalhado no setor de mídia de uma agência de publicidade em São Francisco. Mas Gil tinha vendido sua empresa pontocom, estava felicíssimo com a aposentadoria e agora era voluntário num abrigo para animais abandonados. Eles haviam comprado uma bela casa à beira do rio. Não tardou para que David se cansasse da viagem de duas horas que era obrigado a fazer para ir e vir do trabalho, então se demitira e agora estava à procura de algo mais próximo, muito embora as agências de publicidade não fossem lá o forte da região.

Todos concordavam que ele precisava se ocupar com alguma coisa. Na Páscoa, Gil havia me puxado de lado para dizer: “Ganhei uns cinco quilos só este mês. Ele tem preparado três banquetes por dia, com sobremesa e tudo. Todo santo dia! Até no *café da manhã* a gente tem sobremesa. Esse homem está precisando trabalhar.” Pois agora eu tinha um ótimo trabalho para esse homem. Bastava convencê-lo de que a ideia era boa.

Sorrindo e tentando aparentar confiança, falei:

– É *claro* que vai dar grana! Você tem os contatos todos. Pode divulgar a loja em todos os jornais e revistas especializados da Costa Oeste.

Ele assentiu. Novamente rodopiou o vinho, depois disse:

– Você sabe como era o Joe, um purista com relação àquele mercado. Detestava tudo o que fosse “turistoso”.

– Eu sei. Mas esse purismo dele ia acabar deixando a gente na mais completa miséria.

– Ela tem razão – interveio Lucy.

– Além disso, David, nosso mercado não vai ter nada de cafona. Pelo contrário, vai ser um lugar bacana, chique. Mas não metido a besta. Com refeições feitas com produtos locais. Não muito diferente do que era lá atrás, nos tempos do vovô Sergio. Tenho certeza de que Joe iria aprovar.

Lucy ficou de pé.

– Infelizmente raspei minhas economias para comprar aquela vinícola. Porque sua ideia é muito boa. Vou ajudar no que puder, desde que não envolva grana.

Ela se aproximou e me deu um abraço.

– Sei lá... – fez David, dando um último gole no vinho.

– Ah, David, deixe de onda! – brinquei. – Não era você que queria tanto herdar esse mercado quando criança? Você e o Joe não viviam brigando por causa disso? Lembra da mesa? A do seu avô, lá no escritório?

David ficou tão vermelho quanto as romãs que eu havia servido numa tigelinha.

– Mas nessa época eu tinha o quê, uns 5 anos? Abandonei essa obsessão logo depois de abandonar as cuecas de Ursinho Puff, que Joe chamava de Ursinho Pum – falou, pondo-se de pé. – Olha, vou pensar no assunto. Também vou precisar dar uma olhada em todos os dados financeiros do mercado. Preto no branco.

“Não tem preto nem branco. Só vermelho”, foi o que pensei, mas não falei.



durante o resto da semana, enquanto enviava 14 cheques magrinhos acompanhados de um bilhete prometendo pagar mais assim que possível, fiquei pensando numa maneira de convencer David de que a loja de piquenique era uma boa ideia. Tudo bem, uma ideia meio “turistosa” aos olhos de Joe, mas volta e meia ele próprio falava em recuperar o charme do mercado do vovô Sergio. Além disso, Joe certamente gostaria desse meu tributo aos nossos piqueniques.

Eu precisava convencer David de que aquela seria nossa forma de prestar homenagem à história dos Capozzi, manter o mercado aberto e ainda fazê-lo dar lucro. Eu precisava de David. Eu podia ser uma cozinheira de mão cheia para a minha família, mas com David as coisas alcançariam um patamar superior – e, claro, eu ainda tinha muito a aprender sobre o lado financeiro de um negócio. Estava desesperada e ainda não tinha sequer falado com ninguém sobre o problema do seguro de vida.

Definitivamente, eu precisava da ajuda dos Capozzi. E isso implicava contar a todos sobre o buraco em que o mercado se encontrava. Eu sabia que já deveria ter aberto o jogo com eles, mas isso me parecia uma traição. Eu precisava falar com Joe.

Certa noite peguei o telefone e disquei o número do mercado. Já havia feito isso antes, muitas vezes, apenas para ouvi-lo dizer: “Obrigado por ter ligado para o Mercado Capozzi. Estamos ocupados no momento. Por favor, deixe seu recado e retornaremos assim que possível.”

Mas dessa vez foi diferente. Eu realmente liguei para *falar* com ele. Por um instante alguma parte de mim (pelo menos o braço e os dedos) se esqueceu de que Joe estava morto e discou o número dele para que eu pudesse dizer: “Amor, o que eu faço? Vem para casa, vem jantar... Fiz aquela sopa de lentilha... A gente pode conversar e encontrar uma saída. Ah, e traz pó de café também.”

Tão logo me deparei com a voz dele na secretária eletrônica, fui sugada de volta ao presente. Desliguei o telefone, depois o levei de volta ao ouvido. O sinal de discagem, monótono e sem vida, atravessou meu tímpano, minha cabeça, minha garganta, meu coração. Mudar a loja implicaria mudar a mensagem na secretária eletrônica, algo que eu ainda não havia encontrado forças para fazer.



na semana seguinte, David e eu fomos visitar o vinhedo de Lucy. Acompanhados por ela, agora caminhávamos na encosta da colina, entre parreiras que mais pareciam braços abertos a nos receber sob o sol ameno da tarde. Lucy tinha verdadeira paixão por aquele pedaço de terra e gostava de mostrar, a quem quisesse ver, todas as suas fases. Estava usando botas de trabalho e um chapéu de abas largas, gentilmente tocando as frutas e os galhos enquanto falava.

– As uvas estão começando a mudar de verde para roxo. Se olharem bem, vocês vão ver que cada uma delas tem uma intensidade de cor diferente. São lindas, não são?

Ela então nos contou que naquele momento as frutas paravam de crescer e começavam a amadurecer. Aquela também era a época do cultivo em que era preciso desfolhar os arbustos a fim de controlar a quantidade de sombra.

– Quanto mais sol estas lindinhas tomarem, mais secas e mais saborosas vão ficar. Lá pelo outono já vão estar gordinhas e prontas para a maceração.

Em seguida nos explicou sobre uma palavra que era motivo de debate entre vinicultores e enólogos:

– *Terroir* é aquela sensação de lugar que você tem quando bebe de um vinho – falou, estendendo os braços como se fosse dar uma bênção, e prosseguiu: – Esta colina, por exemplo. Ela tem toda uma história. Um clima. Tem até um ângulo específico em que o sol incide sobre ela. Sem falar na geologia, nas camadas e mais camadas de rocha e lava que foram se acumulando durante os milhões de séculos. Tudo isso contribui para que o solo de hoje seja o que ele é, com sua composição própria, seu equilíbrio químico.

– Também tenho um desses – disse David. – Opa, espere aí. O meu é *desequilíbrio* químico. Desculpe, continue.

Lucy revirou os olhos.

– Como eu ia dizendo... o *terroir* é a expressão da terra de onde vieram as uvas. Mas há quem diga que *terroir* tem a ver com a viticultura, a influência do viticultor sobre as uvas: o modo como as parreiras são podadas, o tipo de barril usado, o processo de produção do vinho como um todo. E outros afirmam que *terroir* é tudo isso junto: desde o que foi acontecendo com a terra ao longo dos séculos até o momento em que a garrafa é aberta.



– Vocês vão achar estranho – falei. – Mas sempre achei que Annie e Zach têm... sei lá, um cheirinho daqui. De Elbow. Não posso ver os dois que logo tenho vontade de dar uma fungada neles. Deve ser o tal do *terroir*.

– *Terroir* de gente? – disse Lucy. – Agora a polêmica vai ser ainda maior. Mas, vai, continua.

– É que... Dá para sentir o cheiro desta terra, deste lugar, no cabelo deles, no cangote, nas pontas dos dedos... Esse perfume delicioso que é uma mistura de terra molhada com fumaça de lenha, de carvalho com sequoia, de alecrim com lavanda... Às vezes também rola um alho, quando eles voltam da casa da Marcella. Sei lá. É difícil explicar.

– Nada que um bom banho não resolva – brincou David, dando tapinhas nas minhas costas.

– Ha, ha, ha, engraçadinho...

– Não, eu entendo o que você está dizendo. Vou até mais longe. Sabe, andei pensando naquela sua ideia sobre o mercado.

– E...?

– Faz anos que o vovô morreu, mas ainda posso sentir o cheiro dele assim que entro na loja. É um cheirinho muito discreto, mas que está sempre lá. Sobretudo no escritório. A fumaça do cachimbo que ele fumava, com tabaco de cereja. Misturado com o Old Spice do papai.

– Nada que uma janela aberta não resolva – devolveu Lucy.

– *Touché* – fez David, balançando a cabeça. – Mas não, isso não mudaria nada. O cheiro vai estar sempre lá. Mesmo que a gente faça uma bela reforma e transforme aquele lugar numa loja bem diferente. Aquilo lá vai ser sempre o Mercado Capozzi. A gente ainda vai sentir a *história* da família ao entrar. Talvez até mais se fizermos esse retorno à “pátria-mãe”, como vovô costumava se referir à Itália. Isso é que é importante. Se não tentarmos essa ideia da Ella, provavelmente vamos ter de abrir mão do mercado e perder tudo aquilo que vovô, meu pai e meu irmão suaram tanto para construir.

Preferi não dizer nada. Parecia que estávamos os três sob o mesmo encanto naquela encosta de sulcos perfeitamente simétricos, cercados daquelas parreiras antigas e retorcidas e de suas uvas tão jovens.

– Mudar pode ser bom – prosseguiu David. – Sabe, eu sempre dizia ao Joe que parasse de brigar com essa história do turismo. Que *comemorasse* o turismo! Mas eu era apenas o caçula da família, alguém que jamais estaria à frente dos negócios. Vovô deixou isso bem claro. Ella, ainda quero ver aqueles números. Mas acho que a sua ideia pode ser boa. Depois você me diz o que espera de mim. Acho que quero um lugar nesse seu piquenique.

Abracei os dois e dei um grito de vitória. Ainda abraçados, fomos descendo a encosta para comemorar na pequena adega encravada nas rochas, muito embora ainda tivéssemos os tais números pela frente.

Lucy nos serviu vinho. Brindamos ao *terroir*, à loja A Vida É Um Piquenique. Contei a eles sobre meu problema com a apólice de seguro. Também contei sobre a situação terrível em que o mercado se encontrava. E eles me ouviram como se nem respirassem, como se a vida de ambos dependesse disso. Lucy serviu mais vinho. David tamborilava os dedos sobre a mesa e fazia um *tic-tic-tic* constante com a língua, hábito que demonstrava que ele estava tentando analisar alguma coisa. Geralmente eu notava esse *tic-tic-tic* de David apenas quando falávamos ao telefone, mas agora não se ouvia nada além dele ao nosso redor. Por fim ele disse:

– Pode deixar que eu dou um jeito de contar ao pessoal... sobre o mercado e o seguro de vida. Até

entendo por que Joe não abriu o jogo com papai – comentou, parecendo distante. – Porque meu irmão sempre queria que os dois, tanto papai quanto vovô, sentissem orgulho dele. Eu também era assim. Apesar de estar muito longe do ideal do macho italiano. Até hoje papai precisa dessas coisas: orgulho da loja, orgulho do pai, orgulho de nós... – foi falando, mas nessa altura ficou com os olhos marejados e se levantou para concluir: –... dos seus dois filhos.

# Capítulo 11

Na manhã seguinte, eu estava lavando a louça quando senti um puxão em minha calça jeans. Baixando os olhos, deparei-me com Zach, que me encarava enquanto chupava o polegar e segurava Bubby, esfregando a seda azul das orelhas do coelhinho contra o próprio rosto.

– Que foi, meu amor?

Então ele começou a bater o coelho nas gavetas da cozinha. Fechei a torneira e me ajoelhei:

– Que foi, meu Zach-ossauro?

Ele suspirou, depois disse:

– Quando é que o papai vai vir para casa?

– Ah, meu amor... – sussurrei, apertando-o num abraço. – O papai morreu, lembra? O papai não vai vir mais para casa.

– Eu sei. Mas quando é que ele vai *voltar*?

– Ele não vai voltar.

– Nem quando eu for gente grande?

– Não. Nem quando você for gente grande.

– Aquela mulher que é a mamãe voltou.

– Sim, voltou. Mas ela não morreu. Ela mora em outro lugar e veio visitar, só isso. Você entende a diferença?

Ele fez que sim com a cabeça e suspirou novamente.

– Posso comer uma barra de cereal? Uma só pra mim?

– Claro que pode. Mas você entendeu sobre o papai, não entendeu?

– Ahã. Ahã. Ahã. Ahã. Ahã – ele foi dizendo, sacudindo Bubby numa dança maluca. – E leite também!

*Por favoooooor.*

A cantilena do “Ahã”, que começara logo após a morte de Joe e vinha se repetindo com frequência cada vez maior, parecia ser a forma que Zach encontrara para dizer que não estava mais para conversa, pelo menos por ora. Ele tinha apenas 3 anos, não entendia direito o que estava acontecendo. Caramba, eu tinha 35 e às vezes também não entendia. Mas queria saber como ajudá-lo.



mais tarde naquele mesmo dia, Paige ligou e disse algo que me deixou chocada: como se erguesse enormes placas de trânsito em meio à neblina, finalmente deixou claro para onde estávamos indo caso prosseguíssemos naquela estrada. Ela ligaria com frequência para falar com Annie. Eu já havia cogitado discutir com ela, mas as palavras simplesmente não me vinham à boca – era como se houvesse uma

barreira física, algo travando minha garganta, repelindo as perguntas que poderiam destruir nosso mundo. Mas nessa última ligação, respirei fundo e tirei a fórceps algumas palavras, perguntando a ela quais eram suas intenções. Falei como um pai rabugento interpelando o namoradinho da filha, o que não havia sido minha intenção, mas apenas o resultado da minha ansiedade.

– Minhas intenções? – perguntou Paige. – Como assim? Sou a mãe de Annie e gostaria de falar com a minha filha.

Novamente respirei fundo.

– Sim, eu sei que você é a mãe biológica dela. Mas você ficou longe muito tempo, Paige, e fico preocupada com a Annie, com medo de que ela se machuque.

– É mesmo? Já que você se preocupa tanto, talvez devesse tomar mais cuidado quando estiver dirigindo com ela no carro. Para não correr o risco de quase provocar um acidente e depois gritar palavrões com os meus filhos.

Abri a boca. Nenhuma palavra veio à tona, mas meu coração batia tão alto que provavelmente podia ser ouvido do outro lado da linha, ecoando nas paredes da garganta.

– Por favor, chame a minha filha – prosseguiu Paige. – Ou será que vou ter de providenciar uma ordem judicial?

Uma ordem judicial? Por acaso ela disse “ordem judicial”?

– Paige, eu só... Deixa pra lá. Vou chamar a Annie.



que diabos ela queria? Que *diabos* aquela mulher queria? Até certo ponto eu entendia que uma reaproximação pudesse fazer bem a Annie. Mas ao mesmo tempo ficava aterrorizada ao pensar nas consequências que isso poderia trazer para mim, Annie e Zach. E se, depois que eles já estivessem mais ligados a ela, a mulher resolvesse sumir no mundo outra vez?

Ainda assim ela era a mãe de Annie e Zach (pelo menos a mãe biológica) e se a proximidade dela fizesse as crianças se sentirem mais seguras neste mundo, se ela se compromettesse a não sumir de novo, isso seria bem mais importante do que qualquer sentimento de posse ou territorialidade que eu pudesse ter. De qualquer modo, isso era o que eu repetia para mim mesma, como se agora estivesse difícil respirar fundo, o que vinha acontecendo com frequência cada vez maior. Sobretudo nas madrugadas, lá pelas duas horas. *Inspire...*

Paige. As crianças. As contas. A loja. O amanhã. O dia seguinte. *Expire...*

– Mãe – chamou Annie às minhas costas. – Por que você está respirando assim, fazendo esse barulho?

Virei-me para ela. Annie tinha apenas 6 anos, mas havia amadurecido muito naqueles últimos meses. Por necessidade. Eu não queria perguntar, mas as palavras saltaram boca a fora antes mesmo que eu pudesse fechá-la.

– Banannie, você contou à sua mamãe sobre o nosso passeio no parque?

Ela fez que sim com a cabeça, diversas vezes, vigorosamente, o rabo de cavalo pulando a cada gesto.

– O que foi que você disse?

– Eu falei sobre os brinquedos, que a gente se divertiu muito, menos na roda-gigante, porque a gente ficou presa um tempão lá em cima – contou. Então riu, mas de um modo nervoso. – Lembra disso?

– Lembro.

Ela enterrou as mãos nos bolsos.

– Que foi, mãe?

– Por acaso você contou também que... a gente quase sofreu um acidente?

De novo os meneios da cabeça.

– Puxa, lembra o barulhão dos pneus?

– Lembro.

– Você está estranha...

– Annie, você contou que eu gritei com vocês?

Aí ela começou a choramingar. Fez que sim com a cabeça, mas agora num gesto lento, o queixo fincado ao peito.

– Não chore, meu amor. Não estou brava com você. Eu só queria saber.

– Ela ficou me perguntando! Fez um monte de perguntas! Você e o papai sempre disseram para a gente falar a verdade. *Sempre*. Eu falei. Você disse aquele palavão que começa com M, aquele que o vovô sempre fala e a vovó fica brava com ele, lembra?

Não pude deixar de rir, apesar de todos os meus receios.

– Eu até lembro, mas queria *muito* esquecer. Meio que fiquei rezando para que vocês tivessem apagado aquilo da mente.

– Não. Lembro direitinho. Você sabe, né? – falou, batendo o indicador contra a própria testa. – Memória de elefante. Você disse: “Que *merda!* Assim eu não consigo dirigir!” Depois bateu no volante do carro, bem forte, e mandou a gente calar a boca. Mãe, será que eu fiz alguma besteira?

– Não, meu anjo, você não fez nada de errado. Eu é que fiz.

E Paige também, pensei com meus botões. Interrogar a menina daquele jeito... Que vergonha! Por outro lado, eu acabara de fazer exatamente o mesmo que ela. Que vergonha!

## Capítulo 12

A pesar do susto de Paige, toquei meu barco adiante. Convocamos uma reunião familiar. David já havia colocado Joe Pai e Marcella a par da situação do mercado, bem como dos planos que eu tinha em mente para tirá-lo do buraco. Joe Pai foi direto ao ponto:

– Ella, preste bem atenção no que vou dizer. Esta família já passou por outras tempestades. Logo depois que *papa* abriu o Mercado Capozzi, tivemos de ir embora, por motivos de força maior. Mas as pessoas desta cidade, elas se uniram para ajudar minha *mama*, para ajudar a loja também, e nossa família sobreviveu. Este mercado é o legado do meu pai, da nossa família. E um dia vai ser de Annie e Zach.

Ele me segurou pelos ombros, olhou fundo nos meus olhos:

– Marcella e eu vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudar a salvá-lo. Temos algum dinheiro guardado. Vamos ajudar você com a reforma. É para os nossos netos. Que tipo de avós seríamos se ficássemos de braços cruzados numa situação dessas?

Ah, se Joe imaginasse que o pai reagiria assim...

Uma coisa que Joe e eu havíamos feito direito era nosso testamento. Pusemos tudo por escrito logo depois de nos casarmos. Ele havia deixado a loja para mim desde que eu assumisse a criação de Annie e Zach caso algo viesse a lhe acontecer. E agora eu estava disposta a investir nela boa parte dos rendimentos do seguro, bem como a vender quotas do negócio a Marcella, Joe Pai e David. Em troca, eles injetariam dinheiro na reforma e na instalação de uma cozinha industrial. Teríamos de apertar os cintos durante um tempo, os lucros seriam modestos, mas estávamos dispostos a encarar aquilo como um investimento.

Além disso, o consenso era de que *todos nós* estávamos precisando de um bom projeto de vida e que levaríamos esse projeto adiante para homenagear a memória de Joe. David tomou a mãe pelo braço e disse:

– Para mim será uma honra assumir a cozinha, mas só se mamãe me ajudar.

Marcella abriu um sorriso radiante. O primeiro desde que perdera o filho.



eu queria que annie e Zach fossem incluídos em nossos planos. Assim, alguns dias após nossa reunião familiar, levei-os para fazer um piquenique.

Quando vivo, Joe era sempre o autor dos nossos programas, era ele quem chegava em casa dizendo “vamos sair” e dali a pouco éramos surpreendidos com alguma coisa. Ele adorava fazer surpresas para a família e, por vezes, apenas para mim. Deixava as crianças com os avós e me sequestrava para um hotelzinho em Mendocino ou para acampar em algum lugar. Eu nunca suspeitava de nada. E as surpresas

sempre se desdobravam à maneira de um caleidoscópio, com uma novidade a cada esquina. Um passeio levava à visita de uma pousada, que levava a um jantar, que levava a um pernoite, que levava a um fim de semana fora, tudo isso com direito a malas previamente arrumadas e piqueniques pensados de antemão, com livros e garrafas térmicas de chá. Além disso, essas viagens nunca saíam caro: ou ele conhecia os proprietários das pousadas ou Joe Pai os conhecia ou eles tinham algum relacionamento que sempre resultava em descontos significativos e uma sobremesa de cortesia. Nas poucas vezes em que tentei surpreendê-lo, inadvertidamente acabei deixando alguma pista: um número de telefone anotado na cozinha, um recado qualquer na secretária eletrônica. Joe não deixava rastro algum. Certa vez brinquei com ele: “Você é esperto demais pro meu gosto. É bom que nem pense em pular a cerca.”

Soltei Zach da cadeirinha ainda pensando na meticulosidade de Joe ao preparar suas surpresas, em como eu admirava isso, na dose de romance que acrescentavam àquela relação que tínhamos de dividir com duas crianças pequenas. Os jantares que surgiam do nada. O tempo só para nós dois. Saber que ele se preocupava em planejar algo para me surpreender.

Quanto a mim... desatenta demais para surpreender quem quer que fosse, desatenta a ponto de achar que tudo estava bem mesmo quando não estava. Agora era minha responsabilidade planejar os passeios e dar solução aos problemas que deixara passar despercebidos.

Callie foi nos conduzindo pela trilha de Quilted Woods, um lugar sagrado para mim e Joe e que eu pretendia deixar fora dos mapas que faríamos para a loja. Tratava-se de uma propriedade particular, mas os donos não se importavam que os habitantes locais usufríssem dela. Tinham até construído ali uma pequena plataforma de madeira para que os artistas pudessem se apresentar ou as pessoas se casassem à sombra das sequoias.

Sempre adorei o padrão circular dos bosques de sequoias, que se multiplicam através das sementes que caem no chão e acabam formando novas árvores, que por sua vez se nutrem da árvore-mãe. Permanecem ligadas à raiz dela mesmo depois que o tronco caiu ou foi cortado, por séculos, milênios até. No entanto, se tentássemos plantar a mesma semente em outro lugar, longe da árvore-mãe, o mais provável é que ela murchasse até morrer.

As crianças correram para o palquinho enquanto eu estendia nossa toalha numa clareira. As sequoias cobriam uma floresta de abetos, cicutas e carvalhos. Os musgos atapetavam as pedras e troncos caídos e uma rica variedade de plantas (samambaias, dicentras, três-corações e alpíneas, para citar apenas algumas) se esparramava entre eles. Certa vez, já com um pouco de vinho na cabeça e sabendo que estávamos sozinhos, Joe e eu havíamos feito amor bem ali, naquele mesmo lugar. Eu estava vestindo uma saia comprida, que não precisei tirar ao me sentar sobre ele. Joe havia desabotoado minha blusa e agora eu relembraava os carinhos do sol e das mãos dele sobre meus mamilos, as estocadas lentas e firmes entre minhas pernas. Então senti uma comichão que ainda não havia sentido desde a morte dele.

Um pássaro, um maçarico de peito branco com duas faixas pretas que lembravam colares, havia notado minha presença e fingia estar com a asa quebrada. Arrastando-a no chão, dava uns passinhos miúdos, parava um instante, depois seguia em frente. Era uma fêmea. E que atriz! Decerto tinha filhotes por perto e por isso tentava me distrair. Quem dera as coisas fossem assim tão simples com Paige. Bastaria eu fingir que havia quebrado o braço para que ela, de algum modo, se esquecesse por completo das crianças.

As crianças.

Fiquei de pé com um salto. Annie e Zach haviam sumido de vista. Olhei na direção da ponte, de onde eles gostavam de arremessar gravetos para vê-los flutuar correnteza abaixo. Também não estavam lá. E onde estaria Callie? Chamei por eles, mas ninguém respondeu. O riacho não era profundo o bastante para que eles se afogassem. Ou era? Saí correndo desorientada, berrando o nome deles. Callie sequer respondeu com um latido. Quanto tempo eu havia levado imersa em pensamentos sobre Joe e observando pássaros?

Encontrei-os bem depois da ponte. Annie e Zach estavam atirando amoras-pretas para o alto, dando gargalhadas e berrando “Pega aí! Pega aí!”.

– Mas o que é que vocês estão fazendo? – perguntei.

Meu medo e a bronca que eu provavelmente lhes daria tinham esmaecido. Além disso, não queria que Annie percebesse que eu os havia perdido de vista e depois contasse isso a Paige. Mas que diabos eles estavam fazendo ali? Até mesmo Callie os observava com curiosidade, a cabeça inclinada para o lado.

Volta e meia eles buscavam mais amoras nos arbustos, sem dar importância aos espinhos, ao sumo da fruta misturando-se ao sangue dos pequenos arranhões que surgiam nos bracinhos de ambos. Ainda rindo, Annie disse:

– Você não entendeu? A gente está mandando amoras pro papai!

– Lá pro céu! – emendou Zach. – E um dia eu vou lá pro céu também, visitar o papai! Montado no trenzinho Thomas!

– Na verdade – disse Annie, virando seu sorriso para mim. – A gente está mandando *Rubus fruticosus* pra ele.

Esse era um dos primeiros nomes em latim que eu havia aprendido com meu pai. E que Annie havia aprendido comigo. Como eu, ela tinha uma memória excelente para isso.



mais tarde, durante o almoço, contei a eles sobre nossa ideia de transformar o mercado num lugar onde as pessoas poderiam comprar comidas deliciosas, cestos de piquenique e jogos. Lembrei a ambos que o Mercado Capozzi havia sido construído pelo avô do pai deles, que sempre estivera nas mãos da família e que agora era nosso – e do tio David, da vovó e do vovô. Falei ainda que sempre pensaríamos em Joe quando estivéssemos por lá. E que eles também teriam um papel importante a cumprir, porque eu iria precisar da ajuda de ambos agora e um dia, quando eles fossem grandes, o mercado passaria às mãos deles, se eles quisessem.

– Papai adorava fazer piquenique – disse Annie.

– É verdade.

– Papai era o REI DOS PIQUENIQUES! – disse Zach, e se levantou de um pulo.

Tive de ser rápida: por pouco ele não derrubou os copos sobre o nosso almoço.

– Era mesmo – falei.

– Mãe – continuou ele. – Também quero ser rei dos piqueniques. Posso pegar essa toalha para ser minha capa?

– Não, amiguinho. Pode não.



- Porque as nossas coisas estão em cima dela?
- Exatamente por isso. Você é um rei muito esperto.
- Mesmo sem capa?
- Mesmo sem capa.



a transformação do mercado Capozzi começou logo. A família inteira apareceu para ajudar: tios, tias e primos. No fim de semana seguinte, quase todos os habitantes de Elbow vieram também. Eu arrastava caixas de enlatados e esvaziava prateleiras até minhas pernas e costas começarem a latejar e na manhã seguinte pulava da cama e começava tudo de novo.

Nos fundos da loja, com a ajuda de uma equipe, Frank estava construindo uma espécie de estufa para os meses de inverno, quando a chuva e o frio afugentariam até o mais fanático dos “piqueniqueiros”. A certa altura, ele veio me dizer que não via a hora de poder tomar seu café ali, junto ao fogo, de manhã. Por algum tempo ficamos apenas nos entreolhando, os olhos dele refletindo a saudade que sentia do amigo. Não nos víamos muito desde a morte de Joe. Frank havia nos visitado algumas vezes, mas tinha sido estranho e triste: nós dois mergulhados no espaço vazio deixado por Joe e incapazes de ajudar o outro a preenchê-lo.

Até mesmo Lizzie apareceu para dar uma força, trazendo um isopor repleto de tira-gostos e bebidas geladas. Cumprimentou-me com a cabeça, mas falou apenas com David, depois foi embora, acenando e abraçando as pessoas. Fiquei me perguntando se ela havia falado com Paige, se haviam zombado da minha “Quais são as suas intenções?”.

Mas Paige tinha ligado para Annie apenas algumas vezes desde nossa desastrosa conversa e minha esperança era a de que aos poucos ela estivesse tirando seu time de campo. Pelo menos era disso que eu tentava me convencer.



de início nos sentimos mal por colocar abaixo o mercado de Joe e por isso trabalhamos com certa hesitação, sem muito o que dizer uns aos outros. Eu me perguntava por que não tínhamos feito isso muito tempo antes, juntos. Por que Joe tinha morrido antes que pudéssemos consertar as coisas? Mas o clima ficou um pouco mais leve quando comecei a sentir que ele estava torcendo por nós. Eu podia imaginar o que se passava na cabeça dele ao ver seu mercado caminhando a passos largos rumo à ruína: a sensação de fracasso que isso representava para ele. Fosse lá onde ele estivesse agora, talvez se sentisse aliviado ao acompanhar nosso trabalho. Talvez até orgulhoso.

Eu estava retirando as fotografias da família Capozzi quando Joe Pai se aproximou e disse:

- Onde você vai colocá-las?
- Ainda não sei. Mas, com certeza, em um lugar de destaque. Onde você acha que poderia ser?

Ele então tirou uma das fotos das minhas mãos. Era uma antiga, em preto e branco, no canto da qual alguém havia escrito à caneta: “Mercado Capozzi, 1942.” Nela, a mãe de Joe Pai, Rosemary, aparecia com dois garotos diante da loja.

- Qual deles é você? – perguntei.

Ele apontou para o mais novo, um garoto de 7 ou 8 anos, com o rosto sujo e um boné torto na cabeça. O outro parecia um adolescente.

– Eu não sabia que você tinha um irmão mais velho.

– Ele morreu na Guerra. Lutando por este país.

– Sinto muito. Não deve ter sido fácil – falei, e ele assentiu, ainda com os olhos cravados na fotografia.

– E o vovô Sergio, por que não está na foto? Foi ele quem a tirou?

Joe Pai balançou a cabeça:

– Não. Ele deu o filho para lutar contra a Itália, mas ainda não tinha a cidadania, então...

Ergui outra fotografia, também datada de 1942.

– Ele também não está nesta aqui.

– Não, minha querida. Papai não estava por perto quando estas fotos foram tiradas... Como eu já lhe disse antes, ele teve de se ausentar por um tempo...

Aquelas fotos haviam sido tiradas enquanto Sergio era prisioneiro de guerra. Eu sabia disso, mas não quis tocar no assunto. Joe Pai por fim devolveu a foto e se afastou sem dizer mais nada. Para mim não era difícil compreendê-lo. Eu havia crescido numa família que jamais falava de certas coisas, já estava acostumada a calar minhas perguntas.

Fui passando as fotografias emolduradas até que me deparei com uma tirada mais tarde, na mesma varanda do mercado, de Sergio, Joe Pai e Joe ainda criancinha. Joe jogava os braços para cima e os dois adultos o observavam, sorrindo.



toda manhã eu me obrigava a sair da cama para fazer não só as coisas que precisava, mas também aquelas outras que eu tanto adorava. Cumpria com minhas obrigações no mercado, depois ficava com Annie e Zach. Havia ainda aqueles momentos abençoados em que era possível juntar as duas coisas: eu convocava a ajuda dos pequenos, ora para repor o estoque, ora para escolher os locais de piquenique que seriam incluídos no mapa que o recluso Clem Silver concordara em desenhar (ele havia até dado o ar de sua graça no mercado para uma reunião).

Na loja, eu inventava algum projeto de artesanato para as crianças e, quando não estava lixando, pintando ou pregando alguma coisa, ia me sentar ao lado delas. Havia adquirido um estranho prazer em fazer aquela bagunça e depois limpar tudo. Tentava deixar na cabeça apenas a tarefa do momento, fosse ela preparar uma salada de camarão com manga ou decidir o padrão de um colar de contas e depois obedecê-lo à risca: duas contas azuis de madeira, três contas verdes de vidro, uma de prata. Nada de surpresas. Tudo tão previsível quanto o suceder dos minutos no relógio. Até o momento em que eu dava um puxão forte demais e o fio arrebentava, esparramando as contas sob o freezer, e as poucas que eu conseguia recuperar mal davam para fazer uma pulseira. Aí eu lembrava que o tempo também não era previsível. O tempo, principalmente.

Também trabalhávamos na horta, colhendo mais folhas e legumes do que jamais seríamos capazes de consumir. Por vezes eu levava sacolas e mais sacolas de alcachofras, tomates, manjericão e outros ingredientes para Marcella e David usarem nas novas receitas de nosso cardápio.

Fazia picolés de fruta para Annie e Zach exatamente como os que mamãe fazia para mim com sua velha

forma de plástico da Tupperware (certa vez cheguei ao ponto de encher copinhos descartáveis com uma mistura de biscoitos caninos e caldo de galinha e a congelá-los para Callie). Estava no controle das coisas de um modo que nunca havia estado antes. Certamente, eu dizia a mim mesma, de um modo que *Paige* nunca havia estado e nunca poderia estar. Eu agora era um exemplo de viúva/mãe/dona de cachorro/salvadora de mercados falidos.

No entanto, logo eu me daria conta de que a realidade não era bem essa.



um dia abri o congelador e encontrei um bonequinho de Zach enregelado no interior de um copinho plástico. Lá estava Batman, mascarado e imóvel, esticando o braço direito para fora como se suplicasse para ser tirado dali. Zach irrompeu na cozinha, suado e imundo, pedindo suco de maçã. Mostrei-lhe o picolé de Batman e ele disse:

– Foi o Mr. Freeze que jogou um raio de gelo nele.

Por muitos dias, toda vez que abria o congelador eu encontrava outra vítima do Mr. Freeze, ora numa forma de bolo, ora num recipiente de plástico: Homem-Aranha, Super-Homem, Robin... Ao que tudo indicava, nem mesmo os vilões, como o Coringa e a Mulher Gato, eram imunes aos raios de gelo do terrível Mr. Freeze.

Eu deixava os bonecos lá, mas logo o congelador ficou lotado.

– Zach, meu amor – falei. – O que você pretende fazer com todos esses bonecos congelados? A gente já está sem espaço no congelador.

Ele encolheu os ombros, dizendo:

– *Eu não posso fazer nada. Só o Dr. Solar pode salvar eles.*

Então perguntei quando ele achava que o tal Dr. Solar daria o ar de sua graça. Olhando para o céu limpo da manhã, ele anunciou:

– De repente, hoje.

Mais tarde, enquanto pendurava as roupas no varal, imaginando como vovó Rosemary havia conseguido segurar as pontas na ausência do marido Sergio (parte de mim queria acreditar que Joe estava injustamente preso do outro lado de uma cerca de arame farpado, e não sob uma lápide), ouvi Zach dar um grito que me deixou arrepiada apesar do sol quente. Corri até a casa e o encontrei na varanda dos fundos, o rosto vermelho e molhado de lágrimas.

– Olha só o que você me fez fazer! – falou aos prantos.

Na varanda, expostos ao sol, estavam os sete recipientes de plástico que Zach havia enfileirado ali naquela manhã, os bonequinhos de ação flutuando de cabeça para baixo no gelo derretido.

– Todo mundo SE AFOGOU!

– Ah, meu amor...

Por que eu não tinha previsto aquilo?

– E agora todo mundo MORREU! E eles nunca mais vão voltar! Nunca, nunca, nunca mais! Nem quando eu for gente grande!

Tentei salvar o Cavaleiro das Trevas, o Menino Prodígio, cada um daqueles seres mascarados. Joguei fora a água dos potinhos, dizendo que os heróis tinham superpoderes e não morreriam tão facilmente.

Zach passava horas brincando com aqueles bonecos e eu não queria que isso mudasse.

Mas Zach insistiu em enterrá-los. Quis uma cerimônia fúnebre completa. E não pude negar, porque me dei conta de que, já que eu não poderia ressuscitar Joe, seria mesmo melhor não tentar ressuscitar os bonecos.

Então o tomei nos braços enquanto ele chorava e mais tarde o ajudei a enterrar os bonequinhos de plástico atrás do galinheiro. Depois daquele dia, Zach nunca mais perguntou quando Joe iria voltar.

Pouco a pouco ele foi compreendendo a diferença entre a morte de Joe e o sumiço de Paige, foi tomando consciência da interminável sucessão de despedidas que a vida nos reserva.

## Capítulo 13

**E**m meados de setembro, as aulas das crianças recomeçaram e já estávamos prontos para reabrir a loja. Mantivemos a antiga placa do Mercado Capozzi e, logo abaixo dela, penduramos uma nova: A Vida É Um Piquenique. Ainda haveria muitas oportunidades para piqueniques naquele nosso verão quente e nublado e depois dele viria o outono com seu clima agradável. Mesmo em nosso inverno chuvoso, certamente o sol viria nos visitar criando dias perfeitos para piqueniques. Além disso, o anexo coberto que chamávamos de estufa – bem como as mesinhas redondas que havíamos colocado na varanda e num dos cantos da loja, junto à lareira – seria uma opção para quando viesse a chuva pesada.

A maioria das gôndolas centrais havia sido retirada. O balcão refrigerado agora corria ao longo de uma parede inteira, abrigando uma ampla variedade de saladas: frango ao curry, *penne* com berinjela, sem falar na famosa salada Elbow, que não passava de uma salada de macarrão caracol com salame, mas à qual dávamos o status de “famosa” por conta da associação com o nome da cidade. Havia sanduíches de todos os tipos, incluindo o nosso especial de pão sem miolo, recheado com camadas e mais camadas de carnes diferentes, queijos, salada e molho pesto. Tudo feito com ingredientes frescos, a maioria deles cultivados na região, e carnes orgânicas, de bois e frangos criados soltos, sem ração ou hormônios. Meu conhecimento de biologia era suficiente para que eu tivesse horror a pesticidas, um horror que beirava a paranoia, e o espírito da coisa era que nossos clientes fossem muito bem-alimentados, não envenenados pouco a pouco. Sim, ingredientes de qualidade custam bem mais caro, e sim, nossos preços refletiam isso, mas as minhas entranhas – bastante saudáveis, até onde eu sabia – diziam que as pessoas estavam prontas para A Vida É Um Piquenique.



no centro da loja ficavam expostas as cestas de piquenique de diferentes tamanhos e formatos, vindas do Peru e da Guatemala. Mantas e toalhas pendiam de ganchos nas laterais. Tínhamos jogos de tabuleiro tradicionais (xadrez, damas, dominó) à venda, mas também os colocamos à disposição para quem quisesse jogar ali mesmo. Separando as mesinhas do balcão refrigerado, quatro gôndolas pequenas ofereciam vinhos, biscoitos e produtos finos. Atrás delas ficavam as geladeiras com portas de vidro, com um belo estoque de cervejas, refrigerantes, sucos e tipos variados de água mineral. Garrafas pequenas de Coca-Cola gelavam na máquina retrô que eu havia reformado depois de encontrá-la abandonada no celeiro de Marcella. Joe sempre falava em consertá-la e usá-la no mercado, mas nunca chegara a fazê-lo. Naquela minha nova fase, em que nada era deixado para fazer “um dia”, eu não havia pensado duas vezes antes de ligar para uma oficina em Santa Rosa especializada em consertos desse tipo.

As paredes haviam sido pintadas de um amarelo clarinho, tom de macela, e após três tentativas até nos

decidirmos por ele, eu ainda não estava de todo convencida. Mas na véspera da inauguração, olhando para aquelas paredes banhadas de sol, para aquele ambiente tão acolhedor, não pude conter um sorriso de satisfação. Lá estava eu, parada feito uma tonta no meio da loja, ciente do sorriso espontâneo que os cantos da minha boca haviam desenhado: a maluca que apenas alguns meses depois de perder o marido estava prestes a inaugurar uma loja chamada *A Vida É Um Piquenique*. *A Vida É Uma Viagem* talvez fosse um nome mais apropriado.

Tínhamos enviado notas de divulgação para todos os jornais, revistas e estações de rádio da Califórnia e até mesmo para as emissoras de TV, na esperança de que, tal como David dissera, aquele fosse o dia mais sem novidades em toda a história do jornalismo e alguém resolvesse fazer uma matéria conosco.

A única coisa que ainda faltava eram os mapas com os locais de piquenique. Clem Silver havia prometido entregá-los a tempo, mas as portas da loja se abririam dali a menos de 24 horas e ele ainda não dera notícia alguma. Para piorar as coisas, Clem simplesmente não atendia o telefone, nunca. Eu já o havia interrogado a esse respeito e na ocasião ele dissera: “Que espécie de ermitão eu seria se atendesse o telefone?” Bem, era um argumento e tanto. Clem *era* recluso. Sua casa era no meio do mato, cercada da sombra das sequoias. Tinha cabelos brancos e compridos, sempre presos num rabo de cavalo, e unhas igualmente compridas, invariavelmente sujas de tinta. Fumava apenas cigarros “de mulher”, finos e mentolados. Aparentemente também precisava de bastante tempo para concluir seus trabalhos.

Os sininhos da porta tocaram. Apinhados de caixas e sacolas, David e Gil chegaram com Annie e Zach, que seguravam baldinhos cheios de gravetos para colocar junto ao fogão. Marcella chegou também, carregando uma braçada de hortênsias. Lucy trazia mais vinho.

– Preciso encontrar Clem Silver – falei para Lucy. – Sei que ele mora no bosque, mas não sei exatamente onde.

– Siga a estrada Spiral até o fim, até encontrar a placa cuidado com o artista. É a última casa, mais ou menos uns 500 metros depois da casa que você vai *achar* que é a última – respondeu ela, e então apontou para a porta. – As coisas estão calmas por aqui. Fique tranquila que eu cuido das crianças. Pode ir sossegada.

– Tem certeza? Você não tem que ir para a colheita das uvas?

– Crush pode se virar sozinho. Além disso, preciso dar um tempo daquelas botas e daqueles jeans imundos, sempre manchados de roxo. Agora vá sem pressa. Aproveite para descansar a cabeça um pouco, El. Por favor.

Isso dito, Lucy ajeitou o chapéu de veludo claro na cabeça, me deu as costas com um rodópio de sua saia estampada e chamou as crianças para ajudá-la com as toalhas de mesa.

Animada com a perspectiva de uma boa caminhada, saí pela porta da frente e fui descendo pela rua. Passei pela minúscula agência dos correios (quase do tamanho de um selo postal), pelos dois restaurantes da cidade, pelo Elbow Inn, pela casa dos Nardini, dos Longobardi e dos McCant, e por fim atravessei a avenida mais movimentada que separava a cidade de Elbow do bosque de sequoias.

Então fui subindo pela estrada Spiral, um caminho íngreme e de pista única que de fato espiralava colina acima. Os fundadores da cidade haviam sido bastante literais na escolha de alguns nomes. Mas tinham sido os índios os primeiros a chamar aquela região de “Lugar Sombrio”.

Até o dia em que os brancos chegaram para cortar as árvores. Após a construção da ferrovia, os moradores de São Francisco começaram a vir de trem para pescar e se divertir ao longo do rio. Alguns

havam construído casas de veraneio no bosque, poucos passavam o ano inteiro ali – o que acontece ainda hoje, pois muita gente daqui foge para lugares como Palm Springs durante o inverno.

Prossigui na minha sinuosa caminhada, parando aqui e ali para recuperar o fôlego. Quanto mais eu subia, mais espaçadas ficavam as casas.

Por fim avistei, mais adiante, a placa que dizia cuidado com o artista. E para além dela havia uma casa, mas não a que eu havia imaginado, a do homem que raramente cortava os cabelos e as unhas.

Aquela era uma casa que tinha sido construída com rigor e muito capricho, pois cada peça de madeira, cada seixo trazido do rio se encaixava perfeitamente na enorme chaminé e na fundação. Era tão sólida que, ainda que a colina viesse abaixo numa catástrofe, a avalanche de lama e troncos certamente se dividiria em duas ao encontrá-la, deixando-a intacta. A porta da frente era um vitral com detalhes de cobre patinado ladeada por vasos de sálvia *greggii*, pequenas flores brancas com uma fina borda vermelha. Uma fieira de campânulas de diferentes formas e tamanhos estremeceu ligeiramente com a brisa, depois voltou a dormir. Bati à porta. Latidos histéricos irromperam das entranhas da casa. Um homem de voz rouca disse:

– Petúnia! Sossega, garota! Jerry! Pra que tanta gritaria?

Ele abriu a porta e me esquadrinhou com os olhos. Estava usando um casaco de moletom da Universidade da Califórnia, surrado e manchado de tinta, e uma calça cinza larga do mesmo tecido. O rabo de cavalo descia lateralmente até o peito, como uma fina estola de vison.

– Ah! Ella Beene! Entre, entre – disse, e me deu as costas, arrastando os chinelos de couro de ovelha pelo hall.

Os cachorros, que haviam parado de latir, também me avaliaram e, desinteressados, seguiram no encalço do dono.

Entrei. Lamparinas davam uma tonalidade dourada ao ambiente, aquecendo-o.

– Uau – falei. – Adorei sua casa.

– Obrigado – devolveu ele satisfeito. – Também gosto muito daqui.

– Este bosque é maravilhoso.

– Não é? Até dá para imaginar como isto tudo era milhões de anos atrás, sob o mar – comentou, rindo. –

Bem, acho que devo lhe oferecer alguma coisa, não é? Chá? Café?

Optei pelo chá e, enquanto a água fervia, ele foi dizendo:

– As pessoas acham que moro aqui para ficar longe do rio, por causa da enchente e de tudo o que passei quando era criança.

– Tudo o quê? – perguntei.

– Ah, esqueci que você não é daqui. É uma velha história. *Muito* velha. Mas, pensando bem... – disse, tirando do armário a caixa de sachês de chá. – Em vista do que aconteceu a Joe... – continuou, olhando para mim e meneando a cabeça. – É, acho que você vai gostar de ouvir.

Clem então contou sobre a enchente de 1937. Ele ainda era criança e sua família morava à beira do rio, três casas abaixo da de Marcella e Joe Pai, onde agora viviam os Palomarino. Em meio à confusão, Clem havia sumido de vista e ninguém o encontrava. Todos já haviam deixado o lugar, a não ser os pais dele, que ainda procuravam desesperados pelo filho. Sua mãe por fim o encontrara atrás de uma pilha de lenha, estudando uma teia de aranha. Acabara de pegar o filho no colo quando foi derrubada pelas águas da

enchente e viu o menino ser levado correnteza abaixo, sem que nada pudesse fazer.

– Ainda me lembro dos gritos da minha mãe e do medo que senti. Depois, com os ouvidos e a boca já entupidos com os detritos da água, ouvi um silêncio lindo, o mais lindo que já ouvi em toda a vida. E acima de mim, pairava uma luminosidade maravilhosa... Você já deve ter ouvido histórias sobre pessoas que estiveram à beira da morte, sobre o “túnel de luz” e tudo mais. Mas no meu caso, cercado pela água escura do rio, a luz era tudo o que eu via, tudo o que *precisava* ver, porque foi ela que me conduziu, não a um encontro divino, mas de volta à superfície, ao ar, à sobrevivência... Não que eu esteja reclamando, veja bem. Mas, Ella, preciso lhe dizer uma coisa: quase morri afogado naquele dia e, quer saber?, depois disso nunca mais senti aquela paz. Aliás, acho que de algum modo peculiar... e, sejamos sinceros, “peculiar” é a minha cara... acho que foi por isso que vim morar no meio do mato. Aqui é o local mais parecido com aquele fundo de rio que consegui encontrar.

– Você se sentiu em paz enquanto se afogava?

– Sim – confirmou Clem, e cruzou os braços. – Sei que é estranho, mas senti, sim.

Olhando para as barbas grisalhas dele, para os olhos esmaecidos, falei:

– Obrigada por me contar essa história.

Então desviei o olhar e corri os olhos à minha volta para evitar cair no choro.

– É *realmente* muito tranquilo aqui – comentei.

Clem contou ainda que sua ex-mulher não suportava a escuridão das sequoias.

– “Você é um artista!”, ela vivia dizendo. “Não seria de esperar que quisesse um local bem iluminado?”

Eu também era muito teimoso. Era mais difícil fazer minha cabeça que arrancar um mexilhão de uma rocha. Mas, sabe, admiro a luz abrindo seu caminho pelas trevas. O contraste é o que mais me interessa. Por aqui eu percebo mais a luz, o modo como ela se derrama feito um elixir. A escuridão nos obriga a focar naquilo que é relevante, e o irrelevante acaba sumindo. Papo de artista, né? Você já deve estar cansada. Venha, vou lhe mostrar o mapa. Imagino que foi por causa dele que você veio.

Com Petúnia e Jerry na nossa esteira, fomos para o ateliê, um barracão bagunçado bem mais parecido com o que antes eu havia imaginado ser a casa dele. Logo avistei o mapa sobre a mesa, entre tubos de tinta, latas de refrigerante de laranja e cinzeiros transbordantes. Ergui-o à minha frente: um mapa do tesouro ao estilo dos contos de fada, com cores e texturas ao mesmo tempo naturais e exuberantes.

– É isso! – falei. – É isso que vai fazer *funcionar* todo o conceito da loja.

– Quer dizer então que você gostou? – disse ele, rindo. – Posso fazer as cópias?

– Adorei!

Então abracei aquele velho mago que recendia a cigarro e verniz, aquele alquimista capaz de entrar na minha cabeça e colocar no papel as imagens que eu apenas vislumbrara, aquele homem que de algum modo soubera me consolar com uma história.



deixei o aconchego da casa de Clem e voltei para a estradinha, dessa vez indo devagar, tentando absorver a calma e o silêncio da paisagem, vê-la e senti-la ao máximo, o que a pressa da subida não permitira. As folhas dos pinheiros acarpetavam o chão, silenciando meus passos. A encosta era um emaranhado de grandes heras, samambaias, aralias, azedinhas, amoras silvestres e rus venenosos. Loureiros, pinheiros e



carvalhos mais pareciam arbustos quando comparados às sequoias ao redor, tão altas que eu precisava esticar o pescoço para ver os fiapos de céu que restavam acima daquele mundo de sombras. Algumas das casas eram ao estilo *hobbit*: empoleiradas na colina, com suas janelinhas reluzindo na escuridão do meio-dia. Dois barracões haviam despencado com parte da encosta, certamente muito tempo atrás, pois estavam cobertos de heras, que os reivindicavam para si. Uma das construções havia sido destruída num incêndio recente e exibia seu interior tão negro quanto os tocos de sequoia que restavam das queimadas. Havia construções lindas, algumas eram casas de veraneio da virada do século e outras eram mais modernas, com inúmeras janelas e claraboias para deixar a parca luz entrar.

As heras escalavam os troncos e pendiam dos galhos como algas marinhas. Tudo era silêncio e escuridão.

Como se estivéssemos submersos.

Quase três meses já haviam se passado. Três meses! Como era possível? Como suportar o fato de que nunca mais eu voltaria a vê-lo na horta, secando a testa com as costas da mão, sorrindo ou apontando sua câmera, com o tronco curvado, como se dissesse “Atenção, guarde bem este momento”? Ou no mercado, fazendo malabarismo com as laranjas? Tínhamos laranjas na loja? Será que eu havia me esquecido das laranjas? Joe teria lembrado.

E havia o modo como ele pegava os filhos no colo, quase um gesto de dança, um em cada braço. E as risadas deles, os gritos de felicidade: “Papai! Papai! Papai!” O modo como Joe os rodopiava na sala, depois se sentava e, com uma criança em cada perna e jogando-os para o ar, entoava uma canção que aprendera com o avô (“Upa, upa, cavalinho! Pro mercado comprar pão. Sem preguiça! Nada disso! Não quero moleza, não. Upa, upa, cavalinho!”).

Será que ele estaria nos observando de algum lugar? Saberia da loja? Teria aprovado a ideia? Estaria feliz, aliviado, fulo da vida? Eu teria conseguido que ele ficasse livre para reencarnar, alcançar o nirvana, virar um anjo ou fazer o que quer que fosse?

Naquele bosque eu entendi por que tantas vezes a palavra “floresta” vem acompanhada de “encantada”. Há algo de místico e de sobrenatural quando se está cercado por uma opulência tão viva e primitiva, quando alguns raios de sol se estriam do alto num cenário de deuses ou outros parecem surgir dos experimentos de algum bruxo. E nesses momentos se abre um canal com o místico, com o sobrenatural. O ar a meu redor tinha cheiro de louro, terra molhada, pinheiro, neblina... muito embora o dia estivesse quente e ensolarado – pelo menos do outro lado daquele dossel natural. Eu me lembrava de ter lido em algum lugar que os cientistas haviam descoberto copépodes nas copas das sequoias. Esses pequenos crustáceos fazem parte da dieta das baleias barbadadas. Ninguém sabia ao certo como eles haviam chegado lá, mas não era difícil imaginar. Os pardais que voavam entre as árvores poderiam muito bem ter sido um cardume de peixinhos do oceano, tamanha era a magia daquele lugar. Aquele chão que eu agora pisava poderia ter sido o fundo do mar. Joe poderia surgir a qualquer momento, mergulhando.

Ali estava eu, fantasiando sobre meu marido a mergulhar na floresta, enquanto meus parentes precisavam de mim em uma loja repleta de comida. Isso sem falar na minha sanidade mental. Quanto tempo havia se passado desde que eu vira a última casa? Onde eu estava? Não queria ser a mulher que havia se perdido ao buscar um simples *mapa*. Mas... o que de fato estava acontecendo ali? Eu havia passado meses reformando aquela loja, um novo começo que também era uma tentativa de preservar

alguma coisa de Joe. Para mim havia sido ótimo ter um projeto, ficar tão ocupada, tão distraída. Fazer o papel da sequoia gigantesca, assomando ao sol.

Mas alguma parte da minha alma queria ficar escondida entre as samambaias, dormindo com as lesmas.

Ergui a cabeça ao ouvir o estalo de um graveto quebrando. Mais acima na estradinha, uma gazela de cauda preta me fitava com seus enormes olhos de nanquim. Outro galho se partiu e, abaixo de onde eu me encontrava, vi os dois filhotes dela, com suas pintas brancas já desbotando naquele início de outono, as perninhas ainda tão frágeis quanto a haste de uma taça de vinho. Fiquei imóvel enquanto a gazela-mamãe sustentava meu olhar. “Sei como você está se sentindo”, eu queria dizer a ela. “Somos iguais, você e eu.” Mas logo me dei conta de que ela me via como a intrusa, aquela que se colocara entre ela e suas crias. Permaneci imóvel. Decerto ela fez algum sinal para os dois filhotes, pois eles subiram trotando pela estrada, passando tão perto que eu poderia ter tocado neles, e se juntaram à mãe para então sumir na floresta.

Então corri de volta para a loja. De volta para Annie e Zach.

## Capítulo 14

Na manhã seguinte, ainda na cama, eu pensava na história de Clem quando Zach se meteu sob as cobertas e deu um de seus longos e ruidosos suspiros até que eu abrisse os olhos. Encarando o teto, ele esfregou as bochechas com a orelha de Bubby e confessou:

– Estou com saudade do Batman. E do Robin também. Quero que eles vão comigo na nossa FESTA. Mas eles NÃO PODEM. E o papai também NÃO PODE. E eu estou MUITO TRISTE.

– Eu vou estar lá na festa. Annie também.

– Mas vocês são meninas.

– E o tio David? E os seus amiguinhos?

Ele suspirou novamente. Era uma crueldade seus bonequinhos prediletos estarem enterrados atrás do galinheiro justo no momento em que eram mais necessários.

– Bem... – prossegui, improvisando enquanto falava. – O papai morreu de verdade, então não vai poder ir. Mas o Batman e o Robin são só bonecos, então, quem sabe... quem sabe eles não se afogaram de mentirinha?

Imediatamente ele arregalou os olhos e se sentou na cama.

– Jura?

Fiz que sim com a cabeça.

– Mas a gente viu. Eles afogaram *de verdade* – retrucou, e se jogou de volta na cama, enterrando o rosto no travesseiro de Joe.

– Olha... Ontem eu ouvi uma história linda, de um velho muito sábio.

– Uma história de verdade ou uma história de mentirinha?

– De verdade. Verdade verdadeira. Quando ele era criança, mais criança do que você, ele *quase* se afogou.

Ouvindo isso, Zach ficou visivelmente assustado e por um instante pensei ter feito uma grande besteira.

– Ele morreu igual o papai?

– Não. Ele *quase* morreu. Ficou debaixo da água muito tempo. E ele se sentiu muito feliz, mesmo sabendo que estava se afogando. Mas depois ele subiu para a superfície e respirou. E aí ele viveu.

– Foi uma sereia que salvou ele?

– Não. Eu disse que a história era verdadeira, lembra?

– Ah.

– Então fiquei pensando... Talvez o Batman e o Robin só tenham *quase* se afogado.

– A Mulher Gato também? O Coringa também?

– Toda a sua turminha de plástico.

Então ele começou a pular na cama, berrando seus vivas de alegria. Corremos para o galinheiro ainda de pijamas, com a grama úmida da manhã lambendo nossos pés. Busquei a pá, e Callie, vendo o que pretendíamos fazer, logo se juntou a nós na escavação. Era nossa Páscoa de bonecos de ação: um a um, heróis e vilões foram sendo tirados da terra, todos eles redimidos de seus pecados, renascendo justamente na manhã em que o Mercado Capozzi seria agraciado com o milagre de uma vida nova.



a cidade de elbow compareceu em peso à inauguração, preenchendo todo o espaço da loja, transbordando para a varanda e a rua. Até mesmo Clem Silver deixou seu refúgio para autografar alguns mapas. Os proprietários do Elbow Inn nos presentearam com uma foto enorme que tinham no hotel, a do piquenique de antigamente, numa bela moldura e com um laço de fita.

Mas, por mais contente e agradecida que estivesse com o carinho de todos, sabia que a loja não sobreviveria apenas com o apoio dos vizinhos. Para início de conversa, todos poderiam preparar seu próprio piquenique em casa, por metade do preço. Precisávamos de turistas famintos. De forasteiros ricos.

E também de publicidade. Muita publicidade.

Agarrei David pelo braço e disse:

– E aí, cadê o batalhão de repórteres?

Com tapinhas carinhos na minha mão, ele respondeu:

– Ah, não se preocupe. Eles virão aos borbotões nas próximas semanas. Mas *alguém* deve aparecer ainda hoje. Não é maravilhoso? Todo mundo está adorando!

– Ainda há pouco ouvi Ray Longobardi dizer que teria de hipotecar a casa de novo só para poder pagar uma porcaria de piquenique.

– Ray Longobardi não é exatamente o nosso público-alvo. Não dê ouvidos a *ele*. Para ele, um piquenique é pão seco com mortadela e uma cerveja quente. Pois *eu* ouvi Franny Palomarino dizendo *ma-ra-vi-lhas* sobre os móveis da varanda que a gente pintou de framboesa e que nossa salada de frango ao curry é a melhor que ela já comeu na vida. É *ela* que você deve bisbilhotar. Aí você vai conseguir se acalmar um pouco.

Frank chegou com uma cesta de sabonetes artesanais. Lizzie também tinha seu próprio negócio, um bem-sucedido ateliê de sabonetes que ela fazia à mão em seu velho celeiro.

– Lizzie não pôde vir – explicou ele. – Mas mandou isto aqui.

Recebi a cesta.

– Que gentileza.

Ambos sabíamos que ela poderia muito bem ter comparecido à inauguração; ser minha amiga, isso já era bem mais difícil.

– Agradeça a ela por mim – falei.

Frank me abraçou e foi fazer seu prato de comida.

Annie estava usando as roupas que fizera questão de escolher sozinha, quase idênticas às minhas: leggings com tamancos e uma bata comprida. Havia pedido que eu prendesse seus cabelos numa trança embutida e agora seu rostinho perfeito e lindo parecia rebrilhar enquanto ela dizia a uma das amigas da

escola:

– Você nem imagina o *trabalho* que deu arrumar essas toalhas todas...

Fui até ela e disse:

– Ficou tudo lindo do jeito que você arrumou.

Annie ficou ainda mais radiante. Foi então que Zach passou por nós em disparada, com Batman e Robin nas mãos e um bando de amiguinhos na sua cola. Rapidamente abri a porta para o bando, dizendo:

– O ar fresco os chama!

E lá foram eles para a rua.

– Não se preocupe – falou Lucy, sentada na varanda. – Eu continuo de olho nele. Eles entraram correndo antes que eu pudesse me jogar no chão para bloquear a porta.

– Obrigada – falei, e olhei à minha volta. – Por acaso não viu ninguém por aí tomando notas ou com um gravadorzinho na mão?

– Ainda não...

Encolhi os ombros e voltei à loja para encher taças de champanhe e sidra, servindo-as em seguida. Depois, como sempre fazíamos nos Quatro de Julho, chamei as pessoas para o lado de fora e me posicionei na varanda para fazer um discurso. Como Joe fazia, ergui minha taça para dizer:

– Pessoal... Abrir esta loja em apenas três meses... foi um verdadeiro milagre! Nem sei como agradecer. Vocês vieram aqui e trabalharam mais e melhor do que parecia humanamente possível. Vocês trouxeram comida, ajudaram a cuidar das crianças... Eu não nasci nem cresci aqui, eu sei, mas espero que vocês me considerem como parte da família Elbow. Porque é assim que me sinto. Um brinde ao povo de Elbow! Um brinde à vovó Rosemary e ao vovô Sergio, que plantaram as sementes, a Marcella e Joe Pai, que regaram essas sementes com seu sangue, seu suor e suas lágrimas. E por fim, a Joe, que amava piqueniques, que amava este lugar e que amava todos vocês também. Obrigada, de coração.

Em seguida penduramos numa das paredes o avental de Joe junto a uma foto dele com o pai e o avô e brindamos ao sucesso de *A Vida É Um Piquenique*.



na volta para casa, seguindo de mãos dadas com as crianças, eu me sentia ao mesmo tempo um pouco tonta e totalmente exausta. Com exceção de Ray Longobardi, todos haviam adorado a comida, o mapa e a loja, já imaginando o novo alento que ela daria ao comércio local: ao hotel, aos restaurantes, às lojas de aluguel de caiaques e canoas. A única decepção havia sido o total descaso da imprensa, mas eu tinha consciência de que a inauguração de uma loja de piqueniques não era lá um furo de reportagem.

Enquanto eu pensava nisso um homem jovem e meio fora de forma surgiu, vindo correndo ao nosso encontro. Estava usando calça larga, tênis de skatista e um casaco de náilon.

– Ella? Ella Beene? – perguntou.

Só podia ser um repórter. Estava escrito na testa dele. Finalmente!

– Sim, sou eu. E, sim, sou a proprietária. Melhor dizendo: *uma* das proprietárias. Mas a ideia me ocorreu quando...

– Ella Beene, preciso lhe entregar isto – explicou, descendo o zíper do casaco e puxando de dentro um envelope pardo. – Sinto muito. É apenas o meu trabalho – falou, fazendo um visível esforço para ser

simpático.

Em seguida me deu as costas, voltou andando malemolente para seu carro e foi embora.

Examinei o envelope. Meu nome estava escrito à mão, seguido de meu endereço residencial e do endereço da loja, nada mais. Eu imaginava o que seria.

Annie me puxou pelo braço:

– Mãe, aquele moço era do jornal?

## Capítulo 15

Coloquei as crianças para dormir e acendi a lareira. Joguei-me no sofá, abracei as pernas e fiquei ali, rezando para que naquele envelope estivesse qualquer outra coisa menos o que eu temia.

Talvez mais alguma pendência deixada por Joe, quem sabe uma cobrança. *Tomara. Com isso eu posso lidar.* Aquele ataque que eu tinha dado na horta ao perceber o tamanho do nosso problema financeiro agora me parecia uma grande bobagem. Cogitei *não* abrir o envelope. Larguei-o de lado. Peguei-o novamente. A lenha estalou no fogão e me assustou. Respirando fundo, puxei os papéis e comecei a ler a petição de Paige Capozzi:

Sou mãe de duas crianças, Annie Capozzi, de 6 anos, e Zach Capozzi, de 3. O pai deles, Joseph Capozzi, morreu num acidente há pouco tempo. Estou pleiteando que as crianças fiquem comigo, a mãe delas, e que a guarda seja em caráter integral.

*E por que diabos você pensa que alguém vai deixar que isso aconteça? Por que você? Qualquer pessoa em Elbow conhece Annie e Zach melhor do que você!*

Sofri de uma grave depressão pós-parto após o nascimento de ambos e, quando Zach era bebê, fiquei incapacitada de exercer meu papel de mãe. Por maior que fosse a minha dor, cheguei à conclusão de que o melhor para eles seria deixá-los sob os cuidados do pai, de modo que eu pudesse buscar o tratamento médico e psicológico de que tanto necessitava.

Tratava-se de uma situação temporária, mas, meses depois, quando tentei restabelecer contato com meus filhos e meu marido, fui ignorada. Escrevi inúmeras cartas, tanto para as crianças quanto para o pai delas, mas apenas as primeiras foram respondidas.

*Cartas? Ah, que lindo. Você abandona o marido e os filhos por causa de uma tristezinha qualquer e agora está tão desesperada que resolveu mentir?*

Quando meu marido entrou com o pedido de divórcio, eu estava me recuperando da doença e não sabia exatamente quais eram meus direitos em relação à posse e guarda das crianças, tampouco tinha condições financeiras, físicas e mentais de confrontá-lo na época. Então preferi concentrar minhas energias na reconstrução de minha vida, com o intuito de reclamar meus direitos de mãe assim que possível. Hoje tenho meu próprio negócio e uma situação estável. Trabalho em casa, com horários flexíveis. Portanto estou plenamente apta, financeira e emocionalmente, a cuidar de Annie e Zach, que,

embora venham recebendo cuidados adequados por parte da madrasta, estão sofrendo com a perda do pai e precisam estar perto da mãe biológica. Posso lhes dar o carinho e o amor profundo que só uma mãe verdadeira é capaz de oferecer.

*Mãe verdadeira? Não vamos nem entrar nesse mérito! Cuidados adequados? E que tal falarmos daquilo que você é realmente capaz de oferecer, o que fez com Annie e Zach, a única coisa que qualquer mãe de posse de suas faculdades mentais nunca faria com os filhos?*

Estou solicitando a guarda integral de meus filhos e a autorização para que venham morar comigo em Las Vegas, onde tenho uma bela casa numa vizinhança repleta de crianças.

Declaro, sob pena de perjúrio, que as informações acima são corretas e verdadeiras.

Haviam marcado uma audiência de mediação para o dia 1º de outubro e outra, de exposição de motivos, para o dia 3 de novembro. Também pediam que eu levasse alguns documentos, incluindo as cartas que não existiam.

Meu marido tinha escondido de mim a real situação do mercado. Isso me deixara em choque, mas eu *quase* podia compreendê-lo: o mercado era um negócio dele, só dele. Eu não me envolvia no cotidiano da loja e Joe imaginava que, cedo ou tarde, seria capaz de dar um jeito nas coisas e que ninguém, nem mesmo eu, precisava saber do ponto crítico que elas haviam atingido. Mas no caso das crianças... isso era bem diferente. Joe e eu dividíamos tudo o que dizia respeito a elas. Íamos os dois às consultas com o pediatra, tínhamos levado Annie para seu primeiro dia na escola, sempre contávamos um ao outro as palavras novas que Zach aprendia, sobretudo as mais engraçadas. Joe teria comentado comigo caso Paige tivesse mesmo tentado entrar em contato com as crianças. E de uma coisa eu tinha certeza absoluta: Joe não era um homem cruel.

Arremessei o envelope com as forças que ainda me restavam. Ele não foi muito longe antes de se esborrachar no chão.

~

devo ter dormido uns 20 minutos naquela noite. Na manhã seguinte, logo após deixar as crianças na escola, telefonei para minha tropa (toda a família de Joe, Lucy, minha mãe e Frank) e contei a eles que Paige havia entrado com uma ação de posse e guarda. Ninguém quis deixar transparecer sua preocupação. “Nenhum juiz em perfeito estado mental daria a guarda das crianças para aquela mulher”, garantiu Marcella.

Joe havia cuidado da papelada de seu divórcio sem a ajuda de um advogado, mas eu sabia que precisaria de um. Frank me passou o nome de uma mulher. Liguei imediatamente e ela se dispôs a me receber na hora do almoço. Um horário difícil, mas não havia como adiar. Então deixei as crianças com Marcella e pedi a David e Gina que segurassem as pontas na loja.

Enquanto dirigia a caminho da reunião, lembrei-me da última vez que havia precisado de um advogado, na época em que Henry e eu decidimos nos separar. Henry, que surgira em minha vida sendo o colega bonitinho da aula prática no laboratório da faculdade, costumava dizer que meu nome o fazia lembrar da



cadeia de lojas L. L. Bean. Falava também que podia me ver nas páginas do catálogo da marca, posando de calça jeans, colete acolchoado e botas de cano longo na varanda de um chalé, levando uma vida simples. Alguns hectares de terra, dois ou três filhos em volta. Até que é uma boa ideia, eu pensava com meus botões.

Mas, depois de nos casarmos, as excelentes oportunidades de emprego no setor de biotecnologia acabaram nos levando para San Diego, onde fomos morar num condomínio com centenas de casinhas pintadas de pêssego, com paredes de gesso e fácil acesso pela autoestrada. Lá a piadinha mais comum ouvida nas conversas ao redor da piscina era que as casas ficavam tão próximas umas das outras que, para passar uma xícara de açúcar ao vizinho, bastava abrir a janela do banheiro.

“Mas a gente ainda pode se *aposentar* em Montana”, dizia Henry. Enquanto eu não saía do lugar e ia murchando aos poucos como assistente de pesquisa, sonhando com o dia em que poderia trocar aquele maldito jaleco branco por um colete acolchoado, Henry exultava de felicidade. Adorava seu emprego como bioquímico, adorava as praias e o clima temperado do sul da Califórnia, adorava nossa casinha tão parcamente mobiliada, adorava nosso utilitário que jamais deixava o asfalto para se aventurar nas montanhas, que nem sequer tinha crianças para levar a um jogo de futebol.

Depois vieram todos os abortos espontâneos, toda a tristeza que nos deixava sem ter o que dizer um ao outro quando nos sentávamos para jantar. Por insistência dele, cada um procurou um advogado.

A minha disse: “Pelo menos vocês não têm filhos.” Arregalei os olhos e fiquei apenas olhando enquanto ela espanava uma poeira do terninho aparentemente caro. Cruzando os braços sobre a mesa, ela prosseguiu: “Você ficaria presa a ele para o resto da vida. Teria de lidar com ele, depois com a madrasta, caso ele voltasse a se casar... e eles sempre voltam. Imediatamente. Homens nunca querem cuidar dos filhos sozinhos e sempre há mulheres dispostas a ajudá-los.” Ela então havia erguido as sobrancelhas perfeitamente desenhadas, um par de Arcos do Triunfo, para concluir: “É um pesadelo. O máximo que a gente pode esperar é alguém que tolere os nossos filhos. Quase ninguém é capaz de amar uma criança do mesmo modo que os pais biológicos. Considere-se uma mulher de sorte.”

Henry decerto não tivera mais sorte que eu com o próprio advogado, pois não criou nenhum obstáculo quando sugeri que fizéssemos nós mesmos a partilha dos bens.

Eu já havia esquecido a conversa com a tal advogada e quanto ela havia me magoado, mas aquelas palavras agora voltavam à tona, machucando-me ainda mais, só que desta vez por eu estar no outro lado da história.

As salas do escritório de Gwen Alterman ocupavam boa parte do terceiro andar de um prédio de tijolinhos no centro de Santa Rosa. Era mais velha do que eu suspeitara ao telefone, tinha seus 50 e poucos anos, e também era mais gordinha do que eu imaginara. Notei as fotos dela com o marido e os três filhos e pensei em perguntar se ela era a madrasta ou a mãe biológica, mas fiquei calada. Em vez disso, fui contando minha história enquanto ela almoçava um sanduíche de frango. Quando vieram as lágrimas, ela me entregou uma caixa de lenços de papel, que aceitei de bom grado. Não podia me demorar muito ali, então prossegui falando e chorando ao mesmo tempo, desculpando-me, assoando o nariz, passando o maior número possível de informações, inclusive o fato de que eu estava completamente dura. Gwen ia anotando tudo e assentindo com a cabeça, e uma vez chegou a estender a mão carinhosamente para me consolar.

– Bem – disse ela afinal, quando lhe entreguei os documentos listados na ordem judicial e os do divórcio de Joe –, você sofreu um belo golpe. Por acaso chegou a ser nomeada guardiã legal das crianças? Caso alguma coisa acontecesse a seu marido?

– Não... não. Conversamos sobre o assunto, mas nunca tomamos uma providência nesse sentido, porque isso implicaria notificar Paige. De qualquer modo, a gente acreditava que ela nunca mais daria as caras.

– Entendo. É uma pena. Bem, mesmo assim, se houver um Deus neste mundo, aquela mulher não deve ter chance alguma. Os juízes costumam ser muito severos em casos de abandono.

Ela ergueu os óculos, que pendiam de uma correntinha sobre o peito farto, e começou a examinar a papelada. Enquanto isso, corri os olhos pelas fotos de família e notei a semelhança inquestionável entre pais e filhos. Uma família 100% original de fábrica.

Dali a pouco Gwen ergueu os olhos sobre os óculos, limpou a garganta e disse:

– Ela alega que tentou entrar em contato com os filhos inúmeras vezes. Isso muda tudo.

– Sim, mas ela está mentindo – falei.

– Você pode garantir que ela não tentou contatar o marido e os filhos? Porque recebemos uma ordem judicial para apresentar essas cartas. Se você as tiver, precisará entregá-las.

Balancei a cabeça e disse:

– Não fazia muito tempo que ela havia ido embora quando cheguei àquela casa e nunca encontrei qualquer vestígio dela.

A não ser os olhos azuis e os cabelos louros e sedosos de Annie e Zach, pensei. E a foto que eu havia encontrado no livro de Joe, na qual ela estava grávida e radiante. E o roupão que Joe havia jogado fora depois de nossa primeira noite juntos.

– E a família do seu marido? Eles tiveram algum contato com ela?

– Nunca. Não aprovam o que ela fez.

– Por que exatamente ela foi embora? Depressão? Um simples baixo-astrol e ela abandona os filhos por três anos?

– Isso é tudo o que sei – admiti.

Gwen esperou, observando-me por sobre os óculos.

– Você precisa conhecer a família de Joe – continuei. – Eles não gostam de falar desse assunto. São pessoas ótimas, carinhosas. Mas não gostam de falar sobre... você sabe... os problemas.

– Como o quê, por exemplo?

Suspirei, depois disse:

– Por exemplo... Sei que o avô de Joe foi mandado para um campo de prisioneiros durante a Segunda Guerra, mas ninguém nunca toca no assunto. E nosso mercado estava à beira da falência, mas Joe não disse nada a ninguém.

– O avô de Joe era japonês?

Sorri.

– Não. Também achei que fosse, quando Joe me contou. Os italianos também foram enviados para os campos, mas em contingentes bem menores.

Gwen balançou a cabeça:

– Eu não fazia a menor ideia... É mesmo?

O interfone tocou e ela disse à secretária de que ainda precisaria de alguns minutos.

– Agora me diga uma coisa: nunca lhe ocorreu pedir a Joe mais detalhes sobre o sumiço da ex-mulher?

– Hum... não – falei, olhando em seus olhos. Mas não contei que, bem no fundo, eu ainda não queria saber desses detalhes. – Você acha que ela tem alguma chance?

– Sempre há uma chance, mas... – disse, examinando um dos papéis do divórcio. – Parece que o pedido de posse e guarda feito por Joe nem sequer foi contestado. Paige assinou todos os documentos sem qualquer objeção. As crianças por acaso sabem quem ela é?

– Ah, sim. Annie se lembra dela. Zach, não, mas seguramente não tem medo dela. Acho até que gosta dela. Paige é muito... bonita... e parece que os dois se dão bem com ela.

– O que essa mulher fez não tem nada de bonito. Abandonar os filhos assim... É você que as crianças veem como mãe. Foi você quem as alimentou, quem trocou as fraldas delas, quem ficou ao lado delas durante os três anos em que a tal Paige esteve Deus sabe onde. Não, definitivamente não é recomendável que elas sejam levadas daqui para morarem com uma estranha em um lugar com o qual não estão acostumadas, muito menos que se separem da madrasta que gosta tanto delas, nem dos parentes... Sobretudo neste momento, em que estão lidando com o trauma da morte do pai. Por falar nisso, vou precisar de declarações formais de toda a família de Joe. Acho que temos grandes chances de ganhar.

Respirei fundo, ainda trêmula.

– Você nem imagina como é bom ouvir isso.

Gwen sorriu e tirou os óculos.

– Mas e então? Você tem dormido direito? Tem se alimentado bem?

Encolhi os ombros e disse:

– Dormido, pouco. Alimentado, mais ou menos.

– Experimente tomar iogurte ou milk-shake, o que você conseguir. Porque, minha querida, você vai precisar de todas as forças que encontrar nesse seu corpo magrinho. Além disso, seus filhos vão precisar de você.

Simplesmente assenti.

– Olhe, lamento ter de dizer isto agora, sobretudo com todos os problemas que você já tem. Mas você vai precisar de uma fonte de renda. E rápido. Parece que sua oponente está ganhando rios de dinheiro, ou pelo menos é isso que está dando a entender. E, pelo que sei do mercado imobiliário de Las Vegas, deve estar mesmo. E se a sua situação financeira é tão ruim quanto está dizendo, existe a possibilidade de você ser considerada *incapaz* de sustentar as crianças. Talvez você seja obrigada a encontrar outra opção, para o caso de sua loja não começar a dar dinheiro imediatamente. Por outro lado, ela prova que você é uma mulher de iniciativa e coragem e que está mantendo a tradição da família, o que é muito mais do que se pode dizer a favor dessa Paige. Ah, mais uma má notícia: o adiantamento dos meus honorários é de 5 mil dólares. Deverá ser pago antes que encaminhemos o processo. Vamos fazer todo o possível para evitar um julgamento, o que pode sair bem caro. Se o caso for levado a juízo, vão querer fazer uma investigação mais profunda, envolver o juizado de menores, entrevistar professores, médicos, parentes, amigos... até mesmo as crianças. Mas realmente não creio que as coisas cheguem a esse ponto.

Novamente assenti, tentando não deixar transparecer o desespero que me assolava. Por que eu tinha gastado tanta energia e todo o nosso dinheiro naquela loja?

Voltei ao carro praticamente me arrastando. Com atesta apoiada no volante e os olhos queimando por causa na noite maldormida, me obriguei a girar a chave.

No caminho para casa, meu desespero só aumentou. Justo *agora*? Eu precisava de um plano. Precisava comer. Precisava dormir. Precisava cuidar dos meus filhos. Como os dois estariam se sentindo naquele momento? Subitamente me lembrei de quanto eu mesma havia ficado confusa e perdida quando meu pai morreu. Após aquele fiasco no parque com Annie e Zach, mamãe tentara me consolar dizendo que nós duas também tínhamos precisado superar a morte de papai e que havíamos conseguido. Mas eu ainda me lembrava daqueles primeiros meses, da necessidade que sentira de ficar perto da minha mãe, do olhar vazio com que me encarava sempre que tentava conversar com ela. Da televisão ligada a noite inteira em seu quarto. Dos dias em que eu chegava da escola e encontrava as cortinas da casa ainda fechadas, a luz da varanda ainda acesa, o jornal ainda largado na soleira da porta e mamãe ainda de camisola. Eu não poderia me dar ao luxo de repetir aquilo, precisava ajudar Annie e Zach.

Precisava enfrentar Paige. Ganhar dinheiro. Parar de suar. Dar um jeito de controlar aquela dor no peito. Respirar. Nem mesmo *isso* eu estava conseguindo fazer. Por que será que eu estava suando tanto? Estaria com febre? Meu peito doía. Meu braço doía. E eu ainda não conseguia respirar.

De repente a ficha caiu: o que eu precisava mesmo era ir rápido para um hospital.

O Memorial ficava a apenas duas quadras dali, mas eu não queria continuar dirigindo, tinha medo de perder o controle da direção e atropelar alguém. Então estacionei, desci do jipe e atravessei a rua, por pouco não sendo eu a atropelada do dia.

O suor continuava a escorrer em meu rosto, meu peito parecia esmagado de tanta pressão. Eu era uma magricela de 35 anos que comia toneladas de hortaliças orgânicas. Mas também era filha de um homem que havia morrido do coração aos 40. Chegando ao pronto-socorro, fui direto para a recepção.

– Acho que... Acho que estou tendo um infarto – sussurrei.

A recepcionista viu meu estado e imediatamente pegou o telefone e berrou para alguém:

– Possível infarto na recepção. Uma mulher de 30 e...?

– Cinco.

Em questão de segundos eu já estava deitada numa maca, respondendo perguntas. Quais eram os sintomas? Quando haviam começado? Qual a intensidade da dor? Quem eles deveriam avisar?

Quem eles deveriam avisar? Joe, pensei. Avisem o Joe.

– Meu marido – falei. – Mas ele morreu.

Para quem eles deveriam telefonar?, perguntaram de novo. Não para Marcella, porque ela estava com as crianças. Minha mãe morava longe. Quem mais então? Lucy. Eles poderiam ligar para Lucy. Passei-lhes o número dela junto com o cartão do meu plano de saúde.

Quatro horas e cinco exames depois, o Dr. Irving Boyle me explicava com todos os detalhes o que era uma crise de ansiedade, enumerando os motivos que me tornavam a candidata perfeita para uma delas. Tinha uma barba grisalha e rala e talvez por isso lembrasse mais um professor de filosofia do que um médico.

– Seu coração está ótimo – disse.

Sentou-se em seu banquinho, alojou a caneta atrás da orelha e plantou as mãos sobre os joelhos:

– A não ser pelo fato de estar sofrendo. A tristeza e a depressão podem resultar em ansiedade. E a

ansiedade pode levar a uma crise como essa que você acabou de ter. A morte do seu marido está pesando, tanto física quanto emocionalmente. Sinto muito pela sua perda. Vou lhe receitar um ansiolítico, talvez um antidepressivo também, para ajudá-la a atravessar essa pequena turbulência.

*Pequena turbulência?* Eu até poderia ficar indignada, mas percebi uma expressão sincera de empatia no olhar dele, vi que ele não estava fazendo pouco do meu caso.

– Então o que o senhor está dizendo é o seguinte: a boa notícia é que *não* vou morrer do coração e a má notícia é que *não* vou morrer do coração.

Diante da interrogação em seus olhos, emendei:

– Brincadeirinha...

– Aqui nós levamos muito a sério as referências ao suicídio. Sobretudo no caso de pessoas que sofreram grandes perdas, como você. Entendo o que está sentindo, mas você tem seus filhos para criar. Ainda tem muita vida e muita felicidade pela frente.

– Eu sei disso. Sei mesmo. Jamais abandonaria meus filhos assim – falei.

Mas não contei a ele que alguém vinha tentando tirá-los de mim. Que a morte de Joe era apenas parte da história e que eu estava aterrorizada com a possibilidade de perder Annie e Zach também.

O médico perguntou se eu estava cansada e eu respondi perguntando se era possível alguém morrer de privação do sono. Então ele me receitou uns comprimidos para controlar minha ansiedade e me ajudar a dormir. Falei que preferia esperar um pouco antes de tomar antidepressivos, que acreditava que o luto seguiria seu caminho natural. Eu não estava deprimida, só cansada e triste.

Lucy me levou para casa. As crianças já haviam jantado com Marcella e estavam de pijama. A casa estava com cheiro de berinjela gratinada com parmesão (o prato favorito de Joe) e espuma de banho do Bob Esponja.

– Desculpe pela trabalhadeira – falei para Marcella.

– Bobagem – respondeu, abanando a mão. – A gente se divertiu por aqui. Mas e você, está bem?

Apertei a mão dela entre as minhas e fiz que sim com a cabeça, embora estivesse muito longe de “bem”. Eu havia passado boa parte do dia no hospital para no fim das contas descobrir que tivera uma crise nervosa. Que estava batendo o pino – mais ou menos como Paige.

Annie veio correndo do quarto.

– *Mãããe, mãããe, mãããe* – cantarolou.

Desde a morte de Joe que eu não a via tão alegre. Tomei-a no colo. A felicidade dela ao me ver teve o efeito de um bálsamo em mim.

– Posso contar pra ela agora? Posso? – perguntou a Marcella, que encolheu os ombros, desatou o avental e nos deu as costas. – Mãe, adivinha só!

– Você arrumou o seu quarto!

– Não, bobinha.

Ela passou a mão no topo de minha cabeça, bagunçando meus cabelos. Vinha fazendo isso com frequência nos últimos tempos. Eu ainda não me sentia pronta para aquela inversão de papéis.

– A mamãe chamou a gente pra ir pra Las Vegas! Passar o fim de semana com ela! Eu e o Zach-ossauro!

## Capítulo 16

Na manhã seguinte, enquanto fazia tortas de risoto e esperava o molho *puttanesca* ferver na loja ainda fechada, liguei para Gwen Alterman e perguntei a ela o que fazer quanto ao convite de Paige.

– Ela está manipulando Annie e isso eu não posso admitir – falei.

Gwen concordou.

– Fazer esse convite diretamente às crianças é um golpe muito baixo. Vou enviar uma notificação aos advogados dela ainda hoje e dar um basta nisso. Imediatamente. Em todo caso, você pode dizer não... e depois, provavelmente, eles vão tentar obter uma ordem judicial. Pediríamos uma avaliação psicológica para provar que ela não é maluca e que não pretende sequestrar as crianças. Mas você também não deve mostrar que se opõe categoricamente a um relacionamento das crianças com a mãe biológica.

Ela fez uma pausa e eu a imaginei diante de uma pergunta de múltipla escolha, avaliando as respostas. Aproveitei para baixar o fogo e deixar o molho cozinhar.

– Você não deve se mostrar uma mãe do tipo ciumenta e repressora, mas carinhosa e aberta à ideia de visitação. E convicta de que o melhor para as crianças é ficar com você. Ponto final.

Eu ouvia lembrando a mim mesma de respirar. Espremendo o telefone contra o ombro, peguei as fôrmas de cobre para as tortas de risoto, enchi um copo de água e abri o frasco de ansiolíticos que já havia pescado da bolsa. Joe costumava zombar da minha aversão a medicamentos, da relutância que eu tinha em tomar uma aspirina que fosse. Mas depois de passar uma tarde inteira no pronto-socorro, aqueles comprimidos me pareciam um mal necessário. Já estava engolindo um quando me dei conta de que, mesmo que eu saísse vencedora daquela batalha judicial, Paige faria parte das nossas vidas para sempre – a menos que ela resolvesse sumir de novo. Mas um acordo de visitação implicaria que ela e as crianças se vissem... regularmente.

– Tudo bem, Gwen, vamos exigir uma avaliação psicológica – falei afinal. – Paige vai se recusar e então recorreremos a uma ordem judicial. Pelo menos assim ganhamos algum tempo.

Na noite daquele mesmo dia, já em casa, eu picava uma tigela inteira de couve quando Gwen ligou.

– Você não vai acreditar, mas estou com uma avaliação psicológica bem aqui, nas minhas mãos. Foi enviada por fax pelo advogado de Paige. É um exame detalhado feito há uma semana e Paige passou com louvor. Claro, a gente pode exigir outro, feito por um médico indicado por nós, mas aí eles vão querer que você faça um também.

Tomei mais um comprimido e fiquei imaginando como me sairia numa avaliação psicológica naquele momento.

– Ah – foi só o que consegui dizer.

Gwen suspirou e disse:

– A gente pode comprar essa briga e vencer.

Ótimo. Mas... ótimo para quem? Certamente não para as crianças, e foi isso que argumentei com Gwen.

Nesse instante, Zach berrou da sala ao lado:

– Vou contar *tudo* pra minha mãe!

Esperei vê-lo dali a pouco na cozinha, mas ele não veio.

– E se a gente disser que Zach é novo demais para viajar de avião sem um adulto? – sugeri. – Paige pode vir visitá-los. Em algum lugar aqui por perto.

– Digamos... num raio de 50 quilômetros? Durante o fim de semana?

– Tudo bem... – suspirei. – Pode ser.

– Depois a gente cruza os dedos para que ela caia na real e se dê conta de que ser mãe não é tão simples assim.

Fui dar uma olhada nas crianças. Annie havia buscado sua malinha rosa (presente de Marcella para as noites em que os netos dormiam na casa dela) e estava colocando nela os vestidinhos que raramente usava.

– Estou arrumando a mala pra ir pra casa da mamãe. A casa dela não é no meio do mato como a nossa – explicou.

– E por isso você pegou os vestidos? – falei.

– Foi.

– Eu não vou usar vestido – disse Zach. – Vestido é feio!

– Banannie... Acho que é a sua mamãe que vem visitar vocês...

– *O quê?* Não! – exclamou, batendo o pé no chão. – Isso é muito *chato*! Quero andar *de avião*!

– Você vai andar... um dia. Mas dessa primeira vez é ela quem vai vir. Quem sabe vocês não ficam num hotel?

– Um hotel grande?

– Hotel é feio!

– Zach, o que houve? Por que você está dizendo que tudo é feio? Você está bem? Está com algum dodói?

– Não! É que eu tô colocando o meu pijama FEIO na mala FEIA.

– Entendi... Annie, não sei se o hotel é grande. Você vai ter de perguntar para a sua mamãe.

– Se a gente for para um hotel grande, eu vou poder usar os meus vestidos. Quero ficar *chique*. Igual à mamãe – disse.

Então colocou na mala os sapatinhos pretos que havia usado no enterro do pai. Não pegou as sandálias nem os tamancos iguais aos meus. Com as mãos plantadas na cintura, ela agora examinava o guarda-roupa:

– Não tenho nada bonito – disse, afastando do rosto uma mecha dos cabelos dourados.

Zach ficou de pé, buscou seu brontossauro e uma braçada inteira de carrinhos e despejou tudo em sua malinha de Thomas e Seus Amigos. Tomei-o no colo, beijei-o na orelha e ele deitou a cabeça em meu ombro, soltando um longo suspiro.

– Está cansado, não é? – falei. – Venham, vamos ver *A noviça rebelde*.

– De novo? – disse Annie.

– Claro, por que não? – emendei.

Minha esperança era a de que os dois caíssem no sono na minha cama. Não queria dormir sozinha.

– Tá bom. Acho que posso terminar isso amanhã.

– Claro. Vá vestir o seu pijama. Vou fazer a pipoca, depois a gente se encontra no quarto.

Os dois realmente apagaram cedo, lá pela cena em que a tempestade desaba sobre a casa dos Von Trapp e Maria canta “Coisas que eu amo”. *Se a tristeza e se a saudade de repente vêm... Se o marido morre e uma mulher quer tirar meus filhos de mim... Eu lembro das coisas que eu amo.* Em seguida vinha o confronto dela com o bonitão do capitão Von Trapp, Maria planejando fazer roupas mais leves para as crianças com o tecido das cortinas.

Lucy ligou para saber como eu estava. Contei a ela o que estava assistindo.

– De novo?

– Maria... Isso sim é que é madrasta. Um exemplo de mulher. Por outro lado, ela não tinha de se preocupar com a volta da mãe biológica, já falecida.

– É verdade.

– E é mesmo! – falei. – Quem dera eu tivesse uma mãe superiora para me dizer o que fazer, de um jeito bem emocionante. Não. Eu preciso *ser* a mãe superiora. A *mãe superior*. Sobretudo aos olhos da Vara de Família do Condado de Somona.

– Disso eu não tenho dúvida, amiga. Você *é* a mãe superior. Ah, eu adoro aquela cena do gazebo. Deus do Céu. Christopher Plummer: sou louca por esse homem desde os meus, sei lá, 6 anos. Me liga mais tarde.

Desliguei. Joe havia partido, mas eu ainda tinha algumas das coisas que eu mais amava: cuidar da horta com as crianças, recolher ovos com elas, andar de bicicleta com os dois pela cidade, brincar de massinha, pintar com os dedos, fazer colares de contas, derreter raspas de lápis de cera entre duas folhas de papel-manteiga com o ferro de passar roupa... todas aquelas bagunças que a gente tanto adorava. Muitas outras coisas além de assistir a *A noviça rebelde* de novo, como Annie e até mesmo Lucy haviam observado.

O Dr. Irving Boyle tinha toda a razão. Ter Annie e Zach era um excelente motivo para continuar vivendo. Eu não era só a mãe deles, mas uma boa mãe, uma mãe superior. Bastava continuar fazendo todas aquelas coisas de que tanto gostávamos. Um fim de semana com Paige não colocaria em risco o que tínhamos construído ao longo de três anos. Gwen Alterman também tinha razão: aquilo acabaria fortalecendo nossa causa. Imagine só: Paige enterrando suas unhas tão bem-feitas nas massinhas e tintas de Zach... Nem morta.

~

annie, zach e eu esperávamos no sofá da sala. Callie ia de um para o outro, ora nos cutucando com o focinho, ora batendo em nós com seu rabo, ora pressionando seu corpo contra o nosso e sempre ofegando. Junto à porta, a malinha rosa se estufava de tão cheia ao lado da malinha de Thomas e Seus Amigos. Às 10h15 da manhã, exatamente no horário previsto, Paige chegou em seu carro alugado. Annie e Callie saíram correndo na direção dele e Zach, abraçado ao coelhinho Bubby, permaneceu ao meu lado, olhando para mim. Sequei na calça o suor das mãos e tentei ajeitar meus cabelos.

Zach pulou em meu colo.



– Ella – disse, plantando um beijo no meu rosto –, você está muito *bela!*

Ri e também o cobri de beijos. Sabia que ele havia aprendido aquilo com Joe. Minha insegurança devia estar estampada na testa para que um menino de 3 anos se dispusesse a encher minha bola daquela maneira. Ele desceu do meu colo e eu me levantei. Lembrei-me de respirar fundo algumas vezes, depois fui para a cozinha e peguei um pano de prato para fingir estar ocupada. Eu começara a arrumar a casa bem cedo, mas ela ainda parecia bagunçada. O mais provável era que Paige sequer descesse do carro.

Mas dali a pouco ela deu as caras na cozinha:

– Annie me deixou entrar – explicou, então, correndo os olhos pela sala, emendou: – Você derrubou aquela parede. Ficou ótimo. Eu também já havia pensado nisso. Se importa se eu usar o banheiro?

Eu havia começado a limpá-lo, mas acabara me distraíndo com outra coisa e esquecendo-o por completo. Cogitei negar o pedido dela e dizer que ela poderia usar o banheiro do posto de gasolina do Ernie, mas isso seria vergonhoso demais.

– Ah, claro... Fica ali no... Bem, você sabe onde fica.

– É, eu sei.

Enquanto esperava por ela, fiquei me remoendo por não ter limpado o banheiro. *Claro* que ela ia querer usar o banheiro depois de uma viagem de não sei quantas horas vindo do aeroporto de São Francisco. Fiquei pensando nas manchas d'água em torno do vaso, nos comprimidos de tarja preta que estavam no armário. Na loção pós-barba de Joe que eu deixava sobre a pia para as crises de saudade. O que Paige faria com ela? Também cheiraria e passaria um pouco nos pulsos? Esvaziaria o frasco no ralo? E a minha calcinha, ainda estaria no chão? A calcinha velha com dois furos perto do elástico?

Quando Paige enfim saiu do banheiro, Zach correu na minha direção e abraçou minha perna. Fiz um carinho nas costas dele, depois passei a Paige os cartões do plano de saúde dos dois, o telefone do pediatra e algumas instruções, inclusive sobre a alergia de Annie a um antibiótico e o apego de Zach a seu coelhinho Bubby. Paige não estava com o cheiro da loção pós-barba de Joe, mas com o perfume de jasmim de sempre, o que insistia em permanecer na minha casa mesmo depois que ela ia embora. Ela ficou com os cartões, mas devolveu o telefone do Dr. Magenelli e as instruções.

– Obrigada – falou. – Conheço o Dr. Magia, tenho o número dele. Também já sei da alergia de Annie. E ela é muito inteligente, vai me ajudar caso eu tenha alguma dúvida. De qualquer forma, muito obrigada. Foi gentil da sua parte.

Isso dito, guardou os cartões na carteira elegante e a pôs na bolsa mais elegante ainda. Estava usando calça branca e uma blusa de seda num tom de pêssego que combinava perfeitamente com sua pele muito clara. Certamente nunca havia tostado ao sol. Estava um pouco diferente da última vez que a vira. Tinha cortado a franja, que agora emoldurava os olhos e os deixava ainda maiores.

– Vou buscar as cadeirinhas para colocar no carro – falei.

– Não precisa. O carro que aluguei já tem. Vamos ficar no Hilton de Santa Rosa – avisou, então se virou para as crianças: – Vocês colocaram maiô e sunga na mala?

Eles fizeram que sim com a cabeça.

– E muitos vestidos também – acrescentou Annie.

– Ótimo – disse Paige, e conferiu as horas no relógio.

– Seu dia vai ser longo... – comentei.

– Não me importo. Vou adorar ficar com eles. Então, Annie, Zach, despeçam-se de Ella.

*Ella?* Mais um golpe baixo. Além disso, ninguém precisava mandar meus filhos se despedirem de mim.

– Eu não quero ir – resmungou Zach.

Agachando-me à sua frente, fiz um cafuné nele e falei:

– Você pode me ligar quando quiser. E a Annie vai estar com você. O Bubby também. Amanhã mesmo vocês vão estar de volta.

Zach começou a chicotear o chão com o coelhinho.

– Está bem, meu amor? – continuei.

Ele olhou para Paige e lentamente fez que sim com a cabeça. Annie o tomou pela mão e saímos os três de mãos dadas para a varanda. Antes que eles entrassem no carro, apertei-os num abraço talvez longo demais, esforçando-me para conter as lágrimas.

– Tchau, mãe! – gritaram, acenando pela janela do carro enquanto se afastavam.

Fiquei onde estava, vendo-os sumir na curva, esperando até que a nuvem de poeira deixada pelos pneus se dissipasse no ar da manhã.

Vesti o casaco de Joe e fui para o galinheiro com Callie zigzagueando à minha frente. Tínhamos quatro galinhas: Bernice, Gilda, Harriet e Mildred. Todas tinham um ovo sob si, menos Mildred, que andava meio preguiçosa nos últimos tempos. Fiquei me perguntando se ela também estaria de luto. Guardei os três ovos nos bolsos do casaco e voltei com Callie para a casa.

Meu plano era ocupar a cabeça procurando a papelada que Paige havia requisitado. Gwen tinha dito que eu precisava ter certeza de que as cartas não existiam antes de garantir isso em juízo. Eu estava disposta a vasculhar todas as caixas e pastas no escritório de Joe para me ver livre daquilo de uma vez por todas.

Já na loja, no velho escritório do mezanino, examinei não só as pastas como também os livros de contabilidade e as declarações de imposto de renda que eu havia assinado sem ao menos ler. Os indícios de bancarrota pipocavam nos documentos que eu nunca me preocupara em analisar. Como uma dona de casa dos anos 1950, eu havia ignorado as finanças para me dedicar exclusivamente aos filhos. Um arranjo que se dera naturalmente, não de caso pensado, e que na época parecera funcionar muito bem. Só agora eu percebia o tamanho do erro. Joe me poupava das más notícias, e, lá no fundo, eu gostava disso.



uma porta atrás do arquivo levava a um pequeno depósito. O arquivo era pesado demais para que eu o empurrasse sozinha, mas eu não queria pedir ajuda a David, então esvaziei as gavetas e fui deslocando a carcaça metálica até ser possível abrir a porta. Puxei a cordinha para acender a lâmpada nua que pendia da viga. O cômodo tinha cheiro de mofo – e de recordações. Havia caixas empilhadas e alguns móveis velhos empoeirados, entre eles uma penteadeira e uma escrivaninha que provavelmente haviam pertencido aos avós de Joe. Se aquelas cartas de fato existissem, eu certamente as encontraria ali.

Comecei a abrir as caixas. Não as que tinham seu conteúdo indicado (“troféus de beisebol de Joe”, “trabalhos escolares de Davy”), mas as do canto, não marcadas. Na primeira que abri encontrei o roupão de Paige. Imediatamente reconheci a estampa com volutas em tons de verde-azulado, mel e violeta, cores que decerto realçavam a brancura da pele e o azul dos olhos dela. Mesmo que usasse aquele roupão

todos os dias, o dia inteiro, Paige certamente ficava linda. Joe o levava do banheiro na noite em que nos conhecemos, mas não o jogara fora, não o doara a alguém, nem o mandara de volta para Paige. Em vez disso, ele o guardara. Porque sentia saudades de Paige? Porque achava que um dia ela iria voltar? Será que ele às vezes entrava ali sorrateiramente para sentir o perfume da ex-mulher no tecido, do mesmo modo que eu costumava cheirar as camisas dele?

Também era possível que Joe tivesse jogado aquele roupão ali, junto com outros pertences de Paige, apenas para se ver livre dele. Talvez nem se lembrasse de que aquilo existia.

Na mesma caixa havia coisas que certamente não tinham qualquer importância para ele. Maquiagem velha. Uma caixa de absorventes. Um exemplar surrado de *O que esperar quando você está esperando*. Algumas moedas e uma escova de cabelo ainda emaranhada de fios dourados.

Não, aquilo não era um relicário. Era apenas uma caixa empacotada às pressas, guardada e esquecida. Eu deveria ter parado por ali, retornado ao escritório e empurrado o armário de volta para seu lugar, repondo as pastas nas gavetas. Mas não. Abri uma segunda caixa. E uma terceira. Esta continha as roupinhas de bebê de Annie, quase tudo em tons de rosa, pêssego ou branco, pequenas lembranças de algodão de um passado do qual eu jamais faria parte. Havia até um macacãozinho com estampa de patos que eu reconhecia: havia comprado um igual na minha primeira gravidez. Deixara-o pendurado no armário

do quarto de bebê quando me separei de Henry. Onde aquele macacãozinho estaria agora? Guardado numa caixa com outras coisas que eu havia deixado para trás? O mais provável era que Henry o tivesse doado para alguém.

Paige e eu tínhamos ficado grávidas na mesma época. Quando conheci Annie, calculei que um dos meus bebês teria mais ou menos a idade dela se tivesse sobrevivido. Na caixa também encontrei o álbum de recordações da recém-nascida Annie. Essa era uma das poucas coisas que eu havia pedido a Joe para ver, mas ele tinha dado de ombros, dizendo não se lembrar onde estava. Talvez a própria Paige o tivesse posto ali, na intenção de buscá-lo um dia. Era um álbum artesanal, com uma capa de tecido rosa e branco com coelhinhos, o nome completo de Annie (Annie Rose Capozzi) e o dia de seu nascimento (7 de novembro de 1992) bordados em ponto de cruz. Por uns dois segundos, cheguei a pensar em não abri-lo. Sabia que nada nele me deixaria mais animada. Ainda assim, abri e logo me deparei com as fotos de Paige, linda mesmo prestes a dar à luz. Depois ela aparecia já na cama do quarto de hospital com seu bebê no colo e Joe ao lado, cercados de flores e balões coloridos, seus sorrisos igualmente largos, conectando-os à filha como as duas pontas simétricas de uma âncora.

Folheando o álbum, vi diversas fotos de Annie com Marcella e Joe Pai, com Frank, Lizzie e David, mas nenhuma foto de Paige até a Páscoa seguinte, cinco meses depois, quando enfim ela retomou suas funções de mãe, ressuscitada das cinzas. Não havia muitas fotos de Joe, já que era ele o fotógrafo – o que talvez fosse pior, pois aquelas fotos refletiam o que *ele* via, o que *ele* amava, tornando sua presença ainda mais forte do que se ele estivesse do outro lado das lentes. A expressão no rosto de Paige... Aquele sorriso que parecia encerrar um segredo que ela compartilhava com apenas uma pessoa em todo o planeta... E Annie nos braços dela.

naquele mesmo dia, já deitada, eu queimava os neurônios para encontrar um jeito de pagar tantas contas com um saldo bancário tão pequeno. Na verdade, tentava ocupar a cabeça enquanto esperava por um telefonema de Annie e Zach. Callie dormia profundamente a meus pés, roncando e estremeando as pernas enquanto perseguia em sonho um roedor qualquer. Tentei organizar os pensamentos, mas não consegui. Então abri a gaveta da mesinha de cabeceira e vasculhei o conteúdo até encontrar meu bloquinho de anotações. Na primeira página eu havia escrito “ração para as galinhas” e “sementes de ruibarbo”.

Era verdade: dondoca. Num passado remoto, minha vida fora simples assim, tão simples que minha lista poderia servir de inspiração a uma dessas canções bobocas que a gente costuma cantarolar nas viagens de carro, alguma coisa como: “Tenho ração para as galinhas e sementes de ruibarbo/ E um sorriso no rosto que vai de lado a lado/ Tenho um filho, uma filha, um marido amado/ E um sorriso no rosto que vai de lado a lado...”

Joe se encarregava sempre das compras, trazendo do mercado tudo aquilo de que precisávamos. A agência dos correios ficava perto da loja, portanto era ele também quem colhia a nossa correspondência. E quando o movimento estava fraco, ele fazia a contabilidade. Aparentemente, tinha tido tempo de sobra para isso.

Eu havia entrado em sua vida e imposto muito pouco da minha. Na época eu era uma espécie de cova ambulante, escavada em excesso e prestes a desabar sobre si mesma. Não havia muita vida ali para ser imposta a quem quer que fosse. Ao esbarrar em Joe e seus dois filhos (uma família já pronta e com uma vaga de mãe disponível), eu não havia pensado duas vezes. Que motivos teria para duvidar de algo que era claramente um presente do destino?

Da noite para o dia, Joe e eu deixamos de ser estranhos que nem sequer sabiam o nome um do outro para nos tornarmos um casal com dois filhos. Não havíamos passado por todas aquelas fases pelas quais nossos amigos passavam: os longos suspiros, os olhos revirados até um “Tudo bem, deixa que eu faço”. Eu corria e me prontificava a fazer qualquer coisa que tivesse relação com as crianças. E depois de meses resolvendo tudo sozinho, Joe geralmente me permitia isso.

Tínhamos ficado juntos por três anos. Mas até que ponto nos conhecíamos realmente? Talvez não tanto quanto eu supunha. Henry e eu tínhamos sido casados por sete anos. Ainda assim, e mesmo depois de tudo o que havíamos passado juntos, eu nunca afirmaria conhecê-lo melhor do que qualquer outra pessoa no mundo conheceria. As conversas que ele tinha comigo não eram lá muito diferentes das que mantinha com os colegas de trabalho, os companheiros de beisebol ou a mãe, dependendo do assunto. Nada era reservado apenas para nós, a não ser as tentativas de engravidar. Mas quando desistimos delas e eu quis conversar sobre adoção, Henry mudava de assunto. Então voltávamos para as conversas bobas sobre ratos de laboratório, jogos de beisebol, a hérnia do pai dele.

Joe e eu adorávamos conversar. Nossos assuntos navegavam sinuosamente entre alguma coisa incrível que as crianças tinham feito, a beleza das berinjelas na horta, um poema sobre uma garça-azul que ele havia lido em algum lugar. Para mim ele era um dos homens mais interessantes do mundo. Engraçado, criativo, intuitivo, artístico. Após a morte de Sergio, Joe havia abandonado a universidade para ajudar o pai. Sentira-se no dever de honrar o desejo do avô depois de tudo o que ele havia passado. Abrira mão do sonho de ser fotógrafo e a fotografia se tornara apenas um hobby com o qual ele tentava capturar o

que havia de mais belo no mundo, sempre buscando o melhor ângulo e a melhor luz. Eu adorava isso nele. Mas também havia coisas que ele se recusava a ver. Só agora eu me dava conta disso, bem como da minha própria convivência com esse hábito de filtrar a realidade.

Peguei o cartão deixado por Paige. Callie se espreguiçou na cama, ergueu a cabeça e novamente a deixou cair, voltando a roncar. Limpei a garganta e ensaiei:

– Alô? Paige? Aqui é a Ella...

Não. Delicado demais. Inseguro demais.

– Alô, Paige. Aqui é a Ella. Quero falar com a Annie, já.

Não. Arrogante demais. Eu precisava transparecer leveza, como se não tivesse nenhum problema no mundo.

– Oi, Paige. (É Paige, não é?) Aqui é a Ella. A Annie está por aí?

Disquei o número duas vezes e desliguei antes do sinal de chamada. E na terceira, ouvi “Olá. Você ligou para o celular de Paige Capozzi, preparação de imóveis para venda ou locação. Por favor deixe seu recado” e um bipe.

Eu já ia desligando quando lembrei que ela provavelmente teria identificador de chamadas, então falei:

– Hum, oi. Aqui é a Ella. Ella Beene. É que... Eu estava pensando em Annie e Zach e... eu só queria dar boa-noite a eles. Meu Deus... Nem lembro quando foi a última vez que não estava do lado deles na hora de dormir. Acho que foi no nosso terceiro aniversário de casamento, quando a gente passou o fim de semana em...

*Biiiiip.*

Ai. Será que ela não tinha um daqueles serviços em que a pessoa pode apagar a mensagem que deixou? Apertei asterisco, apertei jogo da velha, sacudi o telefone e nada. Desliguei.

~

tomei um susto quando o telefone tocou no meu colo.

– Alô, mãe...

Era o Zach. Ouvir aquela voz me encheu de um doce alívio. Até aquele momento eu nem sequer havia notado como estava tensa e rígida, não tinha percebido a extensão do meu medo de que algo terrível acontecesse.

– Meu amor! E aí? Está se divertindo muito?

– Não. Quero ir para casa. AGORA.

– Poxa, Zach. O que foi que aconteceu?

– Eu quero VOCÊ.

Eu podia vê-lo como se ele estivesse bem ali na minha frente, segurando o telefone com ambas as mãos, apertando Bubby sob o braço, a barriginha estufada, os calcanhares juntos e a ponta dos pés para fora num *plié* lindo e mal-ajambrado.

– Meu anjo, escute só... Amanhã você vai voltar. A Annie está aí com você. O Bubby também. E o hotel é bem legal, não é? Sabe o que mais? Tem uma surpresinha para você dentro da mala. No bolso. Vá lá buscar.

– Tá bom! – disse ele, e depôs o telefone.

No bolso interno da mala eu havia colocado um estegossauro novo para Zach e um lindo par de meias para Annie usar com os sapatinhos de couro. Ouvi Paige dizer:

– Que gentileza da Ella. Não esqueça de dizer “muito obrigado”, Zach.

*Ella? De novo? E mandar Zach me agradecer? Cale essa boca.*

Zach voltou ao telefone.

– É muito legal, mãe!

– Você vai ficar bonzinho agora, não vai?

– Ahã. Ahã. Ahã. Ahã. Vou brincar. A Annie quer falar também.

Zach deu um rugido jurássico e Annie veio à linha.

Perguntei se ela estava se divertindo.

– Muito.

– Ah, é?

– É. Você precisa ver o meu quarto!

Jesus! Onde eles estavam? Las Vegas?

– Seu quarto no hotel?

– Não. *Meu quarto*. Mamãe trouxe fotos. Acho que é maior que a nossa sala – disse ela rindo.

– Uau.

– Uau, mesmo.

– É o quarto de hóspedes?

– Não. É só meu. Com o meu nome escrito com purpurina na parede. E muito verde também. – *Como Paige poderia saber que a cor preferida de Annie era verde? Como havia conseguido pintar e montar um quarto tão rápido?* – Também tem outras cores – prosseguiu Annie. – Lilás, rosa, bege... e uma cama enorme! Parece um castelo!

Novamente o suor escorria em meu rosto, a respiração pesava.

– Mãe?

– Sim, meu amor.

– *Estou... com... saudade* – sussurrou ela.

Foi com inegável vergonha que me dei conta de quanto precisava ouvir aquelas palavras, de que pela primeira vez na vida a dor dos meus filhos de algum modo aliviava a minha.

## Capítulo 17

Com o turbilhão de pensamentos que girava em minha mente, não consegui cair num sono profundo. Quando o galo dos Clayton cantou, sentei-me assustada na cama. *Havia* uma carta. Eu havia me esquecido. Joe a mencionara. Era a carta em que, logo abaixo de um “querido Joe”, Paige entregava os filhos a ele e dizia *arrivederci*. Se eu conseguisse encontrá-la...

Levantei-me na penumbra rosada da aurora. Coloquei uma calça jeans e vesti um casaco de moletom sobre a camiseta de Joe. Recolhi as bolinhas de lenço de papel que se espalhavam sobre a cama feito pipoca, acendi o abajur, peguei o bloquinho na gaveta e anotei todas as coisas que precisava fazer. A vida para além das rações e das sementes de ruibarbo.

Depois de terminar minhas tarefas no galinheiro, corri para abrir a loja. Acendi as luzes e por um instante me senti em paz. Embora todo o meu dinheiro estivesse empatado ali e por enquanto o risco que havíamos assumido só nos deixasse mais cansados e com um pouco menos de dinheiro a cada dia, eu não me arrependia nem um pouco do que fizera. Ainda acreditava que chegaria o dia em que, não tendo mais de me preocupar com uma batalha judicial, eu poderia me concentrar no trabalho, atendendo os clientes no balcão e nas mesas, planejando os cardápios com David enquanto as crianças estivessem na escola. Era nisto que eu estava pensando quando David chegou, equilibrando nos braços uma torre de caixas.

– Suas orelhas estavam quentes? – perguntou, já apoiando as caixas numa superfície e retirando os suprimentos que trazia nelas. – Porque acabei de falar com um repórter do *Press Democrat*. Eles querem conversar com você também. E essa você vai adorar: é possível que o *Sunset* faça uma matéria sobre a gente. Também estou cavando uma nota no *Real Simple*. Mas isso ainda vai levar alguns meses.

Assenti, mas não disse nada. David pousou a mão em meu ombro:

– Você está bem? Parece cansada...

– Estou, obrigada – assegurei, endireitando as costas. – Estou ótima. É que... eu adoraria ficar e brincar de lojinha com você, mas preciso subir e ver se encontro uma papelada para a audiência com o juiz.

– Nossa. Não parece muito divertido.

– Pois é.

– Isso também vai passar. Daqui a pouco seus filhos vão estar de volta. Você vai levá-los para a escola, depois vai passar a tarde inteira em entrevistas para a imprensa nacional, dando respostas inteligentíssimas que eles vão adorar incluir nas matérias, preparando sua sopa de legumes recém-colhidos da horta e rebolando em direção ao fogão para colocar mais lenha nele e fazer mais pratos deliciosos.

– Tudo bem, mas agora eu vou rebolar em direção ao escritório para me enterrar numa pilha de documentos.

– Ah, você se lembrou de assar os legumes?

– Ih, não.

Eu não tinha tempo para assar o que quer que fosse.

– Quer que eu ajude a picá-los?

– *Eles nem estão picados ainda?*

– Desculpe, David. Posso picar agora. É rapidinho.

– Tem certeza?

Certeza eu tinha de que *não* podia picar nada. Mas piquei. Piquei as cenouras, as batatas-doces, as abóboras e as cebolas. Sempre em pedaços grandes e com golpes rápidos da faca, tal como David havia ensinado. Por duas vezes quase piquei meus dedos também.

– Deus do céu! – exclamou ele. – Cuidado aí. A receita leva suco de frutas vermelhas, mas não *sangue*.

Peguei uma panela grande e joguei nela os legumes com azeite, tomilho, sal, pimenta, um pouco de xarope de bordo e suco de frutas vermelhas – sem sangue. Levei tudo para o forno e dali a pouco nossa loja recendia a amor, saúde e boa comida. Então subi às pressas para o escritório, saltando os degraus com o firme propósito de encontrar algo que incriminasse aquela mulher. A mulher que vinha tentando tirar meus filhos de mim.



tranquei a porta do escritório só por garantia, para o caso de David resolver vir levantar meu astral com seus biscoitinhos de limão, e retirei do armário mais algumas caixas sem etiqueta. Certamente encontraria numa delas a tal carta que traria à luz a verdadeira Paige.

Assim que estivesse com a carta, Gwen Alterman poderia providenciar um documento qualquer que autorizaria Paige a visitar as crianças, mas impediria que ela impusesse sua vontade, tirando Annie e Zach do lugar que era o melhor para eles. Aqui. Comigo. Conosco.

Numa das caixas encontrei o álbum de bebê de Zach, um álbum comum de ursinhos azuis, comprado numa loja, e não feito à mão como o de Annie. Todos os espaços estavam em branco: o primeiro sorriso, a primeira gargalhada, a primeira palavra, o primeiro dentinho.

Também encontrei mais fotos. Não exatamente fotos de família. Fotos de Paige.

Despindo-se...

Nua.

Tão logo me dei conta do que eram, joguei-as de volta na caixa e me levantei. Fiquei tonta. Precisava de algo para controlar a ansiedade, então busquei dois comprimidos na mochila e os engoli a seco. Chutei a caixa de volta para seu lugar, destranquei a porta do escritório e fui descendo a escada. No meio do caminho, parei e reconsiderarei. Subi, tranquei a porta novamente, peguei a caixa de novo. Dessa vez *estudei* cada uma das fotos. Tratava-se de uma sequência. Nas primeiras, Paige estava usando uma camisa azul de mangas compridas e uma saia. Aparentava uns 20 anos. Muitas eram closes do rosto; outras, de corpo inteiro, de pé com as mãos na cintura, sentada num banquinho. Roupas diferentes. Nada muito insinuante. Mas depois de certo ponto ela começa a desabotoar a camisa, olhando diretamente para a câmera. Não parecia estar posando, apenas se despindo para as lentes. E lá estava ela, tirando a camisa. Deixando cair a saia. Abrindo o sutiã. Curvando o tronco para tirar a calcinha. Erguendo-se



novamente, mas não de um modo sugestivo. Olhos encarando a câmera. Seios perfeitos voltados para a câmera. Expressão solene. Nada de rostinho virado sobre o ombro. Nada de timidez. Parecia ao mesmo tempo insegura e desafiadora, menina e mulher, sexy e triste. Que homem não se apaixonaria por ela?

De novo eu podia ver Joe naquelas fotos – não a pessoa, mas o olhar. Também podia imaginar que eles ainda não haviam dormido juntos. Joe estava descobrindo Paige e isso fazia com que eu me sentisse uma intrusa. Como se estivesse invadindo o espaço deles naquele momento.

Naquele momento... e talvez três anos antes também, pouco depois de o casamento deles sair dos trilhos.

Com a cabeça latejando e os olhos ardendo, saí à rua e caminhei de volta para casa, a casa que Joe e Paige haviam comprado para os dois e para os filhos que não tardariam a vir. Depois me joguei na cama onde eles faziam amor, onde haviam feito Annie e Zach. Cogitei ligar para alguém, mas já havia gastado todos os meus coringas. Não podia amolar mais nenhum dos meus amigos, eles precisavam de um descanso de mim. *Eu* precisava de um descanso de mim. Além do mais, não queria que ninguém soubesse daquilo. Precisava dormir, só isso. Se eu conseguisse descansar um pouco, poderia reorganizar as ideias. Levantei da cama e peguei mais um comprimido.

Como já disse antes, nunca me considereei uma mulher bonita. Atraente, sim, mas não daquelas que inspiram artistas, que fazem as pessoas virarem a cabeça na rua. No entanto, diante do modo como Joe me olhava... eu me *sentia* bonita. Mas ele nunca havia pedido que eu posasse nua. Não que a gente tivesse muita folga entre as trocas de fralda e os banhos das crianças para transformar nosso quarto em estúdio fotográfico.

Voltei para a cama. Callie entrou em seguida com a coleira entre os dentes, mas não fiz mais que levá-la para o quintal. Ela olhou para mim, desapontada, depois largou a coleira a meus pés, trotou para fazer suas necessidades e voltou para dentro, seguindo-me até o quarto. Eu me sentia exausta. Puxei as cobertas sobre a cabeça e me encolhi sob elas.

– Por hoje chega – falei em voz alta.

Callie grunhiu e pousou o queixo em minhas pernas sobre o cobertor.

Começou a chover. As crianças estariam de volta assim que anoitecesse, mas eu não tinha forças para sair da cama. Tentei, mas não consegui. Até que tive de ir ao banheiro e novamente levar Callie até o quintal. “A grande vantagem desse ansiolítico”, pensei enquanto tomava mais dois comprimidos, “é que ele não vicia.” Dormi.

Acordei com o barulho da chuva e me perguntando como uma simples onda podia roubar tudo o que havia de bom na face da Terra e deixar tanta devastação. Imediatamente voltei a dormir.

Os latidos de Callie me despertaram. Os faróis de um carro lambiam as paredes do quarto como lanternas na escuridão de uma caverna. Os pneus chapinhavam ruidosamente nas poças d’água. Ouvi as portas do veículo se abrirem, a voz de Paige. Eu havia deixado a porta destrancada e as luzes apagadas. Precisava me levantar. *Rápido.*

Completamente zonza, vesti a calça e saí ao corredor justo no momento em que eles entravam. Paige acendeu a luz, ofuscando minha vista com a claridade. As crianças seguravam balões molhados de chuva. Vestiam roupas novas e modernas. Ambos haviam cortado os cabelos. *E estavam de franja!* Como Paige. Como linhas de batalha desenhadas sobre as frentes perfeitas, uma acintosa demarcação de território que

parecia dizer: “Estas cabecinhas são minhas!” Deus do céu, quanto drama. Culpa dos comprimidos?

Zach dormia apoiado no ombro de Paige, os lábios ligeiramente entreabertos. Com sua nova bolsinha verde-limão a tiracolo (que combinava com o balão), Annie olhou para mim e disse:

– Mãe, você está doente?

– Hum... Um pouquinho. É só uma gripe.

– Poxa – disse Paige. – Você podia ter ligado. Eles podiam ficar comigo mais um tempo.

– Não tem problema. Já estou melhor.

– Espero que eles não fiquem gripados também.

Abaixei-me para dar um abraço em Annie.

– Essas gripes são muito contagiosas – emendou Paige.

*Vá se catar, modelete.*

Tomei Zach dos braços dela, a cabecinha bamboleando pesada no espaço entre nós.

– Tchau – falei.

Paige baixou o rosto para dar um beijo de despedida em Zach. Seus cabelos roçaram em meu rosto, deixando um rastro de jasmim. Zach despertou e quis ir para o chão e fazer um carinho em Callie. Paige abraçou Annie, dizendo:

– Ligue para mim amanhã. Como a gente combinou.

– Ligo sim, mamãe.

– Não vá dar trabalho para a Ella, OK?

Fechei a porta antes mesmo que ela alcançasse os degraus da varanda. Tentei relevar, mas não me contive. Abri a porta novamente e chamei:

– Paige.

Ela se virou para trás.

– Não é *Ella*.

– Como? Seu nome não é Ella?

– As crianças me chamam de mãe.

– *É mesmo?*

– *É.* Faz três anos que elas me chamam assim. Mas você não saberia disso, porque não estava por perto pra saber – falei, e bati a porta.

Annie e Zach me encaravam com seus balões molhados em punho.

– E aí, estão com muita fome?

Eles fizeram que não com a cabeça.

– Eu só quero dormir – disse Annie.

– Aquela mamãe levou a gente num monte de lugares chiques – suspirou Zach.

E foram saindo para o quarto deles antes que eu pudesse convencê-los a dormir no meu. Eu sabia que o mais recomendável era mesmo que eles fossem voltando à vida normal, mas precisei morder a língua para não perguntar se não se sentiriam muito sozinhos sem mim. Ambos estavam cansados demais para falar, então os coloquei na cama e fiquei ali, observando-os adormecer, os rostos agora emoldurados pelas franjas, enquanto a chuva no telhado criava uma canção de ninar e os balões coloridos se acomodavam em cantos opostos no teto.

Estava tão tensa que duvidava que pudesse voltar a dormir. Já deitada, fiquei ouvindo a chuva ganhar força até martelar a casa e fazer as árvores baterem nas janelas. Tudo em Paige me deixava nervosa. A certa altura soquei o travesseiro e levantei da cama. Não sabia ao certo quando havia tomado o último ansiolítico, mas certamente já era hora de outro. Tomei dois, só por garantia. Precisava acordar bem-disposta para levar as crianças à escola.

Mas na manhã seguinte fui acordada pelo hálito delas em meu rosto.

– Por que ela não abre os olhos? – perguntou Zach a Annie.

Só então, e a custa de muito esforço, eu os abri. E me deparei com outros quatro, azuis e arregalados, crivando-me de perguntas silenciosas. Sabia que precisava me levantar e preparar o café, mas só o que consegui fazer foi me apoiar nos cotovelos antes de me esborrachar novamente no colchão.

– Mamãe está cansada, só isso – falei. – Annie, você poderia preparar o cereal?

Ela fez que sim com a cabeça.

– E... ligar pro... tio David – pedi.

Callie pulou da cama e os três saíram juntos rumo à cozinha. Finalmente, após semanas de noites maldormidas, um descanso de verdade!

Dali a pouco eu já estava sonhando de novo. Um sonho comprido e confuso, com tramas que iam se sobrepondo e das quais eu não me lembraria depois. Mas, de repente, surgiu isto: Joe e eu mergulhando de mãos dadas, deslizando através das águas dando pernadas lentas e regulares, com a graça de dois bailarinos. Ele apontava ora para um mexilhão gigante, ora para o vermelho crepuscular de um recife de corais. Eu queria lhe fazer uma pergunta, então sinalizei com a mão e fui voltando à superfície. Deparei-me com um céu cinzento e fiquei ali, batendo os braços na água, esperando por Joe, mas ele não apareceu.

Então mergulhei de volta para procurá-lo, chamando seu nome em meus pensamentos enquanto atravessava os emaranhados de algas. Estava nisto quando ouvi meu próprio nome, vindo do alto. Novamente fui subindo, agora com pernadas mais fortes, rumo à voz de Joe.

Acordei sôfrega nos braços de David.

– Ella, meu amor. Sou eu, David. Você estava sonhando.

– Eu quase... – balbuciei. – Quase...

Quase conseguira falar com Joe, quase obtivera as respostas de que tanto precisava.

– Menina, você dormiu o dia inteiro – anunciou David, afastando meus cabelos do rosto. – E, desculpe a franqueza, mas você está precisando de um bom banho e de uma escova de dentes.

– Obrigada – falei, mas só depois de cobrir a boca com o lençol.

David se afastou e abriu as cortinas. Do outro lado da janela, as folhas molhadas da macieira cintilavam sob o sol da tarde feito cristais de um candelabro.

– Deve ter sido o ansiolítico que eu tomei.

– Isso vindo de uma mulher que nem aspirina aceitava.

– Tenho andado muito nervosa. Foi o médico que receitou.

– Gil toma o mesmo remédio que você, mas não dorme o dia inteiro. Talvez você seja mais sensível ao princípio ativo. Ou será que você está usando os comprimidos como bala?

– Não – garanti, balançando a cabeça. – Mas é óbvio que tomei mais do que devia.

– Ella, você tem todos os motivos do mundo para procurar abrigo e ficar só torcendo para que o vento leve a tempestade embora. Mas, sinto muito, você não tem tempo para isso. Tem dois filhos levados para criar, uma disputa judicial a vencer e um cunhado enjoadíssimo que precisa desesperadamente da sua ajuda.

David me ajudou a ficar de pé, começou a cantarolar uma musiquinha animada e foi dançando comigo até banheiro. Então me deixou lá dentro e puxou a porta. Sobre a bancada, ele havia colocado uma cesta repleta de produtos de banho aparentemente caríssimos: sabonetes e cremes de lavanda e alecrim, a toalhinha mais macia que eu já tinha visto, uma esponja com cabo de madeira. Despi minha roupa de baixo e a camiseta de Joe, fétida e molhada de suor, depois abri o chuveiro no máximo, com a água bem quente. Tentando não pensar na vergonha que sentia, coloquei-me sob o jato e me refestelei com sabonete, xampu e condicionador, inalando os vários perfumes até que água ficou fria, obrigando-me a sair.

Meu cunhado herdara a energia e a mania de limpeza da mãe. Quando enfim saí do quarto vestindo um roupão e com uma toalha enrolada na cabeça, ele já havia mandado as crianças recolherem todos os brinquedos e livros de colorir que tinham espalhado pela casa e agora, usando luvas de borracha, colocava a louça suja na máquina de lavar.

– Mãe, você sarou? – perguntou Zach.

Annie apenas olhou para mim com uma embalagem de cereal vazia nas mãos.

– Sim, meu amor. Desculpe por não ter levado vocês à escola.

– Liguei mais cedo para saber como estavam as coisas, mas seu telefone caiu direto na caixa postal – comentou David. – Deduzi que você estava falando com a advogada, mas acho que era Annie quem estava na linha.

– Falando com Marcella?

– Aparentemente não... – insinuou David, olhando para Annie.

– Meu anjo, com quem você estava falando?

Annie encolheu os ombros e disse:

– É... com a mamãe.

– Ah.

– Ela estava preocupada.

Respirei fundo, tentei transparecer calma na voz:

– Preocupada por quê?

– Porque você *não acordava!* – disse Annie, batendo o pé no chão. – Eu chamava e você *não acordava!* Ela falou que *ela* ia cuidar da gente.

– Não se preocupe, Ella – disse David. – Já conversei com Paige. Acho que consegui convencê-la de que as coisas estão sob controle.

– Hum-hum – fez Annie. – Ela está vindo para cá. Falou comigo que vinha e que ia fazer alguma coisa pra gente *comer*.

David tirou as luvas e se aproximou dela. Era o que eu deveria ter feito, mas minha cabeça e meus músculos pareciam não estar se comunicando. Meu cunhado a tomou no colo e disse:

– Você está querendo comer depois de todo aquele canelone da vovó que você devorou? Será que ainda

cabe mais alguma coisa nessa sua barriguinha cheia? Se couber, é só falar que eu faço.

Em outras circunstâncias, Annie teria dado uma boa risada ao ouvir isso, mas apenas permaneceu muda. Então me aproximei dos dois, acariciando as costas dela e falando por sobre o ombro de David assim como eu fazia quando Joe a carregava no colo.

– Meu amor, eu sinto muito. *Muito* mesmo. Não queria ter dormido tanto. Desculpe por ter deixado você sozinha com o Zach. Você se virou muito bem, mas isso não devia ter acontecido. Você ficou com medo?

Ela foi fazendo que sim com a cabeça, timidamente no início, vigorosamente depois, até que desabou em lágrimas. Tomei-a dos braços de David e esperei que ela se acalmasse. Dali a pouco, ainda soluçando, ela disse:

– V-v-v-você f-f-ficou b-brava comigo... porque eu l-l-liguei pra mamãe...

– Não, meu amor, não fiquei brava. Você fez a coisa certa.

– Mas você não gosta dela!

– Meu anjo... É que... A gente está passando por um momento difícil, entende? Difícil pra você. Difícil pro Zach. E difícil pra mim também. Desculpe. Prometo que vou me esforçar mais. *Muito* mais. Hoje deixei você sozinha, mas isso não vai acontecer de novo, OK? Nunca mais, eu juro. Tudo bem?

Novamente ela assentiu, mas sem muita convicção.

Como fui deixar que aquilo acontecesse? Talvez eu não fosse uma mãe lá muito melhor do que Paige. Havia sido incapaz de enfrentar uma crise, incapaz de cuidar dos meus filhos, incapaz de cuidar de mim mesma. E se alguma coisa tivesse acontecido a eles enquanto eu dormia feito uma pedra em plena segunda-feira à tarde? Voltei para o banheiro, peguei todos os comprimidos que restavam e os joguei na privada.



a chuva parou e aos poucos o sol foi invadindo nossa varanda. Decidimos então fazer um passeio no rio. As crianças adoravam nadar e eu estava tentando me redimir com elas. Annie de bicicleta, Zach de velocípede e eu caminhando ao lado deles, fomos seguindo pela estradinha atapetada de folhas de pinheiros até o ponto onde a areia formava uma praia, conhecida como Elbow Beach. Annie logo avistou um ninho de águia-pescadora na margem oposta, uma enorme coroa de gravetos empoleirada no alto de uma árvore morta.

– Vamos ver os filhotinhos! – disse ela.

Mas o ninho estava silencioso, vazio. Naquela época do ano a águia decerto já fizera sua viagem rumo ao sul. Estávamos sozinhos ali. As outras mães, claro, haviam levantado cedo e levado seus filhos à escola.

Enquanto eu abria nossa toalha no chão, Zach foi empurrando seu velocípede pela areia mole até a margem do rio, depois subiu nele e lentamente começou a pedalar até que a roda da frente entrou na água.

– Zach, o que você está fazendo? Meu amor, na água não!

Mas ele manteve os pés nos pedais, os olhos voltados para a água. Fui até ele e coloquei o pé diante da roda.

– Não dá para andar de velocípede dentro da água – falei. – Que tal a gente dar um mergulho?

Ele fez que não com a cabeça e continuou olhando para a água.

– O que foi, Zach-ossauro?

– Tô indo pra um lugar.

Ele pisou mais forte nos pedais e a roda avançou um pouco sobre meus dedos.

– *Ai!* Zach, vamos estacionar o velocípede ali, perto das amoras, depois vamos nadar.

Novamente ele fez que não com a cabeça, ainda sem olhar para mim.

– O papai está lá embaixo? Quero ir lá *ver ele* com o meu velocípede.

– Não, meu amor, o papai não está lá embaixo...

– *Tá bom, SUA BOBA!*

Ele desceu do velocípede e se jogou na areia.

– Zach, você quer conversar sobre o papai?

Ele cantarolou a sua série de *ahãs*, mas ficou de pé, empurrou o velocípede até os arbustos de amoras e voltou correndo para abraçar minha perna. Perguntei se aquilo significava que ele queria dar um mergulho e ele fez que sim com a cabeça.

Mesmo não sabendo nadar, Zach sempre se atirava sem medo na água, mas nesse dia ele se manteve por perto, enroscando-se em meus braços. Entendi o que isso significava e aceitei de bom grado a confiança que ele depositava em mim. Foi como se estivesse ganhando uma oportunidade de redenção. Meu coração batia com tristeza mas saudável, sem qualquer dor que prenunciasse uma desgraça. Batia com a mesma segurança das palavras que sussurrei no ouvido de Zach:

– Eu estou aqui, meu amor. Eu estou aqui.

Com ele pendurado ao pescoço, conferi o fundo do rio para ver se não havia pedras pontiagudas ou algum objeto cortante, de modo que Annie pudesse saltar da corda pendurada em uma árvore. Ela esperou meu consentimento (mais um sinal de confiança) e se jogou na água com os braços e as pernas ao léu, num momento de pura liberdade. Ainda sorria quando voltou à tona e veio nadando na minha direção para receber um abraço de parabéns. Com Zach num dos braços, tomei-a no outro, duas plumas na água límpida do rio. Nesse instante algo roçou meu tornozelo, uma corrente do rio ou um peixinho qualquer. Senti um arrepio ao lembrar que ali, a meus pés, havia um mundo inteiro que eu não podia ver.

## Capítulo 18

Antes de voltarmos para casa, demos uma passadinha na loja. David preparava sanduíches para um grupo de oito pessoas. Assim que terminou, veio a meu encontro na varanda, erguendo a mão para que eu batesse nela. Depois sentou-se em um banco e ficou observando enquanto eu varria o chão.

– Lá no hotel da mamãe tinha uma piscina, mas Zach não quis entrar – comentou Annie.

– Ah é? – falei, controlando a voz tanto para o bem dela quanto para o meu próprio.

Tínhamos nos divertido tanto no rio que não valeria a pena estragar o dia com meus ciúmes.

– Ele ficou com medo, mas hoje não teve medo nenhum porque estava com você – completou Annie, claramente tentando me animar.

Até ela percebia quanto eu andava carente.

– A mamãe só nada de camiseta. Não é *estranho*?

– Provavelmente é para não se queimar de sol – falei.

Annie buscou o tabuleiro de damas e começou a tentar ensinar o jogo a Zach.

– Paige sempre foi assim – explicou David. – Eu achava que era um excesso de pudor, como se todo mundo fosse olhar para ela. *Eu* é que não olharia, *claro*.

Sorri e quase contei a ele que pudor não era bem o caso, levando-se em conta certas evidências fotográficas. Mas segurei minha língua e conduzi o assunto de volta para a loja, que já não afundava em dívidas, mas também estava longe de se livrar delas, como era necessário. E rápido. Pelas mais diversas razões.



na manhã seguinte, pulei da cama e tratei de levar as crianças para a escola em vez de deixá-las abandonadas diante da TV. Em seguida fui para a loja e comecei a espanar as mercadorias ao mesmo tempo que falava ao telefone com Gwen Alterman. Ela me dava os últimos conselhos sobre a audiência que estava por vir, falando rápido e indo direto ao ponto, o que era ótimo, pois cada minuto daquela ligação me custava três pratas.

Recomendou que eu não fosse agressiva, não levantasse a voz, não interrompesse Paige.

– Fique calma. Não se esqueça de respirar. Comece sua contra-argumentação com “por outro lado”...

Larguei o espanador e a caixa de biscoitos que vinha limpando e comecei a tomar notas.

– Estou convicta de que as chances dela não são lá muito grandes. Mesmo assim, esses mediadores são imprevisíveis. Já ouvi cada coisa... Seja como for, a recomendação de um mediador é fundamental. A decisão final cabe ao juiz, claro, mas raramente eles vão contra o que o mediador recomenda.



enquanto eu me arrumava para a audiência, Marcella mantinha as crianças ocupadas ajudando-a a fazer almôndegas. *Eu deveria ter comprado uma roupa nova*, foi o que pensei ao vestir a calça que me servia perfeitamente um mês antes e agora estava quase *baggy*. Desenterrei meu estojo de maquiagem e apliquei um pouco de blush, batom e até mesmo rímel. Raramente usava rímel, sobretudo após a morte de Joe, pois nunca sabia quando as lágrimas iriam brotar, borrando meu rosto de preto. Mas naquele dia ele era uma espécie de declaração de guerra às lágrimas: eu estava decidida a não chorar. Permaneceria calma e amorosa, articulada e afável. E meus cílios estariam longos e volumosos, tal como o fabricante da maquiagem prometia.

Olhando no espelho, deparei com uma triste figura de roupas largas e sorriso falso. Uma Ella nada bela. Roupas novas teriam ajudado, mas eu não podia esbanjar dinheiro quando as contas da loja continuavam tão apertadas. Desfiz o rabo de cavalo e tentei arrumar os cabelos, que geralmente eram meu ponto forte, mas agora pareciam apenas desgrenhados. Prendi-os novamente para contê-los.

Despedi-me das crianças com muitos beijos e um abraço demorado, mas não o suficiente para dar pistas de que algo importante estava acontecendo. Achei melhor não dizer nada antes de sabermos ao certo no que aquela audiência resultaria.

– Mas aonde você está indo? – perguntou Annie, desconfiada.

– Uma reunião – falei. – Vou estar de volta em algumas horas. Fiquem ajudando a vovó.

– Mamãe também falou que tem uma reunião...

– É mesmo? – falei, e apertei o narizinho dela. – Reuniões chatas e demoradas fazem parte da vida dos adultos. Infelizmente.

Todos da família haviam se oferecido, em diferentes ocasiões, para me acompanhar e ficar esperando do lado de fora. Até mesmo minha mãe dissera que pegaria um avião e viria só para isso. Mas era algo que eu tinha de fazer sozinha. Os parentes estavam ajudando a salvar a loja. Eu precisava salvar Annie e Zach – e a mim também.

Mesmo assim me senti cada vez mais tomada pelo medo à medida que avançava rumo à sala de mediação da Vara de Família. Encontrei um assento vago bem na frente, junto à parede. Corri os olhos à procura de Paige, mas não a vi. Talvez ela não aparecesse. Talvez estivesse presa num engarrafamento ou seu voo houvesse atrasado. Ao balcão, a atendente explicava a um homem de terno barato (dois pontos brancos na manga marcavam o lugar onde antes havia uma etiqueta) que sua medida restritiva ainda estava em vigor e que, por esse motivo, ele e a mulher precisariam de audiências individuais. O homem deu meia-volta e saiu da sala sem olhar para ninguém.

Examinei minhas anotações. Emocionalmente estável. Calma. Amorosa. Segura. Compreensiva, até.

Talvez ela não fosse dar as caras.

– Capozzi *versus* Beene – chamou a atendente.

Corri para o balcão.

– Você precisa preencher este formulário – disse ela, e me entregou o papel.

No item “parentesco com a criança”, marquei “madrasta”. Até então eu nunca havia feito isso, sempre assinara meu nome no campo “mãe” nas aulas de natação, na matrícula escolar, no futebol de Annie. Mas agora lá estava aquele “madrasta” para o mediador, enquanto Paige marcaria “mãe” – o vento sopraria a favor dela desde o início.



A menos que ela não aparecesse. Aguardei, esperançosa, até que ouvi a porta se abrir e a vi deslizar até o balcão para assinar seu nome sob o “mãe”. Todos a observavam, provavelmente imaginando qual dos homens ali seria seu ex-marido, já que nenhum parecia estar à sua altura. Os homens se empertigaram em seus assentos. Na verdade, as mulheres também. E eu. Também me endireitei na cadeira.

Paige procurou um assento vago, depois sumiu do meu campo de visão. Quanto mais o tempo passava, mais nervosa eu ia ficando. Estudei minhas anotações. De repente me dei conta (em algum lugar entre “Fale sobre a relação de afeto com as crianças” e “Descreva a nossa rotina”) de quanta coisa estava em jogo ali. Dificilmente o assunto se resolveria numa reunião rápida com um desconhecido.

Pouco antes, uma mediadora sorridente havia chamado na sala de espera o primeiro casal de sua lista. Eu havia simpatizado com ela. Agora ela voltava, dessa vez para chamar nossos nomes. Tinha cabelos curtos e grisalhos, pele bronzeada e estava usando sandálias e uma saia leve soltinha. Ela conferiu algo em sua prancheta, retirou os óculos de leitura (presos a uma correntinha de prata com contas turquesa) e se apresentou.

Tão logo nos acomodamos em seu gabinete, Janice Conner disse:

– Examinei o histórico de vocês e devo admitir que se trata de um caso incomum. Gostaria que soubessem que sou mãe e madrasta e que, portanto, posso entender o lado de ambas. Gostaria também que me dissessem que desfecho cada uma de vocês imagina para este caso. Paige, como você é a requerente, vou começar por você – disse, sorrindo. – Então, por que estamos aqui hoje?

Paige sorriu de volta, depois disse, virando-se para mim:

– Antes de mais nada, gostaria de me desculpar com Ella. Você foi uma boa madrasta para meus filhos e serei sempre grata por isso. No entanto, muitos desentendimentos e tropeços na minha relação com Joe...

– Joe é o falecido pai das crianças, certo? – perguntou Janice Conner.

– Isso. Sabe, nunca foi minha intenção abandonar meus filhos para sempre.

– Não é verdade – rebati. – Você disse a ele que jamais voltaria.

Paige ignorou a interrupção e continuou se dirigindo a Janice Conner.

– Tive um caso sério de depressão pós-parto. Eu não... Quero dizer, achei que seria melhor para Annie e Zach que... que eu não ficasse junto deles. Joe não quis entender. Então fui embora. Mas escrevi cartas. Realmente deixei de contatá-lo por um tempo, mas quando voltei a tentar, Joe simplesmente não atendeu meus telefonemas. Quando ele entrou com o pedido de guarda integral, eu estava no fundo do poço. Estava...

Ela respirou fundo e exalou um longo suspiro.

– Estava internada numa clínica psiquiátrica e foi lá que finalmente encontrei o médico que me ajudou. Mesmo depois de abrir mão da guarda das crianças, continuei a escrever para elas e para Joe. Tinha certeza de que aquela situação era temporária. Meu objetivo era ficar boa e arrumar um emprego, enquanto isso Joe poderia reconsiderar. Mas isso não aconteceu. Em vez disso, ele conheceu Ella.

– Exato. Joe e eu nos conhecemos quatro meses depois que ela foi embora. Depois que disse que jamais voltaria e que ele devia tocar sua vida.

– OK – interrompeu Janice Conner. – Preciso fazer uma pausa aqui. Paige, é uma pena que você e o pai dos seus filhos não conseguiram se acertar. Mas aqui estamos nós hoje, três anos depois. As crianças têm uma madrasta amorosa, quanto a isso não há dúvida, e se apegaram a ela. Elas acabaram de perder o pai.

Por que justo agora? Por que você acha que devemos abalar o mundo delas com mais uma mudança?

Paige novamente encheu os pulmões.

– A morte de Joe deixou Ella muito abalada e não acho que ela esteja em condições de cuidar das crianças. No dia do enterro, encontrei-a bebendo e fumando na horta. Desde então, Annie me liga com frequência. Contou que Ella quase bateu com o carro, depois falou um palavrão e berrou com eles.

Sério? Isso de novo? Balancei a cabeça.

– No fim de semana que eles passaram comigo, quando fui deixá-los em casa, tive a impressão de que Ella estava drogada ou entorpecida com alguma coisa. Falou que estava gripada, mas fiquei imaginando que substância poderia tê-la deixado daquele jeito.

Ouvindo isso, encarei-a acintosamente, mas ela manteve os olhos pregados em Janice Conner e prosseguiu:

– Nesse meio-tempo, as crianças e eu nos reaproximamos e a senhora nem imagina como fiquei aliviada ao constatar que o nosso vínculo emocional ainda era o mesmo. Todo mundo sabe disto, da força do vínculo entre mãe e filhos.

Paige endireitou sua saia e depois prosseguiu:

– Sempre que falo com Annie, ela pergunta quando vai poder me visitar. Além disso, o mercado dos Capozzi já ia mal três anos atrás. Tenho dúvidas quanto à estabilidade financeira de Ella.

Janice Conner continuou fazendo suas anotações depois que Paige finalmente se calou. Então olhou para mim por sobre os óculos:

– Ella, agora eu gostaria de ouvir o seu lado da história. O que você tem para me contar?

Eu sentia nos ouvidos as batidas do meu coração. Paige sabia das dificuldades do mercado três anos atrás.

– Basicamente... que ela está mentindo.

Janice Conner sorriu com paciência, depois disse:

– Sei que você tem uma versão diferente dos fatos. Agora é o momento de contá-la.

– Para início de conversa, não existe carta alguma. Exceto a que ela deixou quando foi embora, dizendo a Joe que o casamento estava acabado, que ele seria um bom pai para as crianças, mas que ela não aguentava mais.

Não contei que, apenas por precaução, eu havia vasculhado as caixas de Joe. De qualquer modo, não havia encontrado nada dentro delas.

Paige balançou a cabeça.

– Eu mandei não sei quantas cartas e cartões! – choramingou, e olhou para mim, dizendo: – Em que planeta  *você*  estava?

Janice Conner limpou a garganta.

– Devo lembrar às duas que devem dirigir seus comentários e perguntas apenas  *a mim* . Tenho uma pergunta para você, Paige. Por acaso você chegou a registrar alguma dessas cartas ou cartões?

Pela primeira vez seguiu-se um silêncio na sala. Olhei para Paige. Ela balançava a cabeça quase imperceptivelmente, fitando as mãos cruzadas sobre o colo.

– É uma pena – prosseguiu Janice. – Porque se tivesse, não estaríamos nesta situação agora, a palavra de uma contra a da outra. Paige, você acha possível que por um motivo qualquer essas cartas nunca

tenham sido enviadas?

Paige disse que não, mas começou a corar. Janice prosseguiu:

– Já aconteceu comigo: achei que tivesse postado uma carta e depois a encontrei numa gaveta. Você estava sendo medicada, passava por uma fase difícil. Por acaso não entregou essas cartas a uma enfermeira ou a algum funcionário da clínica? Talvez a seu psiquiatra? Ou as guardou na mala para enviar depois? Não estou sugerindo que elas não foram escritas, apenas que...

– Não! – Paige quase gritou.

O rosto agora estava completamente vermelho. Depois, com os olhos voltados para o teto, ela falou baixinho:

– Você acha que eles me enganaram?

– Não sei. Seja como for, não será aqui que vamos descobrir se estas cartas foram enviadas ou não. Portanto gostaria de passar a palavra novamente para Ella. Ella, por que você acha que Annie e Zach deveriam permanecer sob a sua guarda?

Engoli em seco, pensando em Annie e Zach empoleirados nos bancos da cozinha, ambos embrulhados num avental grande demais, ajudando Marcella a fazer almôndegas. Em seguida respondi:

– Porque sou a única mãe que eles conhecem. Porque temos um lar e uma família grande e carinhosa, além de muitos amigos. Porque moramos numa comunidade de pessoas boas e prestativas. Annie e Zach de fato passaram um fim de semana com a mãe e podem até ter se divertido muito, mas a verdade é que ambos estão muito tristes. E na minha casa eles podem ficar tristes, porque eu também estou. Não encaro a morte do pai deles como uma *oportunidade*. Também é verdade que tenho passado por maus bocados. Estou de luto. Mas não estou ficando louca. Paige e eu não somos nem um pouco parecidas. Nem um pouco.

Olhando de relance para Janice, vi que ela não estava escrevendo como havia feito enquanto Paige falava, mas consultava suas anotações. Dali a pouco ela falou:

– Pode me falar dessas substâncias que, segundo Paige, você tem usado?

Contei então sobre o ansiolítico receitado pelo médico, falei que nunca havia tomado nada parecido antes e que naquele dia em particular eu havia exagerado um pouco na dose.

– Mas depois disso não tomei mais nada. Joguei tudo fora.

Só Deus sabia como eu estava precisando de um comprimido daqueles.

– Tem certeza? Pode comprovar o que está dizendo com um atestado médico? Ou com uma declaração dos colegas de trabalho?

– Claro que posso. Nunca fui viciada em nada – garanti, e depois expliquei o que havia acontecido na autoestrada e por que eu tinha gritado com as crianças. – São coisas pelas quais Paige nunca teve de passar simplesmente porque foi embora.

Paige descruzou as pernas, endireitou os ombros.

– Felizmente minha história não terminou naquela clínica – disse ela. – Consegui me recuperar à custa de muito esforço e foi o amor que tenho pelos meus filhos o que sempre me deu forças. Sou a mãe deles. Uma mãe que cometeu muitos erros, mas que ainda acredita ter tomado a decisão certa ao se afastar... Fiz o que fiz porque amava meus filhos, tanto quanto os amo agora. Hoje posso oferecer a eles um ambiente financeiro e emocional muito mais estável do que ela. Além disso sou a *mãe* deles, é comigo que eles têm

de ficar.

Janice vinha anotando tudo o que Paige dizia.

– Você está escrevendo tudo aí, mas nada disso é verdade.

Eu começava a erguer a voz. Respirei fundo, procurei manter a calma.

– Paige acabou de chegar na vida de Annie e Zach – argumentei. – Vem dando presentes a eles, mas as crianças não têm qualquer vínculo forte com ela. Zach mal a conhece! Ela cerca Annie porque Annie é extremamente vulnerável. Fico preocupada com o que possa acontecer caso eles sejam tirados, neste momento, da casa em que nasceram e foram criados. Os dois eram muito, muito pequenos quando a mãe foi embora. Acabaram de perder o pai. E agora, se me perderem também... se perderem os avós, o tio, todo mundo... Vão ficar arrasados.

Janice se virou para Paige.

– Sei que você trabalha no mercado imobiliário. Mas o que você faz exatamente?

– Bem, eu preparo imóveis para...

– Ela retira todos os objetos pessoais e todas as lembranças que fazem de uma casa um lar, depois substitui tudo isso por um ou dois móveis modernos para dar a impressão de que é outra pessoa que mora ali, talvez até o comprador em potencial. Ela *fabrica* um lar. É muito boa nisso.

– Pelo menos não obrigo meus filhos a morar num barraco minúsculo e atulhado.

– *Barraco?* Do jeito que você fala, até parece que o nossas paredes são de papelão.

Olhei para Janice e novamente respirei fundo.

– Nossa casa é um chalé dos anos 1930 muito aconchegante – expliquei. – Foi construído pelo bisavô das crianças e, depois, totalmente reformado.

Em seguida falei de Elbow, da família Capozzi, dos amiguinhos das crianças, de Callie, das galinhas... enfim, de tudo que me ocorria naquele momento.

A certa altura, Janice Conner ergueu sua prancheta como um sinal de *pare*.

– OK. Estou vendo que não vamos chegar a nenhum acordo hoje. Pois agora é minha vez de falar e gostaria que as duas me ouvissem com muita atenção. Pelo bem dessas crianças, que já passaram por tanta coisa, quero que vocês parem imediatamente com esta rixa. Sobretudo diante delas. Vocês não podem se agredir na frente das crianças. Vão causar um estrago enorme.

Ela olhou para Paige, depois para mim e prosseguiu:

– Este caso realmente não é fácil. Por acaso existe alguma possibilidade de que vocês se mudem?

– Não – respondemos em uníssono.

Era a única coisa sobre a qual estávamos de acordo.

## Capítulo 19

Sentada ao volante do jipe no estacionamento do fórum, eu falava ao celular com Gwen Alterman enquanto secava as manchas de rímel que as lágrimas desenhavam em meu rosto. Gwen tentava me acalmar: não era a primeira vez que uma pessoa insultava a outra parte numa audiência de mediação.

– Os mediadores já estão acostumados. Acontece todo dia.

– Mas você disse que...

– Este seria o ideal, que você tivesse conseguido segurar as pontas até o fim. Mas pelo que está dizendo, tenho certeza de que não se saiu tão mal quanto pensa.

– Não, Gwen, eu meti os pés pelas mãos. Nem eu mesma me daria a guarda de uma criança.

– Olhe, vá para casa. Fique com seus filhos. Transforme aquela loja num grande sucesso. Vamos ter aí umas duas semanas de trégua. Tente não pensar no assunto.

Mas eu não conseguia pensar em outra coisa. Pensava no fato de que Joe havia contado a Paige sobre a situação do mercado ou ela havia percebido por conta própria, como as esposas geralmente fazem. Pensava no que ela dissera ao falar das cartas que supostamente havia enviado: “Em que planeta você estava?” A pergunta não saía da minha cabeça, pelo menos em relação ao mercado. Não restava dúvida de que Paige mentira sobre as cartas. Eu as teria visto em algum lugar, teria ouvido alguma conversa a respeito delas. Joe não conseguiria esconder *isto* também.

Eu não tinha o hábito de rezar, mas agora eu rezava, rezava e rezava. *Senhor, eu imploro, ilumine Janice Conner e faça com que ela veja que o lugar dessas crianças é aqui, comigo. Por favor, não tire meus filhos de mim! E se Paige perder o juízo outra vez? Pensando bem, a ideia até que não seria de todo ruim...*

Eu sabia que rezar para que alguém enlouquecesse não contaria pontos a meu favor lá no céu, muito menos a favor da minha própria sanidade mental, mas estava desesperada. Sentia arrepios só de pensar na maldita audiência, nas farpas que eu atirara contra Paige, em minha total incompetência ao falar da crise emocional que enfrentava. Paige tinha dito: “Em vez disso, ele conheceu Ella.” Em vez disso o quê? Uma reconciliação? Um fim diferente? Uma mudança naquela rota que, em última análise, levava à morte de Joe?



não fosse pela trabalhadora na loja, seria eu quem iria enlouquecer. O movimento era grande e eu precisava estar lá, ajudando David e Marcella. David havia conseguido mais algumas notas na imprensa: no *San Francisco Chronicle*, no *San Jose Mercury News*, na *Bohemian*. Todos tinham dito maravilhas sobre nossa comida, bem como sobre nosso mapa de locais inusitados para fazer piqueniques (certo repórter

chegara a dizer que o mapa de Clem Silver era uma obra de arte digna de ser emoldurada e pendurada na parede ou no museu Metropolitan – o que arrancara de Clem uma deliciosa risada). Os repórteres gostavam sobretudo do conceito da loja. “O lugar conta inclusive com uma charmosa área coberta em meio às árvores, para aqueles dias em que o tempo não colabora.” Depois de ler uma das matérias, Joe Pai havia acenado com o jornal dobrado na minha direção, dizendo:

– Essa sua ideia... Caramba! Acho que pode dar certo.

Faltava apenas uma semana para o Halloween. O timing não poderia ter sido melhor, pois assim eu tinha mais um pretexto para não pensar em Paige e na próxima audiência. Sempre adorei as festas de Halloween e Elbow era o lugar perfeito para elas. Ali não era preciso levar as crianças para brincar na segurança de um shopping. Todo mundo se conhecia, os carros eram poucos e as crianças eram muitas e, agora, no epicentro de tudo, estava a nossa loja, A Vida É Um Piquenique.

Eu tinha grandes planos. Havia costurado fantasias para Annie e Zach em todos os Halloweens e não seria diferente agora. No entanto, por mais grandiosos que meus planos fossem, uma voz distante soprava em meu ouvido que no ano seguinte as coisas poderiam ser diferentes. E em todos os anos que viriam depois. Empurrando essa voz para bem longe, me atirei no trabalho.

– Mãe, o que você está fazendo aí? – perguntou Annie. – Parece um esquilo na toca! – riu ela.

Vasculhando os fundos do nosso closet, eu de fato parecia um daqueles esquilos que Callie costumava perseguir pelo quintal. Ainda não havia me desfeito das roupas de Joe, uma das tarefas que volta e meia eu incluía em minha lista de coisas a fazer, mas que nunca fazia.

– Estou procurando a... achei! – comemorei, finalmente conseguindo desenterrar a pesada caixa de plástico da minha máquina de costura. – Halloween, aqui vamos nós.

Olhando para o próprio pé enquanto desenhava círculos com ele no carpete, Annie disse:

– Era sobre isso que eu... que eu queria *conversar* com você.

– Sobre o quê, Banannie?

No ano anterior ela havia se vestido de árvore: uma calça de veludo cotelê marrom com camisa de mangas compridas na mesma cor e, no torso, uma fronha verde que eu havia recheado de jornal e decorado com folhas de seda, coladas com cola quente. De um dos braços pendia um pequeno balanço no qual havíamos colocado um ursinho de pelúcia. Na cabeça ia um boné com um ninho de gravetos e um passarinho de papel machê (Joe se dera o trabalho de acrescentar alguns ovinhos também). Annie havia ganhado o primeiro lugar no concurso de fantasias da cidade.

– Você já sabe o que quer ser este ano? – perguntei.

– Já. Pocahontas.

Nada muito original, mas tudo bem.

– OK. Então a gente vai ter de providenciar alguma coisa de camurça. Ah, e a gente também pode fazer uns colares de contas. Que tal você chegar de canoa à cidade, rebocada pelo jipe?

– Mãe... é que... eu estava pensando... Acho que este ano ia ser melhor se a gente *comprasse* uma fantasia de Pocahontas. Você anda tão ocupada... E na loja tem uma fantasia prontinha. Daí eu vou ficar igualzinha à Pocahontas *de verdade*.

– Você quer dizer igualzinha à Pocahontas da *Disney*?

– Isso! Vou ficar linda. E a Molly vai vestida de Bela, de *A bela e a fera*.

Annie e a filha de Frank e Lizzie andavam ainda mais próximas agora que eram colegas de escola. Certamente era Frank quem sairia conosco pedindo gostosuras de porta em porta, não Lizzie, que parecia ter feito o juramento de se manter longe da minha pessoa.

– Linda... – repeti, e ela alojou os cabelos atrás das orelhas, sorrindo.

Annie havia crescido. Antes ela adorava as fantasias que eu fazia em casa, adorava ajudar na criação e adorava a atenção que recebia. Com certeza ela não queria ser só mais uma na multidão. Talvez agora quisesse apenas escolher por conta própria o que vestir. Aquilo era apenas o começo, disso eu tinha certeza. Queria estar ao lado dela em cada um daqueles tantos momentos de rebeldia que ainda estavam por vir: as tatuagens, os *piercings*, o top de barriguinha de fora, o preto da cabeça aos pés. Também era possível que ela direcionasse sua rebeldia aos planos que eu tinha para ela e virasse uma líder de torcida, dessas que adoram jogar o cabelo, ou uma patricinha de shopping, dessas que não saem de casa sem um *glitter* qualquer. Ou talvez se recusasse a comer outra coisa que não fosse hambúrguer do McDonald's. Mas por ora ela queria apenas comprar uma fantasia de Halloween. Era uma fantasia cara para o saldo bancário de que eu dispunha. Nas lojas da Disney, uma roupa daquelas não sairia por menos de 50 dólares.

Como se pudesse ler meus pensamentos, ela disse:

– Mamãe falou que tem uma loja da Disney em Las Vegas. Que podia comprar e mandar pelo correio, mas que eu devia falar com você antes.

Hum. Fiquei me perguntando se essa história de Pocahontas havia sido sugestão de Paige ou ideia da própria Annie. Fosse o que fosse, eu sentia no ar um cheirinho de provocação, mas sabia que o melhor era me fingir de morta.

– E então, mãe? Ela pode comprar? *Pode?* – suplicou Annie, as mãozinhas entrelaçadas como se estivesse rezando, as sobrancelhas arqueadas para o alto. Forçava um sorriso como se já anteviesse minha permissão, como se com isso pudesse me dobrar.

Mas como eu poderia lhe negar aquele pedido?

– Tudo bem. Se é *luxo* que você quer...

Imediatamente ela veio me abraçar.

– Eu sabia que você ia deixar! Vou ligar pra mamãe agora mesmo! Obrigada, obrigada, mil vezes obrigada! – disse, e saiu saltitando pelo quarto.

Aquela rejeição foi como um soco no meu estômago. Tão logo me vi sozinha no closet, deixei o corpo desabar contra as camisas de Joe. Tive a impressão de que elas abriram caminho para minhas costas para depois me envolveram num abraço. Eu precisava do Joe real, de seu abraço real, mesmo assim fiquei ali, recebendo de bom grado o consolo da jaqueta de beisebol que ele tanto amava, da camisa social azul que realçava seus olhos.

Annie havia sido gentil e eu não me arrependia de ter cedido à vontade dela. Afinal, não era nenhum grande sacrifício ter que dividir com Paige o privilégio de fazê-la feliz.

Procurei me ocupar com a fantasia de Zach e a minha própria. Eu sabia exatamente o que queria ser, mas Zach ainda estava em dúvida entre diferentes insetos. Um louva-a-deus? Uma mariposa? Uma centopeia?

fim de outubro. O tempo regia sua sinfonia na queda das folhas que rodopiavam no ar: vermelho, laranja e amarelo em contraste com um fundo de sempre-vivas, com um céu azul que se mantinha até o anoitecer. Muitas das encostas já cintilavam com o amarelo das vinhas, lagos dourados que salpicavam as densas florestas a seu redor. Na loja, o sininho da porta tocava sem cessar, o telefone idem, a caixa registradora idem, *aleluia, aleluia!* Em meio a tudo isso eu podia ouvir o coraçãozinho das crianças batendo em compasso com o meu sempre que eu os abraçava ou os observava dormir. Corações que contavam os dias, as horas, os minutos.

No alto de uma escada, eu decorava as vigas da loja com teias de algodão para a festa de Halloween. Joe havia subido na mesma escada no Natal anterior para pendurar os cordões de luzinhas brancas que eu ia lhe passando. Depois de terminarmos o trabalho, quando Joe já estava no chão, eu tinha dito que era tradição colocarmos um visco num batente, e sem hesitar ele me tomara nos braços para dizer: “Não preciso passar debaixo de nenhuma planta para beijar minha mulher.” Enquanto ele plantava um longo beijo na minha boca, o sininho da porta havia soado com a entrada da Sra. Tagnoli, que nos cumprimentara com um *Oh là là*. Em menos de um ano eu havia passado de luzinhas piscantes e beijos cinematográficos a teias de aranha, fantasmas e arrependimentos.

– *Buongiorno, bellissima!* – disse Lucy, recém-chegada de uma vinícola na Itália.

– Eu até desceria desta escada pra lhe dar um abraço, mas estou presa nestas teias.

– Ah, as emaranhadas teias que tecemos... – disse, citando Walter Scott. Em seguida depôs o cesto que havia trazido consigo e emendou: – Ah, a Itália! Aquele lugar é fantástico! Eu *preciso* morar na Itália.

– Você praticamente mora na Itália. O condado de Somona é a Itália. Sem o sotaque.

– Sem as construções centenárias, sem os museus incríveis, sem as ruas de pedra, sem a melodia do italiano por toda parte, e sobretudo sem os italianos gostosérrimos...

– Mas eles não são nenhum George Clooney...

– Não, mas tem um italiano em particular, chamado Stefano, que até me faria esquecer o George – respondeu ela sorrindo. – A gente se cruzou na rua e depois... se cruzou de novo na cama. E de novo, e de novo...

– *Stefano?* Sexo? Acho que sexo eu ainda lembro o que é. Mas conte tudo.

– Jovem. Lindo de morrer. E o melhor de tudo...

Nesse instante Marcella saiu da cozinha e Lucy sussurrou:

– Depois eu conto...

Marcella plantou as mãos na cintura, olhou para o alto e disse:

– Jesus. Teria sido melhor se eu tivesse deixado as teias de verdade aí em cima.

– Fique tranquila, Marcella – disse Lucy. – Essa aí é a aranha Charlotte dos livros infantis. É só a gente dar um tempinho que ela acaba tecendo alguma coisa incrível.

– Quem dera fosse assim tão fácil. Daí eu usaria meus fios para escrever algo do tipo “Ella, uma mãe e tanto”, do mesmo modo que Charlotte escreveu sobre o ratinho Wilbur. Então viriam os repórteres, o milagre se tornaria público e eu seria salva, igual ao Wilbur.

– Ella – chamou Lucy. – Ninguém precisa de um milagre para ver que você é uma mãe e tanto. Agora



desça daí e venha me ajudar.

Lucy lotou meus braços com garrafas de vinho, toalhas de piquenique e os belíssimos vasos de vidro soprado que ela havia trazido de Veneza. Em seguida, lotou meus ouvidos com as histórias das tardes longas e quentes que havia passado nos braços de Stefano.

De onde estávamos podíamos ver o comitê organizador da Pesca dos Caixões caminhando rumo ao rio. Essa era uma tradição de Elbow, baseada numa grande mancada dos fundadores da cidade. Lá pelos idos de 1870, as madeireiras vinham brotando muito mais rápido do que as árvores jamais seriam capazes e sequoias *milenares* eram derrubadas. Depois vieram as ferrovias, os turistas, e assim nasceu Elbow. Estando numa região privilegiada pela natureza, tendo um rio que formava uma bela faixa de areia, a cidade vivia sobretudo do turismo (e não do comércio madeireiro), mas ainda assim as toras contornavam a cidade por mais ou menos dois quilômetros, boiando correnteza abaixo até a serraria Edward. Além disso, os homens de Elbow que não trabalhavam com turismo ou não passavam apenas o verão na cidade eram mão de obra do setor madeireiro. Ora, derrubar árvores de quase 100 metros de altura e tão largas que precisariam de 20 pessoas para abraçá-las não é uma empreitada fácil e muitos desses homens acabaram perdendo a vida nela.

Rapidamente um cemitério foi construído num local bonito e tranquilo não muito longe dos limites da cidade, mas não longe o bastante do rio. E a mancada veio à tona em 1879, com a primeira enchente após a construção do tal cemitério. O rio transbordou e levou consigo hortas, árvores, carroças, alguns cavalos, seis casebres e alguns caixões, que seguiram navegando junto às toras rumo à serraria. Uma afronta ao descanso eterno prometido aos mortos.

Assim que foi possível, os moradores da cidade buscaram suas canoas, cordas e redes de pesca e saíram para recuperar os caixões e trazê-los de volta a terra firme. Embora fosse verdade que ninguém (nem mesmo os cavalos) tivesse morrido na enchente, os jornais noticiaram que 12 corpos haviam sido encontrados no rio – o que era verdade. Depois, os caixões que tinham sido poupados pelas águas da enchente foram levados para um novo campo-santo, a colina ensolarada onde Joe agora descansava.

A mancada do cemitério era lembrada todos os anos com um cortejo fluvial conhecido como Pesca dos Caixões. As pessoas decoravam seus barcos, canoas ou caiaques e amarravam caixões de plástico de tamanho natural entre as embarcações. Lanternas havaianas, dessas feitas com bambu, iluminavam tanto os barcos quanto os esquifes. A tradição exigia que o cortejo se desse no mais absoluto silêncio e, surpreendentemente, todos a respeitavam. Barcos e caixões seguiam solenes rio abaixo, com o fogo das lanternas refletido na água numa dança muda.



fechei o cesto de Lucy e disse:

- A Pesca dos Caixões. Nossa, é mórbido demais. Por que será que nunca reparei nisso antes?
- Claro que é mórbido! – devolveu Lucy, sorrindo. – É Halloween!
- Você não acha que Annie e Zach podem ficar impressionados? Afinal... o pai deles acabou de morrer afogado. Conversei com os dois e eles disseram que estavam animados para acompanhar o cortejo, mas sei lá...
- Acho que não vai ter problema. Além do mais, você vai estar lá o tempo todo. Se notar alguma coisa

na expressão deles, vai poder ajudar. Ella, amiga, é Halloween. Annie e Zach são crianças. Ficam elétricos com açúcar e *adoram* essa tradição.

Naquela noite, na loja, revelamos nossas fantasias sob os aplausos e assobios de Lucy, David, Gil, Marcella e Joe Pai.

– Viu isso, coração? – disse David a Gil. – Parece que este ano a gente vai ter uma cesta de piquenique... e um formigão. Gigantesco e feroz.

– Sou uma *formica grandis* – rebateu Zach.

– Você sabe latim? – disse Gil. – Então sua mãe deve ser a famosa entomologista Ella Beene. Mas cadê o Bubby?

Ele esperou até que, como um mágico tirando seu coelho da cartola, Zach pescasse Bubby de sua abóbora de plástico, depois emendou:

– Olha só que linda a nossa Pocahontas!

– Ella – chamou Lucy –, acho que este ano você se superou.

Eu havia pegado nosso cesto de roupa suja, que era de vime, retirado um pedaço do fundo e recheado parte de seu interior com jornal. Depois usara uns cintos velhos de Joe como suspensórios para vesti-lo. Minha calça jeans ficava coberta por uma toalha xadrez vermelha e branca. Na cabeça eu trazia um chapéu de frutas e, saindo do cesto, vinham mais algumas toalhas, uma garrafa de vinho, um naco de queijo, uma bisnaga de pão e um frango de borracha. Eu era, de fato, um cesto de piquenique.

– Não quero ouvir nenhuma piada, hein? Nada de “roupa suja se lava em casa” ou de “cestão” com a vida ganha – brinquei.

– Ah, seria tão fácil que nem teria graça – brincou David.

Ele havia se oferecido para cuidar da loja para que eu pudesse levar as crianças à Pesca dos Caixões e depois encontrar Frank e Molly para irmos juntos à cata de gostosuras. Eu havia precisado me despir do cesto e deixar boa parte da minha fantasia na loja, do contrário não iria caber na canoa que nos levaria rio abaixo. Vesti os coletes salva-vidas em Annie e Zach e por fim embarcamos.

Zach apontou para os caixões de plástico.

– São de mentirinha – lembrou a si mesmo e a nós também.

– Isso, Zack, são só de mentirinha – assegurei.

A lua estava enorme de cheia, baixa no horizonte, tingida de vermelho.

– É uma lua de abóbora – ele sussurrou a meu lado, espetando meu rosto com suas antenas vermelhas de formiga.

Minha cabeça ainda pesava com as frutas de plástico. Seguíamos rebocados pelos primeiros barcos, tendo um caixão à nossa frente e outro atrás. Observando as duas crianças, percebi que estavam sérias, mas não assustadas. Zach acompanhava os reflexos que a lua e as lanternas havaianas desenhavam na superfície da água. Annie se mantinha concentrada, usando o remo para guiar a canoa. A certa altura, ela virou para trás e disse:

– Estou cansada.

Apertei-me ainda mais com Zach no banco e a convidei:

– Sente-se aqui. Mas venha com cuidado.

Então ela veio para o meu lado e eu abracei meus dois filhos, seguindo em silêncio com eles.

Foi como se o momento pairasse no céu da noite junto à lua. Solene, sinistro, sereno. Com apenas mais uma canoa e um caixão na nossa esteira, enfim chegamos ao final do cortejo. Então a música anunciou o início da festança e da algazarra, as crianças se espevitaram e o Halloween começou.



busquei o resto de minha fantasia na loja e pouco depois Molly estava correndo na nossa direção usando sua fantasia de Bela. Lizzie, e não Frank, era quem estava com ela.

– Frank foi chamado no trabalho – foi logo dizendo, sem ao menos um “olá”. – Uau, olha só pra isso – emendou, avaliando-me da cabeça aos pés. – Muito bom.

– Posso ir com as crianças se você quiser.

– Não, tudo bem. Deixei uma tigela com doces na varanda. Se acabar, acabou.

Lizzie tinha pouco mais de 1,50 metro, mas andava com graça e imponência. Crescera em Elbow e se formara no colégio da cidade como primeira aluna da turma, oradora da cerimônia de formatura e rainha do baile. Graduara-se em Stanford, alcançara um alto cargo executivo, mas, decepcionada com o mundo corporativo, voltara para Elbow e se casara com Frank, seu namorado de escola. Agora tinha Molly e seu próprio negócio: fabricava os sabonetes mais cheirosos do planeta. A linha de produtos Lizzie’s Lathers era tão boa que as pessoas se dispunham a morrer em sete pratos numa barra de sabão e o *Press Democrat* havia publicado uma matéria de página inteira sobre ela. Todos na cidade conheciam e adoravam Lizzie. Ao longo de nossa caminhada, por várias vezes alguém a abordou – e ela se mostrou bem mais simpática com eles do que jamais havia sido comigo. Eu ficava aliviada quando a pessoa me conhecia e falava comigo também, geralmente para elogiar minha fantasia, desejar boa sorte e dizer (ou melhor, sussurrar) que estava torcendo por mim naquela disputa de guarda tão ridícula.

A certa altura, quando nosso pequeno grupo estava novamente sozinho e as crianças pediam doces à porta de alguém, Lizzie disse:

– Olha, sei que está havendo uma disputa pela guarda das crianças, mas é só o que sei. – Sempre com os olhos voltados para as crianças, ela emendou: – Frank e eu temos um acordo com relação à sua família: jamais falamos sobre isso. Desculpe, sei que parece insensível, mas, quando Joe e Paige se separaram, foi difícil para nós também. Víamos as coisas por ângulos muito diferentes. Eu não queria prejudicar meu próprio casamento discutindo sobre o deles. Então...

Ela encolheu os ombros e deixou a frase no ar.

As crianças voltaram para perto de nós gritando algo sobre uma caveira *enorme* e nesse mesmo instante Brenda Haley se aproximou de Lizzie para se informar sobre a competição de dança da escola. Lá se foi meu momento de intimidade com ela.

Quando enfim chegamos em casa, estávamos exaustos. Ajudei as crianças a tirar as fantasias, limpei cuidadosamente a maquiagem do rosto de Annie, apartei uma briga (certamente movida a açúcar) que fez doces voarem por toda parte, coloquei-os na cama, li um pouco para eles e me despedi com um beijinho de boa-noite.

Já na sala, acendi a lareira, joguei-me no sofá e fiquei ali, coçando a barriga de Callie e olhando para a secretária eletrônica. Eu havia notado a luzinha piscando nela tão logo passara pela porta, mas, temendo más notícias, tinha deixado para ouvir a mensagem depois. Fiquei um tempo encarando as chamas,

brinquei com um fio solto em minha calça, até que por fim criei coragem. Como eu havia previsto, o recado era de Gwen Alterman.

“A recomendação da mediadora acabou de sair.” Ela fez uma pausa. “Ella, o resultado foi a seu favor. Janice Conner recomenda que a guarda integral das crianças seja dada a você. Exatamente como eu imaginava. Aposto que nem vai ser preciso uma segunda audiência.”

Joguei-me de volta no sofá. A foto de Joe sorria para mim da estante enquanto o recado prosseguia:

“Ela estranhou que Paige não tivesse se esforçado o bastante para entrar em contato com Joe. Não ficou convencida com a história das cartas. Mas acha que ela deve ter direito a visitação, nada muito frequente, uns cinco ou seis fins de semana por ano, algumas visitas de semana inteira quando as crianças forem mais velhas. E isso é algo que a gente pode negociar. O advogado de Paige deve entrar em contato comigo amanhã. Mas ele *sabe* que agora eles não têm a menor chance de ganhar a guarda.”

Gwen mandou que eu comemorasse. Enviaria pelo correio uma cópia da recomendação e daria notícia assim que falasse com o advogado de Paige.

“Você ainda deve estar na rua com as crianças. Feliz Halloween, Ella.”

Com uma das mãos sobre os lábios e a outra na barriga, eu me sacudia inteira enquanto me debulhava em lágrimas, aliviada e radiante, mal acreditando que aquela história havia chegado a um final feliz, o que significava, claro, um novo começo. Seria um recomeço sem Joe, mas eu teria Annie e Zach comigo.

Fui com Callie para o quintal. A lua, antes baixa e vermelha, agora brilhava no alto, branca e límpida como nunca. Redonda, perfeita, inteira. Saí correndo com Callie, ora pulando com ela, ora saltitando sozinha, rodopiando sob um luar tão forte que nossas sombras dançavam no chão.

– É isso aí! É isso aí! – gritei ofegante, o coração batendo a mil.

Quando voltei para dentro, fui direto ao quarto das crianças, retirei a barra de chocolate que Zach ainda apertava entre os dedos e fiquei ali, admirando meus filhos dormirem, seus cílios que tremulavam quase imperceptivelmente, o constante inflar e desinflar dos pequeninos pulmões.

Só mais tarde é que pensei em Paige. Foi quando deitei em minha cama, com o luar a me seguir como o canhão de luz que ilumina uma atriz em cena. *O show de Ella Beene*. Ou talvez fosse o canhão de luz de uma sala de tortura. Paige estava sozinha naquele casarão frio em Las Vegas com um quarto decorado com dinossauros e outro com princesas. Lembrei-me de como podia ser deprimente ter uma casa com um quarto de criança mas não ter um pequenino para dormir nele. Henry e eu havíamos morado numa assim. Poderia ter sido eu, e não Paige, quem agora estaria remoendo sua solidão. Mas cá estávamos nós, banhados de luar em nosso chalé lindo e aconchegante, as crianças dormindo em suas caminhas de sempre e o futuro assomando no horizonte, longo, iluminado e promissor.

## Capítulo 20

Liguei para cada um dos meus parentes e amigos na manhã seguinte. Marcella falou por todos nós quando disse: “Ah, Ella, agora sim eu posso respirar. *Agora* eu posso respirar!” E mamãe falou apenas: “Ah, Querubim...” e eu notei que ela estava chorando.

Joe Pai veio me ver e trouxe consigo um enorme buquê com rosas de seu próprio jardim, que eu amava, de um tom pêssego-claro com bordas coral e um delicado perfume de canela. Deu-me um abraço demorado e forte e logo ele também estava chorando. “Deixe eu levar as crianças para ver a *nonna*”, consegui dizer. “Ela fez panetone para comemorar.”

Segui a pé para a loja e, no caminho, fui pensando em colocar em dia os livros de contabilidade. As contas agora eram bem mais promissoras do que haviam sido à época de Joe. Estávamos quase no azul. Mas o movimento cairia bastante assim que viessem as chuvas. Nossa esperança era que o anexo coberto nos salvasse durante o inverno.

A loja inteira recendia a noz-moscada e canela.

– Tortinhas de abóbora – anunciou David ao me ver farejando o ar de olhos fechados.

Em seguida retirou o avental e veio me dar um abraço. Falou que ele e Gil gostariam de levar uma surpresa para Zach e Annie naquela noite. Queriam ter dado a eles um presente especial de Halloween, mas haviam decidido esperar para ver que fim teriam as coisas. Quando perguntei que tipo de surpresa era, ele apenas sorriu.

– Não seja tímido – insisti.

– Tímido, eu? Não sou nem nunca fui. Ah, adivinha quem esteve aqui mais cedo?

– Um milionário filantropo?

– Ray Longobardi. Levou a sopa de abóbora-cheirosa com maçã. E me fez jurar que não contaria à mulher dele.

– De repente vai ter de hipotecar a casa de novo.

– Pois quando vir essas tortinhas, o coitado vai declarar falência.

– Além de não ser tímido, você adora um veneninho, não é, sua perigosa?

Ele remexeu o bumbum e ambos rimos. O que foi ótimo. Fazia tempo que eu não ria assim.

Examinando a lista de David sobre o balcão, percebi quanto eu vinha negligenciando as tarefas que cabiam a mim, por mais que houvesse me esforçado. Agora, com a guarda das crianças garantida, eu poderia me concentrar em três coisas: Annie, Zach e a loja. Assegurei a David que me encarregaria da *ribollita* e juntei os ingredientes. Enquanto ralava o queijo, cortava o pão dormido, picava legumes e ervas para jogá-los no caldo, ia agradecendo pelas bênçãos que eu tinha recebido. Deixei a sopa cozinhando em fogo baixo, risquei-a da lista e subi ao escritório para trabalhar nas contas. Fiquei da

janela olhando para aquela loja que havia sobrevivido à Grande Depressão, aos campos de concentração, ao medo, às dificuldades financeiras, à morte, e que agora, finalmente, ganhara novo alento para seguir adiante. Preenchi cheques, contei o dinheiro que ainda não era suficiente, agradei de novo pelas bênçãos – que eram tantas, até numerosas demais para serem contadas.



naquela noite, David e Gil chegaram com uma gaiola grande enfeitada com um enorme laço de fita.

– O que é que vocês...

– Sei que a gente deveria ter consultado você antes – disse David –, mas aí você teria a oportunidade de dizer não.

Ele pôs a gaiola no chão, abriu a porta e dela saíram dois gatinhos malhados.

– O que é que... – falei novamente, mas Annie e Zach já haviam tomado os gatinhos no colo.

Callie corria de um lado para outro, agitada, mas eu sabia que ela não faria nada contra os bichanos. Nem nas galinhas ela avançava. Enquanto as crianças levavam os bichinhos para o quarto, fulminei David com o olhar e emendei:

– Isto foi golpe baixo.

– Querida, você estava precisando urgentemente de alguma coisa para acabar com aquele seu problema com os ratos.

– Meu problema com os *ratos*? Só por causa daquele camundongo que você viu outro dia?

– Meu amor, camundongos andam em bandos. Mas você tem um rato, sim. Aliás, uma ratazana. E se não me falha a memória, Paige é alérgica a gatos.

– David, “ratazana” é forte demais. Pegue leve. E Paige é página virada. Vamos deixar a mulher em paz.

– *Mãããe!* – Annie chamou do meu quarto. – A gente precisa de ajuda!

Apontando o dedo para David e Gil, falei:

– Viu o que vocês fizeram, *gatinhos*?

Fomos conferir o que era. Annie e Zach estavam enfiados debaixo da cama; apenas seus tênis enlameados apareciam.

– Eles se esconderam porque estão com medo da Callie, mas a gente não está vendo eles! Só ouve os miados!

Nós nos abaixamos para olhar. Realmente não dava para ver os gatinhos.

– Aposto que tem algum buraco no boxe – disse Gil. – Eles devem estar entre as molas. Um amigo meu tinha um gatinho que... – ele levou a mão ao pescoço como se estivesse sufocando – porque não consegui sair de lá. É muito comum isso acontecer, ouvimos histórias assim no abrigo o tempo todo. A parte de baixo de sofás e camas são verdadeiras armadilhas para filhotes de gatos.

– Então a gente vai ter de tirá-los daí. E vocês dois têm *obrigação* de me ajudar.

Gil buscou uma latinha de atum na despensa e a abriu sob a cama. Os gatinhos saltaram para fora com a agilidade de dois coelhos.

– Pois bem, *crianças* – disse David. – Peguem os bichanos e esperem ali na porta. A gente precisa consertar esta cama. – E para mim ele sussurrou: – A última coisa que você precisa por aqui são dois gatinhos sufocados. Tem agulha e linha?

Fui até o armário e busquei meu kit de costura. David e Gill retiraram o colchão, o apoiaram na parede e viraram o boxe para costurá-lo.

– O navio virou! *Socorro! Socorro!* – gritou Annie, ela e Zach pulando com os gatinhos no colo.

Salvos do boxe, os pobrezinhos agora corriam o risco de ter os pescoços quebrados.

– Cuidado – falei. – Assim vocês vão machucá-los.

David e Gil examinavam o fundo do boxe sem que pudéssemos ver o que eles faziam exatamente.

– Hum, Gil – falou David. – Por que você não ajuda Annie e Zach a dar comida para os gatinhos *lá na cozinha?*

Entendendo o que se passava, Gil saiu com as crianças e fechou a porta do quarto.

– Ella, meu amor... Venha cá dar uma olhada nisto.

David estava pálido. O que poderia haver naquele boxe? A ossada de um gato? Fui conferir o que era.

No tecido que cobria o boxe havia um rasgo, que mais parecia uma fenda. E entre as molas estavam dezenas de envelopes.

# Capítulo 21

Ficamos olhando para aquilo pasmos e mudos, até que David se recobrou:

– Estou com um pouco de frio. Que tal a gente acender a lareira?

– David... eu...

– Ninguém precisa saber.

Ainda não havíamos feito nada, não havíamos retirado os envelopes para confirmar nossas suspeitas.

Senti meu estômago revirar. David passou os braços ao redor dos meus ombros:

– Ella, ninguém precisa saber.

Balancei a cabeça:

– Impossível.

– Claro que é possível. Eu não estou vendo nada.

– David, *eu* estou vendo, *eu* sei.

Um rugido troava nos meus ouvidos, meu corpo inteiro tremia em compasso com o coração.

– Bem, então não leia nada disso. Posso até imaginar o que está escrito nelas, Paige implorando que Joe fique com as crianças...

– Você sabe que não é isso.

– Sei lá, de repente...

– Se o seu irmão já não estivesse morto – falei por entre os dentes –, ele ia morrer *agora*. Porque *eu* ia matá-lo.

David soprou um assobio e se afastou, dizendo:

– Nossa, *isso* foi forte demais.

– Sim, eu estou furiosa! Mas fúria é o que estou sentindo de mais leve agora. Comparado com o resto, a fúria é só uma brisa.

– Ella, fique calma. Escute o que estou dizendo: você precisa pensar na Annie e no Zach, no que é melhor para eles. E nós dois sabemos que o melhor para eles é não irem embora com aquela mulher.

– Como você pode ter certeza de uma coisa dessas? A gente nem *sabe* quem ela realmente é. A gente *achava* que conhecia Joe.

– Joe certamente teve os motivos dele. Tenho certeza de que ele pensou que isso seria o melhor para as crianças e, na minha opinião, foi mesmo.

– É melhor não tentar defendê-lo.

– Não abra essas cartas. Não leia o que está escrito nelas. De qualquer modo, que diferença isso pode fazer agora?

– Como assim, que diferença isso pode fazer? Faz *toda* a diferença!



– Você é a mãe que eles conhecem e amam. É você quem pode dar a eles uma família amorosa e uma vida estável na cidade em que eles conhecem *todo mundo*. Se Paige levá-los daqui, nunca mais voltaremos a ver esses meninos!

David respirou fundo.

– Esqueça que eu disse isso. Nada disso muda a decisão de um juiz. Quero dizer, nós não sabemos o que está escrito nessas cartas. Mas a gente pode dar um fim a esta história antes mesmo que ela comece.

Rasguei o tecido do boxe e pesquei as cartas. Sem retirar o elástico que as prendia, contei quantas havia: 26, a metade das cartas de um baralho. A outra metade da história. Ajoelhei-me sobre elas enquanto costurava o tecido. Poderia tê-las colocado numa gaveta qualquer, mas tive medo de que David as pegasse e fugisse com elas. Mas ele apenas recostou na parede, cruzou os braços e ficou me observando no mais absoluto silêncio, o que era incomum em se tratando de David.

Guardei os envelopes na cintura da calça, sob a blusa, e voltei com o boxe e o colchão para o lugar com a ajuda de David. Ele cobriu a cama com o edredom, depois ajeitou os travesseiros.

Esperei que ele saísse do quarto, alojei as cartas entre o boxe e o colchão e fui para a sala. Annie e Zach pareciam alheios ao desconfortável silêncio que se fazia entre os três adultos. Dali a pouco, Gil e David se despediram deles com um abraço. Gil veio me abraçar também, mas David partiu sem ao menos olhar na minha direção.

Eu precisava me ocupar. Forrar a gaiola dos gatinhos, levá-la para o quarto das crianças. Examinar a cama de ambos em busca de rasgos no boxe, ou, talvez, de mais cartas.

Annie e Zach, ambos empolgados com a chegada dos gatinhos, corriam do quarto à cozinha e ao banheiro, gritando e derrapando nas curvas, até que eu, não aguentando mais, quase chorando, berrei:

– Deem um tempo aí!

E Annie, saltitando em sua cama, começou a cantarolar:

– *Ei, você aí, me dá um tempinho aí...*

– Por favor, para! – supliquei com a voz embargada.

– Que foi, mãe? – perguntou Annie, jogando-se de bumbum no colchão, ainda um tanto irrequieta. – Você não gostou dos gatinhos?

– Gostei, claro. Só estou um pouco cansada. – *Ler para eles, abraçar e beijar os dois, sentar-me na cama de Zach, depois na de Annie. Fazer cafuné em suas franjas suadas depois de tanta correria, perguntando-me se eles vão querer manter aquele corte ou deixarão o cabelo crescer. Ficar admirando o discreto tremular dos cílios até que ambos se entreguem ao sono. Tirar os gatinhos dos braços deles, devolvê-los à gaiola, seus miados a me lembrar de que aquela é a primeira noite dos bichanos longe da mãe. Colocar um ursinho de pelúcia no fundo da gaiola e atrás dele um pequeno relógio, triste arremedo de um coração materno a bater.*

Enfim fui para minha cama, mas era como se houvesse uma manada inteira de elefantes embaixo do colchão. Acendi a luz, peguei as cartas. Estavam organizadas por data de postagem. Algumas eram endereçadas a Joe, outras a Annie e Zach, todas numa caligrafia desenhada, apesar de trêmula nas primeiras, mais trêmula ainda nas seguintes, gradualmente voltando ao normal até a última carta. Apenas as cinco primeiras haviam sido abertas.

Fui para a cozinha e fiquei olhando fixamente para a água que pus no fogo até vê-la ferver, depois

afundei o sachê de chá diversas vezes até a mistura ficar quase preta. Voltei para cama, chamei Callie para se deitar a meu lado. Queria ler aquelas palavras, mas não queria saber o que significavam.

Eu não queria saber. Minha vida, tal como eu a imaginava, dependia daquele não saber.

Joguei as cartas na gaveta da mesinha lateral, emborqueei o porta-retrato de Joe e tentei não dar ouvidos à sirene que parecia ecoar em minha cabeça: “Perigo. Prepare-se para a catástrofe.”

## Capítulo 22

Diversas vezes durante o dia peguei o telefone, mas apenas para colocá-lo de volta no gancho. Ligar para quem? Minha mãe? Não. Lucy? Não. David? Definitivamente não. Marcella? Também não. Gwen Alterman? Nem pensar.

Todos eles entrariam em parafuso ao saber das cartas. Assim como David, decerto recomendariam que eu as queimasse. Ou que fosse com elas até Bodega e as jogasse no mar.

Bem cedo na manhã seguinte, deixei crianças e gatinhos na casa de Marcella, mas em vez de seguir para a loja, fui para Bodega Head levando as cartas comigo. Eu queria pensar, chegar a uma conclusão por conta própria. Passei pelo cemitério, mas não parei.

Meu carro era o único no estacionamento de cascalho, tal como o Besouro Verde de Joe naquele fatídico primeiro dia de verão, quando Frank e eu o deixamos ali. A neblina ainda baixa escondia o horizonte. Uma bela garça se empoleirava num arbusto junto ao penhasco, o pescoço desenhando um sinuoso ponto de interrogação. Certa vez, avistando uma garça semelhante, Joe brincou: “Garças a Deus não me arrependo de nada.” E eu, em vez de perguntar se ele realmente não tinha nenhum arrependimento, apenas disse: “*Casmerodius albus.*”

Eu agora segurava os envelopes com uma das mãos e com a outra estalava num ritmo constante o elástico que os prendia, sem saber o que fazer. Queria agir da maneira correta, mas queria ainda mais fazer o que fosse melhor para Annie e Zach. Paige havia se preocupado com eles mais do que eu imaginara. Pelo menos o bastante para escrever 26 cartas. Tentei afastar o pensamento egoísta de que eu não podia imaginar minha vida sem aquelas crianças. Mas como tirar um pensamento desses da cabeça?

Desci do jipe, fui para a beira do penhasco segurando as cartas e fiquei ali, observando as ondas, regulares, previsíveis, relaxantes até. Os moradores da cidade sabiam que era perigoso ficar naquele lugar. Joe também sabia. Volta e meia ele nos advertia, a mim e às crianças: “Nunca deem as costas para o mar.” E depois ele fizera exatamente isso, focando sua atenção apenas no desenho do penhasco contra a luz da manhã, totalmente alheio à possibilidade de que algo surgisse às suas costas para arrebatá-lo.

Um Ford Explorer preto chegou ao estacionamento: um casal na frente e quatro crianças espremidas no banco de trás. A mulher berrava. Eu não entendia o que ela estava dizendo por causa das janelas fechadas, mas podia ver o rosto crispado, os tapas que ela dava no painel do carro.

O homem desceu. Porte atlético, bermuda cáqui, camisa polo. Olhando para o mar, ele alongou as costas depois voltou ao Explorer e abriu o porta-malas. Tirou de um cooler uma embalagem de seis latinhas de Pepsi, metodicamente soltou cada uma delas do suporte de plástico que as prendia e as devolveu ao cooler. Em seguida destacou cada um dos anéis do suporte – no que eu julguei ser um ato de respeito ao meio ambiente, até que o homem os jogou no chão.

Uma das crianças, uma menina de 8 ou 9 anos, virou-se no banco para fitar o pai. Ele a fitou de volta, mas ninguém disse nada. Com uma Pepsi na mão, ele abriu a porta do carona e entregou a latinha à mulher. Do bolso da bermuda, tirou um frasco de comprimidos, despejou um deles sobre a palma da mão e também o passou à mulher.

Ela tomou seu remédio.

O homem voltou ao porta-malas do Explorer e, antes que o fechasse, a menina se virou para mim, falando comigo apenas com os olhos. Seguindo o olhar da filha, o homem se virou para trás e, dirigindo-se a mim, falou:

– Você não tem nada melhor pra fazer, não?

Só então me dei conta de que estava observando descaradamente aquela família.

– Desculpe – falei envergonhada, e voltei ao jipe, ainda segurando as cartas, que agora me pareciam tão pesadas e evidentes como se eu carregasse um cadáver.



na volta, os olhos daquela menina não me saíam da cabeça. Os olhos adivinhos que só as crianças têm. Assim que cheguei em casa, levei o telefone para a varanda e liguei para minha mãe. Mas não contei a ela sobre as cartas. Simplesmente pedi:

– Fale sobre o papai.

Seguiu-se o instante de silêncio que eu já previa.

– Bem, Querubim, o que você quer saber? Quero dizer, já conversamos muito sobre seu pai nesses anos todos. Acho que já contei tudo o que...

– Você contou sobre o pai maravilhoso que ele era. Mas e o casamento de vocês?

– Ah, nosso casamento... Bem, vejamos...

– Vocês tinham um bom relacionamento?

– Sim, mas... Você sabe, minha filha, todo casamento é difícil. As pessoas passam por dificuldades. Mas eu amava muito seu pai...

– Vocês eram felizes?

– Nós? Felizes? Sim, mas...

– Mas?

Ela deu um suspiro demorado e ruidoso, como o ar que escapa de um balão.

– Algumas coisas são muito pessoais. Você não precisa saber. Seu pai era um homem bom. Morreu muito cedo. Cedo demais. Foi tirado de você e isso sempre me deixou muito triste.

Triste por mim. Mas não por ela mesma.

– Você estava com ele quando ele morreu?

– Não, não estava.

– Onde ele estava? Como foi que você ficou sabendo?

– Ella... Eu nem lembro direito...

– Sei que a senhora está mentindo – falei com um nó na garganta. – Claro que lembra. Porque *eu* também lembro. Aconteceu alguma coisa e ninguém queria tocar no assunto. Mas eu sabia. Eu *sabia*. E falei algo para... para a vovó Beene. E ela me deu um tapa.

– Sua avó lhe deu um tapa?

– Deu... Depois falou: “Nunca mais repita isso.”

– Mas o que foi que você disse?

– Eu sabia de uma coisa. Uma coisa da qual não deveria saber.

– Sabia o quê, minha filha?

– Mãe, pare com isso. Conte logo o que *you* sabe.

Seguiu-se um longo silêncio. No quintal, Callie perseguia em vão um pequeno bando de codornas com seus penachos pretos que balançavam feito adornos de um chapéu medieval. Na última primavera, naquela mesma varanda, Joe e eu tínhamos ficado um bom tempo ouvindo o canto de acasalamento dos machos: *Cadê-você? Cadê-você?*

– Eu não queria que você soubesse – mamãe por fim falou. – Você já estava sofrendo o suficiente com a morte dele...

Esperei que ela organizasse os pensamentos. As codornas alçaram voo em formação e se empoleiraram no arbusto mais próximo. Callie voltou sua atenção para um buraco de roedor no chão e começou a escavar.

– E está sofrendo agora também. Perdeu o marido. Está no meio de uma disputa de guarda...

– Conte logo, mãe, por favor.

Foi quando, em algum lugar da minha alma, um baú se abriu e deixou escapar as palavras. Elas alcançaram meus lábios sem passar pelo cérebro, saíram antes que mamãe as pudesse dizer:

– Ele estava tendo um caso, não estava? Com a minha professora... A Srta. McKenna. E estava com ela quando morreu. Na casa dela.

– Você sabia disso? Como?

– Mãe, *claro* que eu sabia. Os filhos sempre sabem dessas coisas.

Do mesmo modo que aquela menina, a julgar pelo que diziam seus olhos, sabia muito bem do motivo dos berros da mãe, do silêncio abnegado do pai. E agora tudo me voltava à lembrança.

– Eu achava que a culpa era minha, que se eu tivesse sido aluna da Sra. Grecke em vez da Srta. McKenna no terceiro ano e se não tivesse caído e machucado o joelho um dia, papai jamais teria se apaixonado por ela. Meu Deus... Acho que todo mundo era apaixonado por aquela mulher. Os meninos e as meninas.

Mais palavras que haviam escapado da censura do meu cérebro.

– Desculpe, mãe. Eu não devia ter dito isso.

Nessa altura me ocorreu outra lembrança, que dessa vez tive a decência de guardar para mim mesma. Quando não estava me sentindo culpada, imaginava a Srta. McKenna se casando com papai e se tornando minha mãe. Ah, a Srta. McKenna e seu batom rosa... Sempre linda, sempre leve, sempre perfumada. Um poço de luz e alegria se comparada a mamãe, que (eu agora entendia o porquê) vivia chorando pelos cantos, volta e meia se trancava sozinha à noite em nosso carro e ficava lá horas a fio.

– Eu tinha dado entrada no divórcio três dias antes de ele morrer – prosseguiu mamãe, agora chorando.

– Sempre me senti responsável, como se aqueles papéis tivessem causado o infarto dele.

– Não, mãe, a culpa foi minha. Foi por minha causa que papai morreu.

Então contei a ela toda a história. Depois de tantos anos à espera de que eu as tirasse daquele quarto

escuro, as imagens, antes difusas e fugidias, eram plenamente reveladas. Fui expondo-as ali, no espaço que nos separava.



alguns meses antes de papai morrer, Leslie Penberthy havia me mostrado qual era a casa da Srta. McKenna. Numa tarde de sábado, enquanto eu passeava com meu cachorro, Barkley, tomei coragem e bati à porta dela. Iria dizer que só queria dar um olá, mas esperava que ela nos convidasse a entrar (a mim e a Barkley), me oferecesse um refresco e bolinhos e mostrasse seu álbum de infância, a infância que ela havia passado em Iowa e sobre a qual costumava nos contar em sala de aula.

A Srta. McKenna atendeu a porta vestindo seu penhoar. Pareceu muito surpresa com a minha presença e, ruborizada, explicou que estava indo tirar uma soneca, que devia estar ficando gripada e precisava repousar um pouco, mas que ficava feliz pela visita. Só quando Barkley se jogou contra a porta da caminhonete azul do meu pai, querendo entrar, é que fui notá-la. Estava estacionada diante da casa vizinha, trazendo na carroceria algumas estacas para a cerca que meu pai vinha construindo em nosso quintal. Nunca cheguei a lhe perguntar o que seu carro estava fazendo na rua da Srta. McKenna naquele sábado e no sábado seguinte. Tampouco perguntei por que não acampávamos mais, como fazíamos antes, só ele e eu, anotando nomes de plantas, aves e insetos que encontrávamos pelo caminho. Agora, nos fins de semana, sempre que ele dizia estar indo para a loja de materiais de construção, eu saía com Barkley, levando meu bloquinho de Harriet, a espiã, e o binóculo de observar pássaros. E embora papai sempre chegasse em casa com materiais comprados às pressas para algum projeto doméstico, eu sabia que havia mais coisas, além de nossa casa, que precisavam de conserto.

Foi então que, num sábado, com a caminhonete dele estacionada na rua da Srta. McKenna, eu sorrateiramente abri o portão do quintal dela e espiei através de uma janela, depois de outra, até que vi papai sentado na cama com o lençol até a cintura, lendo seu jornal e fumando um cigarro.

“Dolly”, chamou ele. “Será que você pode trazer mais uma xícara do seu delicioso café para este pobre homem?”

Ouvindo a voz do dono, Barkley fez o que qualquer outro cachorro teria feito: latiu.

“Que droga... Barkley? Querubim? O que vocês estão...”

Então nossos olhares se cruzaram.

Agora, contando a história a mamãe, eu percebia que os olhos de meu pai permaneceriam para sempre colados nos meus. O pânico, o terror, a tristeza e a vergonha daquele instante ficariam eternamente na minha alma.

“Filha, espere... espere...”

Mas a essa altura eu já lutava para abrir o portão com os olhos turvos de lágrimas. Saí correndo rua afora, puxando Barkley. Corri até não poder mais, depois segui caminhando ao léu até anoitecer. Quando enfim cheguei à nossa casa, mamãe me esperava no balanço da varanda, o reflexo de seu cigarro reluzindo no vidro da janela como se houvesse dois, o dela e o de papai. Mamãe saltou ao meu encontro, perguntou por onde eu tinha andado, disse que estava preocupada, que já havia chamado a polícia, e eu apenas encolhi os ombros, dizendo que tinha andado “por aí”. Então ela me apertou num abraço e, acariciando meus cabelos, falou que papai tinha ido para o céu.

– Então a culpada fui *eu* – falei à minha mãe pelo telefone, aos prantos. – Eu fui atrás dele e fiquei bisbilhotando. Por isso ele teve o infarto. Eu literalmente o fiz morrer de susto.

– Ella – disse mamãe, e eu quase podia vê-la organizando os pensamentos. – É uma pena que você tenha se sentido culpada por tantos anos. Mas, meu amor, você é bióloga, uma cientista, vai saber analisar os fatos friamente. Aquele homem fumava mais de dois maços por dia, se empanturrava de bacon, manteiga e creme de leite e, ao que tudo indica, transava com uma moça de 22 anos. Nada disso é culpa sua. Nem minha, aliás.

Eu sabia que ela estava certa. Agora enxergava mais claramente aquilo que me escapara na infância, a verdade que uma criança não poderia entender.

– Eu sinto muito... – mamãe disse ainda. – Deveria ter percebido que sua mudança de comportamento era mais do que... Mas pra mim era... mais *fácil*, entende? Mais fácil cuidar de *ocê*. Durante todos esses anos eu achei que trazer à tona esse caso do seu pai seria... seria o mesmo que profanar o túmulo dele. Não parece certo falar dos erros de uma pessoa quando ela está morta. Que os mortos fiquem com sua perfeição. É tudo o que eles têm.

– É, só agora eu vejo isso... A perfeição é um peso que nenhum de nós é capaz de suportar. Vivo ou morto.

Meu pai morto e perfeito. Meu marido morto e perfeito. Não eram mais. De algum modo eu os havia libertado. E começava a libertar a mim mesma. Mas ainda tinha um longo caminho a percorrer.

– Teria sido melhor se você tivesse desabafado comigo naquela época, filha. Você manteve isso em segredo por todos esses anos?

Falei que precisava desligar, menti que as crianças estavam chegando. Fiquei ali, na varanda, respirando fundo, tentando me acalmar. Callie voltou correndo de sua última escavação e esfregou o focinho em mim, chicoteando minha perna com seu rabo.

Peguei uma toalha velha e limpei a terra de seu focinho e das patas.

## Capítulo 23

Onde é que eu estava com a cabeça? Eu tinha muito mais a fazer do que ficar desenterrando antigos fantasmas. Precisava focar nas cartas e tentar desfazer as trapalhadas de Joe, que nada tinham a ver com as aventuras sexuais do meu pai com minha professora 30 anos atrás.

Liguei para Lucy e contei a ela sobre as cartas. Ela assobiou e disse:

– O que está escrito nelas?

Falei que ainda não as tinha lido e ela mal pôde acreditar.

– Não foram endereçadas a mim – expliquei. – Se eu as abrisse, estaria adulterando provas e...

– Se as entregasse como provas, o que obviamente você não vai fazer.

– Nesse caso eu estaria *escondendo* provas.

– Olha, posso dar um pulo aí. Abro essas cartas se for preciso. Você tem que saber *exatamente* onde está pisando. Mas eu *sei* por que você não quer abri-las e não tem nada a ver com a lei. Ela, você sabe muito bem. Não quer abrir essas cartas porque tem medo de se magoar e de magoar todo mundo nesta cidade.

– Não é tão simples assim – falei um tanto rápido demais, defensiva demais.

Lucy me conhecia muito bem. Disse a ela que pensaria no assunto.



mais tarde, na cozinha, enquanto eu lavava a louça e Marcella a secava, contei a ela sobre as cartas. Marcella ergueu um copo contra a luz, esfregou-o com a toalha novamente, guardou-o no armário e só então disse:

– Você não pode estar acreditando que meu Joe tenha escondido essas cartas! Paige esteve aqui na sua casa! Ficou sozinha com as crianças naquele dia em que a tia Sophia teve outra crise! Foi aquela mulher quem plantou essas cartas aqui. Está mais do que óbvio.

– Marcella, as cartas foram carimbadas pelo correio.

Ela jogou os braços para o alto, as pelancas balançando feito um pudim.

– Hoje em dia as pessoas fazem qualquer coisa com um computador. Isso não significa nada. Você leu essas cartas?

Fiz que não com a cabeça.

– Aquela mulher abandonou meus netos, Ella. Zach tinha só dois meses. Ainda estava no peito! Você nem imagina como ele gritou naquelas primeiras semanas, enquanto a gente tentava acostumá-lo com a mamadeira. Vou me lembrar daquele choro pelo resto da minha vida. Ela não tem direito algum como mãe. *Você* é a mãe deles e deve agir como mãe agora. E pare de falar do seu marido como se ele fosse um bandido mentiroso!



Isso dito, Marcella me deu as costas e saiu. Joe Pai, que tinha ido ao galinheiro com as crianças para dar comida às galinhas, entrou na cozinha a tempo de ouvir parte da conversa.

– Ella, gosto de você como se fosse minha própria filha – disse. – Mas nem sei o que seria de Marcella se ela perdesse nossos dois *bambini* depois de ter perdido o Joe. A vida tem seus trancos, mas o coração da gente só aguenta até certo ponto. Não tem nada mais triste do que uma família que vai se acabando aos poucos.

Ele passou a mão sobre a cabeça calva.

– Meu irmão mais velho, a guerra levou – suspirou. – Até meu *papa* nós perdemos... por um tempo.

– Mas ele voltou.

– Voltou. Mas já não era o mesmo de antes. Era outro homem.

Ele pousou a mão sobre meu ombro:

– E não foi só meu *papa* Sergio, talvez você nem saiba disso. Mas o *papa* de Marcella também, Dante. Também o levaram. Ambos foram tratados como criminosos, embora não tivessem feito nada de errado. Gosto muito deste país, mas não confio no governo quando o assunto é minha família. Que eles levem todo o nosso dinheiro em impostos. Mas, pelo amor de Deus, que não levem os nossos *papas*. E muito menos os nossos netinhos – falou, apertando meu ombro ainda mais. – Por favor, minha filha, não deixe que levem os nossos netinhos.



naquela mesma noite, depois de ler uma história para Annie e Zach e colocar os dois na cama, ouvi Callie latir no quintal. Fui até a sala. Marcella se achava do outro lado das vidraças. Abri a porta e por um tempo ficamos nos entreolhando sem dizer nada. Marcella trazia no rosto as marcas deixadas pelos acontecimentos recentes e eu quis dizer alguma coisa, *qualquer* coisa, para consolá-la. Para me consolar também.

Com os olhos marejados, ela falou afinal:

– Sempre tive você na conta de uma filha... mas você não quer me ouvir! Aquela loja que você chama de A Vida É Um Piquenique, aquela loja é para a Annie e o Zach, já se esqueceu? Nós ajudamos você por causa dos *nossos netos*. Porque confiamos a você o futuro deles! Ella, aquelas cartas... jogue aquilo no fogo. Não leia o que está escrito nelas.

– Não posso. Preciso saber.

– *Não!*

Com os olhos muito pretos cravados nos meus, ela ergueu a mão e desferiu um tapa em meu rosto. Um tapa forte. Em seguida cobriu a boca, arregalou os olhos.

Minha pele formigava, quente. Os olhos estavam úmidos, uma reação mais física do que emocional. Eu estava chocada demais para chorar. Então Marcella me deu as costas e, apertando as mãos uma na outra, desceu os degraus da varanda, entrou no carro e partiu em disparada.

## Capítulo 24

A té então eu havia sentido o rosto arder daquele jeito apenas uma vez. No dia do enterro do meu pai, vovó Beene e eu estávamos no porão, buscando alguns potes de pickles caseiros para as visitas. Fazia dias que eu vinha remoendo uma pergunta, mas sabia que não podia fazê-la a minha mãe. Vovó sempre fora uma pessoa acessível, sempre ria quando eu fazia aquelas bobagens infantis que tanto irritavam os outros adultos. Minha pergunta fazia parte do quebra-cabeça que eu vinha montando com os fragmentos de conversas que ouvira sem querer e os episódios da novela que vovó me deixava assistir sem que mamãe soubesse. Eu achava que estava prestes a compreender algo muito importante e a quietude daquele porão me parecia ideal para que enfim eu fizesse minha pergunta:

– Vovó... Deus levou o papai porque ele amava a Srta. McKenna e tirava sonecas com ela?

O tapa veio rápido daquela vez também. Num tom que nunca havia usado comigo antes, vovó disse:

– Nunca, *jamais*, repita isto que você acabou de dizer! *Nunca*, ouviu bem? E não se esqueça, mocinha: seu pai era um homem extraordinário. Muito me espanta que você tenha pensado uma coisa dessas a respeito dele. Que vergonha, menina. Que *vergonha*...

Então ela saiu rumo à escada e ruidosamente foi pisoteando os degraus de madeira com os sapatos de solado grosso.

Fiquei sozinha ali, olhando para aquela infinidade de potes de vidro, uns de geleia (amora, damasco, laranja), outros de conserva de feijão-verde e outros tantos, dezenas deles, dos pickles que faziam a fama de minha avó na vizinhança (doces, salgados, apimentados). Vovó Beene era um exemplo de eficiência e produtividade, muito embora caminhasse e falasse com uma calma e uma vagarosidade que irritava algumas pessoas.

Para que ela tivesse reagido daquela forma, minha pergunta devia ter sido terrivelmente inapropriada. Ou o motivo de tanta vergonha poderia ser outro: talvez de algum modo ela soubesse que eu havia bisbilhotado papai e o assustado a ponto de fazer seu coração parar. Minhas mãos estavam empapadas de suor. Sequei-as na saia, acima do alfinete dourado que a enfeitava e às vezes rasgava o forro dos meus casacos. A peça do quebra-cabeça que mostrava que o coração havia parado parecia se encaixar perfeitamente na outra, sobre a qual ninguém sabia: a que revelava papai assustado e gritando ao me ver naquela janela. Pois era meu próprio coração que agora retumbava no peito, assustado com o tapa da minha avó. Talvez ele estivesse prestes a parar também. Rezei para que não parasse e também para que papai não estivesse zangado comigo no interior daquele caixão forrado de seda.

A história não acabava aí. Vovó Beene ainda teria poucas e boas para me dizer. Mas agora eu tinha mais a fazer do que ficar relembrando traumas de infância. As cartas. As *cartas*. Era nelas que eu precisava pensar.

## Capítulo 25

Cedo na manhã seguinte, eu varria o piso sob o balcão da loja quando Frank entrou e foi se servindo de uma xícara de café.

– Sabe aquela vovó maconheira que mora logo depois da ponte? – disse. – Pois é. Estava doidona como sempre, só que dessa vez resolveu ir pro rio com seu caiaque. O problema foi que ela não voltou e o vovô maconheiro pirou, chamou a polícia e a gente teve de ir atrás dela. Destacamento de busca, helicóptero, o escambau... A mulher estava tão chapada que nem se deu conta de que estava remando em círculos.

Frank ergueu a xícara como num brinde.

– E é pra isto, senhoras e senhoras, que servem os vossos preciosos impostos – emendou.

– O que será que aconteceu com ela?

– Absolutamente nada. É isso que estou dizendo, El. Já passava da meia-noite quando a encontramos viajandona, admirando a lua lá pelas bandas da serraria...

Ele balançou a cabeça, bebeu do café.

O que eu queria saber não era bem isso, mas o que havia acontecido a ela muito antes, talvez na juventude. No entanto, não estava disposta a explicar isso a Frank, nem a falar sobre o que havia descoberto recentemente, que todo mundo tem lá as suas razões, ainda que não seja consciente delas. Paige também tinha as suas razões e eu estava determinada a descobrir quais eram.

– Mais café?

– Pode deixar que eu pego – disse Frank. – Vou levar comigo num copo descartável. O dever me chama. Vai que tem algum viciado em metanfetamina precisando de mim por aí...

– Frank.

– Diga.

Eu não queria contar a ele sobre as cartas, por medo de que ele, sendo da polícia, tivesse alguma obrigação de me denunciar.

– Você acha que Lizzie se disporia a conversar comigo? Sobre a Paige?

– Lizzie não conversa *nem comigo* sobre a Paige – respondeu ele, e ficou me encarando como se perguntasse: “Por que você não pode falar comigo?”

Frank também sentia a falta de Joe, eu via isso no olhar dele, apesar de seu jeito seguro e brincalhão. Por fim ele encolheu os ombros e disse:

– Mas, sei lá... O que você teria a perder se tentasse?

eu sabia que Lizzie estava em casa mesmo antes de abrir o portão da cerquinha branca. O dia estava claro, com céu azul, e lufadas de hortelã, alecrim, limão e manteiga de cacau perfumavam o ar. Lizzie costumava deixar a filha na escola e voltar para trabalhar no antigo celeiro que ficava nos fundos de seu terreno. Num passado recente eu ficaria constrangida por procurá-la, por me aproximar daquele celeiro e espiar através da porta. Mas agora estava convicta de que nada que ela pudesse dizer iria piorar as coisas. Só o que me interessava era descobrir a verdade dos fatos, de modo que pudesse decidir o que fazer com as cartas. Fiquei ali por quase um minuto, até que meus olhos se ajustaram à luz e eu pude ver Lizzie sentada a uma de suas mesas compridas, cercada de panelas e ingredientes.

Com os cabelos louros cacheados presos no alto da cabeça, ela cantarolava algo enquanto despejava azeite num dos cinco panelões industriais. Duas mexicanas pesavam xícaras de óleo de palma e de coco.

– Ah, o Frank não está – avisou Lizzie ao me ver.

– Eu queria falar com você. Se você tiver um minutinho. Na verdade, mais que um minutinho.

– Hum, bem, eu... é que... não posso sair agora. Você se incomoda se a gente conversar aqui mesmo?

Olhei de relance para as duas mexicanas, que nos observavam.

– Quase não falam inglês – explicou Lizzie. – E o pouco que falam tem a ver com sabão. Se o seu assunto não for este, sabão, sua privacidade está garantida.

Em seguida ela falou alguma coisa em espanhol para as duas mulheres e elas sorriram, cumprimentando-me com a cabeça.

– De qualquer modo, enquanto isto aqui derrete, preciso acrescentar a lixívia nas panelas que estão lá fora. Venha comigo.

Então fomos para uma mesa externa, onde mais panelas esfriavam.

– Não chegue muito perto – advertiu Lizzie. – A lixívia é uma base química superforte. Melhor não inalar.

Com o rosto virado para trás, ela foi despejando a lixívia num medidor, avisando que eu me afastasse ainda mais.

– Isso vai fazer com que a temperatura vá lá pra cima. Depois a gente precisa deixar esfriar até uns 40 graus – disse, e apontou para uma segunda mesa. – Aquelas ali já devem estar prontas para mexer. Pegue uma cadeira e uma colher. Vamos ter de mexer essas lindezas até elas engrossarem. Como um fondue.

A atitude dela era a mesma que eu havia percebido durante o bazar de Natal da cidade. Afável, eficiente, decidida.

Ambas nos sentamos e começamos a remexer o sabão, cada uma com sua colher.

– Lizzie – falei. – Sei que você e Paige são amigas...

Ela me encarou por um bom tempo antes de dizer:

– Não sei se somos ou *fomos* amigas. Faz tempo que não nos falamos, mas ainda penso nela como amiga. Sinto saudades da Paige. Ou da *velha* Paige. Não sei exatamente quem é a nova Paige.

– Ninguém na família de Joe parece gostar muito dela, nem da velha nem da nova.

Lizzie examinou minha panela, depois disse:

– Continue mexendo até sentir que o líquido engrossou.

– Mas essa história me parece mal contada. Desconfio que o buraco é um pouco mais embaixo...

– Olhe, Ella... Se você está tentando descobrir algum podre a respeito da Paige para depois usar

judicialmente contra ela, pode ir tirando seu cavalinho da chuva.

Faltava pouco para que ela me enxotasse dali.

– Sei que é isso que está parecendo, mas... Nessa altura dos acontecimentos, quero apenas entender Paige. E Joe também. Estou começando a achar... que Joe... que ele talvez não tenha sido muito justo com ela.

Lizzie ergueu a cabeça abruptamente, boquiaberta, olhos arregalados, a mão fechada em punho sobre a mesa.

– *Claro* que não foi! – cuspiu. – Mas vá tentar convencer o Frank disso! Ou qualquer outra pessoa nesta cidade!

– Eu também moro aqui. Quero saber a verdade.

– Você quer *agora*...

– Sim, quero.

– Para usar em benefício próprio...

– Não. Pode acreditar. Em se tratando da disputa de guarda, o melhor para mim seria não saber de verdade nenhuma, permanecer na ignorância, como sempre fiz. Mas agora estou tentando agir de outra forma. E acho que você pode me ajudar.

Lizzie me encarou, me avaliou por um instante enquanto mexia e remexia a mistura.

– Paige parecia ser a mulher perfeita – disse ela. – Quando começou a ter seus problemas e a dar sinais de que estava perdendo o controle, ninguém quis admitir.

Ela estufou o peito, agitou os ombros para a frente e para trás, os lábios crispados, e desferiu:

– Aquilo não era *permitido* entre os *Capozzi*.

– Como era a Paige antes disso tudo acontecer?

– Sempre muito bonita. Mas de um jeito *real*, entende? A casa sempre muito bem-arrumada, mas sem essas firulas de decoradora de imobiliária, *feng shui*, laçarotes, nada disso. Além disso, Paige era uma pessoa reservada, tímida, mas gentil. Eu gostava muito dela.

Procurei me concentrar na panela à minha frente; era difícil ouvir qualquer coisa boa a respeito de Paige.

– Vou ser sincera com você – prosseguiu Lizzie. – Fiquei chocada quando Joe virou a página e partiu para outro relacionamento. Foi rápido demais.

Senti meu rosto arder, mas continuei mexendo.

– Joe e Paige eram loucos um pelo outro. Desde o dia em que se conheceram. Mas depois, logo após o nascimento de Annie, Paige deixou de ser louca por Joe para ser apenas louca.

– Como assim?

– Primeiro ela parou de retornar minhas ligações. Depois, quando fui visitá-la, percebi que nem banho ela vinha tomando direito. Os cabelos estavam imundos, ensebados. E ela andava o dia inteiro com aquele roupão estampado. Paige tinha ficado felicíssima durante a gravidez, mas não quis saber da Annie depois que ela nasceu. Era estranho. Volta e meia ela pedia que eu ficasse com o bebê. Joe se irritava e sobrava para Marcella, claro. Paige vivia dizendo que era uma mãe terrível, que jamais deveria ter tido um filho. Chorava muito também. Olhava para Annie como se estivesse vendo um objeto qualquer. Quanto ao Joe, verdade seja dita: ele escapulia do mercado sempre que podia e dava uma passada em

casa para ficar com a filha, cantar para ela...

Enquanto preparava os moldes, Lizzie foi contando ainda mais. Annie já estava com 4 meses quando Paige finalmente começou a melhorar. Anos depois ficaria claro que se tratava de um caso de depressão pós-parto, mas naquela época ninguém falava do assunto, tampouco o compreendia. Paige se recuperou, mas saiu daquela crise um tanto mudada. Mais reservada do que antes. Ainda era uma boa amiga para Lizzie e uma boa mãe para Annie. Sua relação com Joe parecia estar voltando aos trilhos. Mas então ela engravidou de Zach. Contou a Lizzie que aquela nova gravidez havia sido um grande equívoco. Estava apavorada, não queria voltar para o fundo do poço. Jamais mencionou a possibilidade de aborto, mas Lizzie desconfiava de que a ideia passasse pela cabeça dela, por puro desespero. Paige chegou a procurar um médico, mas ele não deu a devida importância ao que ouviu. Ninguém deu.

– Ninguém da família, inclusive Joe, queria falar da depressão de Paige, como se com isso eles pudessem evitar uma nova crise. Mas eu via nos olhos dele: Joe estava apavorado também.

Minha atenção ao que dizia Lizzie era tanta que eu havia parado de mexer a pasta de sabão. Lizzie apontou para a colher de madeira.

– Desculpe – falei, e retomei o trabalho. Eu não queria, mas tive de perguntar: – Tem mais alguma coisa que você possa me contar?

Buscando meu olhar, ela disse:

– Nunca falei sobre esse assunto antes. Com ninguém. Mas talvez isso possa ajudar Paige. E a você também.

Lizzie suspirou e novamente baixou os olhos para sua panela.

– Claro que a depressão de Paige voltou, ainda pior que a outra. O médico finalmente receitou um antidepressivo, mas Paige jogou os comprimidos fora, o que deixou Joe ainda mais assustado. Ela receava que a medicação pudesse fazer mal ao Zach, que amamentar era uma das poucas coisas que tinha a oferecer ao bebê. Mas quando ela dava o peito para o menino, sei lá, parecia distante, como se estivesse apenas cumprindo uma obrigação. Tinha horários rígidos para dar o peito. E na hora em que o menino estava mamando ela mal olhava para ele, parecia não se envolver com a criança. Teve um dia que eu falei pro Joe que ela precisava ser hospitalizada e ele olhou pra mim perplexo. Estava tão afundado naquele problema que nem conseguia mais ver as coisas direito. Apenas disse: “Bobagem. Ela só precisa de quatro meses para ficar boa de novo. Como foi com a Annie.” Eu avisei que daquela vez era diferente. Alguns dias depois a própria Paige veio me dizer que não deveria mais ficar com os filhos. Era um sábado, até hoje eu lembro. Então vim para cá com as crianças e fiquei com elas até que o mercado fechasse e Joe pudesse vir buscá-las. Quando ele veio, contei a ele o que Paige tinha dito, e dessa vez ele me ouviu. Mas no dia seguinte ela foi embora.

– Vocês tiveram algum contato com ela depois disso?

– Só uma vez. Tentei entrar em contato diversas vezes, mandei não sei quantos cartões, mas ela nunca respondeu.

Lizzie respirou fundo, depois disse:

– Uau. Acho que eu precisava mesmo botar tudo isso pra fora.

Nesse ponto ela deu a impressão de que ia dizer algo importante, mas hesitou e emudeceu por um tempo.

– Frank chegou a me contar que Joe havia recebido algumas cartas de Paige, mas que nem as tinha aberto – falou ela por fim. – A mãe dos filhos dele estava tentando retomar contato e ele simplesmente a ignorou. Pouco antes de morrer, Joe contou a ele que Paige havia telefonado, dizendo que queria fazer um acordo com relação à guarda das crianças. Frank disse que Joe queria conversar com você, só que estava morrendo de medo disso.

Larguei a colher, deixei a cabeça cair entre as mãos. E relembrei. Não havíamos chegado a conversar naquela noite porque, depois de fazermos amor pela última vez, eu havia rechaçado a iniciativa dele, ainda inebriada de prazer e alegria, preferindo deixar qualquer conversa para o dia seguinte. “Amanhã, então”, ele tinha dito, batendo o dedo em meu nariz.

Amanhã...

Lizzie tocou meu ombro, sorrindo:

– Desculpe – disse ela –, mas você precisa continuar mexendo. Não vai me deixar na mão agora, né?

A cor da pasta já havia passado de um dourado escuro para um tom de creme e a consistência realmente lembrava a de um fondue. Levamos as panelas de volta para o celeiro, meus olhos tentando se ajustar de novo enquanto, à minha frente, Lizzie depunha sua própria panela. Em seguida ela me conduziu para uma segunda estação de trabalho onde um armário antigo, de portas de vidro, abrigava um sem-número de pequenos jarros e garrafas.

– Agora vem a parte mais divertida.

Num grupo de panelas fomos misturando aveia, leite em pó, manteiga de cacau; noutra, calêndula e óleo essencial de pera. À panela que eu mesma havia preparado, acrescentei óleo essencial de alecrim e pétalas de lavanda. Seguimos adicionando fragrâncias, cheirando, adicionando mais.

Depois de despejarmos as pastas nos moldes, Lizzie virou para mim e disse:

– Tem mais uma coisa que eu gostaria de contar. Joe e eu, a gente teve uma briga feia. Eu e a minha linha dura... Mas Joe era uma boa pessoa. Acho que só estava com medo. Ele ficou magoado. Queria proteger os filhos e a si mesmo... e a você também. Mas se tivesse tido mais tempo...

Ela desviou o olhar, depois voltou a me encarar.

– Acho que ele teria feito a coisa certa. Mais dia, menos dia.

– Você não acha que ele simplesmente entregaria os filhos a Paige, acha?

– Não, não acho. Mas tenho a impressão de que estava a caminho de uma solução menos... Quer dizer, à medida que Joe foi construindo uma vida com você, ele aos poucos foi superando a raiva que sentia de Paige. Se não tivesse morrido, tenho certeza de que teria chegado à conclusão de que afastar Paige por completo não seria bom para Annie e Zach. De início, isso de fato era o mais conveniente. Aliás, era a única solução possível, já que a própria Paige havia decidido se isolar. Eu entendo. E quer saber de uma coisa? Eu é que não queria estar na sua pele agora, Ella. Com esta batata quente nas mãos.

Antes de ir embora, ganhei de Lizzie uma cesta de seus produtos, incluindo dois sabonetes da linha infantil e um frasco de banho de espuma para levar para as crianças.

– Isto não é um sabão qualquer, daquele que nossas mães usavam – disse ela.



voltei a pé para casa, acenando para os carros que me cumprimentavam com uma buzina mas sem erguer a

cabeça para ver quem era. Cedo ou tarde Annie e Zach fariam perguntas sobre Paige, sobre os motivos que ela tivera para ir embora. Eram crianças e decerto achariam que a culpa era delas. Annie talvez já achasse, talvez já sentisse um incômodo, como uma farpa presa à meia. Aquelas cartas talvez pudessem lhes revelar a verdade dos fatos. E se eu não as entregasse à Justiça, mas deixasse que as crianças as lessem quando fossem maiores? Nesse caso elas saberiam que eu havia escondido provas a fim de evitar que Paige ficasse com a guarda delas. Mas e se eu fizesse a coisa certa e de fato entregasse as cartas à Justiça? O juiz poderia muito bem sentenciar a meu favor, por que não? A favor de Annie e Zach. Talvez ele ainda achasse que ficar comigo era o melhor para eles... a despeito do que aquelas cartas dissessem.

Ainda assim o risco era grande.

Levei um dos presentes de Lizzie ao nariz e inalei o perfume. De fato não se tratava de um sabão que minha mãe teria usado. Ou minha avó...



nem sei quanto tempo permaneci escondida no porão da minha avó depois de levar o tapa dela, mas por fim, vencida pela fome, voltei à cozinha. Alguns vizinhos pegavam pratos de sanduíche de presunto e tigelinhas de salada de macarrão e de batata. Vovó chegou com uma bandeja de biscoitos de pasta de amendoim. Ao me ver, depôs a bandeja na bancada, tomou-me pelo braço e me conduziu de volta ao porão. Diante do tanque de lavar roupa, pegou uma barra de sabão e a molhou sob a torneira.

“Detesto ter de fazer isso, minha querida, mas você precisa aprender que uma mocinha da sua idade não pode falar certas coisas. Assim você nunca vai esquecer. Não vai ser agradável, mas é uma lição importante. Agora abra a boca.”

Carrei os lábios o mais forte que pude, mas vovó os abriu à força com a barra de sabão, que foi raspando entre os dentes, sufocando-me, queimando não só a garganta mas o coração também. Minha impressão era a de que aquele gosto permaneceria em mim para sempre – e que a vergonha seria ainda mais duradoura. Em seguida vovó me entregou um copinho esmaltado com água e a toalha rosa que ela havia buscado na secadora.

“Pronto. Acabou. Entendeu por que eu tive de fazer isto?”

Fiz que sim com a cabeça, embora pouco ou nada entendesse da minha vida e das pessoas que amava. Vovó tirou um lençinho bordado do cardigã e secou as lágrimas do meu rosto.

“Daqui a pouco você sobe”, mandou ela, e foi marchando escada acima. Quando enfim me viu na cozinha, exclamou: “Olha só quem chegou! Venha, minha querida, coma um biscoitinho.”

Peguei um biscoito da bandeja, vovó beijou minha testa e pronto, página virada. Ela jamais voltou a tocar no assunto. Muito menos eu, claro. Até a conversa com minha mãe, dias antes, o incidente no porão permanecera adormecido em minha memória. E agora estava mais do que claro que ele havia pautado boa parte da minha vida. Não meta o nariz onde não foi chamada. Não faça perguntas. Jamais. E pelo amor do bom Deus, nunca diga o que realmente pensa.



naquela noite, véspera da assinatura do acordo de guarda, preparei um banho de espuma para Annie e Zach. Tão logo eles entraram na banheira, abri os sabonetes artesanais de Lizzie, sentei-me no chão e fui



ensaboando cada parte do corpinho deles: os cabelos tão claros e macios, o pescocinho suado, a barriga, os braços, as pernas, as dobras dos cotovelos e dos joelhos. Eu conhecia cada uma daquelas sardas. Sabia a origem de cada uma daquelas cicatrizes, lembrava inclusive se fazia sol ou chuva nos fatídicos dias em que elas surgiram. Depois de enxaguar os cabelos de ambos, fui lavando os pezinhos, entre os dedos, e eles começaram a gargalhar com as cócegas.

Zach ergueu o pé e repetiu a pergunta que fazia em todos os banhos:

– Mãe, o meu pé estava com muito chulé?

– Estava fedendo que nem cachorro na chuva.

– E agora ele está sem chulé?

– Agora está um cachorrinho que acabou de tomar banho! – falei, e comecei a beijar os dedinhos do pé dele, arrancando ainda mais gargalhadas enquanto ele tentava se desvencilhar.

Annie e Zach tremiam de frio enquanto eu secava a cabeça de ambos com as toalhas quentes, recém-tiradas da secadora. Isso feito, busquei os pijamas de cada um, vesti-os, abotoei-os, penteei-os e os coloquei para dormir na minha cama. Deitei-me ao lado deles e fiquei ali com os dois sob minhas asas, abraçando-os, abraçando-os e abraçando-os.

Lá pelas três da madrugada, fui para a sala, acendi a lareira, peguei as cartas que havia escondido no armário e me instalei no sofá. Estava disposta a saber exatamente o que Paige Capozzi havia escrito para o ex-marido e os filhos depois de abandoná-los num domingo chuvoso, mais de três anos antes.

# Capítulo 26

18 de fevereiro de 1996

Querido Joe,

Preciso ir embora. Não posso continuar fingindo ser o que não sou. Você sabe que amo Annie e Zach. Sabe que amo você. Mas existe uma parte de mim que... Estou com medo. É como se, no fundo, eu fosse a minha mãe. Mas você não me dá ouvidos. O Dr. Blaine não me dá ouvidos.

Esta é a decisão mais difícil que já tive de tomar na vida. Não seria justo com você, nem com as crianças, se eu ficasse. Não pretendo voltar. Nem sequer deveria ter sido mãe. Foi uma loucura ter tentado. Mas sou louca.

E essa chuva me deixa mais louca ainda. A água batendo o dia inteiro, todos os dias, me botando para baixo. Aqui em Las Vegas o tempo é mais seco, mais quente, mais suportável.

Por favor, não iluda as crianças dizendo que vou voltar. Vocês precisam começar uma vida nova sem mim. Sua família poderá ajudar. Continue fazendo aquilo que você já faz tão bem e tão naturalmente, todas essas coisas que eu nunca soube. Brinque com elas, beije-as muito e, sobretudo, nunca as abandone.

Eu fiz o que pude, não se esqueça disso.

*Paige*

~

aquela era a carta sobre a qual Joe me contara. Ele não havia mentido. Junto com ela havia um cartão endereçado a Annie e Zach. Na frente, um ursinho perguntava “Sabem quanto eu amo vocês?” e, abrindo o cartão, os braços do urso também se abriam, com ele dizendo “Um tantão assim! Um abraço de urso pra vocês!”. Paige havia assinado “Mamãe”.

11 de abril de 1996

Querido Joe,

Por favor não telefone mais. Sei que você vem tentando falar comigo. Esta situação também não é a ideal para mim. Hoje cancelei minha consulta com o médico. Não consegui sair da cama. Tem sempre alguma coisa me puxando para baixo. Além do mais, médico não é exorcista, não pode simplesmente expulsar minha mãe de mim. Não pode voltar no tempo e mudar meu DNA.

E se alguma coisa acontecesse a Annie e Zach? Pense nisso, Joe. Encare esse fato, porque ele muda tudo. Acho que posso conviver com o fato de tê-los abandonado. Mas não me perdoaria se os tivesse

machucado. E se eu tivesse feito algo como o que minha mãe fez?

*Paige*

2 de julho de 1996

Querido Joe,

Hoje tenho certeza absoluta de que eu nunca poderia voltar. Não para aquela cozinha mal-iluminada e deprimente que parecia ficar cada vez menor e mais escura. Em pouco tempo eu me veria acuada num dos cantos, agachada no chão.

Agradeço por não ter ligado mais. Não posso ficar ao lado de Annie e Zach e neste momento é doloroso demais receber notícias deles.

Preciso me despedir de uma vez por todas. Desculpe. Amanhã tenho uma consulta com o médico. Tia Bernie tem cuidado muito bem de mim. Um dia, quando Annie e Zach forem suficientemente grandes para entender, diga a eles que a mamãe os ama muito.

*Paige*

~

fiquei me perguntando por que o advogado de Paige teria solicitado aquelas cartas. Em que elas poderiam ajudar?

Havia um cartão para Annie e Zach dizendo “Tem alguém que ama você”, depois envelopes fechados endereçados a eles. Por mais de cinco meses não chegara qualquer correspondência dela para Joe e todas as que vieram depois ainda estavam lacradas, mesmo as das crianças. Era aquela primeira carta, a que chegara após cinco meses, que eu agora tinha nas mãos. Não sabia ao certo o que fazer com ela.

A data do carimbo era 15 de outubro de 1996. Eu ainda lembrava: naquele dia, Joe, Annie e eu, com a “ajuda” do bebezinho Zach, tínhamos acabado de decorar a casa para o Halloween. Tínhamos espalhado lâmpadas alaranjadas por toda parte, além de cestos com folhas, milho e cabaças. Tínhamos colhido abóboras em nossa horta e, depois de esculpi-las, havíamos decorado a varanda com elas. Joe tinha atendido ao pedido de Paige: tocara sua vida adiante. A ponto de não abrir uma carta que havia chegado oito meses depois de sua ex-mulher partir afirmando que nunca mais voltaria, cinco meses após ela ter garantido que não voltaria a escrever, quatro meses depois que ele e eu tínhamos nos apaixonado.

Respirei fundo. Eu estaria adulterando provas caso decidisse abrir aquela carta. No passado eu preferira me manter na ignorância, mas agora precisava saber. Passei a unha sob a aba do envelope e o abri.

15 de outubro de 1996

Querido Joe,

O Dr. Zelwig recomendou que eu voltasse a escrever. Na sessão desta manhã, contei que você ainda não havia ligado nem escrito. Ele acha que você se mantém distante não apenas porque eu pedi, mas porque provavelmente tem medo de mim, que eu não assustava apenas a mim mesma, mas a você também, desde

o início.

Contei a ele sobre o grande teste que impus a você logo que nos conhecemos. Ele achou que seria uma boa ideia se eu escrevesse falando do que senti e do possível significado da sua reação. Sei quanto você “adora” esse papo de psicologia. Mas nestes últimos tempos minha vida tem se resumido basicamente a isso, portanto não fique bravo comigo.

Pois bem. Passei 20 anos me escondendo. As pessoas diziam que eu devia ser modelo. Ah, se elas soubessem... Mas quando a gente estava na faculdade, eu via você fotografando pelo campus. Tinha alguma coisa ali, talvez o modo como você olhava para as coisas. Pacientemente, além da superfície. Então descobri seu nome nas fotos do jornal da escola. Perguntei se você fazia books para modelos só porque queria conhecê-lo. E você mentiu, dizendo que sim. Chegou ao ponto de comprar aquele lindo roupão e outras roupas para pendurar no seu banheiro e torná-lo mais parecido com um camarim! Portanto nossa história começou com duas mentiras, ainda que pequenas.

Acho que eu estava pronta para que outra pessoa soubesse. Para que outra pessoa que me amasse, além da tia Bernie. E me amasse por inteiro. Foi um ato de desespero. Desde o início eu sabia exatamente o que iria fazer.

Lembra, Joe? Você fotografando sem parar, perplexo quando comecei a tirar a roupa...

E finalmente, pela primeira vez na minha vida de adulta, mostrei a alguém o outro lado da minha história. Fiquei de costas e você parou de fotografar. Mas sem qualquer manifestação de nojo, nenhuma tentativa de fugir dali, daquela situação. Pude sentir o seu olhar. Mais tarde você faria suas perguntas. Mas antes me entregaria o roupão, eu o vestiria, você amarraria a faixa em minha cintura... e me abraçaria.

Sempre amei essa história, ainda que não a tenhamos contado a ninguém. Você prometeu guardar meu segredo. Mas hoje, quando contei tudo ao Dr. Zelwig, ele disse: “Joe cobriu a parte do seu corpo que para ele era a mais difícil de olhar.”

Eu não havia pensado assim. Fiquei tão grata por você ter olhado e não ter saído correndo... Interpretei aquilo como uma prova de aceitação total. Mas talvez eu tenha me enganado. Talvez o Dr. Zelwig esteja certo. E você, o que acha?

*Paige*



eu não queria ler as outras cartas, sabia que tinha uma caixa de Pandora nas mãos e que, uma vez aberta, ela não poderia mais ser fechada. Mas precisava fazer isso. Por Annie e Zach. Eram 3h25 da madrugada. Mesmo assim liguei para Lucy, que atendeu logo no segundo toque. Quando pedi que ela fosse a minha casa, a resposta foi:

– Chego em menos de 10 minutos.

Isso sem ao menos reclamar da hora ou perguntar o que estava acontecendo.

Assim que chegou, entrou sem bater, aninhou-se a meu lado no sofá, pegou as cartas já abertas e começou a lê-las, tudo isso sem dizer uma palavra. Isso feito, leu comigo a carta seguinte.

21 de outubro de 1996

Querido Joe,

Hoje foi, sem dúvida, a melhor das minhas sessões com o Dr. Zelwig. Realmente acho que ele vai poder me ajudar! Enfim descobriu uma medicação que não me deixa aérea e não me faz querer morrer. E há um nome para tudo isso que estou passando: depressão pós-parto. É hereditária, pode acontecer logo depois de darmos à luz e durar anos. Parece que meu caso é dos mais graves. Mas a notícia boa é a seguinte: não sou a minha mãe! O Dr. Zelwig acha que eu não seria capaz de machucar Annie e Zach. Ele me explicou que existe uma versão mais rara desta doença, chamada psicose pós-parto, que ocorre em apenas uma porcentagem muito pequena das mulheres. E, segundo ele, minha mãe era uma delas. Joe, minha mãe não era um monstro. Só estava muito, muito doente. Se tivesse sido hospitalizada e medicada, poderia ter saído dessa. Mas na época ninguém conhecia isso.

Mesmo hoje os médicos sabem muito pouco além daquilo que eles chamam de “baby blues”. Como é o caso do Dr. Blaine. Mas sabe de uma coisa? Esta doença existe desde sempre. O Dr. Zelwig me passou todas as informações. Se você quiser, posso mandar tudo para você ler também. De qualquer modo, olha só o que um médico do século XI escreveu: “... se o útero for úmido demais, o cérebro se enche d’água, e esta água, quando alcança a altura dos olhos, obriga as mulheres a verter lágrimas.”

Tenho chorado sem parar. De alívio. De pena da minha mãe, por tudo aquilo que aconteceu a ela desnecessariamente e, por tabela, a mim também. E pela primeira vez, Joe, tenho chorado de ESPERANÇA!

*Paige*

~

– paige ainda tinha esperança de alguma coisa? Em *outubro* de 1996? – falei. – Fico imaginando o que teria acontecido se Joe tivesse lido estas cartas. Talvez tudo fosse diferente agora. Talvez ele tivesse me chamado para uma conversa e dissesse que Paige iria voltar. Para ficar com Annie e Zach. Para ficar com ele.

– Não pira, El. Joe era louco por você. Renasceu das cinzas quando você deu as caras por aqui. Annie e Zach também. Não fique se torturando, amiga. Isso não ajuda em nada.

Continuamos lendo.

15 de dezembro de 1996

Joe,

Você ainda não deu notícias. Finalmente liguei pra Lizzie e ela contou que você está com outra pessoa. Poxa, Joe. Tão rápido assim?

Aqui está a foto que a gente usou no cartão de Natal do ano passado. Tia Bernie trouxe da geladeira dela. Recortei meu rosto fora. (A enfermeira ficou me vigiando. Aqui não podemos usar tesouras sem supervisão. Igual à escolinha da Annie.) Talvez você possa colar o rosto dela no lugar. O rosto d’Ella. Ella Bean, não é assim que ela se chama?

*Paige (sua esposa)*

2

– caramba. Essa doeu.

– E o que é que Paige queria? – disse Lucy. – Foi ela que mandou o cara parar de chorar pelos cantos e tocar a vida adiante. Pois foi isso que ele fez. *Ainda bem* que ele fez. Abra mais uma. Ah, me dê isto aqui. Deixe que eu abro.

8 de abril de 1997

Joe,

Bem, por fim você deu sinal de vida. Com um envelope pardo e a papelada do nosso divórcio. E um bilhete dizendo: “Sei que é isto que você quer.” O que faz você pensar que sabe de alguma coisa?

Tenho consciência de que eu mesma pedi a separação legal. E também pedi que você seguisse com a sua vida. Mas eu estava confusa. Desculpe. Não era isso que eu realmente queria. Nem naquela época e muito menos agora. Você não leu as minhas cartas?

Neste momento não estou em condições de lutar pelo que quero. Preciso concentrar todas as minhas forças na minha recuperação. Não vou conseguir enfrentar uma batalha judicial. Mas esse dia ainda vai chegar.

Nem acredito que você esteja fazendo uma coisa dessas. O Dr. Zelwig diz que é falta de informação e medo da sua parte.

Eles são MEUS filhos, não DELA.

*Paige*

2

– nisto você está enganada, meu amor – disse Lucy.

– Nem tanto.

– Ella!

– Em todo caso, *o que será* que aconteceu com Paige? Alguma coisa muito ruim deve ter marcado a infância dela. Algo que a mãe fez... Está evidente que ela amava Joe e as crianças. Não foi embora porque se apaixonou loucamente por um motoqueiro.

Nessa altura eu nem ligava mais para a possibilidade de estar cometendo um crime. Nem sequer hesitei em abrir o envelope seguinte.

1º de maio de 1997

Joe,

Recebi hoje a notificação da Vara de Família. Você ficou com a guarda só porque não tive forças para lutar. Aproveite enquanto pode, pois você sabe que essa situação é apenas temporária.

Talvez você ache que eu jamais encontre as forças de que preciso pra reagir. Mas só porque ainda não conhece a nova Paige, aquela que conseguiu perdoar a mãe e a si mesma. E que um dia talvez consiga

perdoar você também.

*Paige*

~

em muitas outras cartas, Paige suplicava a Joe que voltasse atrás, ora alegando que tinha um novo emprego, ora ameaçando telefonar para as crianças ou apelar judicialmente. Depois vinha esta:

16 de fevereiro de 1999

Joe,

Tenho hesitado em procurar Annie e Zach sem o seu consentimento. Meu advogado quer que eu recorra a um pedido de guarda, mas ainda tenho a esperança de que você retorne minhas ligações ou me escreva. Pelo bem de Annie e Zach, se não pelo meu.

O que você disse a eles sobre mim? Que morri? É por isso que você não responde?

Foi pensando neles que ainda não apareci por aí nem telefonei. Confesso que fiquei tentada. Muito tentada. Todos os dias preciso me conter. Mas tenho procurado ser paciente e dar a você o tempo de que precisa para se acostumar com a ideia de que vou fazer parte da vida deles novamente, para ter certeza absoluta de que estou pronta emocional e financeiramente. Tenho tentado, mas cada dia sem meus filhos é um verdadeiro suplício para mim.

Não convém a ninguém travarmos uma batalha judicial. Por favor, Joe. Você já reconstruiu sua vida. Não tem o direito de me manter afastada dos meus filhos.

*Paige*

~

abri a última carta, enviada seis dias antes do afogamento de Joe. Cinco dias antes de Joe dizer que precisava ter uma conversa importante comigo.

15 de junho de 1999

Joe,

Hoje vou ligar para o mercado e postar esta carta. Depois disso você será procurado pessoalmente pelo meu advogado. Por favor, colabore. Estou literalmente implorando. Preciso me acertar com Annie e Zach. Estou pronta para isso, mas não pretendo mais esperar até que você esteja pronto.

*Paige*

~

dobrei esta última carta e a guardei de volta no envelope como se ela fosse um objeto que eu pudesse simplesmente devolver para seu devido lugar. O fogo estalou ruidosamente.

– E agora, o que é que eu faço? – Foi só o que consegui dizer. – Que droga eu faço agora?

– Ella – disse Lucy, tomando minha mão entre as suas –, esta é uma pergunta a que eu não posso

responder.

– O que  *você*  faria?

– Não sei.

– Lucy, me dê uma luz. Pelo menos isso.

– Não. De jeito nenhum. Esta é uma decisão que  *você*  vai ter de tomar sozinha. Pense bem, Ella. Reflita bastante.  *Você*  vai saber o que fazer. Nesse meio-tempo, e depois também, vou estar do seu lado. Agora tente dormir um pouco.

– Como se isso fosse possível...

Lucy me abraçou e foi embora. De algum modo, quando me deitei na cama, rapidamente fui carregada para um suado mundo de sonhos confusos.



## Capítulo 27

Quando acordei, os lençóis estavam ensopados e eu me sentia salgada e desorientada. O sol já despontava sobre a copa das árvores. Rapidamente saltei da cama. Não queria que as crianças pensassem que eu havia apagado novamente.

Tudo parecia diferente, como se eu tivesse viajado para um país distante e acabado de voltar. Meu quarto, o banheiro, o corredor... tudo agora era visto pelos olhos de um viajante cansado que fizera descobertas importantes ao longo do caminho. Como eu não havia percebido antes? Aquela casa tinha uma história. A não ser pela parede que havíamos derrubado entre a cozinha e a sala, Joe e eu não havíamos feito nenhuma mudança significativa desde minha chegada. Talvez Joe receasse que as paredes pudessem falar.

Naquele nosso primeiro verão juntos, um dia ele havia chegado em casa e, em vez de rolar no chão com Callie e as crianças, como sempre fazia, foi para a cozinha e ficou ali, andando de um lado para outro.

“Esta cozinha não incomoda você?”, perguntou.

“Não. Por quê?”, falei.

“É escura, você não acha? Atulhada demais. E a sala é muito pequena. Você não acha muito *deprimente*?”

“Eu, não.”

Deprimente. Aquela palavra nem fazia parte do vocabulário dele.

“Esta parede é muito fácil de derrubar. Nem é de alvenaria. É gesso. Aliás, nunca devia ter sido levantada. Nem sei por que não ficou tudo um cômodo só.”

Ele saiu da cozinha e irrompeu na direção do celeiro. No fogão, as beterrabas colhidas na horta cozinhavam em fogo alto, revirando-se na água púrpura. Joe voltou com um machado em punho.

“Joe, o que você está fazendo?”

“Leve as crianças para brincar lá fora. A gente precisa de luz. De espaço. De *ar*.”

“Você está bem?”

Ele não parecia ter simplesmente decidido iniciar uma reforma na casa. Estava sorrindo, mas de um jeito que estremecia os lábios. Os olhos brilhavam obstinados, como se me desafiassem. Por um momento cheguei a sentir medo. Fazia pouco mais de um mês que estávamos juntos, então pensei: “OK, é agora que meu namorado maravilhoso se revela o assassino do machado.” Mas havia uma lágrima escorrendo do canto de seu olho e, no rosto, uma comovente expressão de vulnerabilidade.

Como se o machado fosse um taco de beisebol, ele golpeou a parede e abriu um enorme rasgo no gesso.

Annie o chamou do corredor e ele me pediu novamente que levasse as crianças para fora. Então desferiu um segundo golpe, dessa vez atravessando o gesso e deixando vazar o primeiro raio de sol.

Dali a duas horas, quando voltei com as crianças de nosso passeio ao parquinho da escola, Joe já varria do chão os destroços da parede derrubada, com a cozinha já inteiramente banhada pelo sol dourado da manhã. Ele veio me beijar, beijou Zach, que eu trazia no canguru, e tomou Annie no colo.

“*Ebaaaa!*”, exclamou ela.

“Bem-vindos à nossa nova sala.”

“Ficou *ótimo!*”, falei.

“Não sei por que não fiz isso antes. Já devia ter derrubado essa parede há muito tempo.”

Agora eu sabia o que havia motivado Joe a derrubar a tal parede naquele dia em particular. Tinha recebido a carta de Paige que mencionava a cozinha claustrofóbica. Era a única carta que ele havia aberto após minha chegada, mais uma em que ela lhe pedia que nunca mais a procurasse. Mas qual teria sido o objetivo de derrubar aquela parede? Trazer Paige de volta? Ou garantir que minha vida com ele jamais se tornasse o que a dele com Paige fora no fim?

Nossa vida juntos tinha paredes também, só que diferentes. Eram invisíveis, uma ilusão de luz, amplitude e até mesmo de ar. Do tipo que não se vê e que é tão frágil quanto vidro. Que funciona muito bem até que uma força qualquer nos empurra contra ela, estilhaçando a ilusão – e os cacos nos cortam, a nós e a qualquer um que caminhe ao nosso lado.

Abri a porta do quarto de Annie e Zach e os gatinhos vieram correndo na minha direção.

– Feche a porta, senão eles vão fugir – disse Annie.

– Ele é MEU – disse Zach, pegando um dos gatos e apertando o bichinho nos braços.

– Não, Zach-ossauro. Já esqueceu? Os *dois* gatinhos são de *nós dois*.

Até isso tinha ares de uma disputa de guarda.

Annie contou que finalmente haviam encontrado nomes para os bichanos: Coisa Um e Coisa Dois. Só não sabiam dizer qual era um e qual era outro.

Fiz café na máquina que um dia havia sido de Paige. Acrescentei o leite e o mexi com uma das colheres que um dia haviam pertencido a seu enxoval de casamento. Por fim guardei o leite de volta na mesma geladeira em que um dia ela havia colado seus ímãs e fotos de família. Fiquei pensando na tal foto que ela havia mandado com seu rosto recortado, sugerindo que no lugar dele fosse colado o meu. Eu havia chegado a Elbow e me infiltrado nos lençóis daquela casa, os mesmos que Paige havia lavado, dobrado e guardado antes de ir embora.

Não achava que ela seria uma mãe melhor do que eu. Provavelmente também não seria pior. Ela fora traumatizada pela própria mãe, ficara doente e, ao que tudo indicava, tinha algo muito grave nas costas, mas nada disso impedia que ela fosse uma boa mãe. Ainda que não tivesse sido inteiramente honesta na audiência de mediação: Paige não havia contado a Janice Conner que nas primeiras cinco cartas enviadas a Joe ela dizia que jamais voltaria e que ele não deveria procurá-la. E foi bem nessa época que eu surgi na vida de Joe. Mas depois ela havia buscado ajuda médica e, com o tempo, se curado.

Fui dar mais uma olhada nas crianças, que agora brincavam de esconde-esconde com os gatinhos. Depois segui para a horta e fiquei admirando a ordem meticulosa dos canteiros, que mais lembravam uma colcha de retalhos. Isto, sim, era uma contribuição minha. A única.

Voltei os olhos para a casa. Joe e eu costumávamos dizer que ela tinha uma personalidade forte. Eu havia amado aquela casa desde o primeiro minuto – e ainda amava, com todas as suas imperfeições e

aquela varanda que a cercava por inteiro, como num abraço. Ela não pertencia mais a Paige. Na verdade, nunca fora para ela o ninho aconchegante que sempre fora para mim. Presentes de casamento, alguns pratos e copos, eletrodomésticos, lençóis... e daí? Joe, eu e as crianças havíamos sido muito felizes ali. Apesar de toda a tristeza que ela, Paige, tinha deixado para trás.

Como era possível que eu tivesse me sentido tão à vontade naquela casa? Em San Diego eu havia escolhido cada prato, cada tapete da casa onde morara por anos e, apesar disso, jamais me sentira realmente em casa lá.

Tinha caído de paraquedas naquela cidade, naquela família, naquela casa. Esbarrara sem querer no tesouro perdido de alguém – ou melhor, no tesouro *abandonado por alguém*.

Eu não tinha roubado aquele tesouro, mas também não queria devolvê-lo. De início, ainda que inconscientemente, será que eu não pensava “Azar o seu, sorte a minha” quando se tratava da partida de Paige? O que eu já não sabia, pelo menos em algum nível, e me recusava a trazer à tona com perguntas? E talvez este fosse o motivo de nunca ter perguntado nada; eu também tinha lá os meus medos. Temia qualquer resposta mais honesta e complexa que um simples e conveniente “Ela foi embora e nunca mais vai voltar”.

Não. Eu não podia ficar ali me perguntando a quem de fato pertenciam facas, colheres, terreno, árvores, casa, horta. Não podia simplesmente ver aquelas crianças como filhos meus e de mais ninguém. Elas tinham outra mãe que também as amava, uma mulher que talvez não tivesse recebido um tratamento justo. Olhando para a casa, tentei imaginá-la sem Annie e Zach. Foi como se o chão se inclinasse abruptamente. Precisei me agarrar ao portão da horta para não cair.

## Capítulo 28

Lizzie buscou as crianças e fui me arrumar para ir ao tribunal. Ora eu colocava o bolo de cartas na bolsa, ora o tirava de volta. Já havia separado os envelopes endereçados a Annie e Zach, ainda fechados, e os guardara na gaveta da minha cômoda. Pertenciam a eles e a mais ninguém. Paige havia exigido que eu apresentasse as cartas que ela havia escrito para Joe, mas não havia mencionado a correspondência de Annie e Zach.

Dei um último telefonema, dessa vez para minha mãe, e contei o que havia lido nas cartas de Paige.

– É uma pena que você esteja passando por tudo isso justo agora – disse ela. – Quer saber o que eu acho? Como dizia minha avó, toda mulher precisa ter um alçapão sob o tapete da cozinha.

– Está sugerindo que eu venda bebidas alcoólicas ilegalmente? – brinquei.

– Estou sugerindo que você faça o que tem de fazer pelo bem dos seus filhos. Mesmo que isso implique infringir a lei.

– Não quero que Annie e Zach cresçam pensando que a mãe não queria nada com eles. Se eu não entregar estas cartas à Justiça, o que acontece depois? Minha vida se torna uma grande mentira. Mesmo que um dia eu resolva dar essa correspondência a Annie e Zach, eles vão saber que eu escondi as provas de que a mãe queria a guarda deles. Mas se eu as levar à Justiça, ainda existe a possibilidade de que o juiz confirme a decisão da mediadora. É o que eu acho que vai acontecer. A vida deles é aqui, comigo e com a família Capozzi.

– Você *acha*... mas não *tem certeza*.

– Mas você quer o quê? Que eu proteja meus filhos com uma mentira? Que eu esconda as informações que mais tarde vão ajudá-los a entender que nada disso é culpa deles e que eles não têm qualquer motivo para sentir remorso ou vergonha?

– De quem é que estamos falando aqui, Ella?

Silêncio.

– Eu entendo que você esteja nervosa, filha.

Como eu não disse nada, ela emendou:

– Vou pegar o primeiro avião para São Francisco.

Então lhe pedi que esperasse. Eu precisaria mais dela depois.

Fui andando em direção ao carro sem as cartas, mas no meio do caminho corri de volta para a cozinha e as peguei sobre a mesa, esbarrando no moedor de pimenta, que caiu no chão com estrépito. Peguei-o de volta, botei-o sobre a mesa e por um instante fiquei olhando para ele. O moedor predileto de Joe. Seria possível que meu marido estivesse tentando me dizer algo? *Só agora*? Esperei, mas o moedor permaneceu onde estava. Então sacudi a cabeça na esperança de despertar nela um mínimo de lógica.

Quase saí de casa com as cartas, mas a cada passo que dava no corredor eu ouvia os ecos de Annie e Zach, os gritos, as risadas, as birras, aquela algazarra ao mesmo tempo caótica e deliciosa, então me dei conta de que não seria capaz de fazer a coisa certa. Por mais que quisesse, simplesmente não conseguiria. Joguei o bolo de cartas na gaveta da mesinha de cabeceira e dessa vez foi o retrato de Joe que caiu.

– Pare com isso! – berrei e saí correndo para o carro antes que pudesse mudar de ideia mais uma vez.

Passei pelo vinhedo que semanas antes se coloria de um amarelo clarinho e agora rebrilhava em tons fortes de vermelho e laranja, como se as folhas ardessem em chamas. De costas para a estrada, com as mãos no bolso, um homem admirava sua plantação como se ele próprio a tivesse incendiado e agora esperasse o fogo se dissipar.

Chegando ao tribunal e me deparando com o detector de metais, fiquei aliviada por ter deixado as cartas em casa. Eram cartas, não um revólver, mas tinham lá seu poder de fogo.

Sentei-me numa das cadeiras diante da sala do tribunal e fiquei esperando ali. Pouco depois, Gwen Alterman surgiu no corredor e veio andando na minha direção com um terninho marrom e um ar de impaciência, as pernas curtas em passinhos apressados, as coxas roçando uma na outra.

– Já falei com o advogado de Paige – foi dizendo. – Como você sabe, o objetivo deles hoje é oficializar um acordo de visitação com períodos determinados e a possibilidade do aumento desses períodos à medida que as crianças forem crescendo.

– Qual é a proposta deles? – perguntei.

Gwen pôs os óculos de leitura e examinou o documento.

– Quatro fins de semana por ano, duas semanas no verão, uma semana no Natal. E só. Mas Paige insiste que as crianças passem esses dias na casa dela. Disso ela não abre mão. Inclusive está disposta a vir buscá-las.

Paige sentou-se mais adiante e virou para ouvir o que seu advogado dizia, um senhor alto, mais velho, com uma gravata-borboleta vermelha e óculos de aro de metal.

– Leia com atenção o que está estipulado aqui – prosseguiu Gwen. – Depois assine. Daqui a pouco, diante do juiz, vamos dizer que as partes chegaram a um acordo e este documento será lido em voz alta. O juiz perguntará se você confirma o que está escrito nele, você dirá que sim e, pronto, caso encerrado. Você poderá voltar para casa e para os seus filhos. – Ela ainda acrescentou: – Sem falar na montanha de dinheiro que vai economizar.

Paige já havia assinado o tal documento. Sua assinatura serpenteava ao longo da linha na mesma caligrafia arredondada que eu já conhecia. Assinei o papel. Alguns minutos depois, Gwen entreabriu a porta da sala J do tribunal e pediu que eu entrasse. Joe Pai, Marcella e David já estavam no banco dos fundos. Eu queria acreditar que a presença deles significava que me apoiavam, mas sabia que estavam ali para ter certeza de que eu me comportaria direito.

Paige entrou com o tronco ereto, parecia estar equilibrando um livro na cabeça.

Eu agora já sabia que aquela pose não passava de fachada. Os olhos, sem maquiagem alguma, evidenciavam sua tristeza. Eu sabia muito bem por que ela não passara rímel.

Enfim fomos chamados e nos acomodamos às duas mesas diante do juiz. O advogado de Paige leu o acordo em voz alta, mas num tom afável que não combinava com as circunstâncias, suavizando as palavras mais áridas, como “guarda”, “requerente” e “visitação”. Deu a impressão de estar lendo um

conto de fadas, que bastava que eu não desse com a língua nos dentes para que todos vivêssemos felizes para sempre. Eu mantinha meu foco na estenógrafa entediada que ia registrando tudo. Não havia mais ninguém para quem eu pudesse olhar sem me sentir ameaçada. Não para Paige, com seus olhos marejados. Não para o juiz, que talvez pudesse detectar a culpa que eu estampava no rosto. Muito menos para os capangas da família Capozzi às minhas costas.

Paige foi a primeira a se levantar. Estendeu o braço para fazer seu juramento e confirmou o acordo de visitação. Depois foi minha vez. Fiquei de pé, trêmula, o suor escorrendo.

Ergui a mão. Mentalmente vi a mão de Marcella segundos antes de ela me bater supostamente para me pôr juízo. Vi a mão da minha avó erguida para me dar uma lição e me encher do peso da vergonha. Eu jamais bateria em Annie ou Zach. No entanto, minha mão no ar não era muito diferente das outras duas: com aquele juramento eu seria mais uma a silenciar a verdade, ao omitir de Annie e Zach fatos tão importantes para suas vidas.

Tudo o que eu precisava dizer era “Sim, eu juro”. Mas as palavras que me saíram da boca foram:

– Meritíssimo, posso falar uma coisa?

Meu coração ecoava de tal modo nos ouvidos que eu mal podia escutar minha própria voz.

O juiz, que apesar de jovem era quase calvo, sorriu com uma ponta de estupefação.

– Não, é sua advogada quem deve falar por você.

– Mas, Meritíssimo... Tenho algumas provas que preciso entregar.

– Mas por que só agora, Sra. Beene? Sra. Stefani, sugiro que converse lá fora com sua cliente antes que ela...

– Porque é a verdade – interrompi.

Gwen apertou meu braço.

– E quero que a verdade seja conhecida – continuei. – Encontrei as cartas de Paige.

– Jesus, Maria, José! – A voz de Marcella ecoou na sala.

– Desculpe, Meritíssimo – o advogado de Paige se pronunciou, já se pondo de pé. – Nós solicitamos estas cartas e a Sra. Beene jurou sob pena de perjúrio que elas não existiam.

Gwen também ficou de pé e o juiz lhe disse:

– Sra. Stefani, é verdade que estas cartas foram solicitadas à sua cliente?

– Meritíssimo, eu ainda não as vi. Nem sequer sabia que minha cliente as tinha encontrado.

– Sra. Beene, onde estão estas cartas? E quando foi que as encontrou?

– Estão na minha casa. E as encontrei no domingo à noite. Meritíssimo, ainda acredito que o melhor para Annie e Zach seja ficar comigo. Mas não quero que esta decisão seja tomada com base numa mentira.

O juiz suspirou.

– Sra. Beene, suponho que ande vendo muito *Law and Order*. Por acaso não lhe ocorreu conversar com sua advogada antes? A senhora mora muito longe?

– A uma meia hora daqui.

– Então quero que busque as tais cartas e as entregue à sua advogada. E daqui em diante, deixe que a Sra. Stefani fale por você. É para isso que ela está sendo paga.

Isso dito, ele se virou para Gwen e pediu a ela que providenciasse cópias das cartas para todos os

interessados. Em seguida chamou sua assistente, disse-lhe algumas palavras enquanto ela folheava um livro e por fim a dispensou com um gesto da cabeça.

– Acabei de ser informado – disse ele – de que houve acordo num caso que seria levado a juízo, portanto tenho um horário vago na tarde de hoje. Quem tiver alguma objeção para que as tais cartas sejam consideradas provas deve se pronunciar ainda hoje. – E para o advogado de Paige, falou: – Podemos agendar uma prorrogação, se o senhor quiser.

Em seguida bateu seu martelo e ordenou que voltássemos às 14 horas.

Sentei-me novamente, ainda sem olhar para trás ou para os lados. Gwen fechou sua pasta e disse por entre os dentes:

– E lá se foi o nosso gol de placa...

Esperamos que Paige saísse com seu advogado e saímos também. Marcella logo veio ao nosso encontro:

– Ella, que foi que deu em você? Por acaso você acha que o governo sabe o que é melhor para Annie e Zach? Esta gente, Ella, só sabe separar as famílias! Se você não fica de olhos abertos, eles trancafiam nossos bebês no meio do nada, atrás de uma cerca de arame farpado!

Eu queria confortá-la, dizer que não precisava se preocupar e que o juiz iria decidir a nosso favor. Queria dizer: “Vou criar meus filhos sem ter de esconder esse segredo terrível deles, um segredo que certamente os atormentaria até o fim da vida, que talvez os sufocasse ou os fizesse ver apenas o que quisessem.” Também queria dizer a ela e a todos da família que ainda os amava muito, que ainda precisava deles e que não havia feito aquilo com a intenção de prejudicá-los.

No entanto, tudo o que fiz foi balbuciar minhas desculpas e deixar que Gwen fosse me conduzindo corredor afora até a lanchonete. Assim que me vi sozinha, liguei para Lucy e pedi a ela que buscasse as cartas e as trouxesse para o tribunal.

– Tem certeza? – perguntou e, como não respondi nada, falou que chegaria dali a uma hora.

Lucy enfim apareceu com as cartas. Cumprimentou-me com um abraço demorado, depois disse que esperaria no corredor, para o caso de eu precisar dela. Gwen me trouxe uma xícara de café, que permaneceu intocada, depois saiu para fazer as cópias solicitadas. Voltou dali a pouco e começou a lê-las.

– Onde foi que você encontrou isto? – perguntou afinal, olhando por sobre os óculos.

Contei a ela sobre os gatinhos e o colchão. Contei também que havia aberto os envelopes.

Ela balançou a cabeça, olhando diretamente nos meus olhos antes que eu pudesse desviá-los. Alguém arrastou uma cadeira atrás de mim.

– Gwen, eu fiz a coisa certa, não fiz?

– Você devia ter me contado sobre estas cartas para que a gente pudesse se preparar melhor. Pensando bem... nem sei como eu poderia me preparar para isto aqui.

– Annie e Zach não podem crescer achando que a mãe não queria ficar com eles. Eu precisava dizer a verdade. Mas ainda quero que as crianças fiquem comigo. O juiz vai ver que esta é a melhor solução, não vai? Na Califórnia os juízes sempre se baseiam naquilo que é melhor para os filhos, não é?

Gwen ficou muda por um tempo, mexendo seu café. Por fim disse:

– Para mim, este caso vai além de querermos vencer. Concordo que as crianças devam ficar com você.

Mas você é a madrasta delas. Mesmo que para você isto não passe de um detalhe técnico, os juízes não pensam assim. A mãe biológica ainda tem todos os direitos.

– Mas você disse que...

– Esqueça o que eu disse. As cartas mudam tudo. Neste exato momento, o que precisamos decidir é: será que temos alguma objeção a que elas sejam apresentadas como provas?

– Bem, não, não é?

Gwen disse então que não seria possível entregar apenas as cartas que mais nos convinham, isto é, as primeiras.

– É tudo ou nada, portanto sugiro que a gente não faça nenhuma objeção. O juiz vai querer vê-las de qualquer modo.

Assenti e ela saiu para se encontrar com o advogado de Paige. Sentei-me e joguei a cabeça para trás a fim de reprimir as lágrimas. Em seguida pesquei o celular e liguei para Lizzie. Queria ouvir a voz de Annie e Zach, mas ninguém atendeu.

Gwen voltou dali a pouco, dizendo que o advogado de Paige havia concordado e notificado o juiz de que as cartas seriam apresentadas, mas que Paige agora havia feito uma nova proposta de acordo.

– Uma guarda compartilhada, mas ela fica com as crianças e você visita. Quatro fins de semanas por ano, duas semanas no verão, uma semana depois do Natal.

– Eu *visito*? De jeito nenhum! Poxa, Gwen, você mesma disse que a mãe verdadeira deles sou eu...

Gwen puxou os punhos da camisa sob as mangas do paletó e, tamborilando os dedos gorduchos sobre as cartas, disse:

– Ella, toda a nossa argumentação foi construída sobre um caso de abandono. Mas como eu disse antes, estas cartas mudam tudo. Como madrasta, você não tem direito algum perante uma mãe biológica que quer e pode ter a guarda de seus filhos. Você nem chegou a ter a guarda legal das crianças.

Senti um nó se formar em minha garganta.

– Estas cartas provam que Paige deve participar da vida delas – argumentei. – Mas ainda temos a nosso favor aquilo que é melhor para Annie e Zach: morar em Elbow, perto da família Capozzi. Quem escolheria Las Vegas, a Cidade do Pecado, para duas crianças?

– Olha. A gente não precisa aceitar essa proposta hoje – disse Gwen, massageando as têmporas. – Vamos ouvir o que o juiz tem a dizer.

~

a sessão foi retomada. O juiz suspirou longamente e ficou olhando para mim e Paige, depois de volta para mim, como se assistisse a uma partida de pingue-pongue. Por fim, num tom de cansaço e resignação, falou:

– Li as cartas e de fato elas lançam uma nova luz sobre este caso. A recomendação da mediadora se baseou no fato de que a requerente não havia procurado os filhos por três anos. As cartas não só provam o contrário como também revelam uma jovem mãe que, apesar de emocionalmente perturbada, amava seus filhos e agiu pensando no que era melhor para eles. E talvez tenha de fato agido certo. Devo dizer: é lamentável que o pai das crianças não tenha cooperado para reaproximá-las da mãe. E é legítimo questionarmos que papel a madrasta poderia ter desempenhado nisto. Vou requerer avaliações e marcar uma nova audiência tão logo elas terminem. Mas posso adiantar que a minha inclinação é a seguinte: com



relação ao menino, a figura materna é a Sra. Beene e, com relação à menina, a figura materna é a Sra. Capozzi. Talvez isto defina a questão da guarda.

Imediatamente peguei a caneta de Gwen e escrevi sobre um envelope pardo: não!!!

Gwen ficou de pé.

– Meritíssimo, antes que sejam requeridas essas avaliações, seria possível que meu colega e eu conversássemos a sós com nossas clientes?

~

gwen e eu fomos para uma das saletas reservadas do tribunal.

– Ele não pode separar as crianças – falei por entre os dentes cerrados.

– Aquele juiz é tão metido, chega a ser ridículo. Deve estar querendo aplausos. É muito raro que um juiz separe irmãos.

– Você ouviu o que ele disse. Não posso correr esse risco. *Como é que isso pôde acontecer?*

– Olhe, nada será decidido hoje. Ele só estava especulando. Antes de tudo, vão precisar das avaliações. Vão virar a vida de vocês pelo avesso. Todo mundo será interrogado. Vão ser uns seis meses bem intensos. E caros.

– Não importa o dinheiro. Eu *arrumo* o dinheiro. O problema é que... todo mundo já está tão desgastado. Marcella... Não sei se ela e Joe Pai vão aguentar mais esse tranco. Para Annie e Zach, então, vai ser mais difícil ainda.

– Pois a guerra nem começou, se comparada com o chumbo grosso que vem por aí. Ella, Paige está propondo guarda compartilhada. Nada impede que a gente aceite esta proposta. Também podemos pedir ao juiz que mantenha a possibilidade de revisão periódica do acordo de guarda.

– Mas a guarda fica com ela?

Gwen fez que sim com a cabeça, depois disse:

– Se deixarmos que a coisa se arraste para uma nova audiência, é possível que o juiz dê a ela a guarda integral e você fique sem nada, nem mesmo visitação. Geralmente padrastos e madrastas não têm nenhum direito quando o assunto é guarda de menores.

Ela se debruçou sobre a mesa.

– Exceto quando fica provado um caso de abandono – prosseguiu. – Ella, na melhor das hipóteses, você fica com Zach, mas não com Annie. Mas você não quer separá-los, claro.

*Como foi que isso pôde acontecer?*

*As cartas. As malditas cartas.*

– Gwen, o que você faria se as crianças fossem suas?

Ela pousou a mão em meu braço:

– Guarda compartilhada. Eu aceitaria a proposta deles. É o melhor que podemos fazer agora.

Assenti, mas não consegui articular qualquer palavra.

Gwen foi cuidar da papelada e me deixou na sala, de modo que eu não tivesse de enfrentar Joe Pai, Marcella ou David. Deixei o rosto cair entre as mãos: ao tentar fazer a coisa certa, eu havia decepcionado todas as pessoas que amava.

## Capítulo 29

Lizzie atendeu a porta e me abraçou.

– Frank me contou por telefone. O que você fez foi extraordinário.

Senti a garganta apertar. De dentro da casa, Zach berrou:

– *Eba! Ebaa! Ebaaaaaa!* A minha mãe chegou!

Ele veio correndo na minha direção trazendo consigo um dinossauro de pelúcia com uma camisa havaiana. Tomei-o no colo e fiz o que pude para não chorar. Lizzie olhou para outro canto. Annie surgiu em seguida e passou a mãozinha na fivela do meu cinto. Novamente engoli o choro.

Agradei a Lizzie e as crianças fizeram o mesmo. Entramos no carro e percorremos os quatro quarteirões necessários até nossa casa. Eu não sabia como contar a eles, pois a nova realidade ainda me cercava como um tubarão exibindo sua barbatana antes de nos devorar.

Eu não queria que Annie juntasse as peças do quebra-cabeça por conta própria caso entreouvisse minhas conversas ao telefone. Também não queria que ela soubesse de tudo por Paige. Gwen havia insistido que coubesse a mim dar a notícia às crianças e, embora o juiz tivesse concordado, ele havia me dado um prazo de dois dias.

Não esperei tanto. Levei Annie e Zach para a varanda dos fundos com os picolés de limão que tínhamos feito juntos mais cedo, com Zach derramando no chão boa parte da limonada. Sentei-me entre os dois e disse:

– Hoje aconteceu uma coisa e eu preciso conversar com vocês.

Annie olhou para mim. Sua franja estava presa com um grampinho rosa (talvez por obra da filha de Lizzie) e ela ficara ainda mais parecida com Paige.

– Que foi que aconteceu? – perguntou.

– Bem, vocês sabem quem é Paige, a mamãe de vocês, não sabem?

– *Claro* que a gente sabe, bobinha.

Forcei um sorriso, depois disse:

– Claro, que boba que eu sou. Mas, bem... depois que o papai Joe morreu, ela e eu tivemos um... desentendimento... sobre onde vocês dois deveriam morar. Ela queria que vocês morassem com ela, e eu, que vocês continuassem aqui comigo. Então, quando duas pessoas não chegam a um acordo, muitas vezes elas vão a um lugar chamado tribunal e continuam discutindo o assunto até chegarem a uma decisão. Pois bem, foi isso que a gente fez hoje de manhã. E lá no tribunal ficou decidido que vocês devem ir morar com sua mamãe Paige.

– Por quê? – disse Zach, erguendo o rosto e parando de balançar as perninhas gorduchas que vinha batendo contra a treliça da varanda.

O picolé já escorria desde a mão até a calça jeans.

*Porque eu pisei na bola. Porque eu não lutei o suficiente por vocês. Talvez porque eu não tenha feito o que uma mãe de verdade faria.*

– Porque... – falei. – Porque a mamãe Paige é a sua... mãe biológica e ela quer ficar mais tempo do lado de vocês.

– Por quê? Porque eu saí da barriga dela?

– Porque ela ama muito vocês dois. E está com muita, *muita* saudade.

– Mas e você? – Annie quis saber. – Você *também* ama a gente.

– Sim, eu amo vocês – confirmei, engolindo em seco. – Muito, muito, muito. E vou sentir muito a falta de vocês.

– Você está triste?

– Estou. *Mas...* Você e Zach agora vão viver uma aventura incrível. Vão morar numa casa linda e espaçosa, vão ter seu próprio quarto, vão fazer amiguinhos novos. E eu vou poder visitar vocês.

– *Visitar* a gente? – perguntou Zach. – Que nem a vovó Beene?

– É... mais ou menos isso.

– Nem que a vaca tussa! – protestou ele, de olhos arregalados e ameaçando chorar.

Eu o puxei para perto, abraçando sua cabecinha.

– Você *prometeu!* – disse Annie com a voz embargada, uma lágrima já caindo do olho. – Prometeu que nunca ia deixar a gente! Você *mentiu!*

– Annie, eu também não queria isso. Porque amo muito vocês. Prometo que...

– Não precisa prometer *mais nada!*

Ela arremessou o picolé e saiu correndo para a sala, mas parou a meio caminho, plantou as mãos na cintura e, virando-se para mim, agora aos prantos, gritou:

– Você prometeu com mindinho e tudo! Falou que nunca, *nunca* ia deixar a gente!

– Venha, Banannie, venha aqui.

Ela correu na minha direção e nós três nos abraçamos, Zach também aos prantos.

– Não quero mais ser forte! – confessou Annie entre um soluço e outro.

Fiz um carinho nos cabelos dela. Duas nuvens vagavam no horizonte, brancas e etéreas como roupinhas de batismo.

– Pode chorar, pode ficar com raiva... – falei. – Isso não significa que você não esteja sendo forte.

~

ainda hoje, sempre que relembro esse dia, nossa despedida se repete cena a cena, lentamente, apesar de ela ter acontecido num piscar de olhos. Talvez o juiz Stanton acreditasse que, quanto mais rápido se arranca um esparadrapo, menor a dor. Acontece que pessoas não são esparadrapos.

~

dois dias depois, véspera do aniversário de 7 anos de Annie, com o céu da manhã baixo e cinzento, Paige chegou para buscar as crianças. Enquanto abria o carro usando seu vestido de seda e sapatos de salto alto, dentro de casa Annie seguia com Zach pela fila de abraços e beijos: Marcella e Joe Pai, David e

Gil, Lucy, Frank, Lizzie, Callie, Coisa Um e Coisa Dois. Quando chegou a minha vez, eles ergueram os olhos e ficaram ali, esperando. Marcella se virou de costas. Zach apertou seu coelhinho Bubby sob o braço e pegou a malinha de Thomas e Seus Amigos. Insistira em usar os chinelos de Thomas que faziam par com a mala e eu não tivera coragem para contrariá-lo: diante das circunstâncias, era o mínimo que eu podia fazer para agradá-lo.

Mas Marcella se virou novamente e veio na minha direção:

– Vá calçar sapatos neste menino. *A-go-ra* – ordenou.

– Marcella... Ele quis pôr os chinelos. Foi a única coisa que pediu. Não é hora de briga.

– E o que você entende de brigas? Não entende nada. Joga a toalha. É isso que você faz – desferiu, e novamente se afastou.

Em vez do vestidinho e dos sapatos de boneca que Annie fizera questão de usar na primeira visita de Paige, ela usava calça jeans e sandálias do mesmo modelo das minhas. Cutuquei os dedinhos do pé dela com os meus e abri a porta de telinha da sala. De mãos dadas com ela e Zach, seguimos andando pelo quintal de cascalho.

Eu ainda esperava por algum tipo de intervenção divina que me dissesse: “Pare. Isto foi só um teste. Como a história de Abraão e Isaque. Mas fique tranquila, o teste acabou. Pode voltar para casa com seus filhos.” Eu fazia o possível para não sentir nada, para não chorar, não olhar para Paige, não jogar meus filhos no jipe e fugir para o Canadá ou o México.

Callie veio nos seguindo e circulou o carro de Paige enquanto o restante da família esperava na varanda. Os ombros de Annie tremiam numa silenciosa tentativa de conter o choro, mas quando Zach viu o rosto crispado da irmã, começou a urrar. Em meio à barulheira, Paige disse:

– Eles vão ficar bem! A gente precisa ir, só isso!

“Você não sabe de nada”, foi o que eu quis dizer, mas não disse. Coloquei o cinto de segurança nas crianças, como sempre fazia, e os cobri de beijos novamente, secando o rosto de ambos com a manga da camisa. Falei que iria vê-los muito em breve e que telefonaria à noite.

Paige e eu nos despedimos com um rápido aceno, quase imperceptível, e ela deu a partida no carro. Zach agora berrava:

– *Eu quero a minha mãe! Eu quero a minha mãe!*

E nós ficamos ouvindo aquilo da varanda, os berros que se repetiam e iam ficando mais distantes à medida que o carro avançava, até que não se ouviam mais. Annie e Zach haviam partido.

Todos foram descendo para o quintal. Frank, Lizzie e Lucy se ofereceram para ficar, mas apenas agradei com um gesto da cabeça. Joe Pai virou-se para mim e, com os lábios trêmulos, disse:

– Você podia pelo menos ter calçado sapatos naquele menino. Homem nenhum devia deixar sua família de chinelos.

Eu não entendia por que os sapatos eram tão importantes para ele e Marcella, mas essa era a menor das minhas preocupações naquele momento. David se despediu com um abraço, mas um abraço protocolar e rápido, com um leve tapinha nas costas – nem de longe um dos abraços italianos que costumávamos dar.

– Fique uns dias sem ir à loja – disse. – A gente segura as pontas por lá.

Eu sabia que eles precisavam de um tempo longe de mim. Marcella foi embora sem ao menos me olhar. Tão logo me vi sozinha, fui direto para o quarto das crianças. Callie me seguiu. Fechei a porta, joguei-

me na cama de Annie e enterrei o rosto no travesseirinho dela, sempre tão cheiroso. Agora eu berrava tanto quanto Zach, ainda torturada por nada ter feito para consolá-lo. Callie ganiu como se também estivesse triste. Os soluços vinham do fundo da minha alma, inconsoláveis. Eu chorava sem parar. Liguei três vezes para o celular de Paige, mas ela não atendeu.



acordei com os latidos de Callie. Alguém batia insistentemente à porta. Desorientada, tentei alcançar meu despertador, não o encontrei, lembrei que estava na cama de Annie, ainda usando as roupas da véspera, e me lembrei da véspera em si. As batidas na porta continuavam. Levantei me permitindo imaginar que era Paige quem estava ali, trazendo Annie e Zach de volta, dizendo que havia cometido um terrível engano. Mas quem batia à porta era o carteiro com uma entrega, uma caixa endereçada às crianças e enviada por Paige uma semana antes. Em vez de assinar o recibo, rabisquei o endereço e escrevi “Devolver ao remetente”.

Mais uma vez Paige não atendeu o celular. Deixei recado. E depois mais quatro ao longo das quatro horas seguintes. Eu esperava um telefonema das crianças, mas naquele dia as três ligações que recebi foram das únicas três pessoas no planeta que ainda falavam comigo: minha mãe, Lizzie e Lucy. Ouvi os recados deixados na secretária eletrônica, mas não atendi: não queria que o telefone estivesse ocupado se as crianças tentassem falar comigo. Mamãe e Lizzie disseram que estavam preocupadas e pediram que eu ligasse caso estivesse disposta a conversar. Lucy não fez qualquer pergunta ou comentário, simplesmente comunicou que iria me ver depois do trabalho no dia seguinte.

Minhas únicas obrigações eram: alimentar Callie, as galinhas, Coisa Um e Coisa Dois; limpar o galinheiro e a caixa de areia dos gatos; tirar ervas daninhas da horta. Fiz tudo isso. Volta e meia Callie vinha me cutucar com o focinho na esperança de que eu a levasse para um passeio. A certa altura, buscou a coleira e ficou me encarando com aquele olhar ao qual normalmente eu não conseguia resistir. Mas eu estava sem a menor energia e também não queria encontrar com ninguém na cidade.

Com os dois gatinhos aninhados em meus braços, fiquei perambulando pela casa. Tudo o que eu via ali parecia me perfurar como a ponta de uma faca: os retratos das crianças, os brinquedos, os trabalhos da escola. O vaso de argila que eu mantinha na prateleira de livros. Um presente de Annie para mim, feito por ela ainda no jardim de infância. Ela havia escrito “Feliz Dia das Mães” formando letras com macarrão e eu ficara radiante por isso. O M havia caído pouco depois de ela chegar com o vaso em casa, deixando um sulco em seu lugar, mas só então, depois de eles partirem com Paige, notei o que aquilo significava: sem o M eu não era a mãe deles. A mãe era outra.

A geladeira vibrava, o relógio tiquetaqueava, a brasa crepitava na lareira. Fui para o sofá, liguei a TV e fui zapeando até que deparei com um canal dedicado aos seriados dos anos 1960 e 1970. Vi episódios de “The Brady Bunch”, “Room 222” e “A Família Dó-Ré-Mi”. Após a morte de meu pai, eu acompanhava estes seriados religiosamente e por vezes me perguntava coisas como por que mamãe não podia ser um pouco mais parecida com Shirley Partridge ou por que meus pais não haviam tido mais filhos, de modo que também pudéssemos formar uma banda só de irmãos.

Abri a porta para soltar Callie e cogitei ligar novamente para as crianças, mas já eram nove horas. Eles já deviam estar na cama, dormindo feito pedra. Era o primeiro dia deles sem mim e não havíamos nos

falado. Só o que me restava era esperar pela manhã seguinte. Callie voltou e se deitou no chão, perto do sofá. Dormi com “Mr. Ed” na TV, e acordei com “Jeannie é um Gênio”, o dia já claro.

Repeti as mesmas tarefas da véspera, depois pensei em limpar a casa, mas... para quê? Então fui empurrando o resto do dia com seriados e filmes antigos.

Mais uma vez tentei falar com as crianças. E mais uma vez não fui atendida. Por fim Paige ligou, informando que eles haviam chegado tarde em casa na noite anterior por conta de um atraso no voo.

– Posso falar com as crianças? – perguntei.

– Sei que está sendo difícil para você. E para eles também.

Zach chorava ao longe:

– Eu... quero... a minha... mãe! Eu... quero... a minha... mãe!

– Ella, realmente não acho uma boa ideia que vocês se falem agora. Annie e Zach precisam de um tempo para se acostumarem. Estão com saudades e falar com você só vai piorar as coisas. A gente precisa de um tempinho juntos, só nós três.

– Ficou *maluca*? O Zach está aos prantos aí, vai se acalmar se eu falar com ele. Por favor, chame o Zach agora mesmo.

– Não, Ella, não vou chamar ninguém – devolveu Paige, tranquila. – Olhe, o que você fez naquele tribunal foi muito nobre. Um ato de coragem. Mas agora estou pedindo que você nos dê um pouco de espaço.

– Quem você *pensa* que é, Paige?

– Sei muito bem quem eu sou. Sou a mãe deles – disse e desligou.

– *Filha da puta!* – berrei ao telefone, ainda que ninguém me ouvisse, e arremessei o aparelho contra a parede.

O que não bastou para aplacar minha fúria. A fúria de uma leoa ferida. Zach estava chorando e não havia nada que eu pudesse fazer. O tripé de Joe ainda se achava armado num dos cantos da sala numa espécie de homenagem póstuma. Peguei-o e, ainda de pijama, saí para o quintal. Corri até a caminhonete de Joe, seu adorado Besouro Verde, e parei diante da porta. Com as pernas firmes, ergui o tripé como se fosse uma marreta e o lancei contra o para-brisa.

## Capítulo 30

O que eu esperava de Paige? Gratidão eterna? Compreensão? Certa disposição para chegarmos a um acordo mais benéfico para todos? Sim, sim e sim. Eu tinha dito a Gwen Alterman que não queria afastar Paige por completo da vida de Annie e Zach. Esperava que ela pensasse da mesma forma com relação a mim. Eu a havia tomado pela Paige que escrevera aquelas cartas três anos antes: uma mãe desesperada, vulnerável, ferida. No entanto, até mesmo Lizzie havia notado: existia uma velha Paige e, agora, esta nova Paige que acreditava na ordem e na disposição correta das coisas, que parecia convicta de que o lugar certo para Annie e Zach era na casa dela, sem um pingço que fosse da minha “energia pessoal” vazando pelo buraco da porta – e tampouco pela linha telefônica. Ela havia se livrado da tralha, isto é, de mim, a madrasta dos filhos dela. Devia ser um defeito crônico das pessoas que trabalham com decoração e arrumação de ambientes: *Pra que duas, se uma já é o bastante? Escolha em que caixa pôr – Doação ou Lixo – e depois não se arrependa.*

Liguei para Gwen e ela recomendou que eu deixasse a poeira baixar. Dificilmente Paige *teria* alguma poeira. Gwen lembrou ainda que dali a um mês eu teria direito a uma visita. Caso Paige se opusesse, estaria violando o acordo de guarda, e aí então teríamos um pretexto para tomar alguma atitude.

– Um mês? – foi só o que consegui dizer. – Daqui a *um mês* eu tenho o direito de ficar com eles por *dois dias*? Annie faz 7 anos hoje e eu nem pude falar com ela.

– Realmente não é justo. Mas tudo indica que as coisas também não vão ser fáceis para ela de início. Anote tudo que vocês conversarem, mas nunca parta para a agressão nem faça ameaças, porque a situação viraria contra nós. Procure ser paciente, é só isso que você precisa fazer.



na noite daquele mesmo dia, Lucy entrou sem bater e foi me encontrar no quarto das crianças, sentada no chão e cercada de bonecas e bichinhos de pelúcia. Eu havia incluído presentes na bagagem de Annie, mas para mim era intolerável não vê-la abrindo os embrulhos, não fazer o bolo de cenoura que ela tanto adorava.

Eu havia colocado um gorro em Callie, assim como às vezes Annie fazia. Volta e meia eu apertava o botão de Buzz Lightyear, o astronauta de *Toy Story*, de modo que ele repetia sem parar: “Ao infinito e além!” Sem dizer nada, Lucy foi até a cozinha, pegou uma garrafa de vinho e o serviu em duas xícaras de chá em miniatura, de porcelana rosa e branca.

– Sinto muito, Caco, mas você é menor de idade – falou e se virou para mim. – Olhe, assim vai ser difícil a gente se embriagar.

Em seguida ergueu sua xícara para um brinde:

– Caramba, Ella... Esses olhos... Você está um lixo!

Balancei a cabeça. Ela me abraçou, fez um carinho nas minhas costas.

– Eu sei, El, eu sei...

Não demorou para que passássemos à varanda dos fundos, trocando nossas xícaras de boneca por taças de gente grande. Lucy insistiu que eu comesse alguma coisa, mas eu não tinha o menor apetite. Cheguei a roubar um ou dois cigarros dela, isso sim, e pela primeira vez na vida fumei sem qualquer culpa ou remorso.

Delicadamente, Lucy sugeriu que eu voltasse a tomar os medicamentos que o Dr. Boyle havia receitado. Falei que não. Ela ofereceu mais vinho e eu agradei, mas recusei. Precisava sentir tudo aquilo, por mais doloroso que fosse.

Lucy se ofereceu para voltar no dia seguinte, mas falei que precisava de um tempo sozinha, e ela aquiesceu a contragosto.

Sabendo que ninguém, absolutamente ninguém, apareceria por ali naquela noite, busquei na garagem as caixas que eu havia trazido do depósito da loja. As caixas com as fotos de Annie, Zach, Joe, Paige e toda a família Capozzi. Disse a mim mesma que queria ver as fotos das crianças, mas a verdade era que ainda havia uma parte minha que precisava entender melhor a história de Paige com Joe e a importância que ela poderia ter na minha própria história com ele, na minha história com Annie, Zach... e Paige. Além disso, a curiosidade era grande: o que Paige teria revelado a Joe ao ficar de costas para ele naquela sessão de fotos?

Arrastando-a pela aba de papelão, deixei uma das caixas no centro da sala e fui tirando os maços de fotos, organizando-as numa espécie de mosaico a meu redor. Coisa Um e Coisa Dois logo se aproximaram para brincar com elas, mas dali a pouco ficaram entediados e foram se aconchegar junto a Callie no sofá.

Lá estavam Paige e Joe na casa de Marcella numa festa de Natal. Os brincos de Paige eram duas enormes bolas vermelhas e Joe tinha um laço grudado na testa. Ambos riam. Outra foto: o casamento deles. Tão diferente do nosso, com meu vestidinho de alça e as flores colhidas no nosso quintal. O deles havia sido igual ao meu com Henry: um vestido de renda branca elaborado (de gola alta e bordado com contos), o cortejo de madrinhas e padrinhos, o pajem levando as alianças, a daminha jogando pétalas no chão, os buquês perfeitamente redondos, os sorrisos duros e cansados.

Também encontrei cartões de aniversário, de Dia dos Namorados, de aniversário de casamento, todos com declarações de amor eterno. “Vou amar você para sempre”, diziam, como se isso pudesse afastar todos os maus-olhados e incertezas.

Coloquei os cartões junto das fotos, inclusive as de Paige nua, e fui tentando agrupar cada um dos eventos, talvez contaminada pelo *feng shui* de Paige. No fundo de uma das caixas, percebi entre as dobras do papelão uma espécie de livreto rosa, parecido com um passaporte, talvez alguma coisa de Annie. Pesquei-o e vi que se tratava de um documento carimbado com as palavras “estrangeiro inimigo”. No interior, uma foto do vovô Sergio com seus 40 e poucos anos, o nome datilografado (Sergio Giuseppe Capozzi), o endereço em Elbow (o mesmo nosso), a data de nascimento (1º de agosto de 1901) e as impressões digitais.

Aquelas palavras me impressionaram muito mais que a história fragmentada que eu já conhecia. O medo. A paranoia. Estrangeiro? Inimigo? Vovô Sergio? O homem que tanto amava o país, que havia



aberto um pequeno mercado? Que havia construído nosso chalé... que vira a família ser destruída, tal como Marcella afirmara? Só agora eu percebia como era fácil alguém sucumbir à paranoia nos tempos de guerra. Também sabia que o medo que eu e toda a família Capozzi tínhamos de Paige não era exatamente justo com ela. Em todo caso, aquilo que mais temíamos já havia acontecido – resultado da minha tentativa de ser justa.

Coloquei o documento junto das fotos em que Sergio e Rosemary posavam diante da nova casa deles, agora a nossa velha casa, e senti um vínculo com ambos que até então eu nunca havia sentido. Eles também tinham dado vida àquela casa com uma família igualmente barulhenta, de muitas risadas e discussões. Rosemary também havia transitado por aqueles cômodos, remoendo-se com a ausência do marido, com aquele vazio que parecia se expandir contra as paredes, o teto e o chão.

Abri mais uma caixa e encontrei o roupão de Paige. O roupão com o qual Joe havia coberto o segredo dela, no qual ela havia se escondido durante todos aqueles meses de depressão. Vesti-o sobre as minhas roupas. Hoje fico constrangida ao falar disso, mas por algum motivo eu achava que aquilo ajudaria na montagem do quebra-cabeça. Em seguida fui abrindo todas as caixas que ainda restavam e espalhando pela sala tudo o que continham, o que dali a pouco transbordou para a cozinha e o corredor. Assim montei caminhos sinuosos que em muito lembravam o labirinto que Joe e eu havíamos atravessado juntos numa catedral em São Francisco durante nosso primeiro réveillon juntos. Tínhamos percorrido todo o trajeto em silêncio, cada um com uma pergunta na cabeça, e ao chegarmos à nave central Joe havia perguntado se eu queria me casar com ele. No fim das contas, tínhamos levado a mesma pergunta para o labirinto e recebido a mesma resposta: sim.

A certa altura, até mesmo o quarto das crianças tinha fotos espalhadas pelo chão. Quando enfim se esvaziaram todas as caixas, busquei nossas próprias fotos (as que haviam sido tiradas após minha chegada) e a caixa de sapatos com minhas fotos de infância (mamãe e eu catando conchas na praia; papai e eu posando no alto de uma pedra, braços cruzados, binóculos no pescoço) e as fui espalhando pelo quarto das crianças, seguindo corredor fora até chegar a meu quarto e terminar o caminho na cama, já que no chão não havia mais espaço.

Tudo isso eu fazia sem parar para pensar na minha vida daquele momento ou nas vidas representadas nas fotos, completamente absorta na estrutura da minha criação, nas peças do quebra-cabeça. Uma maluquice, verdade seja dita, mas, nas circunstâncias em que me achava, a maluquice parecia caber muito bem. O dia já havia escurecido quando terminei.

Devo ter deitado para tirar um cochilo, mas só acordei na manhã seguinte, cercada por um mar de fotos, de cara para uma em que Annie erguia um salmão quase tão grande quanto ela. Fotos se grudavam em meu rosto, meus braços, minhas mãos.

Levantei-me da cama e corri os olhos pela minha obra. Sei que pode parecer estranho, mas eu estava intrigada com o que tinha feito. Havia ali uma ordem, um objetivo. Minha impressão era a de que eu estava prestes a ter uma revelação. Cuidando para não pisar em nada, fui para a cozinha, preparei um café e fui cumprir minha nova agenda de responsabilidades: Callie, galinhas, gatos, horta. Obriguei-me a comer pelo menos algumas torradas. Brinquei com os gatos na varanda, depois os levei para descansar. Só então fui para o início do labirinto e comecei a percorrê-lo, andando lentamente. E andando. E andando. Do outro lado das vidraças, Callie me observava com o olhar mais triste do mundo, e em dado

momento, juro por Deus, balançou a cabeça como se dissesse: “Mas o que é isso? Você não tem energia para me levar para um mísero passeio e agora fica aí, andando em círculos o dia inteiro! Nem ao menos me deixa entrar! Quem é essa pessoa que você se tornou?”

Mas não lhe dei confiança. Voltando para minha peregrinação, dei mais um passo e examinei as fotos seguintes. Paige e Annie na Páscoa, usando roupas iguais. Joe dormindo. Eu queria me deitar com ele, mas não era eu quem estava do outro lado da câmera. Nem sequer nos conhecíamos nessa época. A época em que ele amava Paige e ela o amava também, o bastante para querer registrar a paz daquele sono, os lábios entreabertos, os cabelos achatados para um dos lados, o mesmo Joe que eu gostava de admirar todas as manhãs quando era eu quem o amava.

Dali a pouco, isto: Annie, Zach, Joe e eu naquela mesma cama. Era manhã e a cama estava bagunçada, nossos cabelos também. Joe havia armado o tripé antes de se juntar a nós. Annie o golpeava com um travesseiro justo no momento em que a câmera disparou.

Do lado de fora as nuvens se abriram todas ao mesmo tempo e a chuva desabou, fustigando o cascalho do quintal e o piso da varanda. Eu já havia percorrido meu circuito quatro vezes e deixado três recados para Paige quando alguém bateu à porta da frente. Clem Silver acenava do outro lado da vidraça. Clem Silver? Na minha casa? Clem jamais fazia visitas, nem mesmo quando era convidado. No entanto, lá estava ele agora, na minha varanda, justo no momento em que um bizarro labirinto de fotos deixava evidente o estado da minha saúde mental e emocional. Ele seria o primeiro a testemunhá-la. Resignada, abri a porta.

Clem tinha um daqueles guarda-chuvas dos anos 1970, enormes e transparentes. Fechou-o, largou-o no chão da varanda e disse:

- Fiquei sabendo e... Bem, eu sinto muito.
- Obrigada.
- Trouxe isto pra você – falou, erguendo um saco de lixo verde.

Escancarando a porta, falei:

- Não repare na... bagunça.

Clem entrou, mas não havia para onde irmos, então ficamos ali mesmo, no hall, próximos um do outro. Ele exalava um cheiro de cigarro e verniz.

- Eu tinha... quero dizer, *tenho* duas filhas – falou.

- É mesmo?

– Quando minha mulher me deixou, fiquei tão irado, falei tanta besteira! Ela também. Foi morar na Flórida. Acho que a Flórida seria o último lugar que eu escolheria para morar. Com exceção, talvez, de...

Ele ergueu o rosto e abriu um pequeno sorriso.

–... Las Vegas. Então fiquei por aqui mesmo e ela fez minha caveira com as meninas, que cresceram sem mim. Isso me dói até hoje. Não tem um dia em que eu não pense nas minhas filhas. Adoro este lugar, você sabe disso. Mas finquei o pé aqui, como um burro empacado, quando deveria ter batido asas feito um passarinho.

Ele ia falando e eu assentia com a cabeça, tentando imaginá-lo numa casa só de mulheres.

– Sei que não é da minha conta. Não estou tentando lhe dizer o que fazer. Ou talvez esteja, sei lá. Mas se um dia você resolver... bem, isto aí vai ajudá-la – falou, apontando para o saco de lixo que havia me

passado. – E se não precisar... tudo bem, fica de lembrança.

– Quer que eu abra?

– Agora preciso ir. Depois você abre, e aí você vai ver.

Ele já ia se despedindo com um tapinha em meu ombro, mas eu me adiantei para um abraço, e com isso ele se foi.

No interior do saco havia um rolo de papel. Abri-o para ver o que era. Outro mapa pintado à mão, mais puxado para os tons de marrom que para o verde, mas ainda assim uma obra de arte. Um mapa de Las Vegas.

# Capítulo 31

O telefone finalmente tocou. Certa de que seriam as crianças, saí em disparada pelo labirinto e alcancei o aparelho segundos antes de a secretária eletrônica atender.

Mas era David.

– Ella? Ainda bem que você atendeu. Lembra quando eu disse que a *Real Simple* queria fazer uma matéria... uma matéria *grande* sobre você e a loja?

– Mais ou menos... Achei que fosse pro *Sunset*.

– É possível que eles também façam. Mas a revista quer saber mais de *you* e da loja. Uma história de vida, essas coisas... Olhe, nem sei como fui me esquecer de uma coisa dessas. Eu já tinha confirmado na semana passada e ontem eles ligaram de novo, mas com tudo que aconteceu, nem tive cabeça para conferir as mensagens na secretária...

– Mas e aí, qual é o problema?

– O problema é que eles já estão aqui.

– Aqui *onde*?

– Na loja. E eles *pi-ra-ram* com a loja. Adoraram cada centímetro quadrado dela. Você tem de vir para cá agora mesmo. Eles querem entrevistar você e fotografá-la com as... *Xiiii*... Será que a gente consegue trazer as crianças para passar só uns dias por aqui?

– *O quê?*

– Ella, você vai ter de se virar. Você nem imagina quanto essa matéria é importante! Não dá para ficar sem ela! Meu amor, foi você quem me meteu nessa história, lembra? Olhe, não vou conseguir segurar o pessoal por muito tempo aqui. Eles adoram essa história da mulher que sacudiu a poeira, que deu a volta por cima, que pegou o limão e fez uma limonada... Aliás, limão e limonada têm tudo a ver com mercado e loja de piquenique. Prenda seu cabelo daquele jeito bonitinho que você sabe fazer, OK? Você tem cinco minutos para chegar aqui.

– *David!*

Tarde demais, ele já havia desligado.

– Merda. *Merda, merda, merda.*

Não me lembro de outro dia em minha vida em que eu estivesse tão mal como naquele. No espírito e na aparência. Dei uma olhada no espelho. Ainda estava com o roupão de Paige sobre as minhas roupas. Olhos ainda inchados. Os cabelos desgrenhados e opacos lembravam uma maçaroca de algodão-doce cor de cenoura. Não era exatamente o *look* da mulher forte que havia sacudido a poeira e dado a volta por cima.

Minha vontade era ficar ali, enroscada nas minhas fotos, esperando o telefone tocar para ouvir um “Oi,

mãe!” das minhas crianças. Mas David precisava de mim. Era o mínimo que eu podia fazer depois do que havia aprontado com todo mundo. Então fui para o quarto e coloquei o vestido verde-musgo de estampa floral que Joe tanto adorava – dizia que eu ficava *poderosa* nele. Em seguida borrifei um pouco de água no meu algodão-doce sabor cenoura e fiz um coque com a linda presilha que havia ganhado das crianças no último Dia das Mães. Lavei o rosto e até me maquiei um pouco, depois coloquei um par de brincos de prata e jade.

Enquanto atravessava meu labirinto, pulando cuidadosamente de um caminho para outro, avistei o documento de Sergio e decidi guardá-lo no bolso.

A chuva acabara tão rápido quanto começara e o sol já se incumbia de secar as poças d’água no estacionamento da loja, onde a movimentação era grande. Uma morena de cabelos curtos, calça bege e uma camisa branca de alfaiataria; uns dois ou três homens com equipamento fotográfico; uma mulher mais jovem, de jeans, carregando dois enormes vasos de flores; todos seguindo para a escada da varanda. Subi atrás deles. David me apresentou aos fotógrafos, que me fizeram lembrar Joe na destreza e segurança com que manipulavam os equipamentos.

David apontou para a morena.

– Ella, esta é Blaire Markham. É ela quem vai escrever o artigo para a *Real Simple*.

Blaire sorriu e estendeu a mão, que me pareceu fria contra a minha, tão suada.

– Sua história é inspiradora – disse ela. – Sinto muito pelo seu marido.

– Obrigada.

O suor já começava a brotar sobre meus lábios.

– Gostamos de escrever sobre mulheres que desafiam as estatísticas, que constroem uma vida singular que realmente reflete sua personalidade. Por isso estamos aqui.

Ela ia falando e eu não fazia mais do que menear a cabeça, controlando-me para não desmenti-la ali mesmo.

Pouco depois chegaram Marcella e Joe Pai, embrulhados em suas roupas de domingo. Permaneceram junto aos jogos de tabuleiro, Marcella com os braços cruzados e a bolsa de couro preta pendurada ao cotovelo, até que David os chamou para apresentá-los à repórter.

– Ótimo! – disse Blaire. – Vamos juntar as diferentes gerações numa foto e publicá-la ao lado daquela ali.

Ela caminhou até a foto de Joe com o pai e o avô, a que havíamos pendurado ao lado do avental dele.

– Onde estão as crianças? – perguntou. – Na *Real Simple* a gente adora incluir fotos de toda a família, que geralmente tem um papel importante na história.

– Não é tão simples assim, como o nome da revista sugere – falei. – Na verdade, é *Real Complicated*.

Dei uma risada nervosa e todos se calaram à espera de uma explicação. Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, Marcella se dirigiu à jornalista:

– Família, uma ova. Ella não é minha filha. Não é a mãe dos meus netos.

– Mãe, isso não é justo – interveio David.

– Talvez não seja justo, mas é a verdade. Aliás, nem sei o que ela está fazendo aqui. Esta loja é para os meus netos, que não estão mais com ela. Para alguém que resolveu ser a defensora da verdade, ela deixou de contar alguns detalhes bem importantes, se você quer saber.

– Não, mamãe, ninguém quer saber.

Era David quem agora ria nervosamente. O timer do forno apitou, e ele disse:

– Salvo pelo gongo! Biscoitos de canela para todo mundo!

– Em seguida buscou o tabuleiro, botou-o sobre a mesa, serviu as xícaras de café.

– Mamãe, papai, sentem-se aqui. Ella, a cozinha está esperando por você – falou, já colocando um cesto de limões e um jarro d’água sobre o balcão, e emendou: – Quem sabe a gente não faz uma foto da Ella transformando seus limões em limonada? Venha, segure esta faca.

Peguei a faca. O limão ameaçou escorregar da minha mão suada. Os fotógrafos ajustaram a luz, experimentando diferentes posições, buscando o ângulo que mais poderia me favorecer.

– Não vou conseguir... – falei.

– Opa, falha minha – disse David, passando-me outra faca. – Esta aqui está bem mais afiada.

– Não é disso que estou falando, David. O que eu quero dizer é que não vou conseguir continuar com esta farsa, como se a vida não passasse de uma grande limonada com biscoitos de canela, sobretudo quando *minha* vida está assim, de pernas para o ar. Não posso inventar uma história só para que as pessoas vejam apenas o que querem ver.

Blaire sacou sua caneta e seu bloco de anotações e ligou o gravador, como se fôssemos celebridades e ela escrevesse para algum tabloide de fofocas, como se alguém fosse se interessar pela nossa pequena tragédia familiar.

– Ella... Agora? Tem certeza? – disse David, fulminando-me com o olhar.

– Tenho – afirmei, e então me virei para Blaire: – Marcella tem razão. Não sou a mãe de Annie e Zach. Sou a madrasta deles. A mãe biológica acabou de ganhar a guarda dos filhos e os levou para morar em Las Vegas com ela. Meu marido morreu afogado. E esta loja... Esta loja estava atolada em dívidas. Corremos um enorme risco ao decidir transformá-la em outra coisa. Estamos tentando ressuscitá-la, já que não podemos ressuscitar meu marido. “A Vida É Um Piquenique”, foi esse o nome que escolhemos. Pois é. Tem vezes que a vida é mesmo um piquenique, mas também tem vezes em que a gente é obrigado a estender nossa toalha num campo de prisioneiros, com uma cerca de arame farpado ao nosso redor.

Tirei do bolso o documento de Sergio.

– Quem ergueu tudo isto aqui, por exemplo, foi um homem honesto, trabalhador, um imigrante italiano que adorava este país e veio para cá na esperança de construir uma vida nova. Mas foi tachado de “estrangeiro inimigo” e trancafiado num campo de prisioneiros durante a Segunda Guerra. Isso mesmo. Ao que parece, não só os japoneses foram vítimas dessa violação vergonhosa dos direitos humanos. Mas ninguém sabe disso, porque ninguém *fala* sobre isso!

Joe Pai se levantou. Apontando para Blaire Markham, falou:

– Você. Desligue isto aí.

Blaire obedeceu muda e ele veio na minha direção. Com os olhos marejados, pegou o documento das minhas mãos e disse:

– Onde foi que você encontrou isto?

– Numa das caixas que estavam guardadas lá em cima.

– Nunca vi isto antes.

Com o livreto em mãos, sentou-se novamente e o abriu, e ao fazê-lo, foi como se tivesse aberto portas

que haviam permanecido trancadas por mais de 60 anos para ele e Marcella. Ambos foram virando as páginas, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Ele já não está mais entre nós – falei. – Mas sua história... ela precisa ser contada.

– E por que você se importa tanto com esta família? – disse Marcella.

– Porque esta família é a *minha* família. E você sabe disto, Marcella. Vocês *dois* sabem disto.

Eles agora me encaravam mudos. David se aproximou, afastou uma mecha dos meus cabelos para trás da orelha e pousou as mãos em meus ombros, dizendo:

– Ella foi a melhor coisa que aconteceu a esta família, mamãe. Você mesma disse isto.

Marcella assentiu, depois secou os olhos com um lenço. Por fim disse:

– Vinte e um de fevereiro de 1942. Eles apareceram aqui e levaram nossos pais, o meu e o do meu marido. Papai estava de chinelos! Nem deixaram que ele entrasse em casa para colocar os sapatos!

Só então pude entender o motivo da bronca que eu havia levado por conta dos chinelos de Zach.

Blaire levou a caneta ao bloco, mas antes de escrever qualquer coisa, virou-se para Marcella e disse:

– Posso?

Marcella olhou para o marido e disse:

– Hoje não. Fica para outro dia. Mas tem uma coisa que eu gostaria de dizer. Ainda me lembro de um cartaz que colocaram na agência de correios. Eu havia acabado de aprender a ler. O cartaz dizia: não falem a língua dos inimigos! falem como os americanos! Foi nessa época que todos nós tivemos de aprender inglês. Mesmo em casa, ninguém falava mais em italiano. A gente se sentia culpado.

Joe Pai contou que mais de 600 mil imigrantes italianos haviam sido submetidos a regulamentos específicos. Muitos tiveram sua casa invadida.

– Eles tinham de ficar num raio de oito quilômetros de casa, com toque de recolher às oito da noite. Como se fossem crianças.

Contou ainda que milhares de ítalo-americanos que moravam na costa haviam sido obrigados a se mudar. Segundo o governo, eles representavam um perigo por morarem junto ao mar. Os pescadores perderam seu ganha-pão. Muitos vieram para Elbow.

– E os pais de vocês? – perguntou Blaire. – Algum dia voltaram para casa? Estavam bem?

– Sim e não – respondeu Joe Pai. – Papai voltou depois de 23 meses. Mas sem o gosto que ele tinha pela vida. Quase não falava. Começou a trabalhar o dobro do que trabalhava antes. E nunca tocava no assunto.

– Meu pai... – disse Marcella, novamente secando os olhos, agora já inchados. – Ele também voltou, mas com uma enorme carga de culpa sobre os ombros. Nossa família nunca mais foi a mesma. Antes, ele tinha um orgulho... orgulho da Itália, orgulho deste país. Quanto a mim e este aqui... – Ela pousou a mão nas costas do marido e se inclinou para a frente. – Quando éramos crianças, a primeira coisa que eu disse a ele na escola foi: “Levaram seu pai também?” – sussurrou. – Ele disse que sim. E foi só. Nós também, nunca mais voltamos a tocar no assunto. No entanto... isso acabou criando um elo entre a gente. Era o nosso segredo. Mas nosso segredo agora é nossa maldição.

– Meu irmão... – disse Joe Pai. – Meu irmão morreu na guerra. Um homem dá o próprio filho ao país, mas é tratado como inimigo. Sabe o que meu pai fez? No primeiro Dia da Independência depois de ser libertado, organizou a maior festa que esta cidade já viu. Foi assim que essa tradição começou aqui em

Elbow. Ele dizia: “Quero ver me chamarem de ‘inimigo’ agora! Vou ser o mais patriota de todos os patriotas deste país!”

– Essa história é ótima – disse David. – Aliás, sempre achei que você e o vovô enfeitavam esta cidade muito melhor do que *qualquer* gay poderia fazer!

Marcella se apoiou aos prantos sobre o marido.

– Estamos amaldiçoados...

– Primeiro o nosso filho e agora os nossos netos... – disse Joe Pai, acarinhando a mulher.

Os olhos dele ficaram úmidos.

– Annie e Zach não estão mortos – falei.

– Eu sei, minha querida – falou ele. – Mas não estão conosco. Foram tirados da gente. Quando o governo levou nossos pais daqui, disseram que eles iam ficar sob “custódia”. E agora o governo decide nos tirar as crianças também?

Todos nos calamos. Blaire Markham se levantou:

– Bem, parece que cheguei numa hora ruim – disse. – Mas fiquem tranquilos. Não vou publicar nada disto. A menos que... – Ela olhou diretamente para Marcella e Joe Pai. – A menos que vocês mudem de ideia. Aqui está meu cartão. É uma história importante, espero que considerem a possibilidade de contá-la.



assim que a repórter e os fotógrafos saíram, nós nos sentamos os quatro em torno da mesa e ficamos ali, comendo biscoitos, exaustos, mas sem agredir uns aos outros. Trocamos abraços e desculpas, isso sim, e eu soube que precisava contar a eles o que pretendia fazer.

Enquanto percorria o labirinto maluco que havia construído em casa, eu buscava uma resposta para a pergunta que vinha martelando minha cabeça: será que as crianças precisam mesmo de Paige? E a resposta que eu havia encontrado foi: precisam, sim. Mas também havia outra pergunta: será que elas ainda precisam de mim, agora que estão com a mãe? E para isso eu também já tinha uma resposta. Então falei para David:

– Olhe, não quero deixar você na mão, mas você acha que eu poderia me ausentar por algumas semanas? Preciso dar um jeito nesta situação. Quero ir a Las Vegas.

– Claro que eu quero que você traga Annie e Zach de volta. Mas Ella... será que é possível?

Virando-me para Marcella e Joe Pai, falei:

– Olhe, vocês não leram aquelas cartas. Paige realmente achava que tinha de ir embora, que não tinha outra escolha. Não *queria* abandonar Annie e Zach... nem o Joe. Estava muito doente. Não conseguia raciocinar direito. Mas fez o que achava ser o melhor para todo mundo. E depois foi isolada. Afastada da própria casa, sem poder ver os filhos.

Respirei fundo.

– Mais ou menos como os pais de vocês – concluí.

Joe Pai se empertigou no banco.

– Como você ousa...

– Joseph. Pare. Ella tem razão. Essa história já foi longe demais.



Marcella tocou o rosto áspero do marido.

– Eu só quero meus netinhos de volta – falou ela.



minha bagagem se resumia a algumas malas grandes, duas caixas com as roupas e brinquedos das crianças e as cartas endereçadas a Annie e Zach, ainda fechadas. Estas eu coloquei no porta-luvas do jipe. Não sabia exatamente quanto tempo passaria fora – duas semanas no máximo, eu achava. Não tinha outro plano além de dirigir até Las Vegas e ligar para Paige assim que chegasse. Dessa vez ela teria de me atender.

Lizzie havia concordado em levar as galinhas para o galinheiro dela, David e Gil cuidariam de Coisa Um e Coisa Dois. Eu arrumava as caixas no banco de trás quando David veio se aproximando pela estrada, trazendo consigo um buquê de sultanas (da sessão de fotos que nunca aconteceu) e uma das cestas de piquenique da loja, a minha favorita. Entregou-me as flores e a cesta, depois disse:

– Veja só o que tem dentro.

Na cesta estava tudo que eu mais amava: um pote com a minestra de Marcella, a geleia que ela havia feito com as amoras colhidas por mim, Joe e as crianças no último verão, um sanduíche de frango com pesto, também feito por ela, e uma costela de cordeiro para Callie.

– Marcella sabe que você está me dando tudo isto?

– Foi ela quem me ajudou a montar a cesta. Olhe, desculpa por essa história da entrevista. Eu não devia ter despejado tudo aquilo em você. E desculpe também por não ter apoiado você desde o início. Tenho agido como um idiota... Querendo dar uma de salvador da pátria, sabe? Salvar a loja, manter as crianças aqui... A ficha só caiu quando Gil falou que eu tinha a sensibilidade de um rinoceronte.

Tirei do bolso uma lista e entreguei a ele.

– É muita coisa, eu sei. Desculpe.

– Quer saber a verdade? – falou ele. – Eu adoro aquilo ali, El. A nossa loja. Você tinha toda a razão. Eu queria *mesmo* ter herdado aquele mercado. Fiquei morrendo de ciúmes de Joe, que recebeu de bandeja uma coisa que ele nem queria. Pelo menos não como eu, que desde menino só faltava implorar para ser o escolhido. Se não fosse por você e a sua ideia de abrir A Vida É Um Piquenique... eu hoje seria um homem muito entediado... e Gil estaria imenso de gordo.

Ri e falei:

– Gil estava ficando meio rechonchudo mesmo. Também, com toda aquela comida que você empurrava pra ele...

– Por esse motivo, e por muitos outros também, nós seremos eternamente gratos a você. E é por isso que resolvemos lhe dar isto aqui.

Ele me entregou um envelope. No interior havia dinheiro. Um maço gordo de notas de 100 dólares.

– David, não posso aceitar. Vou arrumar um emprego temporário assim que chegar lá.

– Não. Você precisa se concentrar nas crianças, não em formulários de emprego. Esse dinheiro foi ideia do Gil e eu concordei na mesma hora. A gente adora você e quer ajudar de alguma forma. Faça o que tem de fazer. Pelo menos consiga que Paige fale com você. E não precisa se apressar. Deixe que eu cuido da loja.

– Nem sei o que dizer.

Callie veio correndo na nossa direção, trazendo entre os dentes o que parecia ser um toco de árvore. Mas tão logo ela se aproximou, vi que não era um toco, mas o crânio encardido e seco de algum animal: dois buracos no lugar dos olhos, alguns dentes ainda restantes.

– Jesus! – exclamou David. – Isto aí pode ser o Max.

– Max?

– O cachorro de Joe quando a gente era criança – explicou David perplexo, balançando a cabeça. – Vovô Sergio o enterrou no bosque de sequoias quando eu tinha mais ou menos 9 anos. Ah, você devia ter visto esse cachorro nos seus dias de glória. Um golden retriever enorme. Max era o *rei* de Elbow. Ficava zanzando pelas ruas, pulando de casa em casa. Todo mundo o conhecia. Era uma espécie de mascote da cidade. Eu achava que ele nunca ia morrer. Coitadinho do Max...

Ele se calou um instante, levado pelas lembranças.

– Que foi que aconteceu com ele? – perguntei.

– Ah, é uma história triste. Joe nunca lhe...? – se interrompeu.

– Não. Mais uma coisa que ele nunca me contou.

– Um dia eu conto. Mas não agora. Agora você tem uma longa estrada pela frente.

A brisa começou a soprar mais forte e nós dois ficamos ali, olhando para o crânio, apreciando o sol quente e os perfumes que vinham de longe, os pinheiros da baía, os canteiros de alecrim.

– Venha cá – disse David afinal, e me puxou para um de seus abraços de verdade. – A gente vai ficar esperando por você aqui. Eu, pensando na vida... em tudo aquilo que foi varrido para debaixo do tapete durante todos esses anos... naqueles jantares em que nada era dito... o campo de prisioneiros... a minha orientação sexual... Caramba. Já estou vendo mais uma crise de identidade vindo por aí. Melhor você ir embora, antes que eu pule neste jipe e me mande com você.



antes de deixar elbow, desviei para o cemitério e desci do carro com as flores e Callie, atenta aos passos dela. Não queria que começasse a escavar logo *ali*. Depois de correr em volta de diversos túmulos, ela se agachou sobre um deles, mas antes que pudesse fazer alguma besteira, toquei-a para as árvores, dizendo:

– Mais respeito, menina!

Pousei as flores sobre o túmulo de Joe.

– Lembra delas? – falei baixinho. – São iguais às que eu tinha no carro naquele dia em que a gente se conheceu. *Centaurea cyanus*. Fui com elas para a sua cozinha e você buscou um vaso com água, lembra?

Ajoelhada ali, tentei sentir a presença dele. Em vão. Onde quer que ele estivesse, não estava por perto.

– Sabe... A verdade é que ainda nem acredito nisso tudo que aconteceu. Fico esperando que a qualquer momento você apareça em algum lugar. Estranho, não é? Tanta coisa que eu não sabia a seu respeito, meu amor... Queria tanto que a gente pudesse conversar... Vou tentar consertar as coisas. Consertar essa bagunça que a gente deixou para Annie e Zach.

Corri os dedos pelo nome gravado na lápide. *Joseph Anthony Capozzi Junior*. O mesmo nome que, segundo ele, podia ser lido nas sardas do meu braço.

– Eu te amo, meu amor. Fiquei com muita raiva por conta de umas coisas, mas... eu te amo muito. E vou

trazer nossos filhos de volta.

Retirei duas flores do buquê, levei-as para o jipe e as espetei no painel. Callie logo ergueu o focinho para farejá-las.

– Por favor, não vá comer as sultanas – falei.

E até Las Vegas ela não voltaria a tocar nas flores.



eu já estava na autoestrada e ainda pensava naquelas sultanas. Depois de meu quinto aborto, o médico havia sugerido que eu caminhasse. O que não ajudou muito. Mesmo assim, adquiri o hábito de caminhar. Depois do divórcio, eu não sabia o que fazer, para onde ir, quem eu deveria ser. Então segui caminhando.

Certo dia, passeando junto às vastas plantações de flores em Encinitas, notei que um trabalhador havia interrompido sua poda para me observar. Dali a pouco ele veio andando na minha direção, rumo à calçada. Segui adiante e ele me chamou: “*Señorita*, espere.” Em seguida se abaixou e colheu uma braçada de flores azuis e as ofereceu com um sorriso. “São para a *señorita*.”

“Para mim?”, falei, perplexa.

“Todo a dia a *señorita* passa por aqui. Muito triste. São belas as flores, *no?* *Esperanza*. Esperança. É isso que elas significam.”

Recebi as flores como se recebesse um bebê nos braços. Não pude deixar de sorrir também. No dia seguinte todos os trabalhadores imigrantes haviam sumido, inclusive meu amigo. Decerto tinham ido para o norte. E de repente senti uma incontrolável vontade de estar com eles, de me perder nos campos de flores durante o dia, de papear com os colegas em torno de uma fogueira à noite, sempre pulando de cidade em cidade. Uma vida difícil, mas uma vida de camaradagem. Foi depois disso que resolvi cair na estrada. Não para localizar meu amigo mexicano, a única pessoa que intuitivamente havia sabido aplacar minha dor. No entanto, como sempre fazem os desesperados, eu havia interpretado aquilo como um sinal. Um sinal para que eu tomasse *alguma* providência. Que seguisse para o norte, que encontrasse *meu* norte. Ainda que fosse pesquisando a vida dos salmões no Alasca. Pois aquele impulso maluco havia me levado para Elbow, para Joe, para Annie e Zach. E agora minha esperança era a de que este novo impulso maluco, o de ir para Las Vegas, me levasse novamente para Annie e Zach.

## Capítulo 32

Eu seguia pela escuridão do deserto numa estrada reta e vazia, vez ou outra atraída por um clarão qualquer, estrelas cadentes que cortavam o céu da noite do mesmo modo que as lembranças de Joe, das crianças, dos Capozzi e de Paige cortavam meu pensamento.

David ligou para meu celular.

– Onde você está?

– Em algum lugar entre um cacto pequeno e um cacto grande. E olha, ainda faltam muitos quilômetros até eu encontrar o cacto médio, portanto não me deixe dormir. Conte sobre o Max.

Eu podia ouvir as panelas tilintando na pia.

– Eu até já tinha esquecido essa história. Joe adorava aquele cachorro. Coitado do Joe... Ele e o Max tinham entrado na propriedade de Jasper Williams. Jasper era um babaca de marca maior, o ovo podre da cidade.

– Por acaso o conheço?

– Não. Faz anos que morreu. Todo mundo corria daquele homem. Um militar reformado. Mas Joe devia ter uns 11 anos, tinha acabado de ganhar sua primeira câmera, e do terreno de Jasper se tinha a melhor vista do rio. O ogro deu a maior bronca quando viu que sua propriedade tinha sido invadida. Mas em Elbow *todo mundo* invadia a propriedade dos outros. Coisa de vizinhos de longa data, você sabe como é. Acontece que o tal Jasper tinha perdido umas galinhas e achava que a culpa era do Max. Uma grande bobagem, porque Max não fazia mal nem às próprias pulgas. “Já falei para você não entrar mais aqui, seu moleque! Você e esse seu vira-lata!”, ele berrou pro Joe. “Deviam ter trancafiado vocês para sempre, junto com os japas e os chucrutes!” Daí ele sacou a espingarda e atirou na cabeça do Max. Filho da puta. Joe quis chamar a polícia, mas papai e o vovô não deixaram.

David deu um longo assobio, depois se calou.

– David?

– Meu Deus. Só agora é que estou percebendo. Eles disseram que Joe tinha *mesmo* invadido a propriedade alheia, que não queriam problema com os vizinhos, muito menos manchar o nome da família.

– Mas o único nome que podia ser manchado ali era o do tal milico ogro.

– Pois é. Ainda lembro como se fosse ontem. Joe chorou a semana inteira, até mesmo nos treinos de beisebol. Até que um dia, durante o jantar, papai o mandou parar com aquilo, disse que era coisa de mulherzinha. Joe se levantou da mesa e foi para o quarto. Achei que ia ser o maior bafafá, mas papai continuou comendo como se nada tivesse acontecido, só olhando para o vovô. E mamãe lá, olhando para as próprias mãos. Ninguém nunca mais tocou no assunto.

Eu podia imaginá-los em torno daquela mesa, cercados de boa comida, assombrados por aqueles tantos

segredos há muito enterrados, por toda a revolta, todo o medo e humilhação do passado, a cadeira de Joe preenchendo todo o espaço da sala. *Mangia, mangia!* Alguém quer mais um silêncio aí?



já estávamos quase chegando a Las Vegas quando Callie acordou e começou a latir para a infinidade de luzes ainda ao longe, mas que dali a pouco se transformaram em um show pirotécnico ao nosso redor, luzes de todas as cores e desenhos espocando quentes, frenéticas, próximas.

Na claridade da manhã, no entanto, a paisagem era bem outra. Pude perceber que a infinidade de luzes da noite anterior não passava de uma tentativa de compensar a aridez da famosa avenida dos cassinos e hotéis, desprovida de qualquer beleza natural – ou de qualquer coisa que fosse natural. O único vestígio de verde se resumia às palmeiras plantadas no canteiro central da avenida. Parados diante de um semáforo, um homem mais velho e uma mulher bem mais nova cheiravam sua cocaína no interior de um conversível preto: ela recebeu a cédula enrolada e o espelho passados pelo companheiro e deu sua fungada enquanto ele segurava os cabelos dela. Era isso que Annie e Zach veriam todo dia a caminho da escola? Como era possível que Paige tivesse optado por se mudar de Elbow? Mais que isso, como era possível que ela tivesse tirado os próprios filhos daquele paraíso de colinas verdejantes para metê-los ali, *naquele* lugar? Difícil imaginar Annie e Zach morando, muito menos se sentindo *em casa* naquele deserto.

No entanto, lembrei a mim mesma que Elbow não era um paraíso para todo mundo. Paige, por exemplo, havia mencionado nas cartas que os invernos chuvosos pesavam sobre ela, agravando sua depressão. Ela ansiava por um lugar seco e quente. Mas o principal motivo de sua mudança para Las Vegas, tal como ela mesma dissera, era o fato de que não tinha a quem mais recorrer senão sua tia Bernie, que morava num trailer nos subúrbios da cidade e tinha verdadeira adoração por ela – sobretudo a aceitava do jeito que era. Pensando nisso, tomei a autoestrada e segui em frente sem saber ao certo que rumo tomar, nem mesmo se devia ligar para Paige. Pouco depois um outdoor chamou minha atenção entre os outros tantos que se espalhavam à margem do asfalto. Cheguei a duvidar dos meus próprios olhos, então me debrucei sobre o volante para ver melhor. Sim, era ela mesma: Paige, com uns três metros de altura, muito confiante em seu terninho, os braços cruzados, o sorriso tenso ampliado para o tamanho de uma meia-lua. *paige capozzi, preparação de imóveis para venda e locação. ligue para... o mesmo número para o qual eu vinha ligando durante toda a semana.*

– Meu Jesus... – falei para Callie, que cruzava as patas dianteiras sobre o console entre nós, com um grande ponto de interrogação no olhar.

Sempre que eu julgava conhecer Paige melhor ou começava a ser mais compassiva com ela, algo surgia, revelando mais um lado da mulher. Quem seria aquela criatura que se expunha daquela forma num outdoor? Talvez os pombos se empoleirassem ali e fizessem suas necessidades bem na cabeça dela.

De qualquer modo, se eu estava à procura de algum sinal que me dissesse o que fazer, lá estava ele, nas dimensões de um outdoor. Disquei o número de Paige no meu celular. Como sempre, ela não atendeu. Deixei um recado dizendo que estava na cidade e dessa vez ela ligou de volta.

– Você está em Las Vegas? – perguntou.

– Estou – respondi, procurando soar o mais casual possível, até mesmo alegre. – Belo outdoor...

– Ah, você viu. Foi uma promoção. Na verdade, recebo muitos clientes por conta dele.

“Aposto que sim”, eu quis dizer, mas não disse.

– Mas o que você veio fazer aqui?

– Jogar é que não foi. Vim ver as crianças.

– Ella, você não está pensando na Annie e no Zach. Foi uma grande mudança e eles ainda estão tentando se adaptar. O juiz sabia o que estava fazendo quando estipulou a primeira visita para daqui a um mês. Você não mora aqui. Por que criar uma falsa esperança para eles?

– Caso você não se lembre, por muito pouco o juiz não estipulou uma coisa bem dif...

– É claro que eu lembro. Olha, Ella... Só estou pedindo um pouco de tempo. E acho que você também precisa desse tempo. Para reconstruir sua vida sem Annie e Zach.

– Mas você não entende o que está fazendo? Está impedindo a minha presença. Fazendo o mesmo que Joe fez com você.

– Minha maior preocupação é com as crianças.

– Então por que as tirou de mim? A gente era muito feliz...

Minha voz ficou embargada, mas logo me recompus. A última coisa que eu queria naquele momento era cair no choro com Paige. Além disso, estava dirigindo e um caminhão enorme vinha colado em mim.

– Volte pra casa, Ella. Espere um mês. Depois ligue pra gente.

– Quem disse que não estou em casa? – desferi.

Ela suspirou alto antes de dizer:

– Quer dizer então que você mentiu quando disse que está em Las Vegas?

– Não. Mas talvez eu tenha me *mudado* para Las Vegas – devolvi, mal acreditando no que acabara de dizer.

Silêncio.

– Paige? Está me ouvindo?

– Estou.

– E então, posso ver as crianças agora?

– Você vai poder vê-las daqui a 22 dias, como o juiz ordenou. Tchau, Ella.

Ela desligou antes que eu pudesse dizer mais nada.

Outro desastre. Saí da autoestrada, parei numa loja de conveniência e comprei o jornal. Comprei também um pote de sorvete, mesmo sabendo que teria de comê-lo todo ali mesmo, já que não havia geladeira no hotel barato em que eu havia me hospedado. Minha versão de “viver perigosamente” em Las Vegas.

Numa das gôndolas da loja, um bloco de anotações amarelo chamou minha atenção. Era um pouco maior do que aquele que eu carregava comigo antes de papai morrer, porém muito parecido, com espiral no topo. Folheando suas páginas, lembrei-me da ruivinha que eu havia sido um dia, sempre tão curiosa, sempre com os binóculos em punho e uma pergunta na ponta da língua. Por quê? Como? Quem? Algumas semanas antes, após décadas de sono, essa ruivinha havia finalmente despertado e já se achava esperneando novamente, aprontando todas, e... quer saber? Eu estava adorando essa nova ruivinha! Já havia aprendido algumas lições com ela. E agora ela precisava de um bloco de anotações novo.



embora detestasse Las Vegas, eu tinha dito a Paige que havia me mudado para lá. Omitindo apenas a palavra “temporariamente”. Sequer podia imaginar Annie e Zach crescendo numa cidade conhecida pelo jogo, pelas drogas e pela prostituição, e menos ainda que eles crescessem ali sem mim. Tampouco passava pela minha cabeça voltar para Elbow sem eles. E a julgar pela nossa primeira conversa ao telefone, as coisas com Paige não aconteceriam com a rapidez desejada. Eu tinha três opções e odiava todas elas. Um lugar era apenas um lugar. Eu poderia suportar minha saudade de Elbow. Por um tempo. Abri os classificados do jornal e comecei a procurar apartamento, anotando alguns endereços em meu bloco. Tempo era o que não me faltava e eu queria que Annie e Zach se sentissem em casa quando me visitassem, não que eles se empoleirassem numa cama de hotel de beira de estrada.

Todos os dias eu levava Callie para passear durante horas, explorando diferentes bairros onde talvez houvesse um apartamento para alugar, parando sempre que encontrava alguma área verde nos pequenos parques recém-inaugurados. O vento trazia consigo poeira e lixo: copinhos descartáveis, maços de cigarro amassados, sacolas de supermercado. O sol nos castigava e obrigava a parar de quando em quando para nos reidratar. Estava morrendo de saudade de Elbow, da minha horta e das galinhas, da água fresca do rio e da loja de piquenique. Mas o que mais pesava era a saudade de Annie e Zach.

Os documentos da disputa judicial com Paige listavam o endereço dela, então dei uma passada por lá. Paige morava numa área residencial, num condomínio novo com uma única árvore, magricela, plantada em cada quintal. A casa era grande e espremida num terreno minúsculo, cercada de outras casas praticamente idênticas. Por mais que o vermelho *feng shui* da porta me convidasse a bater nela, resisti ao impulso de fazê-lo. Faltavam menos de três semanas para a minha visita e eu não queria que um gesto impensado a colocasse em risco.

Escrevi em meu bloco: *Quem é Paige? Como posso convencê-la a falar comigo? Anotei ainda: Por que é que Joe concordou em assumir aquele mercado se queria ser fotógrafo desde os 11 anos? E mais abaixo: A risada de Annie. Os dedinhos do pé de Zach. A gente colhendo lavandas e pendurando os buquês no celeiro. O dia em que Annie levou uma picada de abelha, ela chorando e dizendo: “Pelo menos aquela idiota produz mel.”*



procurei manter o otimismo, focar a atenção no apartamento que precisava encontrar. Eu seria um exemplo de força e tenacidade e, se Paige não estivesse à minha altura, talvez um juiz recompensasse meus esforços.

Deixei mais recados para Paige. “Em breve terei um apartamento. Gostaria de falar com você. Por favor, diga às crianças que liguei e que as amo muito.” Também mandei cartas para Annie e Zach. Esperava que ela, ao contrário de Joe, as entregasse.



por fim encontrei um apartamento relativamente barato em um prédio que aceitava cachorros e tinha uma piscina – as únicas qualidades do lugar. Paige tinha uma piscina e eu queria que as crianças pudessem se refrescar na minha casa também. Além disso, Zach precisava superar o misto de medo e fascínio que

tinha pela água e aprender a nadar.

Estendi meu saco de dormir no apartamento vazio e me sentei ali, as paredes inteiramente nuas a não ser pelo mapa de Las Vegas que Clem me dera, espetado com tachinhas num canto, e o mapa da loja, espetado em outro.

~

David ligou certa noite para dizer que o movimento na loja andava bem melhor, mas que ainda não era o bastante. Contou que a chuva não dava trégua fazia semanas e que já estava pensando em publicar algum anúncio que enfatizasse a lareira e a estufa dos fundos, talvez contratar um músico para tocar em troca de gorjetas. Gina vinha cogitando se mudar da cidade, talvez não pudesse continuar ajudando por muito tempo. Ainda assim, o clima era de otimismo.

– Você nasceu para isso – falei.

Ainda não estava pronta para contar sobre o apartamento, sobretudo diante de tanto bom humor.

– É verdade. Basta soltar o homem numa piscina de molho bolonhesa que ele fica feliz.

– Sabe, tem uma coisa que eu não entendo, David: por que a loja ficou pro Joe? Ele não queria nada disso, queria ser fotógrafo. Mas você queria muito essa loja, não queria? Desde garoto. Joe superou aquela rivalidade que vocês tinham na infância com relação ao mercado, mas você não...

– Pois é – suspirou ele. – Superei coisa nenhuma. Mas mantive a pose. Não queria que ninguém percebesse minha decepção, muito menos o meu profundo sentimento de rejeição. Jesus... Essa história daria uma tarde inteira no sofá da Oprah. Mas agora preciso ir. Ainda tenho que entregar os doces de uma festa esta noite.

– Você está fazendo festas agora?

– Vai ser a primeira tentativa. A gente faz o que pode para pagar as contas, não é?

David prometeu que continuaríamos nossa conversa depois e desligou.

Fui para a varandinha do apartamento e fiquei me lembrando de como Joe e eu gostávamos da nossa varanda em Elbow. Nas manhãs em que a neblina pairava espessa entre as copas das sequoias – que eram tão altas que seus cumes pareciam árvores inteiras crescendo sobre um tapete de nuvens – eu costumava imaginar que nossa casa se encarapitava lá no alto, quentinha feito pão sob o glorioso azul do céu, enquanto o restante dos mortais vivia aquele mesmo momento na mais cinzenta tristeza. E depois vinha uma pontinha de culpa, pois nosso pequeno chalé na colina se banhava de luz, abençoado, feliz, flutuante... Era essa a sensação que eu às vezes tinha.

Mas agora eu me achava sozinha na varanda quente daquele apartamento, minha pele ora azul ora verde em razão da placa luminosa que piscava no estacionamento do outro lado da rua. Dali eu observava o trânsito no asfalto, os carros parados no sinal, nervosos, fumegantes, esperando que o verde os libertasse até o vermelho seguinte, apenas uma quadra adiante.

~

David voltou a ligar alguns dias depois. Perguntou se eu estaria de volta a Elbow no Dia de Ação de Graças e fui obrigada a contar que havia alugado um apartamento.

– Você agora está *vivendo* em Las Vegas?



– Bem, pelo menos não estou morrendo. Por enquanto. Estou num balão de oxigênio. Para limpar os pulmões de tanto monóxido de carbono.

– Não me enrole.

– Não estou exatamente vivendo em Las Vegas. Mas vou ficar um pouco mais do que havia imaginado. Paige não quer falar comigo... ainda. Preciso achar um jeito de quebrar esse gelo, mas ela ainda está muito brava. Então estou tentando ganhar tempo. E fico mais aliviada só de saber que Annie e Zach estão a apenas 15 minutos de mim.

David mais uma vez disse que eu não me apressasse – sabia que minha missão ali não seria tão fácil. Perguntei por Marcella e Joe Pai, mas ele disse apenas:

– Bem, eles estão... esperando.

Eu sentia muita falta daqueles dois. Dos jantares faraônicos, dos abraços demorados, da cantoria de Marcella, dos palavrões de Joe Pai, da luz que despontava nos olhos de ambos quando viam as crianças.

A saudade de Elbow também era grande. Os perus deviam estar lá, gorgolejando pela cidade. Não era raro ver um deles empoleirado no teto de um carro pela manhã ou desfilando rua afora, os machos abrindo o rabo em leque, mais exibidos que os próprios pavões. Eu costumava lhes perguntar: “E aí, pessoal? Por acaso não é nesta época do ano que vocês deviam estar... escondidos?”

Mas ainda era das crianças que eu mais sentia falta. No Dia de Ação de Graças, liguei para minha mãe, mas ela estava com a casa cheia, recebendo os convidados do seu “Almoço dos Desgarrados”: todo ano ela chamava para sua casa as pessoas que não tinham uma família por perto com a qual pudessem comemorar. Ela se ofereceu para me visitar em Las Vegas ou pagar uma passagem aérea para que eu fosse visitá-la, mas apenas agradei. Parte de mim (uma parte ridiculamente otimista) esperava que Paige ainda fosse ligar, ou que pelo menos atendesse quando eu ligasse, e que num arroubo de generosidade me convidasse para passar o dia com as crianças.

Callie e eu saímos para um passeio e fomos parar no mercado, onde comprei uma única bandejinha de peru, uma de purê de batata e outra de farofa com passas. Estava difícil não ceder ao desespero. Era Ação de Graças e Paige ainda não havia atendido nenhuma das minhas chamadas. Eu ainda não tinha falado com Annie e Zach desde o dia em que eles se foram de Elbow.

De volta ao apartamento, liguei para David, que também havia tido um dia difícil: uma discussão com Gil e um jantar quieto e deprimente, com muitas cadeiras vazias em torno da mesa dos Capozzi e muita sobra de comida.

– Basicamente – disse ele –, estou me sentindo pior do que o cocô do cavalo do bandido.

– Coitadinho... Então quem sabe a gente não retoma nossa última conversa? Você estava falando de um profundo sentimento de rejeição.

– É assim que você pretende me reanimar?

– Desculpe, David. Se não quiser falar sobre isso, eu entendo, mas se quiser se abrir...

Na verdade eu já estava com meu bloco aberto, pronta para começar as anotações. Faltava pouco para que eu me tornasse uma pessoa inconveniente.

– Não, não quero. Mas vou. Se você acha que isso pode ajudar na sua missão...

Falei então que tinha diversas missões naquele momento, mas uma delas era entender melhor o irmão mais velho dele, sobretudo se isso me desse alguma ideia de como convencer Paige a me deixar ver

Annie e Zach – esta, sim, a maior das minhas missões.

– Tudo bem – disse David. – Tudo aconteceu na casa do vovô Sergio, ou seja, na casa em que  *você*  mora hoje, no  *seu*  quarto. As cortinas estavam fechadas, umas cortinas pesadas, de um tom escuro de verde, então o quarto estava escuro e abafado, quente pra caramba. Vovô estava na cama e eu, numa cadeira ao lado, segurando a mão dele. A gente era muito próximo, vovô e eu. Eu devia ter uns 19 anos.

– Continue.

– Papai também estava lá. Mas vovô só chamava pelo Joe, que estava vindo da universidade, correndo para chegar a tempo, e o vovô lá, tentando segurar as pontas. Na minha cabeça era  *eu*  o neto preferido dele, mas naquele momento ele só queria saber do Joe.

– Que foi que aconteceu?

– Por fim o Joe chegou. E o vovô contou  *tudinho* . Tudo aquilo que ele tanto fizera questão de esconder começou a sair da boca dele sem censura. O medo que ele teve de nunca mais ver a mulher e os filhos depois que o levaram como prisioneiro. O esforço da cidade pra ajudar a vovó e o mercado, já que eles não tinham um centavo guardado no banco. Ele disse, e eu nunca vou me esquecer disso: “Aquele campo de prisioneiros só existiu por causa do medo. Medo das nossas origens. Medo da pátria-mãe. Um dia me perguntaram: ‘Quem você ama mais, a Itália ou os Estados Unidos?’ E eu respondi: ‘Se vocês me perguntassem quem eu amo mais, minha mãe ou minha mulher, eu responderia: Amo as duas, mas de um modo diferente. Uma é o meu passado, a outra é o meu futuro. Pois eu digo: amo este país, que é o meu futuro. Mas se vocês querem saber se fico preocupado se meu novo país vai bombardear meus parentes, claro que fico.’ Mas isso não ajudou muito.” Depois vovô disse que nos amava muito também, a mim e ao Joe. Mas falou que tinha construído aquela casa e aquele mercado para a família dele, para as gerações futuras. Achava que devia isso a Elbow, que o mercado tivesse continuidade. Nas palavras dele, o Mercado Capozzi era um símbolo da cidade, um símbolo de resistência aos tempos mais difíceis.

– Mas ainda não entendi por que ele deixou o mercado pro Joe.

– Eu chego lá. Foi nessa altura que ele se virou para falar comigo. Tossiu um bocado, chiou muito, mas depois falou com a voz mais límpida: “Davy, meu garoto, amo muito você. Tenho algum dinheiro que quero deixar para você. Mas convenhamos: você não vai ter filhos.” Depois ele se virou pro Joe e falou: “Você vai me prometer que vai assumir aquele mercado e honrar meu nome, o nome dos Capozzi, de modo que ninguém, nunca mais, duvide da nossa família. E um dia vai passar a loja para os seus  *bambini* . Promete?” Depois foi aquele silêncio no quarto. Nem um pio. Até o vovô parou de chiar. E eu lá, pensando comigo mesmo: “Não prometa nada, Joe. Seu sonho sempre foi o fotojornalismo. Viajar pelos quatro cantos do mundo com uma câmera na mão.” Mas vovô olhava para ele com os olhos molhados, quase suplicando. Então Joe disse: “Está certo,  *nonno* , eu prometo.”

David ameaçou chorar. Depois prosseguiu:

– Ninguém nunca o chamava de  *nonno* , e agora a gente entendia por quê. E ele disse: “Obrigado, Joey”, depois fechou os olhos e as lágrimas foram escorrendo na direção das orelhas. Lembro direitinho do Joe secando as lágrimas do vovô com o polegar. Mas ele, o Joe, também estava chorando rios e as lágrimas pingavam no rosto do vovô. Ele morreu alguns minutos depois.

Seguiu-se um silêncio demorado.

– Puxa, David. Não deve ter sido fácil para você.

– Ninguém comentava nada sobre a minha sexualidade. Nem para os meus pais eu tinha saído do armário. Mas o vovô sabia. Nunca falou nada, só tinha carinho para me dar. Mas queria que o mercado passasse às próximas gerações e sabia que comigo isso não ia rolar. Quer saber? Por mais difícil que tenha sido pra mim, pro Joe foi pior ainda. Aquela promessa foi como uma corrente no pescoço dele, coitado.

– Joe nunca me contou nada disso. Falou que seu avô queria que ele ficasse com a loja, mas não deu qualquer detalhe.

– Ele nunca reclamava de nada. Agia como se estivesse cumprindo uma obrigação. E por isso ele também não pedia ajuda a ninguém.

Eu ainda não havia anotado nada do que David dissera, mas assim que nos despedimos, escrevi: *O isolamento é produto do medo. Medo das próprias origens. Medo de um país estrangeiro. Paige tinha medo de suas origens, da mãe. Então se isolou. Numa das cartas, contou que Joe também tinha medo do passado dela. Mas o que eles tanto temiam? Como descobrir isso? David me contou muita coisa sobre Joe. Mas quem poderia me contar sobre Paige?*

## Capítulo 33

Faltava pouco para o fim de semana com as crianças quando enfim comprei camas novas para nós três. Cogitei pedir a alguém que despachasse nossas coisas de Elbow, mas isso sairia mais caro do que comprar tudo novo. Além do mais, eu não sabia ao certo o que estava fazendo. Mudar de vez para Las Vegas estava fora de questão, mas ficar longe de Annie e Zach estava mais ainda.

Fui a todas as lojas de usados que pude encontrar, vi não sei quantas panelas elétricas, máquinas de waffle, tigelas de porcelana e bandejas de vime, até que esbarrei em algo que realmente me fez sorrir: um abajur do Buzz Lightyear para Zach, uma escrivaninha amarela para Annie. Comprei um edredom de dinossauros, uma colcha de bombazina verde, travesseiros grandes e lençóis. Voltei ao apartamento com as compras e, animada, coloquei tudo em seu devido lugar. O trabalho já estava terminado quando me vieram à cabeça os quartos que as crianças tinham na casa de Paige, maiores que a nossa sala de Elbow, com suas lindas “camas de castelo”, e foi como se uma enorme bigorna pesasse sobre meu peito. Então voltei à rua com Callie, deixei-a amarrada à sombra de uma árvore e saí à cata daquele último objeto, baratinho e sensacional, que pudesse encher os olhos de Annie e Zach. Não precisei ir longe. Lá estava o que eu queria, bem na vitrine de uma das lojas de usados. Um velocípede vermelho para Zach. Uma bicicleta rosa para Annie, com um cesto branco e flores roxas. O par me saiu por apenas 40 dólares. Mal pude acreditar na minha sorte. Talvez os ventos estivessem finalmente soprando a meu favor.



pouco antes de as crianças chegarem, fui para a cozinha planejando perfumar a casa com uma delícia qualquer. Embora já tivesse estourado meu orçamento com os pequenos extras, ainda assim o apartamento não passaria pelo crivo de Paige. Mas pelo menos os cheiros que a cozinha espalhasse pela casa deixariam claro para ela que as crianças seriam bem alimentadas.

A campainha tocou às 17h em ponto. Meu coração começou a martelar. Baixei o fogo, abri a porta e caí de joelhos para abraçá-los. Eles me derrubaram no chão. Callie se juntou à bagunça e todos caímos na gargalhada.

Menos Paige. Ela sorria, mas com um ligeiro tremor no canto dos lábios.

– Quer entrar? – convidei, ainda esborrachada no chão.

– Não, obrigada. Preciso ir. Annie, Zach, cadê o abraço da mamãe?

Zach olhou para mim, Annie também, e ambos se levantaram para abraçar Paige.

– A gente se vê no domingo – disse ela e se foi.

– Olha só para vocês dois! Caramba, que saudade! *Que saudade!*

Eu só fazia abraçá-los, beijá-los, cheirar os cabelos deles, o pescoço, as mãos. Eles agora tinham um

cheiro diferente, um misto de carpete novo com aromatizador de ambiente, um jasmim cítrico. O *terroir* deles havia mudado.

– E aí, como é que vocês estão? Quero saber de tudo!

Primeiro eles quiseram fazer um tour pelo apartamento, o que levou não mais que alguns segundos. Assim que viram o velocípede e a bicicleta que eu havia deixado no quarto, começaram a pular e gritar e o barulho foi tanto que precisei lembrá-los dos vizinhos de baixo. Ao que tudo indicava, Paige ainda não os tinha presenteado com nada sobre rodas. Ótimo. Prometi levá-los para um passeio depois do jantar.

Enquanto comíamos, falei:

– Então... Contem sobre a casa nova, os amiguinhos novos...

– Nossa casa é linda, eu já disse – respondeu Annie. – É grande e tudo é muito bonito. Mas...

Ela levantou os braços num gesto de espanto.

– Não tem quintal. Não tem horta. Não tem árvores. Na verdade tem três, mas muito pequenininhas.

– Nem galinha nem ovo! – acrescentou Zach.

– Mas tem piscina – lembrou Annie.

– E tem escada! – disse Zach, para quem um segundo pavimento era uma novidade tão grande quanto uma piscina.

Se ele tivesse uma casa para vender, seu anúncio seria algo como: “A casa dos seus sonhos espera por você! Uma escada privativa para você subir e descer a hora que quiser!”

Ri muito naquela noite e no dia seguinte também. Desde a morte de Joe que eu vinha arrastando correntes, mais ainda depois que as crianças se foram. Mas agora elas estavam comigo e eu me esbaldava a cada comentário delas, cada gesto, cada palavra nova ou equivocada, cada nova nuance da personalidade. Minha vontade era filmá-las e apertar *replay* sempre que elas não estivessem comigo. Mas éramos a única família no mundo que não possuía uma câmera de vídeo. Para minha surpresa, Joe nunca quisera ter uma. Dizia que já perdia muito tempo do outro lado de uma câmera fotografando. Certa vez me ofereci para filmar no lugar dele, e a resposta que recebi foi: “Aí seremos dois observando a vida. Quem é que vai *vivê-la*?”

Lembrando-me disto, prometi a mim mesma extrair o máximo do presente, guardando tudo na cabeça e no coração. Coisas como: o hábito de Annie de estalar os dedos; o fascínio de Zach pelas próprias melecas; o modo como ele dançava com Callie, requebrando o quadril feito um stripper (onde é que ele havia aprendido aquilo?). Sempre que minha cabeça ameaçasse resvalar para o futuro, um futuro sem Annie e Zach, eu faria um esforço e a puxaria de volta para o aqui e agora.



naquela noite zach fez xixi na cama. Não fazia isso desde que aprendera a usar o penico sozinho, mais ou menos um ano antes.

– Lá na casa da mamãe ele também faz isso – comentou Annie. – Toda hora, até de dia. Virou um mijão!

– Tenha santa paciência! – bufou Zach.

Ele estava vestindo apenas uma cuequinha do Barney. Seu tronco parecia maior e mais magrinho do que apenas alguns meses antes. O corte de cabelo também lhe dava um aspecto mais velho. Ele *realmente* estava mais velho. A morte de Joe, as mudanças recentes, tudo isso havia nos deixado mais velhos. E no

entanto, lá estava o pequeno Zach, morrendo de vergonha, sentindo-se um bebê. Tentei acalmá-lo, dizendo:

– Foi só um acidente, meu amor. Às vezes, quando a gente passa por muitas mudanças, acidentes assim acontecem. Você não precisa se preocupar.

– Quando é que a gente vai voltar para casa? – perguntou ele.

Achei que estivesse se referindo à casa de Paige e novamente senti a bigorna cair sobre o peito, mas depois ele emendou:

– Estou com saudade da *nonna* e do *nonno*.

Abracei-o, depois disse:

– Não sei, meu amor. Mas por enquanto... por enquanto nossa casa é aqui.

Ele correu os olhos à sua volta, bufou mais um pouco e disse:

– *Tenha santa paciência!*



passamos boa parte do sábado na piscina, às vezes saindo dela para pedalar. A certa altura, Zach quis andar de velocípede na área da piscina, mas expliquei que era proibido, que as bicicletas só eram permitidas do outro lado da cerca. Mesmo assim ele se acomodou sobre o banco.

– Zach, a gente vai pedalar *depois*.

– Mas eu não vou pedalar em volta da piscina.

– E onde vai pedalar então?

– *Dentro* da piscina. Que nem um *submarino* – riu. – Vou lááááá no fundo, encontrar o papai!

Minha vontade foi dizer a ele, mais uma vez, que o papai não morava no fundo da água, nem na dos rios nem na das piscinas, mas naquele momento o menino estava tão feliz e tão relaxado que resolvi deixar para lá. Pensei comigo mesma: algumas pessoas juram que o céu fica acima das nuvens, mas Zach resolveu que ele fica sob a água. Pelo menos o garoto pensa por si próprio.

– Muito bem, rapazinho. Fora desse velocípede. *Agorinha mesmo*.

Eu sabia que ele estava se fazendo de corajoso. Annie já havia contado que o irmão nem sequer chegava perto da piscina de Paige, então achei melhor relembrá-lo de quanto ele gostava da água, convencê-lo a entrar na piscina e brincar comigo do mesmo modo que costumávamos fazer no rio. Inclusive já havia comprado boinhas para que ele se sentisse mais seguro. No fim do dia, Zach já estava saltando da borda com os braços para o alto, jogando-se sozinho para o meu abraço na água.

Depois de uma última pedalada, subimos para o apartamento e eles pediram para brincar de artes, mas eu só havia trazido alguns lápis de cera e livros de colorir e as crianças logo se cansaram deles. Annie sugeriu que fizéssemos marcadores de livro com raspas de lápis de cera passadas a ferro entre folhas de papel-manteiga. Como não tínhamos o papel, descemos à rua e fomos até a papelaria, eles pedalando a meu lado na calçada. De volta ao apartamento, liguei meu ferro portátil na tomada e Annie começou a raspar os lápis de cera com uma tesoura, Zach fazendo a maior lambança com as lascas.

– Na casa da mamãe a gente não pode fazer isso – disse Annie.

– Ah, não? – falei. – É muita bagunça, né?

– Não. É porque lá não tem ferro de passar roupa.

– *Claro* que tem.

– Não, não tem.

Paige na certa tinha dinheiro para mandar lavar as roupas fora.

– Tem máquina de lavar e secar?

– Claro que tem, bobinha! – disse Annie às gargalhadas, como se tivesse ouvido a melhor piada do mundo.



na tarde de domingo eles perguntaram se podiam levar a bicicleta e o velocípede para a casa de Paige. Não era esse o meu plano: aqueles brinquedos deveriam ser uma atração especial da minha casa, uma coisa só nossa. Mas havia a possibilidade de que passássemos um bom tempo sem nos ver e eles estavam crescendo, muito em breve estariam grandes demais para aquelas rodas. Além disso, se insistisse naquele joguinho, eu estaria punindo as crianças muito mais do que à própria Paige. Precisei descer a capota do jipe a fim de acomodar os trambolhos no banco de trás. Zach perguntou se podia levar as boinhas também e eu permiti imediatamente, engolindo os ciúmes.

Seguimos um bom tempo em silêncio, até que Annie disse:

– Parece que a gente tem uma vida de mentirinha.

– Como assim, Banannie?

– Sei lá. Este lugar. Tudo. Parece teatrinho, a gente fica só fingindo. Eu quero *vocês duas*. Também quero o tio David e o Gil, a *nonna* e o *nonno*, todo mundo.

– Eu também quero AS DUAS! – disse Zach. – E todo mundo!

– Sei que é difícil. A gente passou por muitas mudanças.

– Mudanças são um saco! – disse Annie.

– Hum.

Annie tinha razão. Achei que seria um bom momento para eliminar aquele “saco” do vocabulário dela, mas não havia palavra melhor para descrever o que estávamos passando.

Já na rua de Paige, subindo a colina rumo à casa dela, Zach começou a choramingar:

– Não quero que você *vai embora*!

E antes que eu estacionasse o carro ele já berrava:

– Eu quero ficar com a minha mãe!

Annie estava quieta, o que era raro. Apenas fazia um carinho nas costas do irmão.

– Vai dar tudo certo, Zach-ossauro – assegurava ela.

Paige surgiu à porta com os braços abertos. Eu não queria entregar Zach a ela. *Que tal a gente entrar de volta neste jipe e sumir no mundo para nunca mais voltar?*

Paige não tentou arrancá-lo dos meus braços. Acarinhou as costas dele, deixou que ele chorasse. Por fim disse:

– Sei que vocês se divertiram muito com a sua mãe. E vocês vão se divertir com ela outra vez, muito em breve.

Daqui a uma eternidade, pensei com meus botões.

Ainda com a cabeça pousada em meu ombro e com Paige lhe fazendo carinhos, Zach aos poucos foi se

acalmado, os soluços dando lugar à respiração ofegante, e já estava quase dormindo quando enfim se deixou levar. Com os olhos fechados, apontou para o jipe e disse:

– Velocípede.

– Eles querem ficar com a bicicleta e o velocípede – falei para Paige. – Se você não se importar, claro.

– Bem... por aqui não tem muito onde pedalar. Por causa da ladeira. Tem um pátio pequeno lá atrás...

Mas tudo bem, é muita gentileza sua. A gente pode pedalar no parque. Vou abrir a garagem.

Esperei que a porta automática da garagem se levantasse, depois fui empurrando a bicicleta e o velocípede para dentro, acomodando-os no fundo. O carro de Paige era um desses utilitários grandes, um Suburban da Chevrolet, preto – o típico veículo de uma mulher que tem filhos pequenos, não pude deixar de pensar. A porta da casa estava fechada. Minha vontade era entrar, dar banho nas crianças, pedir a elas que contassem como havia sido seu dia, nosso dia.

O sol já se punha quando tomei o caminho de volta para casa, o céu alaranjado como se os deuses estivessem colhendo aquela fruta. Saquei o celular e liguei para Paige.

– Você acha mesmo que a gente vai poder se ver muito em breve? – falei. – Quer dizer, foi isso que você disse ao Zach.

– Você vai vê-los de novo depois do Natal, daqui a algumas semanas. E três meses depois disso. Achei a decisão do juiz bastante razoável.

– Três meses é muito tempo.

– Três anos é muito mais – cortou ela, desligando em seguida.

Eu precisava encontrar um jeito de me comunicar melhor com Paige. Sempre que nos falávamos, a conversa resvalava para a hostilidade. Ora dela, ora minha. Chegando em casa, estacionei o jipe na minha vaga e abri o porta-luvas, onde eu havia deixado as cartas e cartões que ela havia escrito para as crianças.

O que eu poderia fazer para puxar assunto com Paige? Eu ainda tinha as tais cartas, mas ela logo perguntaria por que eu não as tinha devolvido junto com as outras no tribunal, jamais acreditaria que as tinha guardado para que algum dia as crianças as abrissem por conta própria. Além disso, ela sabia muito bem que eu estava louca para passar alguns momentos com Annie e Zach. E ainda acreditava que eu sabia sobre as cartas desde o início. Certamente essa era minha única chance de melhorar as coisas entre nós e eu não queria meter os pés pelas mãos.

Precisava encontrar um jeito de fazer com que aquele bolo de cartas trouxesse algum benefício para as crianças.

Fazia tempo que elas, as cartas, estavam comigo, piscando para mim, dizendo: *Oiiii!!!* Algumas traziam o endereço de um hospital. Mas outras não. O endereço destas só podia ser o da tia com quem Paige havia morado durante um tempo. Naquela noite escrevi: *De repente essa tia Bernie pode me ajudar. Quem sabe?*



## Capítulo 34

**E**u sabia que não seria de bom-tom simplesmente bater à porta de tia Bernie sem nenhum aviso, mas o único modo de conseguir o telefone dela seria perguntando a Paige e isso seria um tiro no pé. Então fui seguindo o mapa até o limite da cidade (ou melhor, o limite mais recente, pois eu podia perceber que a cidade crescia à medida que o tempo passava). No caminho, fiquei imaginando que o lugar ficava no meio do nada à época em que Paige, ainda criança, havia morado nele. Mas agora havia um supermercado, uma farmácia, alguns restaurantes e um condomínio residencial. O estacionamento de trailers tinha árvores antigas e os trailers não pareciam exatamente trailers, mas casinhas compactas com minúsculas varandas na frente e pequenos jardins de pedras multicoloridas.

Bati à porta, mas ninguém atendeu. Fiquei aliviada por ter deixado Callie em casa, pois embora ainda fosse manhã, o sol já caía forte sobre o chão seco e poeirento. Esperei um pouco, depois bati de novo. Minha esperança era encontrar tia Bernie antes que ela saísse para o trabalho. Mas talvez ela não trabalhasse. Talvez ainda estivesse dormindo.

– Tia Bernie? – chamei, antes de atinar para o fato de que a tia era de Paige, não minha.

– Paige? – respondeu ela quase de imediato, já abrindo a porta.

Pude reconhecê-la das fotos que já tinha visto do casamento de Paige: 50 e poucos anos, magra e alta, cabelos escuros com um elegante corte Chanel e um terninho cinza igualmente elegante.

– Ah, achei que fosse minha sobrinha.

– Eu sei. Desculpe. Não era minha intenção chamá-la de “tia” – falei e estendi a mão: – Sou Ella Beene. Ela arregalou os olhos mas não apertou minha mão, que recolhi para o bolso.

– Gostaria de conversar um pouco com a senhora, se não for incômodo...

– Hum.

– Posso entrar?

Ela me encarou por mais alguns segundos, depois disse:

– Tudo bem, por que não?

Então se afastou para que eu entrasse. A saleta do trailer se atulhava com caixas, revistas e tralhas de toda sorte.

– A cozinha é por aqui. Não repare a bagunça. É que eu estava arrumando os armários.

A cozinha não estava suja, apenas atulhada também, com pilhas de papel e torres de revistas entre os muitos eletrodomésticos. Bem, não era só a sobrinha que ela abrigara com carinho em sua casa. E agora eu sabia de onde vinha o interesse de Paige pelo *feng shui* e pela decoração de imóveis.

– Pode se sentar aí.

Ela apontou para uma das cadeiras da mesa e foi se sentar num banco alto junto à bancada da pia, que

também abrigava diversas pilhas de *National Geographic* e *Redbook*, além de muitas contas antigas.

– Mais uma vez, desculpe pela bagunça. Não costumo receber muitas visitas por aqui.

Ela corou um instante, mas logo recobrou a compostura.

– Quer um café? Um chá?

– Chá, se a senhora tiver.

– Bem, como você pode ver, eu tenho *tudo* – comentou, já pondo a água para ferver.

– Desculpe por não ter ligado antes. Não tenho seu número. E Paige não sabe que estou aqui.

– Foi o que imaginei. Não tenho muito tempo. Estou saindo para o trabalho.

– A senhora trabalha com o quê?

Eu estava curiosa. A mulher tinha um aspecto profissional que não combinava com aquele lugar.

– Sou funcionária pública – disse ela, e ergueu o queixo numa pose de intimidação bem-humorada. –

Fiscal do Imposto de Renda!

– Que bom – falei, tentando disfarçar minha surpresa.

Bernie me serviu o chá numa delicada xícara de porcelana e, sorrindo, disse:

– Então agora você entende, não é? Não estou acostumada a receber visitas porque geralmente sou eu quem *faz* as visitas. Mas sobre o que você quer conversar?

– Bem... sobre a Paige.

Eu precisava escolher as palavras com cuidado.

– Sinto muito por tudo que ela passou e realmente posso entender a revolta dela. Mas eu também amo aquelas crianças. Sei que não sou a... a mãe *biológica* delas. Mas isso não muda nada. Quero ter um relacionamento com Annie e Zach. E gostaria que as coisas fossem mais fáceis.

Contei sobre as cartas que havia encontrado, expliquei que não sabia que Paige vinha escrevendo para Joe e os filhos, tampouco que ela queria voltar.

– Pensei mil vezes antes de resolver procurá-la – confessei. – Achei que a senhora também fosse bater com a porta na minha cara.

Bernie assentiu com a cabeça. Remexendo no relógio de pulso, falou:

– Na verdade, Ella, foi muito bom você ter vindo aqui. Sim, sou tia de Paige e tenho verdadeira adoração por ela. Mas você e eu... – disse, erguendo os olhos para me fitar diretamente –... nós temos algo de muito importante em comum.

Ela parou, respirou fundo, se acomodou no banco.

– Veja bem... Eu cuidei de Paige desde que ela era menina, dei a ela todo o meu amor. A mãe dela tinha problemas sérios. Não vou entrar em detalhes, isso diz respeito exclusivamente a Paige. Mas fiquei com ela e a mantive sob minhas asas como se fosse minha própria filha. E embora ela me chamasse de “tia”, eu me sentia totalmente mãe dela, tanto quanto você se sente em relação a Annie e Zach, pelo que estou vendo. Paige é minha filha e ponto final. Portanto posso entender muito bem a sua situação, Ella. Minha irmã nunca teve condições de voltar. Nunca disse isto a Paige, mas se a mãe dela tivesse recebido uma chance e voltado para tirar a menina de mim, eu jamais a teria perdoado.

Ela se calou por um instante e cravou os olhos no raio de sol que batia em uma rachadura na parede. Em seguida me encarou novamente, dizendo:

– Paige é a mãe daquelas crianças, merece uma chance com elas. Mas vejo um pouco de mim em você e

entendo a sua dor. Entendo sobretudo o seu *amor*.

Ela pegou a colher e pescou o sachê de chá para fora da xícara.

– Vou tentar falar com ela – prometeu. – Dizer o que nunca disse. Sempre fiquei de bico calado todas as vezes que ela falava: “Mas eu sou a mãe deles! Ninguém pode amar meus filhos mais do que eu, ninguém pode cuidar deles melhor do que eu!” Fiquei calada, muito embora minha vontade fosse falar: “Mas Paige... *eu* não amei você como uma mãe de verdade?” Nunca disse isso porque... porque minha irmã nunca foi uma mãe de verdade para ela.

– O que...

Ergui minha xícara, coloquei-a de volta sobre a mesa, tomei coragem:

– O que exatamente a mãe de Paige *fez*?

– Isso, minha querida, você vai ter de perguntar a ela.



a caminho da porta, passei pela geladeira, coberta de fotos de Paige em diferentes idades. Entre as fotos havia um coração recortado em papel lilás com a dedicatória: “FeLiZ Dia dos Namordos. Annie, 3 anos.” Notando que eu olhava para ele, Bernie disse:

– Isto foi a única coisa que Paige trouxe consigo quando deixou Joe e os filhos e veio bater aqui. Por muito tempo este coração foi uma espécie de talismã para Paige. Era como um coração artificial que a mantinha viva. Quando se mudou, falou que eu podia ficar com ele. Sabia que um dia Annie faria outro cartão igual para ela – explicou, então riu e emendou: – Paige sabe que tenho dificuldade em me desapegar das coisas.



peguei a autoestrada. Devia ter ido direto para o apartamento – sabia que não devia ser tão insistente, tão obcecada em encontrar um canal de comunicação com Paige. Mas eu não podia esperar. Meu Deus! Tia Bernie! Por que eu não tivera a ideia de falar com ela desde o início, ou pelo menos depois de ter encontrado as cartas com seu endereço? Por outro lado, não existia um manual de instruções ensinando a sair daquele buraco em que eu havia me metido.

Entrei na rua de Paige. O mais provável era que ela e tia Bernie tivessem acabado de se falar por telefone. Com o endosso de Bernie e as cartas de Paige para as crianças (todas ainda fechadas), ela teria de confiar em mim, ver que eu era uma boa pessoa e que poderíamos encontrar um jeito para que nós duas fizéssemos parte da vida de Annie e Zach. “Quero vocês *duas*”, eles haviam dito. E se tivéssemos de morar naquela cidade horrorosa, paciência. Não era o que eu queria, nem o que Annie e Zach queriam, mas eu estava disposta a pagar qualquer preço para estar ao lado deles, para estar na vida deles.

## Capítulo 35

Subi a ladeira até a casa de Paige e estacionei o carro. Com tão poucas árvores – apenas a fileira de bétulas ainda jovens fincadas em cada um dos quintais –, o sol ofuscava a vizinhança. Tirei as cartas e os cartões do porta-luvas e os coloquei na bolsa. O gramado de Paige acabara de ser regado. Vi um Bubby esfarrapado esquecido numa poça d'água e o recolhi. Respirei fundo, toquei a campainha, enterrei a mão no bolso, voltei-a para a alça da bolsa. Paige abriu a porta vestindo um roupão atoalhado branco. A alça do sutiã rosa escapava sob a gola. Os cabelos estavam molhados, como se ela tivesse acabado de sair do banho. Paige estava com uma aparência bronzeada, saudável, forte. Cruzei meus braços magricelas e vermelhos de tanto sol. Ela saiu à soleira e fechou a porta atrás de si.

– O que você está fazendo aqui?

– Quero conversar, só isso. – *Fique calma. Não vá estragar tudo.* – Você tem falado com sua tia Bernie ultimamente?

– *O quê? Como assim? Você falou com ela? Inacreditável...*

– Paige, por favor. Quero apenas conversar.

Ficamos olhando uma para a outra.

– Poxa. Lembra quando você queria apenas conversar com o Joe?

– É diferente.

– Em certos aspectos, sim. Em outros, não.

Ela baixou os olhos.

– Isto é tão difícil...

– Eu sei. Mas a gente está tornando as coisas mais difíceis do que elas precisariam ser.

– Quero que você nos deixe em paz. Eles podem aprender a me amar, mas não com você por perto o tempo todo.

Ela viu que eu segurava Bubby.

– Onde foi que você achou isto? – vociferou.

Tentou tirá-lo de mim, mas não deixei. Ela puxou um pouco mais forte.

– Eles podem amar nós duas.

– Duvido muito que você diria isso, Ella, se o juiz tivesse decidido a seu favor. Agora preciso ir. Tenho de arrumar as crianças para a escola.

Ela puxou o coelhinho novamente, e eu o puxei de volta. Vi que Bubby já começava a se rasgar. Horrorizada, larguei-o e Paige cambaleou ligeiramente, um tanto envergonhada.

Ficamos ali, mudas, ambas encarando o chão. Enquanto ela não me desse as costas e voltasse para dentro, ainda restaria uma esperança. Eu queria mencionar minha conversa com Bernie, mas sabia que

isso acabaria irritando-a ainda mais. Precisava entregar as cartas a ela.

– Trouxe uma coisa para você.

Ela ergueu o rosto.

– O quê?

– Algumas das cartas e cartões que você mandou para Annie e Zach. E que eles nunca chegaram a ler.

– Que eles não *puderam* ler – corrigiu.

– Foi um erro de Joe.

Paige relaxou os ombros, reacomodou o corpo, depois buscou meu olhar, dizendo:

– Ella... Não posso desfazer o que eu fiz. Não dá para voltar no tempo e...

Nessa altura a porta se abriu atrás dela. Era Annie, apavorada, gritando algo indecifrável, gesticulando e chorando muito, até que por fim se fez entender:

– O Zach! O Zach! Ele se machucou na piscina!

– Não! – exclamou Paige, e saiu em disparada para os fundos da casa, eu atrás dela.

Paige imediatamente se jogou na água. Zach boiava na superfície, o velocípede vermelho no fundo, tombado para o lado.

Atrapalhando-se com o roupão molhado, Paige veio arrastando Zach para a borda de modo que eu o alçasse para fora. Icei o corpinho dele, tão pesado, tão cheio de água, pingando, depois o deitei no chão e fui soprando em sua boquinha roxa. Paige correu para chamar a emergência.

– Meu filho caiu na piscina, está todo roxo, não consegue respirar – berrou ao telefone. – Hillside Way, 1.020. Vou deixar a porta aberta. *Depressa, depressa*, ele não está respirando. Achei que tivesse trancado o portão. Sempre deixo o portão trancado!

Eu tentava me lembrar das aulas de primeiros socorros. Contava até 15 enquanto soprava na boca dele, sem saber se era mesmo até 15 que devia contar, sem saber até quanto já havia contado. Pressionar o esterno duas vezes, disso eu sabia, mas havia uma ressalva no caso de crianças – a minha criança – e o que era mesmo? Usar apenas uma das mãos!

Dali a pouco Paige estava a meu lado, tomando meu lugar para que eu fosse receber os socorristas enquanto a sirene se aproximava, e foi então que percebi Annie, sozinha num canto, choramingando e dizendo: “Papai, papai, papai...” Ela segurava as boinhas que eu havia comprado para Zach, uma em cada mão. E foi também naquele momento que vi Paige debruçada sobre meu filhinho, o filhinho dela, e notei que suas costas eram um emaranhado de cicatrizes horrendas, um mapa de dores em relevo. Aquelas costas inflavam e desinflavam enquanto tentavam soprar a vida de volta aos pulmões de Zach, de nosso pequeno e adorável Zach.

## Capítulo 36

Os bombeiros e socorristas acudiam Zach e eu abraçava Annie, que chorava copiosamente, ainda apertando as boias. Alguém havia jogado uma toalha sobre Paige, que se equilibrava na ponta de uma espreguiçadeira, os ombros caídos, os olhos fixos nos braços uniformizados que aplicavam soro em Zach, que o entubavam ao mesmo tempo que o colocavam sobre a maca. Um homem se aproximou de mim e disse:

– Sou o chefe dos serviços médicos. Quanto tempo ele ficou na água antes de receber os primeiros socorros?

Paige ergueu o rosto para responder:

– Uns três minutos. Ele estava dentro de casa quando fui atender a porta – falou com a voz embargada, então se virou para mim e perguntou: – Quanto tempo a gente ficou conversando?

– Três minutos, mais ou menos.

– E vocês fizeram a respiração boca a boca e massagem cardíaca imediatamente?

Ambas fizemos que sim com a cabeça. O roupão de Paige agora cobria feito um manto o velocípede de Zach no fundo da piscina.

– OK. Ótimo. Isso é muito bom. Vamos tentar fazer com que ele volte a respirar por conta própria a caminho do hospital. Não fica longe daqui.

– Ele vai ficar bom?

Paige enfim fazia a pergunta que eu não tinha coragem de fazer.

O homem olhou para Annie, depois disse:

– Vamos ter de esperar para saber.

Apenas uma de nós poderia ir na ambulância e Paige disse:

– Vá você. Vou me vestir, depois levo Annie.

Dei mais um abraço em Annie e me acomodei no banco da frente. Não me deixaram ir atrás com Zach, pois ainda o estavam socorrendo.

O hospital ficava a apenas cinco ou seis quadras de distância. Fiquei na sala de espera enquanto seguiram com Zach por um corredor. Sentei-me diante de uma televisão, mas só o que eu via à minha frente era o rostinho roxo e inchado de meu filho. “Quanto tempo ele ficou na água?”, haviam perguntado. Apenas alguns minutos, nós duas havíamos respondido. Quis rezar, mas a única prece que me veio à cabeça foi:

– Por favor, Senhor. Que ele fique bom. Não o leve agora. *Por favor, por favor, por favor...*

Alguém tocou minha cabeça. Erguendo os olhos, deparei com Annie e voltei a abraçá-la.

– Eu não estava tomando conta dele! – chorou ela.

Tomei o rostinho dela entre as mãos e falei com firmeza:

– Annie, você não tem culpa nenhuma. Está entendendo?

Paige se achava junto à porta, de calça jeans e casaco de moletom, os cabelos ainda pingando, o olhar aflito. Na mão direita segurava a prancheta com a papelada da internação e na esquerda, Bubby, ainda molhado da poça.

– Levaram o Zach – falei a ela. – Ainda não tive notícia alguma.

Paige se jogou numa cadeira:

– Achei que tivesse... trancado o portão – falou.

– Eu sei, eu sei... Eu é que não devia ter vindo. Não devia ter comprado aquelas malditas boias. Meu Deus... Nem aquele velocípede. Zach vivia pedindo para entrar de velocípede na água, dizendo que queria ver o pai...

Uma jovem médica chamou os responsáveis por Zach. Tinha cabelos escuros curtos e usava óculos de aro preto estilosos.

– Quem é a mãe? – perguntou.

Paige e eu ficamos de pé e respondemos juntas:

– Eu. Nós.

A médica apertou nossa mão:

– Sou a Dra. Markowitz – apresentou-se e depois, olhando para Paige e para mim, explicou: – A noite será longa tanto para vocês quanto para Zach. Mas tem muita coisa a favor dele. A respiração boca a boca e a massagem cardíaca imediatas, o socorro que chegou logo. Esta primeira hora é decisiva e no caso de Zach ela foi muito boa. Ele chegou aqui rápido. Mas a respiração ainda está muito lenta, mesmo para uma criança. O respirador vai ajudar. Estamos monitorando a reação das pupilas e o teor de oxigênio no sangue. Vamos fazer uma tomografia para ver como está a atividade cerebral...

– Ele vai sobreviver... Vai ficar bom? – disse Paige.

– As próximas 48 horas vão nos dizer muita coisa. Vamos terminar os exames, depois vocês podem entrar para vê-lo.

~

bernie chegou. Levou Annie para comer alguma coisa fora do hospital e em seguida se ofereceu para ir até meu apartamento e levar Callie para passear. Agradei e lhe entreguei as chaves. Annie quis ir junto. Enterrou o rosto no quadril de Bernie e lentamente saiu com ela para o estacionamento.

Quando enfim tivemos permissão para entrar no quarto, paramos um instante antes de nos aproximarmos do leito, tentando ajustar a imagem daquele menininho azulado e inchado à do nosso pequeno Zach. Em vez dos socorristas, agora o que o mantinha vivo era uma infinidade de cânulas azuis que faziam seu caminho por toda parte: nariz, garganta, peito, braços. No lugar das vozes frenéticas dando todas as informações possíveis, agora se ouviam apenas os bipes dos aparelhos que monitoravam seus sinais vitais.

Paige segurou uma das mãos de Zach e eu segurei a outra. Naquele momento me dei conta de que ambas tínhamos amado e perdido o mesmo homem. Tínhamos amado e perdido as mesmas crianças. Ambas tínhamos perdido o chão sob nossos pés, o rumo de nossas vidas. Ambas tínhamos chegado ao fundo do

poço e então descoberto que esse fundo era de areia movediça. Até algumas horas antes, éramos duas braçadeiras de chumbo atadas ao pobre Zach, puxando-o para o fundo daquela piscina. Pois agora ele precisava que fôssemos suas boias.



de repente vi todos os passos que eu dera até ali, todas as minhas escolhas dispostas como as pedras de um jogo de tabuleiro. Era como se eu tivesse conduzido todos nós até aquele momento, aquela tragédia, como se, ao parar em Elbow para comer um sanduíche, eu houvesse arremessado o dado que nos levaria até aquele dia. Eu poderia ter seguido adiante na estrada, indo parar no Oregon ou em Seattle, talvez num pequeno chalé numa ilha, para ficar sozinha numa praia salpicada de gravetos, estudando por conta própria a fauna das piscinas naturais ou quem sabe trabalhando numa estação de piscicultura no Alasca, bem longe daquelas pessoas cujas vidas agora estavam em pedaços. Tudo teria sido diferente: Joe teria recebido Paige de braços abertos, eles continuariam sendo uma família, ela teria descoberto sobre a situação do mercado e ajudado a resolver os problemas antes que eles se agravassem. E Joe não teria ido até Bodega Bay para fotografar naquela manhã, pois eles estariam de férias na Disney ou numa estação de esqui. Eu não teria feito aquela bobagem de ressuscitar Batman e Robin para acalmar Zach, deixando-o ainda mais confuso com relação à morte. Zach não teria entrado com seu velocípede numa piscina em Las Vegas; ainda estaria brincando com seus bonecos de ação à sombra de uma árvore qualquer. Prometi a Deus que faria qualquer coisa, até mesmo abrir mão da guarda das crianças, se com isso a vida de Zach pudesse ser poupada.

Paige e eu falávamos pouco. Apenas segurávamos as mãos de Zach, rezando para que ele abrisse logo os olhinhos, que dissesse “mãe” ou “mamãe”, pouco importava. *Nada* importava. De vez em quando eu erguia o rosto, e Paige fazia o mesmo, nossos olhares carregados de remorso, tristeza, medo, dor, boas intenções, esperança, amor maternal – todos os sentimentos que compartilhávamos naquele momento, que na verdade estavam lá desde o início, mas não tínhamos percebido porque só enxergávamos a outra como uma ameaça.

Voltei à sala de espera e liguei para David, que chegou no final da tarde, junto com Marcela e Joe Pai. Minha mãe já estava vindo de Seattle. Não era hora para brigas e constrangimentos, então trocamos muitos abraços como se nossas vidas dependessem daquela súbita união. A de Zach realmente dependia. Marcella me abraçou, as lágrimas chovendo em meu pescoço, enquanto Joe Pai abraçava Paige, e dali a pouco eu estava abraçando David e Joe Pai. Fizemos um semicírculo em torno de Zach. Fiquei pensando nas sequoias, nos círculos de família que elas formavam, no modo como iam crescendo rumo ao sol, projetando juntas suas sombras enormes.

Um enfermeiro chamado Lester entrou no quarto, olhou para Zach, conferiu os monitores, anotou alguma coisa no prontuário e quando Joe Pai perguntou qual era o prognóstico, ele respondeu:

– Realmente não sabemos ainda. Vamos ver como ele acorda amanhã.

Isso dito, foi correndo os olhos por nós, um a um, depois emendou:

– Somente os familiares têm permissão para entrar na UTI. Vocês todos são parentes do menino?

Respondemos que sim.

– Sorte dele. Caso vocês ainda não tenham lanchado, agora é um bom momento. O quadro está estável.



Comer era a última coisa que eu queria fazer, mas Marcella, Joe Pai e David decidiram buscar café. Quando abriram a porta, todos os zumbidos do corredor vazaram para o quarto, alto-falantes convocando funcionários, pagers tocando, o trânsito intenso de médicos e enfermeiras, carrinhos e macas, além das luzes fortes e um distante cheirinho de gelatina e macarrão com queijo. A porta se fechou e o quarto voltou ao silêncio de antes, pontuado apenas pelo ronronar e os bipes das máquinas.

– Paige... – chamei, olhando por sobre a cama. – Eu sinto muito.

– Não.

Ela balançou a cabeça e não disse mais nada. Então fechei os olhos e segui com minhas preces silenciosas para que Deus salvasse Zach.

– Fui *eu* quem fez tudo errado – disse ela por fim. – Não devia ter voltado justo naquele momento, logo depois da morte de Joe. Eu já vinha conversando com o advogado e ele disse que era hora de entrar em ação, mas eu sabia que não. Já havia esperado tanto e por tantos motivos diferentes...

Sem largar Zach, ela usou a mão livre para tirar da bolsa um lenço de papel. Ficamos mais um tempo sem dizer nada, até que ela prosseguiu:

– Joe me manteve afastada, mas verdade seja dita: eu também estava precisando daquele tempo. Mas depois, quando enfim me senti realmente pronta, Lizzie me ligou e disse que Joe tinha se afogado. Eu queria Annie e Zach mais do que tudo na vida... mais até que o bem-estar deles. Todo mundo diz que os filhos sempre são os que mais sofrem numa disputa de guarda. E agora Zach está pagando o maior preço de todos.

– Annie também..

– Sim. Mas agora você tem tudo de que precisa. Zach sofreu este acidente e você tem uma prova concreta da minha incompetência como mãe.

– Paige, *nós duas* estávamos lá. *Nós duas* temos a mesma responsabilidade nisso tudo.

Ela inclinou a cabeça e arqueou a sobrancelha como se me avaliasse, como se quisesse ter certeza de que eu estava falando sério. Uma funcionária do hospital entreabriu a porta, mais uma vez deixando vazar o barulho de fora, e voltou a fechá-la sem entrar. Cogitei permanecer calada e não dizer nada sobre o segredo de Paige, mas àquela altura eu estava farta de segredos. Obriguei-me a falar:

– Quando você estava socorrendo Zach.. Vi as suas costas. Vi as cicatrizes.

Mais silêncio.

– Sua mãe... ela era psicótica?

Paige exalou um longo suspiro.

– Ficou. Depois de dar à luz. Pela primeira e última vez.

Ela se calou um instante e ficamos ali, ouvindo o som das máquinas. Depois ela disse:

– Minha mãe teve um trabalho de parto que durou dias, até que os médicos decidiram pela cesariana. Tudo isso foi tia Bernie que me contou. Só então pude entender as coisas. Sabe, eu chorava muito por causa de cólicas...

Ela baixou os olhos para as próprias mãos.

– Meu pai trabalhava com vendas, passava muito tempo fora. Eu já devia ter uns três meses quando... foi ele quem contou tudo isso à tia Bernie que... bem, quando ele pediu à minha mãe para passar as camisas dele. Falou que ela andava muito estranha e que ele achou que talvez ajudasse se ela tivesse

alguma coisa para fazer. Além disso, ele realmente precisava das camisas passadas.

Nessa altura ela interrompeu a história e olhou para mim.

– Tem certeza que você quer saber? – perguntou. – A coisa é bem feia.

Falei que sim, que realmente queria saber. Então ela prosseguiu:

– Quando meu pai chegou em casa naquela noite, todas as camisas dele estavam devidamente passadas e penduradas no armário.

Ela se calou novamente, olhou para mim, olhou para Zach.

– Paige, se você...

– Mamãe também estava pendurada no armário – sussurrou ela com a voz trêmula. – Eu estava de bruços no carrinho, ao lado da tábua de passar, incapaz de me mexer ou mesmo de chorar. O ferro estava no chão, ainda quente.

Seus olhos buscaram os meus por um instante depois voltaram para as mãos, que agora se espalmavam sobre Zach.

– Segundo o boletim da polícia, “o ferro apresentava uma substância enegrecida que mais tarde se descobriu ser a pele da vítima”. Meu pai me levou para o hospital com carrinho e tudo, temendo que eu fosse morrer de dor caso ele me tocasse ou pegasse no colo. Depois foi embora. Ligou para a tia Bernie, contou tudo, chorou, falou que sentia muito. E nunca mais tivemos notícia dele.

As lágrimas voltaram a jorrar, tanto em mim quanto em Paige, e nossos narizes eram duas cachoeiras de muco, o que nos deixou um tanto constrangidas. Paige tirou sua caixa de lenços e me passou um punhado deles.

– Agora você entende – disse ela. – Joe tinha muitos motivos para ficar com medo.

– E você também.

Ela assentiu e, com um fiapo de voz, falou:

– Minha doença não era a mesma da minha mãe, mas eu tinha muito medo de que fosse. E naquele período em que Joe não respondia minhas cartas... eu ficava me perguntando o que exatamente ele teria dito às crianças. Na minha cabeça, o mais fácil era dizer a elas que eu tinha morrido. Então fiquei com medo de assustá-las também.

– Mas ainda assim...

– Ainda assim a gente podia ter agido de outra forma. Uma forma bem melhor.

– Eu também, Paige. Eu também.

Só então tirei da bolsa o bolo de cartas e o entreguei a ela.

Assim que viu do que se tratava, ela cobriu o rosto com as cartas. Em seguida nos debruçamos sobre a cama, sobre Zach, e nos abraçamos, não com a timidez e a desconfiança daquela primeira noite depois do enterro, mas com sinceridade, sacudindo com os soluços, apoiando-nos uma na outra e em Zach como se nos agarrássemos a uma rocha salvadora.

Por fim nos afastamos para assoar o nariz. Ambas respiramos fundo, nossos corpos ainda chacoalhando do choro. Passando a mão sobre os dedinhos inchados de Zach, lembrei-me daquela manhã em que tínhamos brincado de navio na minha cama, ele saltando sobre o colchão e se cobrindo com o lençol às gargalhadas, ainda sem saber que o pai havia morrido. Então o imaginei sentado no colo de Joe em algum lugar de um universo paralelo e silenciosamente pedi a Joe para lhe dizer que já era hora de voltar para

nós, que eu precisava dele, que Paige também precisava dele.

## Capítulo 37

Nas primeiras horas da manhã fomos acompanhando maravilhadas a melhora gradual e constante de Zach: o ritmo do pulso e o nível de oxigênio foram subindo, a pele foi ficando rosada, os olhinhos se abriram. De início ele tentou arrancar os tubos da garganta, mas Paige e eu o acalmamos até que os médicos retirassem o cateter. Pouco depois ele já estava sorrindo e falando. Reclamou da garganta que doía, depois disse:

– Mãe. – E disse também: – Mamãe.

– Quero mantê-lo aqui por mais um ou dois dias – disse a Dra. Markowitz. – Só por garantia. Quanto à atividade cerebral, certas coisas só vamos saber daqui a alguns anos. Talvez não haja nenhuma sequela. O rapazinho é guerreiro. Já deu muitas provas disso – nos animou, depois meteu as mãos nos bolsos do jaleco e disse: – Por enquanto, vocês só têm a comemorar!

Minha mãe, Gil, Lucy, Lizzie e Frank, tia Bernie... todos vieram ver Zach e mimá-lo com balões, ursinhos de pelúcia, dinossauros, não sei quantos bonequinhos de ação. Clem Silver mandou um belo desenho do nosso chalé, com a horta em primeiro plano e o imponente bosque de sequoias no fundo. Zach apontou para o desenho e disse:

– Quero ir para casa.

Todos se calaram no quarto. Paige e eu nos entreolhamos.

– Antes você precisa ficar um pouquinho mais forte, meu amor – falei.

Joe Pai, Marcella, Bernie, Paige e eu acabamos nos encontrando na cantina do hospital. Mordiscando um sanduíche de atum, achei engraçado que *nossos* amigos e parentes, meus e de Paige, estivessem ali, conversando e rindo como num almoço de domingo. Bernie pediu licença, falou que precisava voltar para o trabalho e se ofereceu para levar Callie para passear mais tarde – era difícil imaginar que aquela mulher tão educada e competente morasse em meio a um monte de coisas das quais não conseguia se desfazer.

Paige olhou para mim e respirou fundo:

– Quando eu disse que você agora está com a faca e o queijo na mão para... reverter a sentença do juiz...

Depois disso tudo que aconteceu com Zach...

Sustentando o olhar dela, falei:

– Paige, eu já disse antes e repito agora: nós duas somos responsáveis de alguma forma. Em todo caso, Annie e Zach, eles falaram que querem *nós duas*.

– Eles realmente falaram isso? – disse Paige com os olhos marejados. – Jura?

– Juro.

Ela deixou a cabeça cair entre as mãos:

– Você podia ter guardado isso só para você. Obrigada por ter contado.

– Paige, o que você acha da ideia de se mudar pra Elbow? Existe essa possibilidade?

Ouvindo isso, Marcella sacou seu lenço de renda branca e assoou o nariz.

Ficamos esperando pela resposta. Dei mais uma mordida no sanduíche e fui mastigando muito mais que o necessário, temendo mexer as mãos de novo ou fazer qualquer outra coisa que afetasse negativamente o resultado daquele momento que o destino havia tecido entre nós quatro, enlaçando-nos, cingindo nossas almas. Nossas dores também estavam ali, elas eram nós que, com o tempo, teríamos de desatar um a um.

Paige não dizia nada, apenas cobria os olhos com uma das mãos e sacudia os ombros, chorando. Joe Pai pousou a mão sobre a que ela ainda mantinha na mesa, pus a minha sobre a dele e Marcella cobriu a minha. Ficamos ali, mudos, com as mesas ao nosso redor ficando vagas aos poucos, até que nos vimos sozinhos na cantina.



na tarde seguinte, a Dra. Markowitz veio trazer boas notícias:

– Vocês estão liberados para ir pra casa. Mas, por favor, não voltem, OK?

Em seguida informou o que poderíamos esperar do estado de Zach nos próximos dias, mas disse que estava muito confiante com relação à recuperação dele.

– Nunca vi alguém bater um prato tão grande de macarrão com queijo.

Annie, Paige e eu arrumamos as coisas de Zach para irmos embora. David e Gil desceram para o carro com uma braçada inteira de brinquedos.

No corredor que levava à saída, um mural com a Arca de Noé adornava uma das paredes. Annie foi enumerando:

– Duas girafas, dois macacos, dois leões...

Depois parou e deixou que passássemos à sua frente, eu empurrando Zach numa cadeira de rodas, Paige levando a mala dele e os balões. Dali a pouco ela ressurgiu às nossas costas, deu um tapinha nas nossas bundas e falou:

– Duas mães.

## Epílogo

A revista enfim publicou uma matéria de quatro páginas e, embora houvesse algumas linhas sobre a mulher que pegara um limão e fizera uma limonada, o foco principal eram as experiências de Sergio e Dante como prisioneiros de guerra, desdobrando-se com a história da família e a perseverança dela nas muitas transformações da loja. Outras matérias também foram escritas ao longo desses últimos cinco anos. Até a revista *Time* publicou um pequeno artigo.

A história dos campos de prisioneiros da Segunda Guerra chamou a atenção do público e muitos descendentes daqueles que foram injustamente aprisionados (não só italianos, mas japoneses e alemães também) vieram a Elbow e à nossa loja para incluir o nome de seus parentes no livro de assinaturas que até hoje mantemos aberto, bem como para visitar o mural que Marcella e Joe Pai nos ajudaram a erguer na parede dos fundos, com fotos e documentos de Sergio e de outros “inimigos estrangeiros”, os famosos cartazes da época com ordens para que as pessoas não falassem a língua dos inimigos, além de outros objetos que recebemos em doação.

Também há aqueles que gostam da boa comida e dos bons vinhos e que vêm em bandos conhecer a loja em razão das matérias publicadas em revistas como *Bon Appétit* e *Gourmet*. David está ficando cada vez mais conhecido como chef, e eu, como a faz-tudo que cuida de todo o resto, o que não me incomoda nem um pouco.

Também tenho trabalhado como guia turística algumas vezes por mês. Outro dia, enquanto levava um grupo para uma caminhada às margens do rio, uma mulher reclamou dos corvos barulhentos. Então dei minha aulinha de praxe, falando sobre como eles são inteligentes e adaptáveis. Conte a história dos corvos do Japão, que deixam suas nozes cair em algum cruzamento movimentado, de forma que os carros as atoplem, depois vão para a esquina e pacientemente ficam esperando o sinal fechar para comê-las em segurança. Geralmente essa história abre um sorriso no rosto das pessoas, mas a tal mulher era dura na queda, assim como as nozes.

– Continuo não gostando deles – falou. – Corvos me lembram de morte.

– Os *Corvus brachyrhynchos* são tão inteligentes e adaptáveis – rebati – que colaboram uns com os outros na alimentação e em todos os aspectos relativos à criação dos filhotes. Ninguém precisou ensinar a eles o provérbio africano que diz que é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.

Paige e eu encontramos nosso próprio jeito de colaborar uma com a outra na criação de Annie e Zach. Não é perfeito, mas não deixa de ser bom. Ela hoje mora numa cidade vizinha e volta e meia passamos horas nos gabando de tudo o que diz respeito a Zach, desde os jogos de futebol de que ele participa até os avanços na leitura e nas provas de matemática. Sabemos que ninguém mais teria paciência para ouvir essa nossa ladainha. Sabemos também que não devemos bombardear o garoto com o alívio que sentimos

pela recuperação dele. (Zach agora está com 8 anos e já começa a revirar os olhos quando o cubro de beijos. Mas só às vezes.) Não importa onde as crianças estejam dormindo, na minha casa ou na de Paige, sempre falamos uma com a outra à noite, sem querer esperar o dia seguinte para reportar as gracinhas mais recentes. Essa é a nossa maneira de dizer: *Sim, nós cometemos muitos erros. Às vezes ainda temos nossas desavenças e atritos. Ainda estamos encontrando nosso caminho. Mas estamos ligadas uma à outra por meio de Annie e Zach e não há ninguém neste mundo que os ame mais do que nós.*

Annie está com 11 anos e outro dia veio me dizer que está pensando seriamente em estudar medicina.

– Que tipo de médica você quer ser? – perguntei a ela.

– Do tipo que salva as pessoas – respondeu.

Annie ainda comenta sobre a morte do pai e o acidente quase fatal do irmão.

– Ou talvez uma trombonista – emendou ela.

– Você pode ser uma trombonista que salva as pessoas.

– *Exatamente.*

O que eu gostaria de dizer a ela (mas isto ela terá de descobrir sozinha) é que, qualquer que seja sua profissão, ela vai salvar pessoas mas também vai machucá-las – e essas pessoas serão as mesmas, isto é, as pessoas que ela ama.

Às vezes, quando ela e Zach estão com Paige e eu tenho o dia inteiro só para mim, depois de passar horas cuidando da horta, com as roupas já imundas daquela terra maravilhosa, vou com Callie até o bosque de sequoias, nossa catedral botânica sagrada. Não raro, mesmo tendo os braços e cabelos ainda quentes de sol, consigo sentir o friozinho da sombra das árvores. Então me deito no chão e fico olhando através dos galhos pesados, sussurrando: “Meu homem das *Sequoia sempervirens*... Que a paz esteja com você. Eu te amo. Sinto muito a sua falta.”

Hoje sei que a mais genuína felicidade se mantém à tona por meio de uma tristeza subjacente. Todos nós chegamos a este mundo repetindo os gritos de nossos ancestrais, trazendo no sangue o DNA deles, mas também suas glórias e derrotas. A dor deles é a nossa, é a tristeza que abre caminho para dias de sol.

E assim tem sido a minha vida nesta cidade chamada Elbow, onde o rio faz uma curva e serpenteia até o Pacífico, neste lugar em que anos atrás encontrei minha felicidade.

# Agradecimentos

**P**assei muitos anos espiando de longe o mundo editorial, até que minha agente resolveu correr o risco e, em sua generosidade, gentileza e sabedoria, abriu as portas desse universo para mim. Elisabeth Weed me apresentou a uma equipe extraordinária: o entusiasmo e a energia de Jenny Meyer ajudaram este livro a encontrar seu lugar no mundo (literalmente); Stephanie Sun pescou o manuscrito entre centenas de outros e o fez chegar a Taiwan; Denise Roy, tão brilhante e gentil, foi muito além de suas tarefas e usou sua intuição para me ajudar na narrativa, elevando-a a outro patamar. Obrigada a todas vocês e a todos da Dutton por esse apoio tão fundamental.

Muito obrigada também aos amigos Chelo Ludden e Laurie Richards, meus interlocutores das noites de terça-feira, que leram incansavelmente as inúmeras revisões e ajudaram a fazer deste livro uma obra melhor e de mim uma escritora mais completa.

Serei eternamente grata a todos os que leram os diversos rascunhos do manuscrito e me deram, além de valiosos conselhos, muitas palavras de apoio e abraços de encorajamento. Sobretudo a Elle Newmark, minha irmã nas letras; a Nancy Campana, minha irmã de alma, e a Suzanne Haley, minha irmãzinha caçula. A Shannon Barrow e a Nancy Magee, por estarem sempre a um telefonema de distância, e a Jennifer Robin, pelo incentivo constante.

Kelly Stogner, Mary McCants e John McCants generosamente me emprestaram seu chalé à margem do rio Russian e, ao fazê-lo, abriram minha mente para o mundo de Elbow. Também foi Kelly quem me falou dos italianos enviados para os campos de prisioneiros, o que me levou até o livro de Lawrence DiStasi, *Una Storia Segreta: The Secret History of Italian American Evacuation and Internment during World War II*, uma das únicas fontes sobre o assunto e a inspiração para as histórias dos vovôs Sergio e Dante.

Kelly Sullivan me deu uma aula sobre sabonetes artesanais. Molly Eckler sugeriu o rótulo de vinho com o terrier escocês. Dave Beste, meu primo que é capitão do Corpo de Bombeiros, me explicou sobre afogamentos. Donna Reynolds me arrancou do computador todos os dias para caminharmos sob as sequoias com nossos cachorros. Obrigada a todos vocês.

Pelo apoio que me deram, devo todo o amor e toda a gratidão do mundo a minha mãe e meu padrasto, Jan e Bill Aston, a minha madrasta, Jan Beste, e a meu pai, Don Beste, de quem sinto saudades todos os dias. Também a meu meio-irmão, Marc Boswell, a meus cunhados, Stan e Jan Halverson, e a toda a gangue Halverson/Sorg/Boulton/Beste/Haley, que felizmente posso chamar de família.

Por fim, minha mais profunda gratidão a Daniel e Michael Prince, meus filhos e hoje também meus amigos, a Karli e Taylor Halverson, por me darem a oportunidade de descobrir quanto amor uma madrasta é capaz de sentir, e a meu marido, Stan Halverson, pelos pratos deliciosos que só ele sabe preparar, pela confiança inabalável e, sobretudo, por fazer “fiu-fiu” mesmo nos dias em que me encontra



com um moletom horrível e os olhos vermelhos trabalhando diante do computador.

Sim, sou uma mulher que tem muito a agradecer.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS  
DA EDITORA ARQUEIRO



O inferno de Gabriel  
*Sylvain Reinard*

Enigmático e sedutor, Gabriel Emerson é um renomado especialista em Dante. Durante o dia assume a fachada de um rigoroso professor universitário, mas à noite se entrega a uma desinibida vida de prazeres sem limites.

O que ninguém sabe é que tanto sua máscara de frieza quanto sua extrema sensualidade na verdade escondem uma alma atormentada pelas feridas do passado. Gabriel se tortura pelos erros que cometeu e acredita que para ele não há mais nenhuma esperança nem chance de se redimir dos pecados.

Julia Mitchell é uma jovem doce e inocente que luta para superar os traumas de uma infância difícil, marcada pela negligência dos pais. Quando vai fazer mestrado na Universidade de Toronto, ela sabe que reencontrará alguém importante – um homem que viu apenas uma vez, mas que nunca conseguiu esquecer.

Assim que põe os olhos em Julia, Gabriel é tomado por uma estranha sensação de familiaridade, embora não saiba dizer por quê. A inexplicável e profunda conexão que existe entre os dois deixa o professor numa situação delicada, que colocará sua carreira em risco e o obrigará a enfrentar os fantasmas dos quais sempre tentou fugir.

Primeiro livro de uma trilogia, *O inferno de Gabriel* explora com brilhantismo a sensualidade de uma paixão proibida. É a história envolvente de dois amantes que lutam para superar seus infernos pessoais e enfim viver a redenção que só o verdadeiro amor torna possível.



## O melhor de mim *Nicholas Sparks*

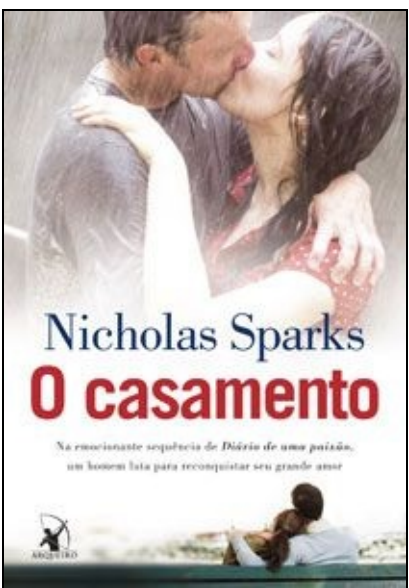
Na primavera de 1984, os estudantes Amanda Collier e Dawson Cole se apaixonaram perdidamente. Embora vivessem em mundos muito diferentes, o amor que sentiam um pelo outro parecia forte o bastante para desafiar todas as convenções de Oriental, a pequena cidade em que moravam.

Nascido em uma família de criminosos, o solitário Dawson acreditava que seu sentimento por Amanda lhe daria a força necessária para fugir do destino sombrio que parecia traçado para ele. Ela, uma garota bonita e de família tradicional, que sonhava entrar para uma universidade de renome, via nele um porto seguro para toda a sua paixão e seu espírito livre. Infelizmente, quando o verão do último ano de escola chegou ao fim, a realidade os separou de maneira cruel e implacável.

Vinte e cinco anos depois, eles estão de volta a Oriental para o velório de Tuck Hostetler, o homem que um dia abrigou Dawson, acobertou o namoro do casal e acabou se tornando o melhor amigo dos dois.

Seguindo as instruções de cartas deixadas por Tuck, o casal se verá diante de sentimentos que havia décadas sufocava. Após tanto tempo longe, Amanda e Dawson irão perceber que não tiveram a vida que esperavam e que nunca conseguiram esquecer o primeiro amor. Um único fim de semana juntos, e talvez seus destinos mudem para sempre.

Em um romance envolvente, Nicholas Sparks mostra toda a sua habilidade de contador de histórias e reafirma que o amor é a força mais poderosa do Universo – e que, quando duas pessoas se amam, nem a distância nem o tempo podem separá-las.



## O casamento

### *Nicholas Sparks*

O advogado Wilson Lewis é casado com Jane há quase três décadas. Os dois já criaram três filhos e têm uma vida confortável e sem grandes sobressaltos na bucólica cidade de New Bern, na Carolina do Norte.

Porém, quando esquece seu aniversário de 29 anos de casamento, Wilson ameaça a aparente estabilidade da relação. Esse descuido é apenas a gota d'água em uma longa lista de decepções que sua negligência e falta de romantismo já causaram à esposa.

Com medo de que Jane não o ame mais e esteja pensando em deixá-lo, Wilson decide se aconselhar com o sogro, Noah, e mergulha de cabeça em um ambicioso projeto de um ano para reacender a chama de seu relacionamento.

Quando esses 12 meses estão quase no fim, sua filha Anna anuncia que irá se casar dali a duas semanas, exatamente no dia do aniversário de 30 anos de matrimônio dos pais. Agora que a hora da verdade está chegando, o evento se torna a oportunidade perfeita para Wilson descobrir se valeu a pena todo o seu esforço para que ele e Jane voltem a ser felizes.



## Um certo verão *David Baldacci*

Jack Armstrong foi atleta e se casou com a namorada de escola. Depois serviu no Exército e, quando voltou da guerra, se dedicou a trabalhar com afinco para sustentar a família. Apaixonado pela esposa, nunca desejou mais do que ter uma vida tranquila e envelhecer ao lado dela e dos três filhos.

Porém uma doença devastadora acaba mudando tudo. Sem perspectiva de melhora, ele risca os dias no calendário, numa contagem regressiva para seu fim. Ao contrário do marido, Lizzie não perde as esperanças: enquanto lida com sondas e respiradores, faz planos para que a família passe o verão na casa em que ela cresceu, na Carolina do Sul.

Mas essa viagem acontecerá sem ela, porque Lizzie morre tragicamente na véspera do Natal. Sem poder cuidar de si mesmo, Jack é posto num asilo pelos sogros, que assumem a guarda da neta mais velha e cuidam para que cada um dos dois meninos vá para a casa de uma tia.

O que ninguém poderia esperar era que, contrariando todos os prognósticos, Jack ficasse curado e assumisse a criação dos filhos. Disposto a reconstruir a família, ele descobrirá que ser pai é diferente de ser provedor e que Mikki, Cory e Jackie precisam da presença dele no dia a dia.

*Um certo verão* é uma narrativa delicada e emocionante, a história de quatro vidas que foram devastadas pela perda e salvas pelo amor.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS  
DA EDITORA ARQUEIRO

*Queda de gigantes e Inverno do mundo*, de Ken Follett

*Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo*, de Harlan Coben

*A cabana e A travessia*, de William P. Young

*A farsa, A vingança e A traição*, de Christopher Reich

*Água para elefantes*, de Sara Gruen

*O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital*, de Dan Brown

*Julieta*, de Anne Fortier

*O guardião de memórias*, de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

*O nome do vento*, de Patrick Rothfuss

*A passagem e Os doze*, de Justin Cronin

*A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

*A conspiração franciscana*, de John Sack

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br),  
curta a página [facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)  
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

EDITORA ARQUEIRO

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

# Sumário

Capítulo 1  
Capítulo 2  
Capítulo 3  
Capítulo 4  
Capítulo 5  
Capítulo 6  
Capítulo 7  
Capítulo 8  
Capítulo 9  
Capítulo 10  
Capítulo 11  
Capítulo 12  
Capítulo 13  
Capítulo 14  
Capítulo 15  
Capítulo 16  
Capítulo 17  
Capítulo 18  
Capítulo 19  
Capítulo 20  
Capítulo 21  
Capítulo 22  
Capítulo 23  
Capítulo 24  
Capítulo 25  
Capítulo 26  
Capítulo 27  
Capítulo 28  
Capítulo 29  
Capítulo 30  
Capítulo 31  
Capítulo 32



Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Epílogo

Agradecimientos



DIGITAÇÕES E TRADUÇÕES